

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO

EDEL QUINN

LEGIO MARIAE

Cardeal Suenens

as

X

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

Enviada pela Legião de Maria à África (1907-1944)

CARDEAL SUENENS ARCEBISPO DE MALINES - BRUXELAS

as

SEGRETERIA DI STATO

DI SUA SANTITA

N 286284

Cidade do Vaticano, 9 de outubro de 1952.

Título do original Une Héroïne de L'Apostolat

EDEL QUINN Copyright do Autor

Todos os direitos reservados pela Legião de Maria - Brasil

Assim que recebi vossa carta de 16 de julho passado, apressei-me em oferecer ao Santo Padre, em vosso nome, o belo volume que consagrastes à memória de Edel-Mary Quinn, enviada pela Legião de Maria à África. Sua Santidade mostrou-se profundamente sensibilizada pela homenagem dessa interessante biografia e me incumbiu de transmitir à Vossa Excelência o penhor de Sua viva gratidão.

Essa "heroína do apostolado"-como a designais no vosso livro-realmente se dedicou de modo absoluto a implantar a Legião de Maria no solo africano com um espírito de sacrifício sobrenatural que merece ser conhecido pelos membros da Legião, por todos aqueles que aspiram à extensão do culto da Virgem Maria e, de um só modo, pelos militantes cristãos que, sob diversas formas, trabalham na seara do Pai de Família. Sem dúvida alguma, esse exemplo tão sugestivo conduzirá numerosas almas ao caminho de um serviço mais completo pela Igreja.

Assim sendo, o Santo Padre deseja, particularmente, que esse livro encontre a melhor aceitação como testemunho da graça.

Tradução de Maria Luísa Toselli Revisão Escritório Acadêmico - 2019 Atualização Mundo Graphico

De acordo com os decretos do Papa Urbano VIII,

as apreciações feitas nesse livro não pretendem antecipar, de modo algum, o julgamento da Igreja.

3

PREFÁCIO

PREFÁCIO DE SUA EXCELÊNCIA MONSENHOR RIBERI,

INTERNÚNCIO APOSTÓLICO NA CHINA

O fato de os leigos do século vinte terem tomado conhecimento do seu dever de apostolado é uma expressão característica da eterna vitalidade da única Igreja do Cristo. No decorrer dos séculos precedentes, após a cisão protestante, a Igreja achava-se na necessidade de esclarecer a constituição hierárquica própria do seu divino Fundador e de protegê-la como

essencial ao seu funcionamento. Porém, a alteração da unidade da fé em região tão importante da Europa acarretaria, inevitavelmente, mais do que qualquer outro fator, a descristianização das massas.

-

Isto não quer dizer, todavia, que esse triste fenômeno não seja vinculado a outras causas, como, por exemplo, as deficiências próprias a toda instituição composta os elementos espirituais e materiais se de homens, na qual como na Igreja defrontam em contrastes contínuos. Mesmo fazendo abstração dos inumeráveis fatores que são outros tantos elementos da terrível luta das ideias, dos interesses políticos, das exigências econômicas, não se pode ignorar — tão paradoxal que possa parecer que os "séculos da fé" expunham uma deficiência, pelo fato de terem permitido que se afastasse da consciência dos fiéis uma das mais fundamentais exigências da profissão cristã, a do apostolado. Naqueles séculos, a sociedade inteira achava-se profundamente enraizada na fé; as instituições civis, até na sua mais íntima expressão, eram impregnadas do senso de Cristo. Nenhuma dúvida manifestava-se quanto aos valores cristãos que, embora velados ou, às vezes, combatidos sob a pressão das paixões individuais, eram professados abertamente e, até mesmo, com ostentação. Uma fé viva e profunda era o patrimônio de todos.

Por conseguinte, a necessidade de comunicá-la a outros não se fazia sentir. Assim sendo, gradativamente, insensivelmente, a ideia do apostolado nos fiéis atenuara-se, até desaparecer quase que por completo.

Mudança radical perante os primeiros séculos do cristianismo, quando essa necessidade era tão profundamente vivida e atuante que constituía uma das razões mais reais da difusão prodigiosamente rápida da nova fé.

Após esse enfraquecimento do espírito de apostolado produziram-se as grandes catástrofes espirituais da época moderna: primeiro, a reação do paganismo nos diversos renascimentos nacionais; em seguida, a ruptura de nações inteiras com o centro da fé, as perturbações espirituais nas ideias e costumes de países que se dizem ainda católicos e, finalmente, o inevitável abandono das práticas religiosas, por parte não só das classes

6

UMA HEROINA DO APOSTOLADO DEL QUINN

dirigentes como das massas proletárias

É muito significativo constatar-se que após o grande trabalho de restabelecimento e de reforço do princípio hierárquico na Igreja, que culminou com a definição da infalibilidade pontificia, os Papas continuaram a insistir sobre a necessidade do apostolado leigo. De ano para ano, esse apelo foi se intensificando cada vez mais. E, enquanto que muitos falavam da exigência da elaboração de uma teologia do laicato, Corpo Místico, no meio da confusão da segunda guerra mundial, fornecia-lhes as bases memorável Endidica sobre o fundamentais.

Nesse período histórico apareceu o luminoso exemplo de apostolado leigo de Edel Quinn. Colocada entre a burguesia e o proletariado, nascida em um ambiente modesto, impulsionada rapidamente pela convivência de homens de negócios, torna-se uma expressão típica dos tempos modernos. De constituição delicada e vítima de doença inexorável, representa uma sublime afirmação do espírito em face de um generalizado materialismo. Mas, acima de tudo, na humildade de uma vida excessivamente simples, no íntimo contato com as almas mais abandonadas, nas suas virtudes tão singelas quanto heroicas, oferece as gerações atuais um exemplo clássico do dinamismo conquistador do apostolado leigo e de suas possibilidades para trazer novamente as almas para Cristo,

Intencionalmente falamos em "massas". Com efeito, embora o apostolado de Edel Quinn tenha trilhado, essencialmente, o caminho mais humilde do contato individual, que força de fermentação espiritual seria exercida sobre as massas, se todos aqueles que se voltaram para o Cristo por meio de um apóstolo compartilhassem de seu zelo conquistador (fala ou um ponto de interrogação ou exclamação). Eis aí o verdadeiro "grão de mostarda"

Todavia, todo apostolado será estéril se não for a emanção de uma vida intensamente espiritual, Premissa indiscutível. Não é, pois, surpreendente, ver-se Edel Quinn tomar como objeto de suas leituras preferidas e de suas meditações assíduas, os autores espirituais modernos mais célebres: leitura e meditação, que a conduzem a fazer da Santa Missa e da Eucaristia, recebida diariamente, e muitas vezes ao preço de grandes sacrifícios, o centro de sua vida. Na Irlanda católica, onde os ensinamentos pontificais e as diretrizes romanas são seguidos e praticados com um amor sincero e uma devoção filial, Edel Quinn deu-nos um exemplo característico da transformação religiosa operada no mundo pelo Papa da Eucaristia. Não é, pois, surpreendente que a intensidade de sua vida espiritual a tenha feito optar pela vida contemplativa e a revelou inabalável nessa resolução, no momento mesmo em que um casamento muito fascinante lhe fora oferecido por alguém que a havia apreciado no seu justo valor. Somente Deus poderia desviá-la dessa vocação, por uma intervenção direta e Providencial, como para nos recordar que um apostolado fecundo só pode ser a emanção de uma vida espiritual profundamente vivida.

No mundo moderno, espiritualidade cristã e apostolado fecundo parecem inconcebíveis sem uma fusão em Maria. O senso cristão da Igreja Católica sempre uniu Maria a todas as suas manifestações. Ora, é particularmente sintomático que o renascimento

as graças.

PREFACIO

e o aumento da influência católica no mundo moderno se processem simultaneamente com o desenvolvimento do que chamamos a "era de Maria". Esse período é caracterizado pelas duas definições dogmáticas: a Conceição Imaculada de Maria e sua Assunção corporal ao Céu. Não menos significativa foi a canonização de São Luís Maria de Montfort, o protagonista mais explícito da doutrina de Maria corredentora do gênero humano e Medianeira de todas as Eras, pois, inevitável que, entre os métodos mais modernos e eficazes do apostolado leigo, surgisse um que fosse a emanção espontânea da mais profunda, mais desenvolvida e mais completa devoção para com a Mãe de Deus. A Divina Providência quis que a data de seu estabelecimento coincidissem com o aniversário da Natividade da Virgem. Com efeito, a Legião de Maria é essencialmente uma escola de espiritualidade mariana ao serviço do apostolado. Não obstante a terminologia militar escolhida para a organização de seus quadros, o que mais impressiona em seu funcionamento é a relação de maternidade e de filiação, profundamente sentida, que existe entre seus membros e Maria, e que os conduz aquela união fraterna entre eles e Cristo, "primogênito entre muitos irmãos", tema preferido pelo Apóstolo das Nações. Daí decorre também entre os legionários esse conceito de família e de união, que fazia dos primeiros cristãos "um só coração e uma só alma", incitando-os corajosamente à ação. Explica sua surpreendente difusão através dos cinco continentes e seu prodigioso desenvolvimento nos países de missões. Não é exagerado afirmar que, na Legião, renova-se o fervor dos primeiros séculos. E podemos ainda acrescentar que se renova de maneira tanto mais eficaz quanto os legionários se veem enriquecidos pela imensa contribuição do desenvolvimento teórico e da precisão doutrinária de vinte séculos, assim como de uma organização mais consciente, racional e experimentada.

No seio da Legião de Maria, intensificou-se a espiritualidade mariana e o dinamismo conquistador de Edel Quinn: expressão luminosa dos dois aspectos salientes da Igreja de Hoje. O fato de tê-los vivido de uma maneira tão admirável coloca a vida simples de Edel Quinn no plano dos fatores destinados a influenciar, pela força do exemplo, o curso da história.

Testemunha, por dever de estado, em quatro continentes, das grandes tarefas que a Igreja deve enfrentar, sempre desejei que essa vida maravilhosa encontrasse um autor que a expusesse dignamente à meditação atenta do mundo católico. Senti grande satisfação quando soube que sua Excelência Monsenhor Suenens, Bispo Auxiliar de Malines, empreendera esse trabalho que dificilmente poderia ter sido confiado a pessoa mais autorizada, a escritor mais brilhante, a pensador mais profundo e a conhecedor mais hábil do mundo moderno.

Monsenhor Suenens é o afamado autor da "Teologia do Apostolado", que é uma bela e penetrante ilustração do axioma "A Jesus por Maria", e contém, expostos de maneira clara e autorizada, os princípios que alimentaram o apostolado de Edel Quinn. Ao escrever sua "Teologia do Apostolado", Monsenhor Suenens deu uma natural introdução ao seu

7

8

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

novo livro: "Uma Heroína do Apostolado". Ambos se completam, o primeiro é confirmado pela fecundidade do apostolado descrito no segundo, e este último não se justificaria sem os princípios ilustrados no primeiro. Só podemos aconselhar a leitura de um e de outro. Não foi fácil ao autor penetrar no véu de humildade que encobria a espiritualidade tão elevada de Edel Quinn. A meditação da "Teologia do Apostolado" ajudará a perceber largamente essa plenitude de Maria, e, por Ela, do Cristo, manifestada por "Uma Heroína do Apostolado". Essas páginas são escritas no momento exato em que a Legião de Maria, escola mariana de Edel Quinn, é vítima de grave perseguição. É a primeira que teria de sofrer no decorrer de seus trinta anos de existência. Consciente da comunhão dos Santos, o autor conclui muito justamente o capítulo XIV, dizendo que "perdida nas matas da África, Edel Quinn ajuda, sem o perceber, a salvar a China". Do posto de observação em que me encontro, à margem da mais sutil e total perseguição que registra a história, sinto-me feliz em poder subscrever esta afirmação, declarando que, sem a surpreendente eficácia do apostolado de Edel Quinn, não teria sido possível lançar a Legião de Maria em condições tão penosas e tormentosas da China de após-guerra (pós-guerra). Sua iniciativa foi seguida de um desenvolvimento que sobrepunha as mais otimistas pretensões, tanto para a extensão do trabalho realizado como para sua persistência. A Legião foi, antes de tudo, a vanguarda na defesa da ortodoxia católica. Por essa nobre causa, muitos de seus membros foram brutalmente encarcerados. E, enquanto são vítimas das mais inverossímeis e absurdas acusações, o relato da vida tão pura de Edel Quinn servirá para iluminar, com cores vivas, as nobres atividades, os ideais elevados e o dinamismo conquistador que caracterizam a Legião de Maria. Etérea como um sopro, delicada como uma flor, porém forte como o exército que sua indomável energia arrastou e continuará a arrastar em pós de si, "Uma Heroína do Apostolado" confundirá, perante o mundo, a absurda insensatez dos novos perseguidores.

E nas luminosas pegadas de Edel Quinn, o mundo verá um novo reflexo da eterna juventude da Igreja em marcha para a conquista dos homens ao Cristo, por Maria. Hong Kong, 25 de fevereiro de 1952.

+ Ant. Riberi
Arcebispo Tit. de Dara,
Internúncio Apostólico na China

PRÓLOGO

PROLOGO

Edel Quinn é uma jovem irlandesa em vias de se tornar uma glória de seu país, uma figura legendária na terra africana. A história de sua vida ainda não foi escrita: a presente biografia tem por objetivo estender ao longe a irradiação dessa existência heroica, que honrou a Igreja e a Legião de Maria.

Quando o Conselho da Legião me pediu que a escrevesse, hesitei: não seria mais indicado para esse fim um escritor natural de seu país? Retrucaram-me que tal empreendimento seria ao mesmo tempo uma afirmação da catolicidade dessa vida missionária e, de um modo geral, uma exceção à época desconcertante que atravessamos. Aceitei, então, examinando primeiramente os documentos, isto é, a vasta correspondência que abrange os anos de 1936 a 1944 e atendendo aos próprios testemunhos. No decorrer de diversas estadas em Dublin, encontrei os que Edel chama Headquarters, isto é, os dirigentes da Legião, que se tornaram meus amigos, assim como algumas das principais testemunhas de sua vida na África e na ilha Maurício. Monsenhor Heffernan, vigário apostólico em Zanzibar, na época de Edel, houve por bem, na intimidade de Kim-mage Manor, relatar-me suas recordações e reviver os problemas que Edel teve de enfrentar no próprio local. Os correspondentes de Edel Quinn confiaram-me as cartas que dela receberam; sua família permitiu-me ingressar em sua casa e formular as perguntas mais íntimas. Um correspondente francês de Edel, que designaremos simplesmente pelas iniciais P. L., pôs à nossa disposição cerca de cinquenta cartas muito preciosas. Além disso, pude interrogar à vontade pessoas dos mais diferentes meios, que a viram viver no ambiente habitual de sua vida, e cujas impressões auxiliaram-me a traçar o seu perfil. A todos agradeço pela franqueza, pelas confidências e a confiança que em mim depositaram. Este livro traduz tudo o que deles recebi. Guardo para mim apenas a alegria de um contato prolongado com uma alma de elite e a graça da descoberta.

Edel Quinn é uma débil jovem, desenganada pelos médicos e que, missionária leiga, parte para as África Central e África Oriental inglesas para implantar a Legião de Maria.

Acreditamos que a leitura de sua vida será essencialmente um conforto para os enfermos e doentes. Mostrar-lhes-á a força de uma alma quando se submete à graça e à inspiração do Espírito Santo.

Por outro lado, cremos que nenhum missionário lerá essa biografia sem receber um estímulo dessa jovem inválida, cujo amor pela Virgem deu-lhe a necessária energia para, sozinha, desempenhar sua tarefa nos caminhos da África. Ela os ajudará a sofrer pelo Senhor. O que essa jovem pôde realizar com uma saúde combalida abatida, debilitada, leva-nos a

9

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

exageradas; ela prova, mais uma vez, a viabilidade da exaltação da cruz. Tal convicção nos medir o grau de nossa generosidade. Sua vida é um desafio às prudências demasiadamente
é sempre necessária.

exército, que é a Legião de Maria. Sua vida é uma afirmação de que é preciso seguir o Edel Quinn é um exemplo oferecido também a todos os membros do grande Evangelho e consagrar corajosamente a vida ao serviço de Deus. Encarna a coragem e o heroísmo. É o protótipo da legionária que se compromete incondicionalmente e cuja fé transpõe abismos e desloca montanhas.

Quando os legionários regressarem a seus lares, após visitas infrutíferas e sentirem-se cansados, desanimados pela indiferença ou hostilidade, que tomem em consideração essas páginas! Para eles são escritas; para aqueles momentos, principalmente, em que o espírito do mal procura insinuar que não somos os guardas de nossos irmãos. Um simples olhar sobre essa enferma, exilada voluntariamente em país estrangeiro, que jamais conheceu depressão, nem receio, nem hesitação diante da cruz, constituirá por si mesmo uma graça de sustentáculo e de perseverança.

Escrevendo este livro, pensei também naquele grupo de Enviados ou membros da Legião, que continuam esta mesma obra de expansão nos cinco continentes. Quando, por sua vez, sentirem o peso do dia e da fadiga, a imagem de Edel Quinn lhes será um sursum corda permanente. Intimamente ela deve compreendê-los, mais do que ninguém! Deve sentir-se fraternalmente próxima desses pioneiros que iniciam os primeiros passos na senda gloriosa do apostolado. Conheceu ela as mesmas dificuldades, as mesmas paciências, as mesmas esperanças. Abraçou o mesmo ideal evangelizador que exalta a história da Igreja missionária. A própria Santa Sé propagou em Dublin a notícia da morte de Edel Quinn e prestou-lhe uma emocionante homenagem. Edel deixou um vestígio indelével de sua passagem nesta terra: a Igreja elevou-se ainda mais nos caminhos que ela desbravou. Suscitou apóstolos que compreenderam que o cristianismo é infrutífero se não for apostólico. Fez também amar a Virgem Maria com uma intensidade que prolonga, muito além de sua morte, os benefícios de sua curta vida.

Este livro relata uma vida que todos puderam ver e admirar. Procura, também, penetrar no santuário de sua alma, de acordo com suas restritas manifestações exteriores. Todos os testemunhos estão de acordo em afirmar que Edel não confessava a ninguém a íntima inspiração de sua vida. Diremos apenas o que pudemos entrever, sem ir além: o resto pertence a Deus.

Quando, após a guerra, a mala que continha seus pertences chegou a Dublin, pouca coisa foi encontrada: seu testamento, álbuns, agendas, alguns livros. Era, por assim dizer, tudo; porém, entre esses livros, havia dois que revelam de pronto o que enchia seu coração: "O segredo de Maria", de São Luís Maria de Montfort, e o Manual da Legião. A alma profunda de Edel situa-se na confluência desses rios. Nós o demonstraremos à medida

10

PROLOGO

em que caminharíamos. E talvez seja esta sua própria mensagem: unir a oração à ação. Mostra ao mundo, à sua maneira, que o apostolado é oriundo das profundezas da contemplação e que o amor devorador de Deus encarna-se em um amor sobre-humano pelos próprios irmãos. Marta, aos olhos do mundo; Maria, aos olhos do Mestre, Edel Quinn reúne em si mesma, numa intensidade profunda, essa dupla e única vocação. Mas, não antecipemos. Vamos acompanhá-la passo a passo. Os anos da juventude não foram assinalados por nenhum traço marcante. Daremos, todavia, os menores detalhes, porquanto, ao vê-la tão perto de nós, compreenderemos melhor que ela nos pertence. O pior mal que se possa fazer aos nossos, disse alguém, é colocá-los sobre pedestais. Edel não necessita de pedestal para se elevar. Além disso, seus primeiros anos já têm um valor próprio: prenunciam o futuro. Antes de se lançar em pleno voo, o avião gira por alguns

instantes no solo. Ao alçar o voo, certificamo-nos de que a pista de partida era apenas um trampolim: o impulso já estava oculto naquela corrida aparentemente inglória. A vida de Edel que precede a aventura africana é semelhante a essa pista de voo: já é rica de generosidades futuras, e estende-se, por sua vez, às dimensões do mundo. Um olhar retrospectivo será suficiente para nos esclarecer. Daremos também o detalhe de seu trabalho apostólico, porquanto a grande família legionária precisa conhecer tudo a respeito de sua pessoa, a fim de melhor se inspirar em sua vida. Os homens têm necessidade de exemplos para viver. É bom que sigam, de perto uma vida concreta que lhes fará compreender melhor como se obedece a Deus. Edel Quinn oferece-lhes essa visão de beleza sobrenatural, que é ao mesmo tempo inspiração e estímulo. Pertence a essa classe de heróis, da qual Bergson dizia que a sua existência, por si mesma, já era uma vocação.

11

12

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

EDEL QUINN AOS 4 ANOS.

"Uma bondade extraordinária emana daquele rosto de criança.

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS ANOS

"Eu te escolhi e dei-te um nome; tu me pertences!" (Isaías)

OS PRIMEIROS ANOS

Assim que a Irlanda recebeu a graça da fé, oriunda de São Patrício, seu povo compreendeu imediatamente a vocação missionária que lhe era atribuída.

Do século VII ao XII, a Irlanda religiosa e monástica envia à Europa continental grande número de leigos e de clérigos, de monges e bispos itinerantes. Surpreendente e pitoresca é esta história, a desses arautos da fé emersos daquela ilha legendária, toda ela batida pelos fortes ventos e chuvas intensas. Transpondo o mar revolto, lançam-se à aventura missionária. Estão ansiosos por transmitir a outros a boa-nova que acabam de ouvir. Tal exemplo é contagioso. Dessas novas igrejas, erguidas sobre as pegadas de São Patrício, partem os monges célticos em número incalculável. A crônica relata as façanhas de tripulantes que se lançam ao mar, sem remos, para melhor se entregarem à única vontade de Deus. Vindos de todos os lados, trabalhando dispersamente, sem um plano de conjunto, aqueles peregrinos, como eram então chamados, sulcam em todos os sentidos a Gália, a Alemanha, a Itália.

Columbano representa-os em conjunto.

Dominado pelo desejo místico da abnegação e aventuras que atormentava os de sua raça, faz-se ao mar com doze companheiros e desembarca nas margens da Gália. Uma espécie de profeta de Israel ressuscitado no século VI, tão enérgico nos seus discursos como um Isaías ou um Jeremias, em cuja fisionomia, afirma seu biógrafo, "a força de Deus resplandecia visivelmente": eis aí o retrato que dele fazia um historiador. A seu apelo, os mosteiros emergem da terra: Annegray, Luxeuil, Bobbio... Calcula-se em duzentos o número de abadias criadas sob sua influência.

Outros missionários irlandeses prosseguiram numa longa e rude peregrinação, isolados ou em pequenos grupos, levando de santuário em santuário seus sofrimentos e orações.

Deixando sua terra natal para evangelizar outras regiões, formularam diante de Deus uma promessa de peregrinatio: comprometeram-se a deixar sua pátria sem esperança de regresso. Entregam-se à aventura de Deus, movidos pelo desejo de peregrinatio propter

nomen Domini. Exílio voluntário, "em nome do Senhor". Um ideal os anima: difundir a fé que receberam de São Patrício.

Entre eles, alguns serão sagrados bispos, mas não se prenderão a nenhuma diocese, a fim de se dedicarem inteiramente à sua missão de conquista. Episcopi ad praedicationem eis o seu título; e, mesmo em terra já cristã, permaneciam bispos missionários.

Essa invasão espiritual marcou profundamente o cristianismo continental. Daniel- Rops escreveu: "A Irlanda, nos tempos obscuros do Ocidente, foi como uma segunda

13

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Palestina, um novo berço da fé". E a essa epopeia dá o nome de "milagre irlandês". A Irlanda de hoje, com seus três milhões de católicos, constitui, por si só, a décima segunda parte de todo o corpo missionário da Igreja. Pode-se dizer que tem a catolicidade no sangue e que sua fé não perdeu a pujança nem a força de expansão. Essa herança lhe é sagrada. Aliás, não foi ao preço do seu próprio sangue que obteve a fé através das idades?

Sanguis martyrurum...

Nada de surpreendente, pois, que ainda no século XX, uma nova inspiração de Pentecostes tenha surgido sobre a ilha de São Patrício. Sob uma forma moderna, discreta, imprevista, a Irlanda mantém e renova sua tradição apostólica secular. Aos monges de Columbano sucedem-se hoje os legionários que recomeçam, pela mesma causa, a peregrinatio propter nomen Domini. Esses enviados da Legião de Maria continuam a obra dos desbravadores e pioneiros de antigamente. Apesar da diversidade das circunstâncias e dos métodos, o mesmo espírito os anima. A mesma fé que iluminava São Patrício inspira a mesma grande aventura. Idêntica abnegação e entusiasmo os dominam.

Ao evocar, no preâmbulo dessa biografia, esses gigantes do apostolado emanados do mesmo povo, podemos reconhecer a verdadeira genealogia espiritual de Edel Quinn. Além dos séculos, ela remonta a Columbano e aos edificadores da cristandade.

Edel-Mary Quinn nasceu na Irlanda, em Greenane, perto de Kanturk, cidadezinha perdida no Condado de Cork, em 14 de setembro de 1907, exatamente na data em que a Igreja celebra a festa da Exaltação da Santa Cruz.

Coincidência ou presságio? É certo que a vida que se iniciava sob esse signo austero seria profundamente marcada pela cruz redentora. E, como em filigrana, essa imagem adorna todas as páginas dessa biografia. Uma cruz rude e forte como aqueles calvários célticos talhados na rocha do país; uma cruz livre de arestas, que, por assim dizer, se integra na paisagem, tanto é perfeita a harmonia. Mas Edel procurará escondê-la cuidadosamente, aceitá-la com uma alegria tão luminosa que chegará a enganar a todos. Ouviram-na dizer algumas vezes que a Exaltação da Cruz era sua festa preferida; e a ela dedicará um culto secreto.

A entrada de Edel no mundo foi recebida com alegria e gratidão, como a primeira bênção de Deus a um jovem lar. Seu pai, Charles Quinn, era originário do Condado de Galway; sua mãe, Louise Burke Browne, pertencia ao Condado de Clare. Encontraram-se um dia e o casamento realizou-se enquanto Charles Quinn era funcionário do Banco Nacional em Roscommon. Edel estava, pois, profundamente enraizada àquela raça céltica tão pura, que faz a glória e o encanto da "Verde Irlanda".

Quatro dias mais tarde a criança foi balizada pelas mãos do abade Green na Igreja de Santa Maria, em Castlemagner. O nome de Edel que recebeu na pia batismal, juntamente com o de Mary, lhe foi dado por engano. O acaso quis que o vigário não compreendesse

exatamente o nome que lhe indicavam. Com efeito, a Sra. Quinn, dedicando uma grande afeição a uma de suas irmãs, escolhera para sua filhinha o nome de Adélia. Chegando à

OS PRIMEIROS ANOS

igreja, o Sr. Quinn transmitiu fielmente o desejo da jovem mãe, dizendo ao sacerdote que a menina se chamaria Adélia. Este, porém, compreendeu "Edel", julgando que se tratava do nome da flor e que "Edel" era o diminutivo de Edelvais. De qualquer maneira, o nome ficou. Esta é a explicação dada certo dia, pela própria Edel, em uma de suas cartas. Rindo-se, costumava dizer que esse nome, um tanto afetado, não lhe agradava muito. Quanto a outros, pelo contrário, verão aí um símbolo profético. O edelvais, a neve imortal, é uma flor das montanhas que procura a solidão e as alturas, enfrenta a neve e o temporal, e esquivase o mais possível daqueles que pretendem colhê-la. A menina que acaba de nascer, viverá por sua vez, espiritualmente, numa altitude quase inacessível, resistirá valentemente ao assalto dos sofrimentos, fugirá dos olhares curiosos sempre que puder. Sua solidão é comparada à sua intrepidez. Somente Deus colherá essa flor que só para Ele desabrochará. Tantas similitudes no seu nome serão, pois, como um presságio. Teria sua mãe adivinhado isso quando ofereceu uma coroa de edelvais à sua filha, no dia de sua primeira comunhão? A profissão do pai obrigava-o a contínuos deslocamentos, o que impedirá a família Quinn de se radicar profundamente, obrigando-a a múltiplas migrações. Alguns meses após o nascimento de Edel, tiveram que deixar Kanturk para se instalarem no Condado de Tipperary, em Clonmel. Foi lá que a menina cursou sua primeira escola, a das Irmãs de Loreto. Este período, de seis anos e meio, terminou em 1913.

O Sr. Quinn foi então nomeado diretor de uma sucursal do Banco Nacional em Cahir, cidadezinha a dez milhas de Clonmel, centro de importante mercado. A estadia aí foi de três anos, ao cabo dos quais emigraram, de acordo com as promoções, para En-niscorthy primeiro, onde ficaram até 1917, e, em seguida, para Tralee, onde permaneceram até o Natal de 1924.

Após essa data, o lar fixar-se-ia definitivamente em Dublin.

No decorrer dessas peregrinações, a família Quinn foi aumentando.

Em 1910, nascia Leslie¹; em 1912, Rafael; em 1913, Mona; em 1914, Dorotéia². Todo esse povinho evoluía numa atmosfera de alegria, de liberdade, de compreensão. Edel, a primogênita, era naturalmente o centro da reunião, o exemplo que, instintivamente, todos seguiam. Aliás, merecia amplamente esta preferência incontestada.

O dia marcante de sua infância feliz e calma foi o de sua Primeira Comunhão. Fê-la em Cahir, a 1o de junho de 1916, na festa da Ascensão. Nada sabemos a respeito do primeiro encontro entre Edel e o Deus Eucarístico.

Tudo o que sabemos é que a impressão foi indelével. Em todas as épocas de sua vida as testemunhas assinalarão essa fome de Eucaristia. O culto da missa e da comunhão será sua característica. Desde o primeiro contato sua fé viva penetra no coração do mistério. Mais tarde ela realizará proezas de mortificação e de energia para não perder uma única missa.

A sua primeira comunhão sucede a crisma. Na Irlanda, é de tradição que a criança receba nessa ocasião novos padroeiros celestes. O nome de Edel-Mary foi completado pelos

15

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

de Euchária-Joseph que, segundo dizem, foram escolhidos por iniciativa própria.

Como meio de penetração nessa alma que desponta para a vida, só dispomos bondade extraordinária emana daquele rosto de criança, emoldurada por uma abundante de uma

fonte: uma simples fotografia, mas vale ouro, porque descortina um mundo. Uma cabeleira. Seria possível esquecer aqueles olhos azuis, magníficos, iluminados por um sorriso que um dia se tornará legendário? Já se pode perceber que ele vem das profundezas e se oferece, como um dom, a quem o quiser receber.

Esse sorriso já traduz uma predileção de Deus. Existem almas atormentadas, caóticas, como Maria Madalena ou Agostinho: essas recordam aos homens o triunfo da paciência e da misericórdia de Deus. São um estímulo para nós, pobres pecadores. Outras há, que Deus penetra desde o limiar da vida para delas se apossar exclusivamente. "Escolhi-te chamando pelo teu nome; tu me pertences". Esta é a linguagem de Deus quando seu Amor se apodera de uma criatura. Para tais almas só é necessário se darem ao trabalho de nascer, como já entoava Péguy no *Mystère des Saints Innocents*: não precisam conquistar a união com Deus, penosamente, a preço de esforços laboriosos. Deus delas se apodera nos primeiros alcores; elas são os arautos desse Amor gratuito, dessa magnificência; sua tarefa é simplesmente a de serem fiéis a esse Amor que jamais será o primeiro a abandoná-las. Edel é dessa linhagem. Nela não há crise de crescimento, nem movimento de recuo ou de conversão. Segue sempre uma linha reta. Somente uma fidelidade a Deus que não se desmente nunca, traduz um amor indefectível e crescente.

Algumas recordações de sua curta passagem por Enniscorthy permitem-nos perceber, desde já, os traços salientes de seu caráter.

Chegaram-nos através da Escola de Loreto que ela cursou. Desde essa época, relações estreitas e duradouras haviam se estabelecido entre a família Quinn e uma das religiosas diretoras do estabelecimento, Madre Tomás de Aquino.

Edel continuará a lhe escrever mais tarde, até da África, o que é uma prova de fidelidade de sua afeição.

Madre Tomás conserva uma imagem muito pitoresca daquela meninazinha de 10 anos, de longos cabelos dourados.

"Era um verdadeiro diabinho na escola; não que fosse impertinente, mas estava sempre cheia de entusiasmo, viva e alegre, tramando constantemente alguma brincadeira.

Era o centro de qualquer grupo à procura de travessuras. Ciclista intrépida, muitas vezes, quando transpunha, a toda velocidade, a colina que descia do convento à cidade, voltava-se, gesticulando, para demonstrar suas habilidades.

A simplicidade de criança unia um verdadeiro domínio de si mesma e um grande encanto. Completamente senhora dos seus recursos em qualquer situação ou companhia, achava sempre, instintivamente, a réplica adequada, o gesto necessário. Escolhida para saudar um novo bispo em visita, desempenhou sua missão com tanta graça e encanto que a todos impressionou profundamente. E tendo, mais tarde, Sua Excelência lhe dirigido a

16

palavra, respondeu com a justa medida de franqueza e deferência.

OS PRIMEIROS ANOS

Despreocupada e alegre como um passarinho, jamais a viram, contudo, desleixada em seu trabalho ou em seu vestuário. Com uma precisão surpreendente, recitou para um examinador o catecismo que estudara antes de chegar a Enniscorthy.

Seu desinteresse e complacência eram notáveis. Organizadora nata, fazia bem tudo o que empreendia..."

Este é o primeiro esboço que possuímos dessa criança.

A estadia em Enniscorthy foi curta. Uma nova promoção do Sr. Quinn determinou a mudança da família para Tralee, por um longo período. Etapa importante na vida de Edel. Foi, com efeito, durante a residência em Tralee que Edel deixa os seus para viver, como

interna, num colégio. Envia-na à Inglaterra, para o pensionato das Religiosas "Fiéis Companheiras de Jesus", em Upton, no Cheshire. A proximidade de Liverpool, porto muito acessível, fixou a escolha dessa instituição. Edel permanecerá ali durante dois anos. Em Upton guardam ainda a recordação daquela aluna conscienciosa, merecedora de toda confiança, cumpridora de seus deveres e de uma caridade quase excessiva. "A boa influência que exercia na classe e no recreio", escreve uma de suas mestras, "era não somente sã, mas contagiosa". Sem se impor, achava espontaneamente o meio de estimular os impulsos generosos ou de aplinar as asperidades dos temperamentos rebeldes à obediência. Sua animação e entusiasmo incrementaram o fervor da Congregação das Filhas de Maria. Esse primeiro traço de devoção mariana ativa merece bem ser assinalado de passagem.

Edel entrega-se com ardor aos estudos e aos esportes.

Pela sua habilidade e agilidade foi escolhida capitã da equipe de cricket. O tênis e o piano atraem-na particularmente. Revela-se exímia na dança. Porém, apesar dessa exuberância de vida, possui um grande domínio sobre si mesma e sabe dar valor à mortificação discreta. "Sempre procurei calar-me, assim que o regulamento impunha o silêncio", reconhecia ela. Isto parece uma coisa mínima, entretanto, sua paixão pelo recolhimento já germinava naquelas vitórias diárias.

Sua mestra assinala um fato que se repetirá muitas vezes no decorrer do tempo: "Ela suportava em silêncio seus aborrecimentos pessoais, com uma serenidade que fazia crer a muitos que não a perturbava a menor inquietação.

Despreocupação aparente, que esconde tesouros de abnegação e sentimentos verdadeiramente profundos. Não nos surpreenderemos ao saber que antes mesmo de deixar Upton, no seu coração, ela já renunciara definitivamente ao mundo.

Não terminara ainda o curso de seus estudos, quando reveses de fortuna obrigam seus pais a chamá-la ao lar paterno. Seu regresso coincide com o estabelecimento da família em Dublin. Edel, a primogênita, por essa razão, deve ser a primeira a enfrentar a vida e a criar uma situação que lhe permita ajudar os seus. Sem transição, corajosamente, a jovem

17

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

pensionista de Upton assume sua nova missão. Começa por seguir o curso comercial no Instituto Potter, em Dunlaoghaire, em seguida no Rosse College, em St. Stephens Green. É grande a sua ansiedade de se tornar útil aos seus.

Os Quinn ocupam então um apartamento em Trafalgar Terrace, em Monkstown. Lá vivem muito unidos, numa atmosfera de cordialidade e de liberdade. Cada um segue seu caminho e suas inclinações: a afeição harmoniza os caracteres e empresta um encanto à sua diversidade. A Sra. Quinn dá o exemplo de uma piedade profunda, de uma bondade encantadora, aliada, entretanto, a uma rara energia.

Dizem que tinha por hábito, durante o ano, tomar banho de mar antes de assistir à missa matinal.

Não se pode ser comodista em tal escola. Uma das irmãs de Edel, Leslie, era uma das primeiras no campeonato nacional de natação e representou seu país contra a Inglaterra. Outra, Dorotéia, fazia parte da equipe.

Como já dissemos, Edel ocupava no coração de todos um lugar especial. Não somente por ser a mais velha, mas porque possuía, naturalmente, um prestígio pessoal indiscutível. Seu

pai, familiarmente, apelidava-a granny, tanto, dizia ele, os seus conselhos eram sempre sábios e ponderados.

Esponaneamente a família se inclina para ela, suas opiniões prevalecem decisivamente. Quer na escolha da escola para os pequenos, de seus estudos, ou mesmo, mais tarde, de projetos de casamento, a influência de Edel impõe-se a todos. Nenhum vestígio de autoritarismo, entretanto, nenhuma exigência. Unicamente a força de uma caridade esclarecida, procurando sempre definir o dever e traçando a rota a seguir.

Aos estranhos surpreende pela natureza de suas reflexões, pelo seu julgamento concreto, rápido, seguro. Nessa época, dela encontramos a seguinte reflexão reveladora: "Nem sempre é fácil penetrarmos o interior das pessoas, e, até que o tenhamos conseguido, devemos nos abster de julgar; as aparências são tão enganadoras!" Compreende os homens e as coisas com justiça, benevolência e um bom senso superior. Estas são bagagens preciosas para a vida. Tanto mais que sua cultura intelectual ficará estacionada após dois anos de estudos em Upton. Terá de viver de seus dons natos, de suas reservas naturais, de suas intuições seguras. Sem que, às vezes, consiga transmitir adequadamente essa riqueza interior. Sente e aprende mais as coisas do que as exprime, porém, se exterioriza menos facilmente. Lerá muitos livros, principalmente espirituais. Sua avidez intelectual é grande, mas não será jamais uma "livresca". Parece extraordinariamente dotada para os estudos superiores. A vida fixou-a em pleno caminho de sua formação, mas ela lhe dará compensações raras, uma experiência e dotes naturais que ela saberá utilizar plenamente. O segredo de sua influência familiar reside no total desprendimento de si mesma. "Jamais", afirmam os seus, "vimos em Edel o vestígio do menor egoísmo. Ela esquecia-se de si mesma em favor dos outros, como uma coisa muito natural. Nem uma vacilação, nem

OS PRIMEIROS ANOS

um gesto egocêntrico". Dava tudo o que possuía, e até sua pessoa, como a flor dá o seu perfume, o fogo sua chama, o Sol sua luz. Daí, em todas as etapas de sua vida, essa simpatia universal que a circunda.

De uma generosidade absoluta, ninguém poderia adivinhar seus gostos ou suas repugnâncias. Atendia a todos os que a procuravam, com um igual desprendimento interior e a mesma abnegação. Nunca foi vista, em qualquer ocasião de sua vida, deprimida, abatida ou vencida por qualquer eventualidade. Não exprimia exteriormente, mesmo no círculo familiar, suas emoções íntimas, muito menos sua vida interior. Resolvia todas as dificuldades com um humor comunicativo e prazeroso que nunca a abandonou. Seria difícil resistir tal contágio. Sua animação era inesgotável e, nas passagens difíceis, manejava o bom humor com uma habilidade de "virtuose".

Um outro traço de seu caráter impressionava a todos: a coragem. "Edel declara a Sra. Quinn nunca soube o que fosse o medo". Recordemos este detalhe, que explicará suas audácias apostólicas.

Certa noite, toda a casa estava em polvorosa por um ruído insólito e suspeito no porão. Seria um bandido? Como todos os outros, Edel pulou da cama. Sem um segundo de hesitação, abre a porta, arma-se de um atizador e desce o porão. A aventura termina felizmente por um bom acesso de riso geral, diante da descoberta de um gato.

Essa intrepidez coragem diante do perigo alia-se a uma vontade tenaz. Sua mãe deverá algumas vezes enfrentá-la, mas ela cede pela obediência.

Edel amava profundamente a mãe; esse amor lhe ficará gravado no coração. Quando resolveu deixá-la, sem esperança de regressar, fez certamente o maior sacrifício de sua

vida. Naquele momento de sua existência, tinha então apenas dezenove anos, seu amor filial reveste-se de uma decisão viril: parte em busca de um emprego para ajudar os seus a viver.

18

19

20

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

UMA VIDA QUE SE INICIA

EDEL QUINN AOS 11 ANOS.

Era aluna de Loreto College em Enniscorthy, Co. Wesford.

"A simplicidade de criança unia um verdadeiro domínio de si mesma e um grande encanto".

CAPÍTULO II

UMA VIDA QUE SE INICIA

"O momento presente representa um embaixador que traz a mensagem de Deus. O coração pronuncia o fiat. A alma estende-se assim, por todas as coisas, no momento preciso... Tudo lhe vem em auxílio, tudo lhe é instrumento de santidade, sem diferença alguma." (De Caussade)

Dublin é uma capital à altura do homem.

Não nos sentimos nem constrangidos nem coibidos. Se o centro da cidade, nos arredores de Nelson Pillar, é uma colmeia ativa, cujos alvéolos são os Bancos, as lojas, os pubs e os restaurantes, é possível passear tranquilamente ao longo do Cais Liffey, onde circulam inúmeros cisnes, ou, ainda, abrigar-se no imenso parque onde cavaleiros assustam, nos bosquezinhos, grupos de pequenos corços e cabritos monteses, enquanto que gaivotas e corvos, em conjunto, alçam os voos acima das campinas.

Logo que nos afastamos do centro, compridas ruas monótonas, de casas baixas, dão-nos uma impressão de tristeza e solidão. Sente-se que a Irlanda foi oprimida durante séculos, e que sua vida autônoma está apenas iniciada. Foi deflagrada uma luta contra os slums, essa variedade de pardieiros, e contra a miséria, o vestígio dos maus dias. O resultado ainda não se fez sentir. Porém o povo que anima as ruas é vivo e alerta. De raça jovem, vigorosa, simples no modo de andar, alia, intrinsecamente, religião e poesia, imaginação e humor, bondade e combatividade. Uma cidade em estado de graça, disse alguém, a respeito de Dublin. Em todo caso, nota-se ali uma reserva de valor nos costumes, nos espetáculos nos cartazes, nos jornais. Respira-se o catolicismo como se sorve o ar do mar. Pessoas rezam com naturalidade, sem respeito humano, vive-se num ritmo normal, num clima naturalmente cristão.

Dublin será, doravante, o campo de atividade de Edel e dos seus.

A procura de uma colocação foi coisa fácil, a família Quinn era estreitamente ligada ao jovem casal Taylor, instalado em Sea-point, perto de Blackrock.

Residia com eles, como pensionista, um jovem importador francês. Certo dia, comunicou a seus hospedeiros que necessitava de uma auxiliar, eles, então, indicaram Edel Quinn, que se viu assim contratada como secretária na The Chagny Tiles Works, casa de importação de materiais, situada em Tara Street.

contato.

O diretor-gerente dessa companhia conservou a lembrança deste primeiro

"Edel tinha então 19 anos", disse ele. "Guardo do nosso primeiro encontro a impressão de uma moça franzina, provavelmente intimidada diante do jovem patrão francês, mas que, apesar disso, sorria corajosamente".

Timidez e coragem, os traços estão bem assinalados. Outros testemunhos farão

21

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

sobressair essa particularidade que ela própria não nega.

"Que felicidade o senhor ter compreendido a minha timidez!", escrevia ela um dia. "Acredito que também partilhou dessa impressão quando encontrou os T... pela primeira vez. Não é uma horrível sensação? E contra isto não há nada a fazer, vem mesmo, insensivelmente".

Porém, esta timidez não a deterá nunca, e sua existência se passará "a sorrir corajosamente" a todos os embates da vida. Aliás, estava apenas iniciando a aprendizagem!

O diretor não se arrependeu de havê-la contratado. Muito cedo, Edel revelou-se uma funcionária modelo: assimilação rápida, execução impecável de qualquer trabalho.

Secretária exemplar, ser-lhe-ão atribuídas missões de confiança e mesmo, um pouco mais tarde, certas funções de gerência, tanto soube se impor pelo seu bom desempenho e sua competência. Suas cartas daquela época falam de cimento, de telhas, de ardósias, com a perfeição e a precisão que caracterizarão sempre seu trabalho. Discute preços e prospectos com um real interesse e trabalhará pela prosperidade da empresa. Era a época em que a Irlanda dava os primeiros passos na sua vida de independência nacional, reparando os desastres da guerra civil, organizando sua vida material. A ocasião é propícia para a firma de importação de materiais e a tarefa de Edel torna-se cada vez mais árdua. O chefe inquieta-se pela sua saúde e, receando o surmenage, propõe-lhe uma auxiliar; ela responde, então, alegremente, que, excetuando o princípio de cada mês, dá conta sozinha e consegue regressar a casa à hora normal. "Não vá pensar", escreve-lhe Edel, "que faço horas extraordinárias. Na realidade, nunca há serviço demais para fazer. Não se preocupe, não creio que vá morrer de excesso de trabalho!" Nisso ela se enganava. Note-se a palavra "demais" acentuada por ela, sim, nada é demais para a sua generosidade. Em matéria de dedicação tem uma aritmética própria: transpõe a passagem no limite com uma graça tão peculiar que a todos excederá.

Secretária numa firma francesa, Edel percebe imediatamente quanto lhe seria útil o conhecimento dessa língua. Põe-se logo a estudá-la nos raros momentos de descanso e frequentando cursos noturnos. O jovem chefe oferece-se para auxiliá-la e a guia através de um método original que naquela época fazia sucesso, "Aprender francês brincando". O método não correspondeu plenamente ao título, porém Edel conseguiu ler o francês correntemente e compreendê-lo. Sua vida espiritual será fortemente alimentada por autores franceses. Os rudimentos que possui lhe servirão de muito durante a sua futura estadia na ilha Maurício. A Providência Divina prepara Edel para as tarefas vindouras...

Na expectativa desse momento, entrega-se inteiramente ao momento presente e toma a si os interesses da firma. Não se poupa. Obrigada a internar-se no hospital para submeter-se a uma operação de apendicite, resigna-se, porém, e rapidamente retoma seu lugar no escritório. Como sua imprudência suscitasse comentários, responde simplesmente que seus chefes são demasiadamente gentis para deixá-los muito tempo confusos pela sua ausência forçada.

22

Edel leva a consciência profissional até a extrema delicadeza. Não desperdiça as

UMA VIDA QUE SE INICIA

horas de trabalho para satisfazer qualquer curiosidade. Provam-no essas linhas endereçadas a um correspondente:

"Sua carta chegou bem, mas encontrei uma amiga na estação e fui obrigada a me entreter com ela até a chegada do trem. Ao meio-dia tive de ir ao banco; foi, portanto, somente no trem das 19h30 que pude ler sua missiva. Que tentação terrível receber uma carta e não a poder ler em seguida!"

Por ocasião de um primeiro aumento de salário, exprime sua alegria com uma simplicidade perfeita, que traduz seu amor filial:

"Este aumento seria indiferente para mim? Se significasse apenas mais dinheiro no bolso, porém, no meu caso, isto representa uma melhoria para minha família. E, sendo assim, sinto-me mais feliz".

A vida de trabalho, já absorvente por si mesma e agravada pelos afazeres cotidianos de casa, não lhe deixa oportunidade para a vida social.

E não sem pesar, pois aprecia o movimento. Dançava-se, então, muito na Irlanda, e a mocidade entregava-se a esse divertimento com entusiasmo. Edel não frequenta os bailes públicos, mas os amigos conseguem que, uma vez ou outra, aceite um convite. "Além disso", escreve seu chefe, "muitas vezes jogávamos tênis com amigos em casa dos Taylor e, quando vinha surgindo a noite, regressávamos ao salão, e alguém colocava discos de dança na vitrola; - que se achava em companhia então, tendo como pares Edel e Ethel, a irmã do Dr. Taylor da Sra. Taylor, que, penso eu, não dançava, - uns dois rapazes e eu mesmo, púnhamo-nos a dançar. Guardo de Edel a lembrança nítida de uma companheira de incomparável agilidade. Para dançar como ela o fazia -era ligeira como uma sílfide - somente alguém que apreciasse muito a dança. Como todos os seres de perfeita distinção, Edel espargia esse valor em torno dela". E acrescentava: "De temperamento alegre e folgazão, próprio dessa idade, quem poderia suspeitar que aquela jovem, tão natural aparentemente, já era dona de tal tesouro de espiritualidade e onde teria haurido exaurido a força de enveredar sua vida pelos caminhos do heroísmo e da santidade?"

Edel gostava também do golfe e, no campo, evolui com facilidade. Mas saberá sempre sacrificar seus gostos pessoais quando a generosidade estiver em jogo. O golfe, por sua vez, iria ser vítima de sua dedicação, assim como a música, pela qual, aliás, nutria uma predileção especial. Musicista nata, ouve-na com prazer interpretar peças onde punha toda a sua alma. Nesse ponto, também, sacrifica deliberadamente seus talentos reais em prol de austeros deveres. A única distração que conservará durante algum tempo é o tênis, seu esporte favorito. Sócia de um clube de tênis em Clarinda Park, Dunlaoghaire, não tardará a se tornar uma figura muito popular e uma partenaire parceira muito disputada. Infelizmente, as horas reservadas ao descanso são contadas. É por demais solícita em prestar serviços aos seus, à sua mãe, principalmente, para deixar passar as ocasiões sem ajudar uns e outros no seu trabalho, aliviando assim o fardo familiar. Sendo a mais velha, dispensa cuidados quase maternos aos irmãos menores.

23

24

24

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Sua dedicação infatigável excede o âmbito da família. Possui o dom de se multiplicar Great George's Street. Toma aí uma parte muito ativa. Sócia desde a fundação, consagra todo e de se tornar útil. Pertencia ao Loreto Social Clube, cujas reuniões realizavam-se na North o

seu coração à educação e divertimento das jovens associadas. De bom grado senta-se ao um vivo sentimento de humor na composição de peças ou operetas, das quais algumas piano enquanto uma de suas amigas dirige a lição de ginástica. Presta seu concurso-com foram representadas no A. O. H. Hall de Parnell Square. Mas, se consente em "fazer teatro", não se deixa dominar pela sua influência. Esse gênero de recreação, quase sempre superficial e inócuo, parece-lhe nulo. Sua alma tão delicada dele a afasta instintivamente. Numa de suas cartas a P. L. assim se manifestava: "Sou como você, não tenho o menor gosto para o teatro e as revistas; considero-os horivelmente banais e vazios de significação. Quando, às vezes, sou obrigada a ir, sinto-me durante todo o tempo como se estivesse sobre brasas. Não compreendo o que tantos outros encontram aí de divertido!" Estas palavras escritas quando Edel tinha apenas vinte anos, não são fruto da melancolia, pelo contrário, Edel era toda vivacidade, juventude, alegria. Porém, sua alma profunda, já conquistada pelo amor de Deus, ajustava-se melhor a um outro mundo...

O ambiente de sua vida não se presta absolutamente às mudanças e viagens, os dias de folga são demasiadamente raros para empreender grandes caminhadas. Entretanto, certo dia, fez uma exceção à regra, em favor de seu antigo pensionato de Upton. Três anos eram decorridos desde a sua saída do colégio, convidaram-na a passar lá um fim de semana com suas antigas colegas. Aceitou alegremente e pôs-se a caminho. Mas, deixemos que, com seu entusiasmo habitual, ela própria nos relate como decorreu essa viagem:

"Começamos desde o início", escreve Edel a P. L. "Deixei Dublin sexta-feira à noite. O navio estava abarrotado e fui obrigada a dividir a cabina com uma senhora terrivelmente tagarela! Quando, por fim, consegui dormir, minha companheira despertou-me às 5h da manhã para dizer-me que seu gatinho branco devia estar sentindo muito a sua falta! Alimentava sempre com peixinhos essa magnífica criaturinha, o que lhe proporcionava um maravilhoso pelo acetinado! Você bem pode calcular com que prazer eu ouvia todos esses pormenores, em tal hora! O mais interessante é que ela mencionou acidentalmente que, para gozar seus 15 dias de férias, deixara o filhinho no colégio interno. Mas só lhe interessava o pobre gatinho, que devia sentir-se tão abandonado! Finalmente, acabou convidando-me a ir visitá-la, um dia, a fim de conhecer o gato".

Felizmente, acabara-se a tolice, o navio atracara. Edel dirige-se para Upton. A carta continua dando suas impressões sobre esse retorno ao passado: "Não posso exprimir o meu contentamento. No princípio, estava um, pouco intimidada, mas depois do cordial acolhimento da madre superiora, senti-me à vontade. Todas as religiosas receberam-me de braços abertos e desdobraram-se de atenções para comigo. Creia-me, após três anos de ausência, mostraram-se tão felizes em me ver como se as houvesse deixado na véspera! Muitas alunas que eu conhecia, e até ex-colegas de classe, ainda estavam lá...

Cumulavam-

UMA VIDA QUE SE INICIA

me de gentilezas e pouco a pouco eu retornava à minha alma de aluna interna... É estranho como três anos podem operar tanta alteração! Algumas alunas haviam mudado sensivelmente. Uma ou duas manifestavam na fisionomia um certo ar de enfado, pareciam desgostosas de tudo e ávidas por deixar o pensionato, deram-me a impressão de estarem ali apenas por obrigação. Tratava-se principalmente daquelas que não têm grande coisa a fazer em casa..., em compensação, era interessante ouvir algumas "antigas" externarem-se a respeito de suas diferentes ocupações, sua alegria era contagiante e pareciam muito mais felizes e contentes do que as "filhinhas de pais ricos".

Edel convida seu correspondente a ir um dia, como turista, conhecer Upton. Sem ilusões, entretanto, "Sei que, em princípio, os homens não são atraídos pelos conventos. Nada no

mundo faria meu pai se aproximar de um deles e sob nenhum pretexto! Com minha mãe dá-se o mesmo: quando vai até lá, nada diz, não há meios de fazê-la falar!" Refere-se, então, a uma religiosa muito estimada: "É um belo caráter, uma personalidade deveras atraente. As alunas são apaixonadas por ela, respeitam-na, fariam qualquer coisa para lhe ser agradável. Sob sua influência, mostram-se mais unidas e leais. Tudo é baseado no amor à verdade, pela menor falta ao regulamento, devem, sob palavra de honra, acusarem a si mesmas... Antigamente havia uma religiosa encarregada de manter o silêncio, agora, nomeiam, simplesmente, a uma chefe de grupo para ser responsável pela ordem, e a ordem reina. É notável como este sistema é eficaz. Que boa formação para as alunas! Todas elas possuem um senso muito vivo de honra e manifestam mais personalidade do que quando estão constantemente vigiadas e sem responsabilidades".

Edel confronta em seguida o passado com o presente: "Esse retorno à paz, ao repouso relativo do pensionato", continua ela, "era como um oásis no deserto. Esquecia-se do turbilhão cotidiano, amofinações e preocupações mesquinhas desapareciam na pacífica regularidade das horas. Era como uma anestesia, e como era bom esquecer, imaginar que o passado revivia".

Esta frase aparentemente nostálgica, não deve induzir em erro. Edel é por demais realista, demasiadamente amadurecida para fazer, dentro desse espírito, a sua peregrinação às fontes. Seu coração não está em Upton, mas sim junto aos seus que necessitam de sua presença. A carta termina por esta confissão que traduz todo o calor de sua afeição familiar: "É tão bom voltarmos para aqueles que amamos!" Este é o verdadeiro aspecto dessa criança que confiará certo dia a uma amiga ter chorado copiosamente cada vez que saía de casa para o pensionato. Mas isto, somente longe das vistas dos seus, por coisa alguma no mundo ela o teria deixado perceber. Encontraremos novamente, no decorrer desta narração, esse traço de valentia aliado a uma viva afeição. Para melhor compreendê-la, será preciso recordarmo-nos daquela sensibilidade sutil que, embora escondida, permanece palpitante. A força de domínio sobre si mesma e sua constante alegria poderiam iludir um observador superficial.

25

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Essa delicadeza da alma manifesta-se, também, por um traço de caráter, tornado célebre, não só no seio de sua família, como entre suas amigas: seu amor pelos animais. A história da senhora e do gato acetinado não vem ao caso: Edel pertence à família de São Francisco de Assis, que pregava aos pássaros e aos peixes e tratava com respeito o lobo de Gubbio. Um caso fará sobressair seu amor piedoso e prático... assim como sua bravura. Certo dia, um infeliz gatinho perdeu-se nas oficinas onde Edel trabalhava. Vagava abandonado e a moça resolveu levá-lo consigo quando regressasse a Monkstown. Era uma quinta-feira, nesse dia Edel devia tomar parte em uma reunião. Fica, pois, na cidade após as horas de expediente, assiste à sessão que terminou à noite e, em seguida, sozinha, atravessa as ruas desertas e sinistras do quarteirão do porto voltando para os ateliers de Tara Street. Lá, às apalpadelas, na obscuridade, após muitas dificuldades, descobre o bichano e leva-o consigo. Seus amigos jamais esqueceram este gesto de solicitude. E sua mãe dedicou ao gatinho de Tara Street uma afeição que ficará nos anais da família.

Edel é extremamente apegada aos seus, ama-os de toda a sua alma. O lar dos Quinn, muito unido, deixa, a cada um, uma grande liberdade. Por vezes implicam com suas saídas e os mil pequeninos encargos que ela se dá, mas deixam-na fazer e admiram-na em silêncio. Sua ascendência irá crescendo e sua influência, como já o dissemos, será decisiva

nas circunstâncias importantes da vida familiar. Segue o seu caminho, porém, ao menor sinal, suas preferências estarão esquecidas e ficará à disposição dos outros.

Certo dia veem-na regressar, à véspera de uma festa nacional, após um dia fatigante, alegre por dispor de alguns momentos de lazer. Surge um contratempo, eis a sua reação instantânea, segundo uma carta endereçada a P. L.:

"Assim que cheguei a casa, mamãe me falou que os pequenos estavam loucos por ir à cidade para ver a iluminação. Sabendo que se eu não fosse levá-los nessa noite eles não teriam outra ocasião para ver o espetáculo, disse imediatamente: Partamos! Tomamos o trem das 19h15 e demos um passeio percorrendo Dublin. O tempo de examinar Crafton Street, depois de acompanhar a multidão até O'Connell Street, tomou-nos algumas horas. Porém, um navio em forma de dragão sulcava o Liffey, foi preciso entrar na fila para ver essa maravilha. Com muito custo pude trazer meus irmãozinhos de volta no trem das 22h. Depois dos tradicionais comentários, toda a família se foi deitar. E eis-me às 23h30 numa poltrona, ao lado dos últimos lampejos da lareira, uma pasta de couro sobre os joelhos, a escrever-lhe comodamente no silêncio e na paz".

Tal desprendimento de si mesma tão constante e fácil é o inverso de um grande amor, o vazio supõe uma plenitude.

Já o deixamos perceber, a alma de Edel se satisfaz numa fonte que não seca jamais, a Eucaristia.

"Há um vazio imenso", escreve, "nessa ocasião, no dia em que faltamos à santa missa e à comunhão."

Esta afirmação não é vazia de sentido.

UMA VIDA QUE SE INICIA

Durante a semana assiste, geralmente, à missa das 7 h, em Saint-Michel Dun Laoghaire ou em Blackrock; não regressa para almoçar. Viam-na, às vezes, colocar uma maçã no bolso, mas sua família jamais soube quando, nem como, Edel se alimentava. Isto parecia ser a última de suas preocupações. Todas essas provas que permitiram controlar suas idas e vindas confirmam que ela sacrificava alegremente a hora das refeições para fazer visitas apostólicas, acompanhar algum pecador ao confessionário, instruir um convertido.

Regressa ao lar tarde da noite, muitas vezes quando todos já estavam dormindo, se bem que, nesse ponto, ela podia se mortificar voluntariamente e sem controle.

Durante a semana ela é inacessível, devido às suas múltiplas atividades. Aos domingos, em compensação, entrega-se a Deus numa oração quase contínua. Seu programa dominical dispensa comentários. Habitualmente, assiste à missa das 7h, depois, a das 8h, regressando em seguida a casa. É o único dia em que os seus a veem à mesa para o café.

Terminada a refeição familiar, volta à igreja para assistir às missas das 10h 11h, 11h30 e do meio-dia. Ela própria o diz em uma de suas cartas: "Aos domingos, vamos a Monkstown.

Depois, geralmente, após o café, vou à cidade, à igreja de Clarendon Street, que é dirigida pelos Carmelitas, é muito sossegada e nas missas mais frequentadas ouve-se um bonito coro". Não precisa muito esforço para se ler entre as linhas que sua manhã domingueira se passa na igreja. "Recordo-me bem", atesta Mona Mc Carthy, "que quando eu chegava para a missa, Edel já estava na igreja, e lá permanecia quando eu me retirava." A respeito dos sermões, assim se expressou, certo dia: "Quando o ouvimos três ou quatro vezes..."

confirmando assim, que no domingo assistia a diversas missas. E não era tudo. A tarde, comparecia à bênção das 16h e, se não houvesse impedimento, ainda achava jeito de ir à cidade assistir à bênção das 19h.

Era assim a sua maneira de santificar o "dia do Senhor".

Para ela, essa expressão revestia-se de toda a sua significação. Nesse dia ela vive d'Ele, para Ele, num completo abandono. O domingo é uma longa comunhão eucarística ininterrupta. Cada missa representa tal realidade de vida de que dificilmente consegue se desprender. Sua fé lhe revela o mistério do Calvário sob os véus sacramentais e lhe ordena permanecer presente, como Maria e São João, aos pés da Cruz. Seu conhecimento sobre a missa excede o ordinário, e este será o tema preferido de suas meditações nessa época de sua vida. Lê e relê o livro do Padre John Kearney, C. S. Sp.: "Le sens de la Messe". Gostava de presentear com livros que mereciam sua particular afeição. Uma de suas amigas recebeu o livro de J. Kearney, acima citado, com esta significativa dedicatória: "Um livro que é a continuação do "Lévrier du ciel". A relação, no pensamento de Edel, entre esse livro de doutrina espiritual e o célebre poema de Francis Thompson: "Le Lévrier du Ciel", prova a que ponto ela os compreendia, orientando por eles sua própria vida espiritual. Não é surpreendente que Edel tenha apreciado esse poeta do Amor "implacável", que é toda a sua vida. Reconhece que é uma criatura muito amada, não esquecendo que tudo deve ao Sangue derramado em sacrifício.

26

27

28

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Deu e emprestou outros livros, tais como as obras de Madre Loyola, que traduzem os mesmos sentimentos eucarísticos. Sua alma é simples, e, como todas as almas simples, vai direto ao essencial. "Bem-aventurados os corações puros, pois eles verão Deus!" Edel vê Deus sob as espécies sagradas do pão e do vinho. Isto lhe é suficiente. Encontrou "a melhor parte", uma beatificação do Céu. Que contraste com sua vida em Tara Street! Sua alma contemplativa respira à vontade e sente profundamente a necessidade do recolhimento e da oração! "Creio, diz ela, acima de tudo, no poder da oração". Essas palavras não serão jamais esquecidas, animam uma vida que será toda de ação, dão-nos a verdadeira chave dessa harmonia e seria desconhecer o verdadeiro aspecto da jovem pretender dissociar, em seu espírito, contemplação e apostolado.

Certa ocasião, ao visitar um estabelecimento de ensino, observou os múltiplos afazeres das religiosas e notou, com surpresa, o quanto era restrita a parte que reservavam à verdadeira oração. Isto lhe pareceu paradoxal. "Sem dúvida", escreve, "o trabalho delas é uma oração, mas ser religiosa e ter tão pouco tempo para consagrar a Deus, não acham que isso é lamentável?"

Esta fome de oração, de recolhimento, de Eucaristia, Edel não deixa transparecer no exterior. Como os da sua raça, tem o pudor de seus íntimos sentimentos religiosos.

Pertence a um povo que crê mais nos atos do que nas palavras e que despreza facilmente as piedosas exagerações verbais. O Irlandês para em plena rua para se benzer e recitar o Ângelus; não fala facilmente de sua vida interior, mesmo com fins de edificação.

Encontram-se muito poucas palavras edificantes na volumosa correspondência de Edel. A suas amigas ela pregará, no seu modo prazenteiro e direto, pela ação, mais do que pela palavra. Mas não hesitará em falar de Deus a todas as almas angustiadas. Sente-se mais à vontade nas conversas de "conversão" do que nas palestras piedosas. Não confia sua vida íntima — e ainda até um certo limite — senão a um círculo muito restrito. Qualquer confidência sua é, pois, preciosa, é como uma gota d'água na imensidade do oceano. É preciso colhê-la de passagem, num torneio da frase. Certo dia, uma amiga lhe fala sobre a generosidade requerida no serviço divino.

"Não vejo limites no dom de si mesma", disse a amiga.

"Com efeito", responde Edel, "não há".

A resposta brotou espontaneamente, como uma evidência. Mas nessa breve réplica passara toda a sua alma. Edel não pode conceber qualquer reticência. Sua vida é uma estonteante demonstração dessa verdade. Não se aventura a dar conselhos espirituais, parece-lhe que para isso não possui a dialética precisa. "Asseguro-lhe, francamente", escreve a P. L., "que sou menos que uma principiante na vida espiritual. A mim, parece-me sempre uma luta incessante para subir, nunca descansar".

Entretanto, tem a viva preocupação de arrastar os outros ao trabalho apostólico. Para convencê-los, discute com uma lógica cerrada. Se defronta uma repulsa, não se dá por vencida senão após ter feito uma promessa, a de rezar a Nossa Senhora do Bom Conselho para auxiliá-la a melhor compreender o preço de salvar uma alma.

UMA VIDA QUE SE INICIA

Reservada quanto à sua vida espiritual, Edel o é, igualmente, em tudo o que lhe diz respeito pessoalmente. Suas amigas são unânimes em observá-la, é preciso forçá-la para que fale de seus próprios interesses. Instintivamente é toda dedicada aos outros e atende às suas dificuldades. Espontaneamente compartilha sofrimentos e preocupações alheias e toma-os a seu encargo. Sua simpatia jamais é banal. Possui o dom raro de ouvir as confidências, que se oferecem tão mais facilmente porquanto encontram eco nas suas expansões.

Pratica maravilhosamente bem "essa pura atenção à existência dos outros" que, segundo Lavelle, define a caridade. Trata cada alma como se fosse uma única, reservando- The o seu próprio tempo como se essa tivesse direitos adquiridos sobre ele.

CAPÍTULO III

A GRANDE ESCOLHA

"Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me" (Palavras de Jesus ao moço rico) (Mateus 19:21)

"I have desired to go

Where springs not fail.

To fields where flies no sharp and sided hail

And a few lilies blow.

And I have asked to be

Where no storms come,

Where the green stvell is in the havens dumb,

And out of the swing of the sea".

(Gerard Manley Hopkins, S. J.)

Edel tem vinte anos, a vida se lhe descortina. A situação da família obriga-a a um trabalho que não corresponde às suas aspirações nem à sua preferência. Aceita-o, como um dever, "sempre sorrindo corajosamente". Há já alguns meses que é datilógrafa da The Chagny Tiles Works, e tudo leva a crer que terá de exercer essas funções até que seu irmão e irmãs tenham atingido a maturidade.

Mas, eis que, de repente, encontra-se numa encruzilhada. O jovem patrão francês, que cada dia mais apreciava a funcionária de elite, a melhor, maioral? Que as circunstâncias The haviam proporcionado, sentia-se fortemente atraído pela sua pessoa. Confiando-nos a

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

recordação do primeiro contato de ambos, acrescentava: "Edel estava sempre sorridente e seu sorriso era por demais significativo. Desprendia algo de claro e leal, cheio de atenção e compreensão, irradiante de luz. Insensivelmente, a ele me fui habituando."

A cada etapa de sua vida, evocaremos esse sorriso, é a chave que abre todos os corações e vence as mais árduas batalhas. Edel coloca aí a sua alma e a mais pura das oferendas.

"Não possuo ouro, nem dinheiro", dizia São Pedro ao aleijado da BellePorte, "mas o que tenho é teu." Edel podia fazer suas essas palavras, seu sorriso é um reflexo do amor de Deus para os homens, uma luz do além. A todos o comunica prodigamente porquanto ele só pertence a Deus. Mas, chegada é a hora em que a opção se torna inelutável e será obrigada a trair seu segredo.

Vamos dar a palavra ao jovem importador francês:

"Chegamos ao verão de 1927, sem que eu jamais tivesse nutrido para com esta jovem um sentimento superior ao de uma simples simpatia. Os negócios enfraqueciam, achava-me em Dublin havia uns seis anos. Londres tentava-me. Resolvi, então, deixar a Irlanda. Antes de partir, quis percorrer, a pé, a região de Killarney, até as costas. Cheguei assim, numa noite, ao hotel de Parknasilla, com umas vinte milhas vencidas, muito tarde para conseguir uma refeição. Fui deitar-me imediatamente. O primeiro pensamento que me assaltou ao despertar foi o de que eu amava Edel Quinn e com ela me casaria. Por um momento procurei ver se esse sentimento, novo para mim, não seria o resultado de um sonho, mas, no decorrer dos dias e das semanas que se seguiram, pude me convencer de que se tratava de um sentimento profundo, irresistível".

O importador partiu para a França, após ter cedido seus negócios a uma firma francesa que confiou a Edel Quinn o cargo de gerente. A regularização de sua transferência obrigou o jovem patrão francês a retornar a Dublin para uma breve estadia. "Ocasão propícia", pensava ele, "para resolver não somente os negócios em suspenso como também para fazer a Edel sua declaração.

A situação comercial foi rapidamente esclarecida. Faltava executar a segunda parte do programa, o que, aliás, parecia bastante simples. Convidou Edel a almoçar no restaurante e, corajosamente, revelou-lhe o seu amor. Deixemos que ele mesmo tome a palavra.

"Para minha grande estupefação", escreve, "pois havia imaginado tudo, menos isso, sua fisionomia contraiu-se enquanto eu falava, como presa de uma grande angústia, e confessou-me que não podia corresponder ao meu sentimento, pois não era mais livre, tendo consagrado sua vida a Deus".

Este choque foi profundamente doloroso. Edel, muito comovida, explicou-lhe, então, que decidira tornar-se Clarissa, em Belfast, e lá levar uma vida de oração e de penitência. Só aguardava o momento em que sua família pudesse dispensá-la, o que se daria muito em breve. Tudo isto já estava implantado no seu coração havia muito tempo e irrevogavelmente. Suplicava-lhe que a compreendesse e perdoasse a sua recusa. O jovem importador termina sua narração com essas palavras:

30

A GRANDE ESCOLHA

"E, à noite, no navio que me reconduzia a Liverpool, alguns dias mais tarde, os raros passageiros que se achavam no salão, viram um jovem, o rosto entre as mãos, que chorava dando livre curso à sua dor".

Edel compreendeu que, embora contra a vontade, acabava de ferir duramente um coração. Sua recusa poderia comprometer a evolução religiosa do jovem, que sob sua influência, havia voltado à prática dos sacramentos. Visto que ele deixava a Irlanda sem esperança de regressar, ela achou de seu dever não interromper a correspondência que

mantinha.

O importador não se enganara: "Edel", escreve ele, "teve dó de mim e foi essa piedade que me alimentou durante as semanas, os meses e mesmo os anos que se seguiram, durante os quais ela respondeu escrupulosamente, carta por carta, página por página, a tudo o que eu lhe escrevia dos diversos países que atravessava, sucessivamente, para ganhar a vida". descortina-nos alguns Esta correspondência cerca de cinquenta cartas - horizontes, não sobre uma intimidade que ela não nos concede, mas sobre sua psicologia, sua percepção, seus gostos, suas leituras. Revela-nos uma alma discretamente apostólica e prudente. A primeira vista, uma tal correspondência que se inicia imediatamente após uma irrevogável recusa, não deixa de correr certos riscos. Na realidade, é uma expressão natural, de espontaneidade e de lealdade. Nem uma palavra que não esteja perfeitamente enquadrada no tom, nem uma frase suscetível de fazer renascer uma esperança frustrada. Impossível de se enganar: ela o dirá com uma clareza única, no dia em que seu correspondente deixará transparecer que espera ainda, contra qualquer esperança.

"Vê, Pedro", escreve Edel, "não mudei de opinião, e se for a vontade de Deus, não mudarei nunca. Estou absolutamente certa de cumprir o desígnio divino. Sei que isto parece presunção da minha parte, quando se considera o valor desse chamado. A vocação religiosa, porém, é uma graça de Deus, e aqueles a quem ela atinge, não se podem enganar. Talvez aconteça que, durante anos, não tenhamos a menor inclinação para esse gênero de vida, que sintamos até uma certa repugnância e, no entanto, embora nos defendamos e procuremos alterar o pensamento, o apelo persiste, e então distinguimos claramente a vontade de Deus. Recusar-se, pois, seria agir contra sua consciência e desprezar a graça, Reconheço que essas minhas palavras são difíceis de compreender, mas um dia, se Deus o quiser, Ele te fará penetrar o sentido. Custa-me muito explicar-te as razões, e nem mesmo o tentaria, se não fosse grande o meu desejo de que compreendas o meu modo de pensar. Perdoa-me essas divagações, é mais difícil escrever uma explicação do que a expor verbalmente." Depois, cessando de falar de si mesma, continua: "Percebi que farias grandes coisas para Deus e que Ele tinha trabalhos a te confiar. Nem sempre é fácil ver claramente Sua Vontade, mas desde o momento que Ele te escolheu, saberás o que quer de ti, e estou certa de que responderás: Fiat voluntas tua, custe o que custar. Penso que quando unimos

31

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

nossos sofrimentos aos Seus e que os oferecemos pela Sua Glória, eles se tornam suaves e Não sentes, Pedro, que estamos entre Suas mãos, e aquilo que nos chega é sempre o nos elevam até a sua Majestade Infinita. Tornam-se, então, fonte de verdadeira felicidade. melhor? Unamos, pois, nossos desejos aos seus e confiemos o futuro ao Seu Amor". Uma tal carta não se presta ao menor mal-entendido. Edel não mais voltará ao assunto. Ela sabe unir a firmeza da recusa com uma naturalidade e uma liberdade que provêm do dom da sabedoria. Da primeira à última palavra tudo é cristal. A maioria das cartas são bastante "matter of fact" e falam exclusivamente de negócios. Algumas assemelham-se a cartas de aluno a mestre. De tempos a tempos os papéis revertem-se, quando Edel aborda a vida espiritual e convida seu correspondente a se elevar. Nenhuma afetação, nem sermão, mas uma franqueza proveniente da simplicidade, da vivacidade e também da juventude, pois Edel não tinha vinte anos quando teve início essa correspondência. Seria ainda uma criança, extraordinariamente amadurecida para a idade, mas que se defronta com um homem muito mais culto do que ela. Percebe-se o seu desejo de se instruir, mas o admira e

respeita. Seu correspondente ficou dominado pelos seus encantos: a jovem percebe, mas procura fazer disso um instrumento de conquista para o bem, um convite a uma vida mais perfeita. Não dá o devido valor à sua pessoa. Apesar de sua evidente superioridade religiosa, parece acreditar na sua inferioridade.

"Pedi à Virgem Maria que te protegesse", escreve-lhe Edel, "e que fizesse o que fosse melhor para ti, portanto, sei que estás em boas mãos. Ela te concederá excelentes graças, muito melhores do que o que desejas atualmente.

Peço-te, Pedro, que não diga que não és merecedor; isto não é verdade, estás tão acima de mim, sob todos os pontos de vista. Deus sabe disso, e em relação à minha pessoa, foi somente em virtude de Seu misericordioso Amor que Ele pôde me chamar para servi-lo na vida religiosa. Reze, pois, por mim, a fim de que me torne menos indigna d'Ele".

Escrevendo estas linhas, Edel não alardeia humildade. Jamais demonstrou qualquer amor-próprio, considera-se realmente a mais ínfima das criaturas. Mas sabe, igualmente, que Deus se compraz nas almas desprendidas de si mesmas e tudo d'Ele espera. Visto que o amor é cego e Deus é amor, não deverá ele mostrar-se cego para conosco, pobres pecadores, e nos prodigalizar seus bens movido unicamente pelo seu grande amor? Edel nunca achará que já fez bastante para Deus, nem mesmo que mereça outra coisa senão a sua compaixão. Mas aceita prazerosamente que Ele seja tudo para ela e que supra todas as suas fraquezas.

Tal linguagem nos parecerá excessiva, custa-nos mesmo a compreender esses "exageros". Falta-nos um olhar mais penetrante para nos vermos tais como somos. Edel sente com acuidade o dever de viver inteiramente de acordo com a fé e o seu ideal.

"Um idealista", escreve, "que não procura praticar o seu ideal, não realiza um benefício. Penso, como tu, que a distância que separa nosso ideal dos nossos atos é o que há de mais aflitivo no mundo".

A GRANDE ESCOLHA

Tem horror a qualquer espécie de preferência e sabe que "não foi por brincadeira que Deus nos amou". Decidida, tenaz, profundamente séria, quer que seu correspondente, por sua vez, se entregue inteiramente ao serviço de Deus.

"É preciso", responde-lhe um dia, "que eu dissipe os receios que exprimes de não poder atingir uma verdadeira santidade, e vou falar-te com toda sinceridade e humildade. Seja qual for o trabalho que empreenderes, ou o divertimento a que te entregares, põe todo o teu coração e faz o possível para atingir o máximo."

Edel não gosta de depreciar nem de meias-medidas. Fará de sua vida uma realização da sua generosidade.

Jamais uma discordância entre a sua fé e a sua vida. Tudo é animado pela consciência, a harmonia entre a graça e a natureza é tão profunda que não se vê a menor interrupção. Ao seu correspondente chama a atenção sobre esse cristianismo integral que descobre numa pobre mulher:

"O que me dizes das lições que aprendes com os pobres, leva-me a te perguntar se algum dia conversaste com a arrumadeira do escritório em Eden Quay. A sua vida era realmente penosa, mas quando externava opiniões sobre diversos assuntos, lucrava-se muito sobre a maneira de praticar a fé."

Conforme dissemos, seu correspondente voltara à prática da religião. Edel sente a necessidade de o estimular; convida-o, pois, a lhe comunicar suas impressões religiosas: "Aprecio muito conhecer tuas reações a respeito dos hábitos da Igreja, da missa etc. São novos horizontes que se descortinam para ti e onde descobrirás belezas e motivo de

encantamento que nós, já habituados, nem sempre relevamos. Dize-me o que mais te impressionou, ficaria tão feliz em compartilhar da alegria de tuas descobertas."

Ela saúda com entusiasmo a simplicidade e a novidade da fé naquele que a procura com uma alma aberta.

"É muito fácil", escreve Edel, "ser católico quando se esteve sempre em contato com a fé e criado nesse meio. Seria surpreendente que algo não tivesse ficado impregnado, realmente, impossível escapar a isso, mesmo com muito má vontade.

Porém, é muito diferente, quando não se conheceu a fé, receber de repente essa imensa graça. É uma espécie de despertar, onde tudo é novidade. Quanto mais duro for o combate, mais apreciada e estimada será a vitória."

Esses excertos são os mais característicos de sua correspondência com P. L. Geralmente, os assuntos são menos pessoais e não suscitam essas reflexões que despontam do fundo da sua alma. O tom é jovial, natural de todo o dia. Excetuando a parte relativa aos negócios, são anotações rápidas sobre os homens e as coisas, impressões, observações psicológicas, ou simplesmente o "filme" da vida quotidiana. Essas linhas, entretanto, são preciosas porque nos revelam uma Edel desconhecida, dão-nos acesso a certos sentimentos de sutilidade humana, que ela não terá ocasião de exteriorizar no decorrer dos anos e que ficarão como que sepultados.

32

33

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Certo dia, envia ao seu correspondente, como presente de aniversário, uma gravata.

Escolha difícil, que muito a preocupou:

"Estou contente", escreve, "porque gostaste da gravata. Estava confusa ao decidir-me, pois estou certa de que ninguém melhor do que o próprio agraciado para escolher a gravata que lhe convém! Foram aquelas listras vermelhas que me deram dúvidas, pois receava não serem do teu agrado. Para dizer a verdade, se eu não tivesse remetido a gravata imediatamente, jamais a terias, porque por mais um pouco a minha coragem teria completamente se desvanecido. Quem hesita, está perdido! Levei uma hora escolhendo-a. No

fim a vendedora já estava irritada!"

Edel sabe observar e, sendo preciso, exprimir reações muito pessoais. Eis suas reflexões diante da reprodução de um quadro a óleo, "La vieille dame aux yeux bleus":

"Fiquei satisfeita em ver que o retrato da senhora idosa é aquele que conservaste uns dias em Éden Quay. Recordo-me bem do azul vivo dos olhos, da profundidade de sua expressão. Realmente acho que uma pessoa idosa com um rosto agradável e juvenil é muito bonita de se apreciar. Não aprofundas o estudo dos olhos? Há pessoas que parecem insignificantes quando as olhamos superficialmente e, entretanto, se observarmos seus olhos, não os podemos mais esquecer, não que sejam belos no formato ou na cor, mas pela expressão que revelam. Encontro-me várias vezes no trem com uma jovem de aparência simples, vestindo-se modestamente e, no entanto, é inesquecível pela expressão de seus olhos. Não são de uma beleza extraordinária, mas têm um magnetismo encantador." Ei-la discutindo novamente sobre arte.

Seu correspondente enviou-lhe um cartão postal representando uma obra de arte da Tate Gallery, de Londres.

"Obrigada", diz ela, "do cartão que representa uma estátua da autoria de Epstein. Que dom maravilhoso poder imprimir uma tal expressão ao metal! Sente-se quase o esforço que

dominou o artista; parece que a pessoa atingiu um grau estoico de resistência e, entretanto, sente-se que, se a angústia aumentasse, uma força interna permitiria àquele que a sofre suportá-la. Se o cartão postal o deixa entrever, o original deve ser encantador. Não é extraordinário que uma estátua possa nos interessar de tal forma? Somos como que constrangidos a olhá-la cada vez mais a fim de tentar decifrá-la e penetrar até no seu íntimo as expressões visíveis. É como que a procura de um ponto de referência que nos coloca na estrada certa". Quando Edel recebeu o pedido de casamento, sua resposta foi imediata: pertencia unicamente a Deus. Esse dom há muito que o havia feito dentro do seu coração. Jamais teve a menor hesitação quanto ao chamado de Deus. Apenas a escolha da congregação religiosa constituía um problema. Aqui ainda sua paixão pelo absoluto orientou-a, desejava a vida mais penosa, o sacrifício completo, a mais íntima união com Deus. Optara, pois, por uma Ordem contemplativa, austera entre todas, a das Clarissas. Vocações como essas surpreendem. Nossos contemporâneos, mais do que

A GRANDE ESCOLHA

nunca, são tentados a dizer. "Por que este inútil desperdício?" "Ut quid perditio haec?" Desconhecem que as palavras são de Judas. Ignoram que o homem seja feito primeiramente para Deus e para sua glória. Não veem nenhuma relação entre a glória de Deus e os interesses do mundo. Como interpretariam essa loucura que é a escolha, total, do Único

Necessário?

Como compreenderiam um São Francisco de Assis, atirando uma bolsa de escudos ao lixo ou descendo do cavalo para beijar o leproso que encontra na estrada?

Entretanto, em cada geração existem almas que percebem um tal chamado e a ele correspondem.

Quando Francisco de Assis veio pregar a quaresma no ano de 1212, na igreja de São Jorge, encontrava-se entre os que o ouviam uma jovem de quinze anos, de origem nobre, cujo nome era Clara, ouvindo o "Poverello" "falar tão maravilhosamente do desprezo do mundo e da penitência, da pobreza voluntária, da aspiração ao céu, da nudez e da vergonha e dos santos sofrimentos de Nosso Senhor crucificado" - assim falam os "Fioretti", ela ficou deslumbrada, como se um novo mundo se descortinasse a seus olhos. Foi ao encontro de Francisco, ambos foram feitos para se compreenderem. "A Providência", disse o abade Perreyve, "fez certas almas com determinadas semelhanças que forçam essas mesmas almas, quando se deparam, a se olharem, se reconhecerem e se amarem". Assim aconteceu com São Francisco e Santa Clara. Na noite do domingo de Ramos, ela saiu sorrateiramente da casa paterna e dirigiu-se à capela da Porciúncula. Francisco, que a esperava, rodeado de seus primeiros companheiros, cortou-lhe os cabelos, em seguida ela substituiu seu vestido brocado por uma túnica de burel, nascia, assim, a segunda congregação franciscana. Clara lançou, sem pestanejar, esse desafio à natureza. Oração, penitência, pobreza, essa foi a sua vida. Deus correspondeu-lhe com magnificência, concedendo-lhe, já aqui na terra, um antegozo da bem-aventurança, essa alegria perfeita que o "Poverello" prometera a Frei Leonc, se ele concordasse com as solicitações. E Clara morreu murmurando essa radiante ação de graças: "Meu Deus, abençoado sejas por me teres concedido a vida." Há sete séculos que o exemplo de Santa Clara suscita imitadores. Avidas de pobreza, como tantos outros o são pelo dinheiro, as Clarissas querem mostrar ao mundo que se pode viver feliz, confiando unicamente em Deus, cumprindo exatamente as bem-aventuranças.

Enclausuradas em seu convento rebocado de cal, obrigadas à abstinência e ao jejum perpétuos, deitando-se vestidas sobre o chão duro, passando uma parte da noite a cantar o

ofício, elas fruem aqui na terra a glória de Deus. Cidadelas da pobreza e da oração, esses mosteiros são os pontos culminantes que atraem a graça e fecundam o apostolado visível. Edel, seduzida por essa vida de doação total, decidira-se a continuar, por seu lado, a grande aventura franciscana. Para uma renúncia mais completa escolheu o mosteiro das Clarissas na cidade de Belfast.'

(1) Belfast, é a capital de Ulster e o centro da Irlanda do Norte, onde os protestantes representam a maioria.

34

35

DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

No seio dessa cidade hostil à fé de seus antepassados, ela seria uma presença de Deus e de sua Igreja, o grão de trigo que morre para apressar a hora da colheita. Nada mais restava senão aguardar o momento almejado.

domingos. Agradece ao céu os raros instantes de solidão e de silêncio. "Será que não sentes Para isto já está se preparando pelo recolhimento prolongado de todos os fadiga, perguntava ela, certo dia, em uma de suas cartas, "de ouvir uma porção de gente tagarelar, cada um procurando impor seu ponto de vista? Chego a perguntar a mim mesma como podem se contentar em viver assim constantemente! Que encantos se encontra na vida eremítica! Não é curioso que seja tão difícil obter-se uma paz e uma tranquilidade absolutas?"

Edel preparava-se também para sua próxima entrada ao convento iniciando-se ao estudo do latim. E a P. L. dá a seguinte explicação: "Note bem, a Congregação em que aspiro ingressar é contemplativa, e, em diferentes horas do dia e da noite, o ofício divino é recitado em latim. A Madre Abadessa perguntou-me se eu aprendera essa língua: um pouco, quando estava no internato, respondi-lhe, mas não sou muito forte..." Seu correspondente oferece- se para lhe dar algumas lições, ao que ela responde: "Será talvez melhor renunciarmos a essa ideia, pois, como te disse, estou ainda muito no início, e para tu que possuis sérias noções, seria mortalmente enfadioso."

Numa época em que o movimento litúrgico ainda não se revestira de toda sua amplitude, Edel sente a necessidade de unir-se às fontes litúrgicas para alimentar a vida espiritual. Entretém-se sobre livros e liturgia com P. L.

"Acho que se te puseres a perambular diante de Burns, Oates & Washbourne, tornar-te-á um bom cliente. A mim me parece terrivelmente difícil resistir ao desejo de adquirir livros. São João da Cruz escreveu obras muito belas, entre as quais "A subida ao Monte Carmelo" e "A noite escura da alma", que são suas obras-primas. Fizeste muito bem em comprar um missal e a tua escolha deve ter sido muito boa porquanto adquiriste esse que contém as explicações sobre a liturgia própria a cada missa. Geralmente, os missais não dão essas explicações, o que é uma grande lacuna. De algum tempo para cá o estudo da liturgia vem se desenvolvendo consideravelmente, antigamente, era muito desprezado, embora descortine um vasto campo de estudos".

Coisa curiosa, um grande número de cartas de Edel a P. L. terminam pela sua assinatura seguida das iniciais H.B.S, o que significa "Handmaid of the Blessed Sacrament" (serva do Santíssimo Sacramento). É o nome de uma congregação eucarística. Essas iniciais desaparecerão mais tarde. Por que ela as colocava sob o seu nome? Não deu nenhuma explicação. Talvez signifiquem uma recordação discreta de sua vocação religiosa. De qualquer maneira, o tom de suas cartas, já o dissemos, não deixa dúvidas quanto a um possível retorno na sua decisão. Seu correspondente bem o percebe. Continua, contudo,

ainda, alguns anos, a lhe escrever, sem nunca jamais fazer a menor alusão ao sonho desfeito. De tempos a tempos, um cartão postal enviado de algum país longínquo prolonga

36

a conversação iniciada. Depois, tudo é silêncio.

A GRANDE ESCOLHA

Sem essas cartas, salvas da destruição, não teríamos podido entrever esses refolhos de sua alma, essas vibrações humanas que melhor nos fazem compreender a jovem missionária. Tudo isso humaniza Edel, ao mesmo tempo que a destaca como "estranha ao mundo e hóspede de passagem".

A hora em que se afasta da vida terrena a consideramos mais próxima dos homens. Se renuncia às alegrias da terra, não deixa de conhecer o seu valor, porém, sua vocação tão sublime não é um desprezo, mas sim uma preferência. Diligis me plus his, "Amas-me mais do que estes?", perguntava o Mestre...

CAPITULO IV

DESCOBERTA DA LEGIÃO DE MARIA

"Quem é esta que avança como a aurora, formosa como a lua, brilhante como sol, terrível como um exército em ordem de batalha?" (Cântico dos Cânticos)

A vida de Edel Quinn é feita de trabalho obscuro e de oração velada. Como tantas outras, vai, todas as manhãs, para o escritório, instala-se diante da máquina de escrever, bate cartas e propostas, regulariza com o banco transações importantes, anota as entradas e saídas de material. Nada disso constitui algo que seja de natureza a atrair a atenção sobre sua pessoa, aliás, seu desejo é de passar despercebida. O segredo de sua vida interior não é divulgado a ninguém, e, exceto o brilho de um sorriso luminoso, uma beleza não comum, porém discreta, e um hábito de ser prestativa a toda prova, assemelha-se a qualquer outra funcionária. Vive no ritmo insípido e apressado de suas companheiras, tragada pela engrenagem da vida moderna, bloqueada entre a tarefa da manhã e a da noite, cronometrizada pelas ocupações sem imprevistos. Com o equilíbrio da firma e a partida do importador francês, suas responsabilidades aumentaram, mas não modificaram em coisa alguma a norma da vida habitual. Um fator importante vai revolucionar essa existência, agitá-la profundamente e se tornar o ponto dominante de sua vida.

Um acontecimento fará dessa funcionária, quase anônima, de uma firma comercial, uma heroína do apostolado missionário.

Esse evento é a Legião de Maria.

Esse surto apostólico, do qual Edel se tornará uma das glórias mais puras, acabava de nascer em Dublin, alguns anos antes da instalação dos Quinn na capital.

37

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Tivera um princípio simples e discreto.

Em 7 de setembro de 1921, véspera da Natividade de Nossa Senhora, algumas em volta de uma mesa, formam um círculo rodeando uma estátua da Virgem que lhes pessoas se reuniram no local das obras de Myra House, em Francis Street. Agrupadas estendia os braços, num gesto de acolhimento. Tinham ido lá com o objetivo de procurarem conjuntamente um meio de trabalhar para o reino de Deus. Maria parecia esperar os serviços e, após uma invocação ao Espírito Santo, rezaram o Terço. O grupo compunha-se de um daquela boa gente. Reinava no meio deles, circundada de flores e velas.

Ajoelharam-se sacerdote, o abade Toher, um funcionário do Ministério da Fazenda e cerca

de quinze senhoras, quase todas empregadas em escritórios ou casas comerciais, gente de condição modesta, sem tempo para descanso, que lá vieram após um dia de trabalho. Desejavam entregar-se a um apostolado diretamente espiritual, complementar daquele dos associados de São Vicente de Paula. A maioria era pobre, nada podiam dar, exceto o melhor de si mesmas, sua fé e seu amor pelas almas. Compreendiam que havia algo a fazer, mas só traziam uma intensa boa vontade. A Virgem animou-as do mesmo ideal. E o fez por um concurso de circunstâncias e de coincidências. Certo dia, o funcionário que lá se encontrava e que era o único homem naquele grupo feminino, em meio a uma conversa, aludira à descoberta que fizera do "Tratado da verdadeira devoção", de São Luís Maria de Montfort. Teve dificuldade em lê-lo, confessara, tendo-o mesmo afastado diversas vezes, tanto o estilo e a ousadia mariana o chocavam. Mas, finalmente, conseguira ir até ao fim e um mundo se descortinara ante seus olhos. Frank Duff, pois trata-se bem dele, acabara de descobrir a doutrina da Mediação Mariana universal. Era a época em que S. S. Bento XV concedia ao Cardeal Mercier faculdade para a celebração da missa de Maria, Medianeira de todas as graças. Frank Duff compreendeu que nessa doutrina se achava a fonte da vida e, como homem de ação, resolveu tirar daí fins apostólicos. Estavam reunidos para ouvi-lo e seguiu-o. "Uma verdadeira devoção à Virgem Maria", dizia ele, "não pode ser devoção concentrada, passiva, inerte, sem efeito na vida do próximo, amar é agir. Se a devoção a Maria não obriga a seu serviço, a se dedicar sem tréguas, a ser heroico, não posso crer que seja sincera. Se amamos a Maria, compartilhamos sua angústia para com as almas e a ela nos dirigimos" Assim falava Frank Duff, naquela noite de 7 de setembro. Por sua vez, o sacerdote que presidia à reunião fez uma alocução comovente sobre a doutrina do Corpo Místico, a qual não somente era para se crer, mas praticar. O pequeno grupo ouvia com avidez, e se oferecia à Nossa Senhora para pôr em prática e viver essa realidade do Corpo Místico até suas últimas consequências.

A essa reunião inicial, ficou estabelecido que iriam, dois a dois, visitar o Union Hospital de Dublin, para levar aos doentes o conforto espiritual. Na semana seguinte, encontrar-se-iam novamente em Myra House a fim de prestar contas do trabalho realizado e receber novas tarefas. Imediatamente foram designadas as enfermarias a serem visitadas. Tudo ia muito bem, até o momento em que foi preciso dividir a seção das cancerosas.

38

DESCOBERTA DA LEGIÃO DE MARIA

Todas reclamaram esse privilégio. Foi o único ponto de litígio e foi resolvido pelo espírito de disciplina. Estava criada a Legião de Maria. Não restava a menor dúvida que essa obra iria se impor ao mundo inteiro. O seu iniciador eximia-se de ter sido o inspirador, fora apenas o instrumento da divina Providência.

Frank Duff é um homem de doutrina e de ação. E jamais dissocia esses dois elementos.

Sua divisa poderia ser a citação de São Tomás More: "The things, I pray for, Dear Lord, give me the grace to labour for", "Meu amado Senhor, quando vos pedir um favor, concedei-me ainda a graça de trabalhar por ele".

Crê que existem meios para converter o mundo. Para isso, diz ele, é preciso que todo católico comum se torne um católico normal, isto é, um apóstolo. Conta com os simples e os humildes para realizar essa tarefa sobre-humana, e acrescenta: eles têm bastante expediente e são fiéis, trabalham duramente e são perseverantes, não falam em vão e agem com eficiência. Todavia, é preciso organizá-los. Um homem sozinho que faça apostolado declara-se um original e um santo, desanima os outros e não será imitado. Um grupo que pratique apostolado oferece a todos, mesmo aos mais desprovidos de meios, um ideal acessível e imitável.

Frank Duff afirma isso tranquilamente, mas sente-se que, se for necessário, contra tudo e contra todos, ele continuará sua tarefa sozinho. Sozinho, sim, mas com Maria. Pois a chave de todo o sucesso, repete, é essa união com Maria. Foi por ela que o Cristo nasceu, foi por ela que Ele continuará a nascer. Basta ter a fé e ousar caminhar sobre as águas. A história da Legião de Maria é apenas a realização desses princípios, simples e revolucionários como o Evangelho.

O primeiro grupo, denominado "Nossa Senhora da Misericórdia", foi logo seguido de um segundo: "Nossa Senhora do Sagrado Coração". Esse último vai encarregar-se de uma missão, que representará papel relevante na vida de Edel Quinn, o abrigo "Santa Maria". Relatando a origem dessa obra especial penetramos ao mesmo tempo no coração da Legião de Maria.

decaídas.

Estamos em julho de 1922. Alguns meses apenas após a fundação da Legião. A paróquia de Francis Street está recebendo a visita missionária. Existe nesse quarteirão, no n. 25 da Blank Street, um alojamento de mulheres

Um dos vigários da paróquia, o abade Creedon, vai visitá-las em companhia de um missionário. Admiradas nos primeiros momentos, depois zombeteiras, as trintas e cinco pensionistas, reunidas então na cozinha, ouviam as exortações dos dois sacerdotes. Em breve ninguém mais escarnecia e algumas até choravam. Saindo dali, os ministros de Deus, tocados pela sinceridade do acolhimento e da contrição, procuram o meio de fazê-las sair do lamaçal. Alguém sugere convidá-las a fazer um retiro fechado. A primeira vista, parece loucura tal empreendimento. Há uma reunião para deliberação. Impossível, declaram, com

39

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

fundadas razões, as pessoas consultadas. A Legião não pode se expor ao ridículo, em caso de fracasso. Mas o espírito legionário triunfa, uma alma para salvar vale todos os riscos, tanto pior para os "ajuizados" e os "prudentes"! Faltava descobrir um convento para acolher as hipotéticas retirantes. Novas dificuldades a vencer, jamais se vira coisa semelhante! Finalmente, Madre Angela, Superiora das Irmãs de Caridade de Baldoyle, consente em ceder algumas salas disponíveis. Mas receia graves consequências. Enquanto isso, é preciso comprar o necessário para alojar aquela gente e instalá-la seja como for. Convocam cinco legionárias para irem ao n. 25 da Blank Street e fazer-lhes o inverossímil convite. Partem e, após muitas dificuldades, conseguem entrar. Espanto, desconfianças, reservas. À força de obstinação, o grupo vai de quarto em quarto, falando, tranquilizando e domesticando.

Essa "via crucis", de múltiplas estações, dura 5h. Em certos momentos, tudo parece perdido, depois a palestra é reatada.

Finalmente, promessas são feitas. "Que valerão elas amanhã?", pensavam as legionárias. Em todo o caso, foi fixado um encontro, um carro esperará as retirantes em Myra House, no dia seguinte, às 11h30. É preciso malhar o ferro enquanto está quente e não permitir que os demônios venham rodar à vontade.

House.

Na manhã seguinte, às 11h30, o coração apertado, as legionárias vão à Myra. Vinte e três "retirantes" lá estavam, 23 em 31, fiéis à palavra dada. O povo olha-as com simpatia e deseja-lhes boa viagem. Quando estão certas de que nenhuma retardatária ficou esquecida, Frank Duff instala-se ao lado do chofer, e as Srtas. Plunkett, Scrutton e Davis-três legionárias - s-tomam lugar junto às "convidadas": o carro roda em direção ao

cais. Param na igreja dos Franciscanos em busca de um pregador, pois ignoram ainda se o Padre Philip, convocado à última hora, obteve o consentimento de seus superiores. Esta parada escapou de ser a última. Do outro lado de Liffey estão abatendo os muros, vacilantes, do Forte Courts, o tribunal central da Irlanda, um dos últimos vestígios da guerra civil. Soldados, de armas à mão, mantêm, à distância, os curiosos. Foi o suficiente para despertar as suspeitas das viajantes: não seria uma armadilha para entregá-las à polícia? Um minuto a mais e teria sido o pânico geral. Felizmente abre-se a porta do convento e Frank Duff reaparece com o Padre Philip que, indicando o seu assentimento, irá encontrá-los logo. Alívio de todos. O carro transpõe a O'Connell Bridge e margeia a costa em direção de Baldoyle. As viajantes cantam como escolares em férias.

E o retiro se inicia. Ninguém pensa em fugir, apesar de certos alarmas e alguns dramas psicológicos. Madre Angela está tranquila, as Irmãs, que ignoram a qualidade das retirantes, declaram-se edificadas por essa piedosa confraria. O Padre Philip, um verdadeiro Santo António de Pádua, encontra as palavras que tocam o coração e, no intervalo das práticas, organiza jogos no gramado do campo de corrida situado próximo. Chega o dia decisivo: "Esta noite", anuncia ele, "haverá confissões". Pesca milagrosa, todas voltam-se novamente para Deus, inclusive duas mocinhas protestantes que desejam ser admitidas

40

DESCOBERTA DA LEGIÃO DE MARIA

na Igreja Católica. Surge, porém, um problema angustiante, que fazer dessas ovelhas convertidas ao encerrar-se o retiro? Mandá-las de novo para Blank Street seria perder o fruto daqueles dias. Abrigá-las? Mas onde? O problema do alojamento é inextricável naqueles primeiros anos de independência nacional, após a guerra civil. Resolvem, então, procurar o ministro Cosgrave e expor-lhe a situação. Este escuta os representantes da Legião, caminha de um lado a outro do seu escritório, enquanto o caso lhe é relatado minuciosamente, finalmente responde, muito emocionado, que não dispõe de nenhum imóvel, mas fará o impossível para ajudar. "Esta noite", diz ele, "vai haver reunião dos Ministros. Apresentem uma nota, exporei o seu caso e amanhã lhes darei a resposta". No dia seguinte uma carta do ministro Cosgrave punha à disposição da Legião, por três meses, uma casa em Harcourt Street, que servia de anexo ao seu próprio departamento. Era a salvação.

A casa estava vazia, depressa, pois o retiro já havia terminado, procuram uns móveis de ocasião vasculhando as salas de Myra House. As retirantes chegam de Baldoyle, limpam a casa de alto a baixo e aí se instalam. Na mesma noite, feita a entronização do Sagrado Coração, as srtas. Plunkett e Scrutton, as legionárias da primeira hora que viveram aqueles dias de retiro com as moças, tomam a si a direção da casa, Santa Maria estava fundada. Esse centro, como já o dissemos, vai representar um grande papel na vida de Edel Quinn. Ela será encarregada, um dia, desse apostolado especializado entre as "street-girls" e realizará maravilhas. No momento, Santa Maria é apenas um abrigo provisório para as vinte e três retirantes de Blank Street, que retornam à vida normal. Exceto uma, todas perseveraram.

Essa primeira experiência orientou as legionárias nessa direção e foi a origem de um apostolado de maior envergadura. A transição se fez de uma maneira fortuita. Um dia, duas novas pensionistas de Santa Maria fugiram para retornar a seu lugar de origem, Bentley Place. Esse nome era conhecido não somente em Dublin, mas além dos mares, como um antro de todos os vícios. A necessidade de recuperar as fugitivas despertou a atenção das legionárias sobre aquele cancro temível. Decidiram atacá-lo. Era um centro de libertinagem e de alcoolismo, tristemente famoso, restos dos exércitos de ocupação. Três ruas inteiras,

compostas unicamente de casas suspeitas, formavam uma espécie de "no man's land". As leis e a polícia declaravam-se impotentes diante daquela cidadela do vício. Isto já durava havia mais de um século. Em vão tentara a polícia estabelecer a ordem, viu-se obrigada a bater em retirada diante da oposição. Ninguém ousara ali penetrar em nome de Cristo. Quando as legionárias de Santa Maria manifestaram um dia a ideia de se dedicarem a Bentley Place, todos foram unânimes em dizer que era pura loucura. Aliás, acrescentavam, não há muita possibilidade de sair vivo daquele inferno. Uma espécie de polícia secreta aterrorizava os próprios habitantes e os mantinha no respeito pela "desordem" que lá reinava. Encarava-se seriamente aquela situação e os "desmancha-prazeres" pagavam de tempos em tempos com a vida qualquer tentativa de não-conformismo.

41

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

"Entretanto", repetiam obstinadamente as legionárias, "é preciso tentar o impossível para salvar essas almas. Somos, ou não, os soldados da Imaculada? E não é companhia terrível como um exército em ordem de batalha?"

Iniciam-se os inquéritos, infelizmente, são vagas as informações, ninguém conhece a situação exata dos habitantes, nem o seu número. Finalmente conseguem saber um nome e um endereço, tratava-se de uma infeliz jovem, conhecida por Mary. Nada de positivo se sabe a seu respeito.

As pessoas sensatas aconselham abandonar a ideia e não arriscar a deslocação daquelas casas contaminadas.

Place.

Um dia, acompanhado da srta. Plunkett, Frank Duff aventura-se a ir a Bentley Interpelado por um guarda, pede que o conduza ao domicílio de Mary. O homem reconhece-o-Frank Duff prestou-lhe certa vez um serviço e sem mais delongas, acompanha-os até a casa de Mary. Entram. Cinco jovens lá se achavam, numa única peça, uma na cama, doente, as outras, de pé, ao redor.

A título de introdução, Frank Duff pergunta se pode ver Mary. Respondem-lhe que sim, mas que está agonizante, e com o dedo indicam a enferma. Uma conversa amigável se inicia então: a pobre criatura está no extremo, e a miséria é tal que o médico nem foi chamado.

As legionárias propõem conduzi-la ao hospital: ela aceita. Vão procurar um carro e embarcam-na, enquanto que suas companheiras agradecem os bons samaritanos. No hospital, Mary pede para ver um sacerdote, confessa-se com uma sinceridade comovedora e morre algumas semanas mais tarde, na tranquilidade de espírito e na paz do Senhor.

Este foi o primeiro lançamento da rede da Virgem Maria, Mãe da Misericórdia, em resposta à primeira visita dos legionários a Bentley Place.

O serviço fúnebre para Mary serve de ocasião para que os legionários entrem em contato com algumas pessoas daquele mundo suspeito. O gelo está agora rompido, a desconfiança também. A partir daquele momento, cora uma regularidade que jamais se desmentiu, os legionários penetram nas ruas de Bentley Place e visitam as casas, uma a uma, quarto por quarto. Descobrem perto de duzentas pensionistas do gênero de Mary. Com paciência e bom humor inalteráveis, e com uma confiança desmesurada na Virgem, os legionários de Maria conquistam as almas, uma após outra, e obtêm que elas aceitem passar alguns dias em retiros fechados em Santa Maria e que lá permaneçam enquanto aguardam um emprego.

Dois anos decorreram. Graças a esse trabalho perseverante, o número de decaídas diminuiu para cerca de quarenta e cinco. Por uma graça especial da Providência, a missão

paroquial é feita naquele ano por três jesuítas de valor, os Padres Ernest Mackey, Richard Devane e Daniel Roche. Esses homens ilustres concentram sua missão sobre Bentley Place: organizam uma campanha de orações para sua extinção e juntamente com os legionários entram em contato com os personagens importantes daquele mundo

42

DESCOBERTA DA LEGIÃO DE MARIA

subterrâneo. Durante as três semanas que durou a missão, a visita legionária é executada com intensidade, diariamente, da manhã à noite. O efeito dessa ofensiva foi maravilhoso. Uma onda de arrependimento bafejou todo o quarteirão. A maioria dos "proprietários" e das jovens declaram-se prontos a mudar de vida e, por um acordo geral, decidiu-se o fechamento de todo o distrito na terça-feira da terceira semana do retiro. No dia convencionado, todas as casas, com exceção de cinco, fecharam suas portas e a maioria das pensionistas entraram para Santa Maria.

Era uma vitória, mas uma vitória que continha o gérmen de um fracasso, pois o fogo da corrupção que ainda fermentava naquelas cinco casas ardia como uma ameaça. O mal poderia contagiar a parte regenerada. Era preciso impedi-lo. Mas os proprietários recusavam obstinadamente a fechar as portas. Uma luta tenaz se desencadeia. Mas eles resistem a todos os argumentos. Uma última solução impõe-se, o recurso à polícia. O general Murphy, chefe de polícia, promete intervir. Certa noite, a polícia fecha à força as últimas casas abertas.

No dia seguinte, os jornais de Dublin comentam, em grandes manchetes, o reide noturno. Este golpe de força pôs Bentley transtornada e revoltada. Acusam os legionários de terem sido os instigadores da medida, ameaças de morte são proferidas contra eles. O reide efetuou-se numa quinta-feira, à noite.

Ora, as sextas-feiras eram os dias habituais das visitas legionárias no quarteirão. De diversos lados previnem os legionários que, se lá forem, naquele dia, não sairão vivos. É bem possível e eles o sabem. Há uma reunião de conselho, pesam os prós e os contras. Ir a Bentley Place, com aquela atmosfera superexcitada pelos incidentes da véspera, era arriscar-se ao pior. Não ir significaria que os legionários tinham medo, além de fortalecer a oposição e abandonar a possibilidade de apostolado futuro numa ocasião em que se tornava mais necessário. A decisão manifesta-se positivamente. Mas Frank Duff não quer que unicamente o fato de ter sido designado para tal tarefa determine as suas companheiras naquela noite. Pois ia lá habitualmente, com duas legionárias que se substituíam nesse desempenho. As que foram designadas para aquela sexta-feira não puderam prever o perigo, Frank Duff resolve apelar para voluntárias. Dirige-se à igreja, onde, geralmente, os legionários se encontram, antes de executar suas diferentes tarefas e reúne os membros que lá se achavam, casualmente. Explica os acontecimentos de Bentley Place, os perigos de lá ir naquela noite, as ameaças proferidas e a decisão do Conselho de irem apesar de tudo. "Porém", conclui, "não quero que me acompanhem unicamente pelo dever de disciplina e peço duas voluntárias para essa noite". Há ali 15 legionárias. Sem o menor vislumbre de hesitação, todas se oferecem, levantando a mão. Muito comovido com esse heroísmo espontâneo, Frank Duff hesita na escolha. Então, as duas senhoritas designadas para essa tarefa, na reunião precedente, adiantam-se num tom peremptório, declaram que ninguém tem o direito de dispensá-las. Partem, pois, com Frank Duff em direção a Bentley Place. Havia caminhado apenas alguns passos, quando ouvem gritos para não avançar se quisessem evitar uma desgraça. O pequeno

43

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

grupo prossegue no seu caminho, o coração batendo, mas o sorriso nos lábios. De todas as solidariedade popular estava contra eles. De repente uma mulher em fúria, cabelos ao vento, partes, os habitantes surgiam na soleira das portas, o ar estava pesado de ameaças, pois a atira-se contra os legionários, proferindo as piores injúrias. Sua agitação é extrema. Todos suspendem a respiração. Chegando perto dos três legionários, cai, a boca espumando, numa crise de epilepsia. Apressam-se em volta dela para ajudá-la, as legionárias também. E esta explosão acalma os nervos. Tranquilamente, Frank Duff principia a conversa, esclarece a todos sobre os acontecimentos da noite, explica que as prisões serão de pouca duração. A atmosfera volta à calma e conversam como bons amigos, a batalha estava ganha.

Para que se revestisse de maior brilho, os sacerdotes que pregavam a missão nas proximidades resolvem realizar a cerimônia final no coração mesmo de Bentley Place. E viu-se uma procissão percorrer essas mesmas ruas em que, dois anos antes, nenhum padre teria ousado passar. Borrifaram água benta nas ruas transversais. Frank Duff dependurou um crucifixo contra um muro alto, o pregador fez o sermão, de pé sobre uma mesa, enquanto que a multidão vencida, "conquistada" e feliz, o escutava em silêncio. Esta é a história de Bentley Place e de seu desaparecimento. Nunca mais o mal voltou a imperar ali, o quarteirão permaneceu honesto até o fim, isto é, até a sua demolição. Após a pesca milagrosa de Baldoyle, esse novo golpe de graça mostrava evidentemente que a Virgem Maria não se deixava vencer em generosidade e que ela pretendia corresponder, como Rainha, à confiança de seus filhos.

Era mais do que suficiente para dar à obra nascente a investidura do Alto.

São Luís Maria de Montfort sonhara ver surgir "um grande esquadrão de bravos e valentes soldados de Jesus e de Maria, de um e outro sexo, para combater o mundo, o demônio e a natureza corrompida, nos tempos perigosos que serão os nossos, mais do que nunca". O pequeno exército mariano, que acabava de conquistar suas primeiras vitórias, sentia-se feliz de se colocar sob sua proteção e continuar suas próprias audácias apostólicas.

O movimento achava-se nesse pé, quando Edel Quinn descobriu essa Legião que iria transformar sua vida.

O encontro deu-se casualmente.

Numa reunião de Filhas de Maria, Edel encontra Mona Tierney. Essa última conhecera outrora, no oeste, dois ramos da família Quinn. Desde muitas gerações, as duas famílias estavam ligadas por laços de amizade. Edel tão bem quanto a Mona, conhecia essas boas relações, e, naturalmente, desde o primeiro encontro, convidou a amiga a visitar os seus, na próxima quinta-feira.

"Impossível", retrucou Mona, "quinta-feira é o dia da reunião da Legião de Maria". Edel indagou que obra era essa que entravava tão bruscamente seu convite. Foi preciso explicá-la detalhadamente. Edel escutava com interesse e acabou dizendo: "Deixe-me também assistir a essa reunião".

Mona foi procurar a sita. Nancy Hogg, a presidente do grupo, que a convidou. Ela

DESCOBERTA DA LEGIÃO DE MARIA

achou que deveria acrescentar que a nova recruta, que conhecia apenas desde algumas horas, tinha lhe parecido tão exuberante de vida e de alegria, que certamente recuaria diante do trabalho regular e sem o maior encanto que a Legião poderia lhe oferecer.

Mona, aliás, confessou muito lealmente a Edel suas dúvidas quanto à sua perseverança, mas transmitiu-lhe o convite desejado. Edel a acompanharia na quinta-feira. Depois, então

se julgaria, com conhecimento de causa, das reações de Edel e dos prognósticos pessimistas de Mona Tierney.

CAPÍTULO V

MEMBRO ATIVO

"Prometo um serviço fiel"

(Promessa legionária)

Na quinta-feira seguinte, Edel encontrava Mona em Gardiner's Row nº 6 A presidente, Srta. Hogg, ativa e dedicada, deu-lhe cordialmente as boas-vindas e, na hora exata, iniciou-se a reunião semanal do Praesidium").

Todos se ajoelharam em volta da imagem de Maria, Medianeira de todas as graças, que se achava sobre a mesa, no centro da sala.

O sacerdote começa por uma invocação ao Espírito Santo: "Vinde, Espírito Santo, iluminai os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado.. Numa só voz o grupo responde:

"E renovareis a face da Terra".

(*) Para melhor compreensão do que se segue, damos, em poucas palavras, o esquema da organização. A base da Legião de Maria situa-se o grupo local, que compreende de quatro a vinte membros e tem o nome de Praesidium,

Os quadros são compostos de um sacerdote designado pela autoridade eclesiástica, a título de diretor espiritual, um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro.

Reunião semanal e ordem do dia sempre a mesma: oração ao Espírito Santo, terço, leitura da ata da reunião anterior, relatório do apostolado de cada um dos membros. Catena,

(Magnificat) alocução, repartição das tarefas, assuntos diversos, oração final, bênção do diretor espiritual. Os Praesidia de uma cidade ou de um distrito obedecem a um quadro superior, chamado Cúria, composta dos "oficiais" dos diferentes Praesidia. Finalmente, nos graus superiores existem, para uma diocese, o Comitium; para uma nação, o Senatus; para todos os países, o Concilium Legionis, cuja sede é Dublin, a cidade originária da Legião de Maria.

45

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

ingressam.

rezar assim? Algumas pessoas que se reúnem após um penoso dia de trabalho, tendo deixado a fábrica, a loja, o escritório. Sente-se que estão fatigadas, mas compenetradas. Isto é dito de maneira natural, mas com convicção. Quem são elas para ousar Sempre de joelhos, recitam o terço. A medida em que os mistérios se desenrolam, dir-se-ia que uma transição se opera entre o burburinho do dia e o novo mundo espiritual em que Escuta atentamente. Cada um por sua vez, os membros relatam como foi executada a tarefa Edel procede como as outras. Ninguém presta atenção à sua pessoa, ela só observa.

Terminadas as orações iniciais, cada um senta-se em volta da mesa de reunião. que lhes foi confiada. Sobriamente, porquanto o tempo é escasso, contam-se as visitas, as aventuras, os fracassos, os imprevistos, os sucessos. Aqui ou ali um detalhe pitoresco, uma passagem de humor provoca o riso. Ninguém procura salientar-se, sente-se que não são os legionários que fazem apostolado, mas sim a Rainha, através deles. Agem em serviço organizado, em união com Ela.

"É caso de revisita".

As vezes, o relato de um fracasso termina por uma palavra que trai a confiança sobrenatural;

superaquecida e a aromatiza.

primeira vez em sua vida, a "Catena", essa oração triunfal que une todos os membros à No meio da reunião, a srta. Hogg levanta-se, todos a imitam, e Edel ouve, pela Mãe e igualmente entre si. E como uma brisa de primavera que passa naquela sala estreita, sol, terrível como um exército em ordem de batalha?" "Quem é esta que avança, como a aurora, formosa como a lua, brilhante como o Senhor."

Transformou-se o tom das vozes, a antífona ressoa como uma música festiva. E continua impregnada de alegre reconhecimento! "Minha alma glorifica o ilumina as fisionomias que se mostram mais serenas. Esse Magnificat, certamente, redobrou a coragem. Parece que um raio de sol

Sentam-se novamente. O sacerdote, diretor espiritual do grupo, dirige-lhes a palavra.

Recorda que "o homem é impotente para fazer o bem por si mesmo, mas que o segredo de todo êxito está na união com Deus. Para se comunicar com Deus, é preciso se unir à Mãe, é o caminho que Ele próprio escolheu, para chegar a nós. Com ela e nela, podemos ser instrumentos maravilhosos para a salvação das almas."

Após alguns minutos cala-se e todos fazem o sinal da cruz.

Os relatórios continuam.

Trata-se de visitas num quarteirão para preparar uma missão. Vinte casas já foram visitadas, mas muita gente acha-se ausente. É caso de revisita. Encontraram um pobre transviado que vociferou algumas injúrias às visitantes, mas depois acalmou-se. Não protestou quando lhe disseram, gentilmente, que voltariam.

Falam um pouco baixo por acanhamento natural. A presidente esforça-se para que

MEMBRO ATIVO

elevem a voz, é preciso que todos ouçam e a humildade não consiste em falar timidamente. Quando terminam, a srta. Hogg distribui as tarefas para a próxima semana.

Duas irmãs — é o nome que se dá às legionárias - irão procurar novamente Jonny e Molly que não vão mais à missa e que, segundo dizem, recomeçaram a vida anterior. Uma irmã irá ensinar o catecismo a uma senhora protestante que foi encontrada num pardieiro e que recebeu bem as visitantes.

Duas outras tornarão a si regularizar a situação irregular de um casal. São marcadas diversas entronizações nas famílias. Algumas palavras breves são ainda trocadas para precisar a hora do encontro, um endereço duvidoso, um nome de rua. Ninguém discute: fica estabelecido que cada um irá onde a Virgem o envia. É ela que tem a graça de tocar os corações, ela que inspirará as palavras a serem ditas no momento oportuno, quando o Espírito Santo está sempre presente.

Levantam-se.

Uma última vez, o pequeno grupo ajoelha-se aos pés de Sua Rainha e Edel ouve, de passagem, as palavras de uma oração coletiva, na qual se fala de uma fé corajosa, capaz de empreender grandes coisas para Deus, de uma fé que nos faz ver e servir a Cristo no nosso próximo, uma fé que é como uma coluna de fogo para os guiar através do caminho. Ela compreende que se oferecem para ir às almas presas às trevas, para acender em toda a parte o fogo do Amor divino.

Outras palavras escapam aos seus ouvidos, mas compreendeu o essencial. A atmosfera dessa reunião, onde se entrelaçam nesse pequeno grupo o espírito do Cenáculo e dos primeiros cristãos dos quais foi dito "que eles perseveravam, unanimemente, na oração, com Maria, Mãe de Jesus", cativou completamente Edel. Sente que os Apóstolos continuam ali, sob seus olhos. Toma uma decisão, pedirá sua admissão.

Ao terminar a reunião, comunica seu desejo a Mona, surpreendida e encantada por ter sido tão má profetisa.

Edel harmoniza sem esforço essa nova vocação com a de Clarissa: uma a conduzirá à outra, pensa ela. Sonha um dia consagrar-se a Deus; enquanto aguarda, a Legião Ihe oferece a possibilidade de amar e de servir a Deus diretamente nas almas. Uma outra teria, talvez, preferido se isolar, para se preparar, assim, à vida contemplativa. O Amor de Deus coloca Edel nos caminhos, enquanto que o Mestre a convida a permanecer exclusivamente perto d'Ele. As obras às quais ela se dedicava, até então, eram obras de preservação moral. A Legião Ihe aparece como uma ocasião única de ir direto ao fim, de servir e de amar o Cristo nas almas desamparadas espiritualmente. Edel agradece ao Senhor pela oferta inesperada que Ihe é concedida.

O primeiro Praesidium ao qual pertencerá doravante, como membro ativo, receberá o nome de Nossa Senhora das Vitórias.

Rapidamente ela conquista a simpatia de todos, tanto é sensível seu encanto natural e sobrenatural. As almas têm seu perfume, como as flores, não se pode enganar.

46

47

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Sem poder analisá-lo, todos sentem na nova recruta tesouros de bondade e de dedicação.

Já na segunda reunião, ela se integralizara com a equipe como se Ihe pertencesse há muito tempo. Fato tanto mais notável quanto sua personalidade é bem marcante. Sentem-na decidida, e ela sabe defender seu ponto de vista; mas, sem magoar, mostrando-se ela mesma dócil à verdade. Procura, com paciência, advogar uma causa sem ferir o amor-próprio.

Vitórias".

Eis, a esmo, algumas impressões de suas amigas do grupo "Nossa Senhora das Vitórias".
"Edel era atraente, sempre vestida com distinção e delicadamente bela. Débil, Muito reservada".

parecia sofrer do coração, o rosto cobria-se muitas vezes de uma coloração arroxeadada.

"Edel possuía personalidade. Fazia o "relatório" sem eloquência, falava mesmo com uma certa hesitação, mas o que dizia causava efeito pela irradiação de sua cultura. "A lembrança que guardo de Edel nessa época é a de uma jovem muito silenciosa e reservada; nas visitas, deixava de preferência falar sua companheira. Raramente fazia alusão à sua família; tinha-se a impressão de que receasse vivamente que em casa acompanhassem sua nova orientação.

Insistia sempre em que eu lesse o "Segredo de Maria".

"Sentada a seu lado, a primeira coisa que me impressionou foi o movimento contínuo de seus lábios, balbuciando, evidentemente, orações jaculatórias ou outras. Em cada reunião, era sempre a mesma, o que me convenceu de seu espírito de oração. Com vivo interesse, observei-a melhor e fiquei impressionada pelo extraordinário brilho de sua expressão. A irradiação espiritual de seus olhos era tão convincente que dir-se-iam focos de luz emanando de uma fonte escondida. Algo na sua expressão fazia recordar Santa Teresinha, segundo seus melhores retratos. Não me custa compreender Celina, a irmã da santa, quando nos conta que, um dia, enquanto conversavam sobre o Espírito Santo e o sacramento da Confirmação, viu-se obrigada a abaixar os olhos diante do estonteante brilho dos de sua irmã Teresa. Edel possuía qualquer coisa desse encanto. Com efeito, senti que

Edel e Santa Teresinha eram espiritualmente irmãs gêmeas, e as relações que mantivemos desde então, reforçaram ainda mais esse pressentimento".

Vamos encontrar, nos mais variados autores, esse paralelo. Contentemo-nos com anotá-lo de passagem, porquanto merece ser mencionado.

No domínio da ação, Edel iria, sem demora, dar-se totalmente.

Os arquivos do Praesidium desapareceram, não podemos, pois, comentar minuciosamente o trabalho que ela teria realizado.

A Legião, como sabemos, pede aos seus membros, pelo menos, 2h de apostolado por semana. Edel não tardou a exceder esse tempo. Dedicava cinco tardes por semana às suas tarefas e, às vezes, mais. Por coisa alguma teria faltado a uma visita prometida a uma alma sofredora.

MEMBRO ATIVO

Confessa certo dia a P, L.: "Tive duas visitas para fazer. Que suplicio horrível, detesto as visitas. E você?", escreveu ela, "sem pensar que esses textos poderiam ser divulgados. "Quase todas as minhas tardes se passam em visitas. E como se trata principalmente de pessoas idosas, teria remorso de lhes decepcionar com a minha ausência". Detesto as visitas, eis Edel no ponto de vista natural. "Todas as minhas tardes se passam em fazer visitas", eis Edel no sobrenatural.

Notar-se-ão essas linhas, elas revelam uma grande preferência para as almas solitárias ou abandonadas, os anciãos, os enfermos. Edel obtém suas simpatias duradouras.

Alegremente, lhes sacrificará, principalmente, suas tardes de domingo, porque nesses dias ninguém vai visitá-las.

Para começar, confiam-lhe a missão de divulgar a entronização do Sagrado Coração de Jesus nas famílias. Aliás, as tarefas eram múltiplas e a equipe estava sobrecarregada.

Tanto mais que ela se encarregava da visita regular ao hospital "Mater Misericórdiae". Uma outra tarefa habitual era a visita aos pardieiros nas redondezas da Gardiner Street. Edel reserva para si uma grande parte desse trabalho, e, quando protestavam, sem razão, contra seus excessos de zelo, respondia, invariavelmente, por uma alegre risada que desarmava a todos. Tinha um modo todo especial para afastar os elogios ou os agradecimentos, tanto se apagava e minimizava os obstáculos. Não recuava. Se fosse preciso, dizia uma amiga, ela teria atravessado um rio para prestar um serviço ou não faltar a uma reunião. Quando tinha que relatar publicamente seu trabalho, falava depressa. Devido a contínuos resfriados, perdia facilmente a voz. Sentia-se mais à vontade no contato individual, onde sua timidez era mais facilmente dominada. Além das visitas, duas a duas, indicadas pela Legião, Edel teve cedo seus "casos" particulares.

Alguns ficaram célebres. Por exemplo, o da srta. Y, uma pobre abandonada que ocupava sozinha um único aposento nas proximidades de Santa Maria, num quarteirão de Cuffe Street. Essa senhora sofria terrivelmente de uma ideia fixa, seus vizinhos de frente, dizia ela, perseguiam-na, batiam à sua porta, tornavam-lhe a vida infernal. O caso havia sido assinalado à Legião, pelos membros de São Vicente de Paula. Edel a ele se dedicou, durante meses e meses, com uma regularidade exemplar, instalava-se na casa da senhora e, com muita bondade, acalmava suas obsessões. Podemos calcular sua paciência, assinalando que a srta. Y reclamava quando a visita durava menos de 2 a 3h.

Outra pessoa solitária habitava aquela mesma rua e também era beneficiada por uma grande parte do tempo e do coração de Edel. Convertida, muito piedosa, apreciava os autores espirituais, particularmente São Paulo da Cruz, Edel ouvia-a pacientemente e lhe fornecia a leitura apropriada.

A essas visitas de piedade, Edel sacrificava de preferência, como dissemos, suas tardes domingueiras. Era sua maneira própria de arrematar a santificação do domingo: de manhã, comunhão eucarística, à tarde, comunhão com o Senhor sob as espécies do pobre

49

48

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

encontro com o Mestre.

e da alma abandonada. Sua fé lhe dizia que, tanto de uma ou de outra forma, era sempre o O resto era secundário.

Após ter servido, durante dois anos, nas fileiras da Legião, como membro ativo ordinário, confiaram-lhe a presidência do Praesidium "Maria, Refúgio dos Pecadores". Esse grupo ocupava-se de uma tarefa particularmente árdua e delicada: a conversão das raparigas extraviadas. Vagando esse posto de confiança, o Conselho apelou para Edel, que o aceitou. Mas, quando os membros do "Maria, Refúgio dos Pecadores" viram chegar em Myra House, onde se realizavam as reuniões, aquela jovem de pouco mais de vinte anos, ficaram consternados. Havia solicitado uma pessoa experiente e de mais idade para levar avante aquele trabalho audacioso, e eis que o Centro lhes enviava uma jovem que só tinha aparentemente a seu favor um gênio comunicativo e sua inocência. Ninguém ousou manifestar-se durante a reunião por ela presidida, mas ao término desta, deixaram-na retirar-se e procederam a um conselho de guerra. Ficou decidido que o diretor espiritual do grupo iria, em nome de todos, protestar junto à direção contra tal nomeação e recordar as autoridades as leis elementares da prudência e da sabedoria. Este desempenhou sua missão, transmitiu devidamente os receios e as apreensões, e retornou para junto de seus mandatários dizendo-lhes que o Centro insistia no seu gesto e assim não voltaria atrás. Edel tornou-se, pois, e continuou presidente do "Maria, Refúgio dos Pecadores". Essa designação, humanamente imprudente com efeito, mostrou-se muito judiciosa e o grupo em breve convenceu-se de que Edel conduzia sua equipe magistralmente. Sua segurança, golpe de vista e julgamento impuseram-se. Com que alegria ela se dedicou a essa tarefa delicada!

Como deve ter lido e meditado a parábola da ovelha perdida e do filho pródigo! Melhor do que ninguém, sabia que não estava à altura, reduzida às suas próprias forças, de afrontar aquele apostolado tão especial. Mas o legionário não está sozinho, e é com Maria e por ela que ele vai às almas. Essa união mariana lhe dava uma tal segurança que ela pôde vencer armadilhas e dificuldades. Mais tarde, na África, pedirá muitas vezes notícias de suas clientes, dedicando-lhes sempre um lugar privilegiado no seu coração.

Edel foi uma presidente exemplar. Esse cargo é complexo, dirigir a reunião, receber os relatórios, dividir o trabalho em curso, controlar os casos. Deve vigiar para que sejam respeitadas as regras e a disciplina, formar as dirigentes e pronunciar a alocução na ausência do diretor espiritual. Tudo isto presume muito tato. Edel impunha-se a todos pelo seu recolhimento na oração, sentiam-na, então, inteiramente absorta em Deus, isto, por si só, era a melhor das pregações. Sob sua influência o grupo aumenta em número e cresce a assiduidade dos membros, são índices que não enganam.

Dava o exemplo da mais absoluta generosidade. O papel de presidente obrigava-a a pedir aos membros um serviço leal e fiel e, nesse ponto, era mais exigente. Uma legionária de seu grupo declara a este respeito: "Edel entrega-se de modo absoluto e não podia

50

MEMBRO ATIVO

admitir que outros agissem de modo incompleto. Era muito paciente, porém mostrava-se descontente com os membros negligentes. Fiz meus primeiros passos no Praesidium que ela dirigia. Confiaram-me visitas a um quarteirão, além de Waterfort Street, e eu deveria encontrar minha companheira em determinado lugar, no domingo pela manhã. O tempo estava frio e úmido, mas cheguei pontualmente à hora indicada. Enquanto esperava minha companheira, pus-me a andar de um lado para outro, no fim de uma hora, como ela ainda não tivesse aparecido, resolvi desistir. Na reunião seguinte, essa companheira declarou que ela me esperara durante trinta minutos, em vão. Pediram-me explicações, foi preciso um bom momento para esclarecer que eu havia caminhado numa extremidade de Dorset Street, enquanto que a outra prosseguira em sentido inverso! A presidente observou rapidamente que era necessário que os encontros fossem bem marcados e pensei que o caso estivesse encerrado. Mas eu não a conhecia bem!

"Ao regressar, ouvi um pequeno sermão. Um encontro legionário", explicou Edel, "é um encontro com a Virgem Maria, para, em união com ela, executarmos um trabalho substancial. No caso presente, tratava-se de uma Lodging House. Essa visita teria talvez decidido, ao menos, uma mulher a assistir à missa e impedir um pecado mortal. Edel mostrava com uma implacável lógica as consequências possíveis de uma omissão. Saber-se-á por acaso o benefício que acarreta uma boa ação? O bem, assim como o mal, não arrastam uma série de consequências? E, conclui Edel, a Virgem só poderia realizar esse trabalho, normalmente, com o nosso auxílio. É preciso cooperar na salvação das almas, pois isso ela espera de nós. Tal foi a lição que a presidente tirou dessa ocasião frustrada. E não foi esquecida".

Edel era de uma pontualidade perfeita. Conseguia conciliar seus deveres legionários, que para ela eram sagrados, com as obrigações de família. Com muito boa vontade acompanhava os seus a festas íntimas, sempre que podia. Lembram-se, ainda, de certa ocasião em que viram Edel, em grande toilette, na reunião do Praesidium e de lá ir a um sarau dançante em comemoração dos vinte e um anos de seu irmão.

Edel possuía um verdadeiro dom de compreensão. Algumas vezes forçava suas companheiras a fazer atos de virtudes transcendentais, mas de acordo com as respectivas mentalidades. Uma de suas amigas íntimas assim se manifesta: "Quando estávamos juntas, às vezes eu perdia a paciência. Por exemplo, se estávamos apressadas e encontrávamos alguém que desejasse falar com Edel, esta parava, escutava com a mais sorridente simpatia, dizia algumas palavras no momento oportuno, e parecia tão absorta na conversa como se não houvesse mais nada a fazer, excedendo mesmo o tempo habitual.

Certo dia, ao visitar uma família pobre, deixou-me esperando na porta de entrada da casa (não era uma visita legionária). Dissera-me que precisava parar apenas alguns instantes e me pediu que tivesse paciência. A expectativa durou no mínimo vinte minutos. Quando, finalmente, a porta abriu-se, ouvi o ruído de risadas, enquanto que a família dizia "Até logo" a Edel. Ela própria despediu-se como se tivesse deixado grandes amigos.

51

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Sempre observei que tinha para com todos as mesmas maneiras cordiais e simples, quer fossem ricos ou pobres, simpáticos ou não, interessantes ou enfadonhos. Edel ignorava as distinções, dava a todos o que tinha de melhor. Sua alma dirigia-se a cada um em particular, alheia às diferenças puramente externas. Embora de consciência muito delicada, não era absolutamente mesquinha e sabia sorrir com indulgência às fraquezas humanas. Aqueles

que não tinham sido chamados à alta virtude, ela se interessava pelos seus entretenimentos e procurava, na ocasião propícia, proporcionar-lhes inocentes prazeres".

Sob a mesma pena encontramos essa profunda reflexão: "Desprendia-se de toda a sua atitude uma ardente simpatia ao dirigir-se às almas sofredoras. Sorria sem ofender. Suas palavras, seus olhares o tom de sua voz mostrava que sentia profundamente e compartilhava da dor que lhe era confiada. Se sorria, era um sorriso de amor que pretendia dissipar as sombras de um coração oprimido. As almas, por conseguinte, abriam-se a ela facilmente, e sua proverbial popularidade era imensa".

Edel conheceu magníficos sucessos. Quando entrava em um lar, por mais modesto que fosse, o gelo derretia-se rapidamente, tanto era contagiante sua bondade, e seu amor desinteressado para com aquelas criaturas surdas ou rebeldes. Recebiam-na como se recebe um ser superior. Há almas que só se abrem, como flores, ao calor do sol. Edel irradiava simpatia, fazia desabrochar aquelas que dela se aproximavam. Sua juventude, sua pureza, longe de serem um obstáculo a certas confidências, atraíam-nas. Assim como o Mestre, ela vinha, não para julgar, mas para salvar; ao seu lado, os mais miseráveis sentiam-se em segurança. E dela ao poder divino, só havia um passo a transpor.

Edel tinha grande alçada sobre as pensionistas de Santa Maria, que visitava duas ou três noites por semana. Entregava-se com o maior entusiasmo à tarefa difícil de divertir aquelas pobres raparigas. Era preciso inventar-lhes uma série de distrações, aproveitar todas as possibilidades que poderiam tornar menos penosa aquela reclusão a criaturas, que acabavam de deixar a libertinagem das ruas. Tocava piano e dançava de igual para igual, assim não tardou em conquistar-lhes o coração. Organizava cenas com um sucesso extraordinário; imaginava um assunto e distribuía os papéis: "Você, Mary, vai ser a mãe, você, Kitty, o pai. As outras serão os filhos. Agora, escutem. Eis o que precisam fazer..." Edel discorria sua história, tomando cuidado que cada um representasse o papel que melhor The convinha ou que julgava capaz de executar, para esta, uma canção, para a outra, uma dança, e assim por diante. Conseguia assim com que todas entrassem plenamente no brinquedo e procurava prolongar essas reuniões, o máximo possível.

Edel lhes sacrificava, aliás, sem medir, suas poucas horas de lazer. "Recordo-me bem", escreve Mona Tierney, "de diversas ocasiões em que, voltando tarde do tênis, ela nos deixava no n. 75 de Harcourt Street, para visitar suas outras amigas". Estas sentiam instintivamente essa dedicação sempre disponível e a amavam de todo o coração. De bom grado, a teriam conservado ao seu lado. Uma tarde que Mona Tierney e Edel foram a Santa

52

MEMBRO ATIVO

Maria buscar bandeiras para uma festa, as pensionistas não queriam deixá-la partir. Com muito custo, conseguiu convencê-las de que naquela vez, não podia ficar. Esse ascendente era precioso, pois aquele público não era facilmente governável. Geralmente, com seu jeito peculiar, Edel conseguia dominar os múltiplos gestos mal-humorados daquele pequeno mundo de excessiva sensibilidade. Alguém se recorda, entretanto, de uma noite em que a tempestade não serenou tão depressa como de ordinário. Edel passava um fim de semana em Santa Maria, em companhia de algumas voluntárias, a fim de permitir à equipe dirigente descansar um pouco e tomar dois dias de férias. "No domingo à noite, contaram-nos que houve uma cena entre as mulheres. Não me recordo exatamente qual fora o motivo, uma das legionárias, porém, ao relatar-me o drama, disse: "Você bem pode imaginar o que se passou, a ponto de fazer Edel chorar! Foi a única vez da minha vida que eu a vi chorar!" Falei a esse respeito a Edel, mas ela respondeu evasivamente e percebi que procurava

evitar esse incidente desagradável. Tive a impressão de que o que lhe fez mais sofrer, na ocasião, foi de ver a degradação moral de certas almas".

Edel, como o dissemos, consagrava quase todas as noites a esse trabalho de conversão e de reconquista moral. Suas amigas e sua família inquietavam-se dessa surmenage. Unia das mais antigas legionárias, Irmã Cully, alerta a Irmã Nancy Hogg que exercia alguma influência sobre Edel, e pede-lhe a sua intervenção. Não era possível deixá-la ir todas as noites a Santa Maria, após um dia de trabalho árduo no escritório e lá permanecer até meia-noite, regressando à casa a oito quilômetros de distância. A Irmã Hogg prometeu aconselhar-lhe moderação e esperou a ocasião favorável que se ofereceu, naturalmente, pouco tempo depois. Encontrando Edel, voltando de uma cerimônia fúnebre celebrada por alma de uma legionária em White Friar Street, a Irmã Hogg passou à ofensiva com pequenas perguntas insidiosas: "Havia ela estado em Santa Maria na véspera? A que horas partira? Que pensaria sua família desses excessos?"

Edel, como de costume, estava de humor alegre.

"Oh! Lá em casa, nada mais falam, já é caso liquidado!"

"Se você não tomar cuidado", declarou a Irmã Hogg, "será responsável pelo enterro de uma outra legionária!"

Edel desatou numa risada.

"Seria magnífico!", respondeu.

E foi tudo. Como fazia antes, continuou a se dedicar de corpo e alma. Nunca media esforços, tanto o trabalho por fazer a absorvia. E esse trabalho estendia-se diante dela indefinidamente.

Seu Praesidium "Nossa Senhora, Refúgio dos Pecadores" que tinha por tarefa a visita às casas suspeitas, tornara-se uma garantia moral para os moradores daquelas ruas. Tarefa fatigante, em que sempre ocorriam imprevistos.

Ernmy Colgan, uma legionária de grande experiência, mais tarde presidente

53

54

UMA HEROÏDA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

de Santa Maria, recordou-se, então, da primeira visita que fizera com Edel, ao n. 48 de Newmarket. Logo na entrada, um papagaio estilizado acolheu-as com essas palavras; "Deem o fora, suas..."

Assim que Nora O'Mahony, uma daquelas locatárias, ouviu o papagaio, pulou da cama, foi ao encontro das moças, e as maldosas ameaçadoras dominando Edel, descarregou sobre ambas uma torrente de insultos que mesmo Emmy, embora conhecendo essa linguagem, jamais tinha ouvido.

Muito calmamente Edel abordou-a. As maldosas de Nora abaixaram-se, foi iniciada uma conversa, num tom amigável. Ao sair, Edel lhe disse sorrindo: "Que Deus vos abençoe, Nora, voltarei no próximo domingo". A promessa foi mantida, domingo após domingo, sem resultado aparente. Algumas legionárias disseram que estava perdendo tempo. Edel replicou que esse era um pensamento pessimista que deveria ser logo combatido. E prosseguiu.

Emmy Colgan lembrou-se de ter ainda acompanhado Edel a uma casa suspeita, muito conhecida, e que era literalmente frequentada por street girls.

Eram, pelo menos, em número de vinte, as que ali viviam em quartos contaminados. Edel dirigia-se a cada uma em particular, com o maior carinho, e conseguia habitualmente trazer

algumas para assistir ̄ missa. Emmy Colgan conclui dizendo: "Edel convenceu muitas raparigas a deixar a vida pecaminosa e entrar para Santa Maria".

Somente Deus sabe por que prēo.

CAP̄ULO VI A PROVĀ・グ

Deus escreve direito por linhas tortas. (Prov̄rbio portugūis)

APROVĀ・グ

Esse trabalho extraordin̄rio n̄o impede absolutamente a Edel de preparar sua entrada para as Clarissas de Belfast. Entre sua vocā̄o legion̄ria e sua vocā̄o religiosa, n̄o h̄. em sua alma a menor solū̄o de continuidade. O dom total de si mesma a Deus continua sendo o sonho de sua vida. ̄・Ele que ela v̄ nas almas que cruza em seu caminho, ama-as, n̄o somente por amor de Deus, mas mais profundamente, do pr̄prio amor de Deus. O que procura no convento n̄o ̄ encontrar pessoas com as mesmas aspirā̄es que as suas ou satisfazer suas inclinā̄es pessoais, mas a liberdade de entregar-se completamente a Deus. O que aspira, antes de tudo, ̄ ao tabern̄culo, ̄ comunh̄o eucar̄stica cont̄nua, ̄ comunh̄o com Deus, simplesmente. Encontrou seu Bem-Amado. Sua casa ser̄. a sua. Edel n̄o se prende a seus gostos pessoais, a vontade divina lhe ̄ suficiente. E essa vontade lhe aponta o caminho de Belfast, isto ̄, a penit̄ncia, a pobreza, o sacrif̄cio.

J̄. o seu trabalho legion̄rio ̄ uma rude escola de mortificā̄o, o apostolado obriga-a a uma continua abnegā̄o para acolher os outros, penetrar em seus pensamentos, compartilhar de seus sofrimentos.

Sua conduta e seu sorriso n̄o nos devem encobrir a ren̄ncia espont̄nea.

O Manual da Legīo que ser̄. seu livro de cabeceira - insiste, desde as primeiras p̄ginas, sobre a ascese inerente a todo apostolado: "Olhares maldosos, inj̄rias e ironias, cr̄ticas e zombarias hostis, fadiga de corpo e de alma, aborrecimentos nos dias de fracasso, negras ingratid̄es, frio rigoroso, chuvas, sujeiras, cheiros nauseantes, corredores sombrios, meios sordidos, ren̄ncia ̄s distrā̄es leḡtimas, aceitā̄o das preocupā̄es e inquietā̄es inerentes a qualquer intento, anḡstia que traz a toda alma delicada o espet̄culo da impiedade e da corrup̄̄o, tristeza que o corā̄o sente em compartilhar sinceramente das aflī̄es do pr̄ximo"

Para Edel n̄o s̄o mais palavras ocas: vive essas linhas. O apostolado lhe oferece um ḡnero de cil̄cio que aceita, corajosamente e que a predisp̄e ̄s penit̄ncias do regulamento franciscano.

Edel aguarda a hora em que seu sonho de vida contemplativa tornar-se-̄. realidade.

Aproxima-se esse momento, seu h̄bito de religiosa j̄. est̄. pronto, ela o mostra a algumas amigas. Em uma carta a P. L. explica essa demora involunt̄ria:

"Sei que voc̄ deve estar perguntando por que, em vez de trabalhar num escrit̄rio, n̄o ingressei mais cedo no convento. Quando deixei o col̄gio, algumas circunst̄ncias

55

UMA HEROINA DO APOSTOLADO TOLL QUINN

tomei as necessárias providências.

mostraram-mé claramente que meu dever era, como ainda é atualmente, ficar ao lado de meus pais. Pareceu-me, no começo desse ano, poder seguir livremente minha vocação, e Porém, quando fui comunicá-las a minha mãe, essa disse-me que eu ainda era necessária em casa.

Após ter refletido novamente e tomado conselho, percebi que meu dever era atender aos meus, no momento, e que conscienciosamente não poderia partir. Eis porque ainda estou

aqui. Perdoe-me, Pedro, este longo parágrafo sobre minha pessoa, não teria jamais me externado, e nunca falei com ninguém sobre esse assunto íntimo, mas senti que deveria comunicá-lo a você, que foi tão franco comigo".

indefinidamente. A exemplo de Santa Clara, anseia por oferecer a Deus uma juventude. Note-se, se ela consente em não precipitar a partida, também não a prolongará risonha, amizades que lhe são caras, um lar ternamente amado. Por amor d'Ele, mas também por amor dos homens. Não tem o mundo necessidade, para viver, dessas almas que se elevam acima das vaidades e avareza, e sabem conquistar, à força de pobreza voluntária, a liberdade dos filhos de Deus?

Finalmente, foi fixada uma data, Edel entrará nos primeiros dias de 1932. Vai começar sua turnê de despedida e partir para Belfast.

Em tal momento, Deus vai transformar os planos previstos e impor seu próprio desígnio, sua vontade imperiosa.

Edel cai doente inesperadamente. Uma hemorragia de origem suspeita obriga-a a um exame minucioso. O médico é preciso nas suas conclusões, repouso absoluto em um sanatório, poucas esperanças de cura, tuberculose adiantada. Ele o diz sem rodeios. Não se pode pensar mais em entrar para o convento. Tal como um calvário doloroso que aparecesse de repente, a uma curva da estrada, no meio de prados floridos, a provação surge, entrando o caminho. Não foi em vão que Edel nasceu no dia da Exaltação da Santa Cruz e que consagra uma devoção ardente à Paixão de Cristo, daí tirou o culto pela missa e aprendeu a unir os seus sofrimentos aos d'Ele. Chegada era a hora de se unir ao Sacrifício pelo sacrifício, e não vacila sob o golpe inesperado.

Com um sorriso de acolhimento à vontade de Deus, aceita o veredito que tritura sua alma. Ama a Deus e os Seus designios acima de tudo. Crê, de viva fé, que o abandono à divina Providência, dia por dia, hora por hora, é a chave de toda santidade. "Tudo o que acontece é adorável", ela o sabe, e os fatos são, como escreverá um dia, "os sacramentos da vontade de Deus". Essa vontade amorosa é só o que prevalece e confere a virtude santificante aos nossos sucessivos deveres. Comungar à vontade de Deus, é comungar ao Amor de Deus, é comungar ao Espírito Santo. Seu "fiat", ela o pronuncia com o coração de Maria, numa confiança total. Parece nada ter sofrido, tanto e completa a sua conformidade. Tudo lhe parece simples: de que se queixaria? Viu a página do livro, e uma vez que Deus

56

APROVAÇÃO

interrompe o capítulo iniciado, ela lhe estende com o abandono de uma criança, uma nova página. Ao ter conhecimento do seu projeto de entrar para as Clarissas, uma amiga lhe havia dito:

"Isto é absurdo. Espere que ainda vá refletir e mudar de opinião". Pouco depois do acidente, Edel vai procurá-la e lhe diz em tom jocoso:

"Você ganhou a partida! Não entro mais. Acabo de ter uma hemorragia e é preciso que vá fazer uma cura no sanatório." Isto é dito como um lato comum, sem importância, com o intento visível de minimizar e evitar as demais preocupações e tristezas. Reconhece-se invariavelmente Edel por esse traço, o que lhe diz respeito é sem importância. A provação não a alcançou desprevenida. Não será isso uma marca da predileção divina e não a concede Ele em número, peso e medida às almas que reserva para si? Não haverá sacrifícios a suportar para nos tornarmos eleitos de Deus? Não age Deus nas trevas e nas lágrimas, desde que seu amor invade as profundezas supremas? "Deixai-o, pois, conduzir", escrevia um autor muito apreciado por Edel, São Luís Maria de Montfort. Ele vos ama, sabe

o que faz, tem experiência, todos os seus desígnios são retos e amorosos, somente a nossa impaciência poderá prejudicá-los."

Edel conhece essas vias reais da cruz. Quantas vezes não releu o famoso capítulo da Imitação que canta o seu mistério! Como se tivesse pressentido o golpe, escrevera, pouco antes, a P. L., que as provações são o alimento dos fortes e que devemos saber suportá-las.

"É preciso, normalmente, esperar obstáculos pelo caminho. Mesmo para qualquer pessoa, saber dominar as preocupações da vida cotidiana, requer uma luta constante. É, pois, natural que uma alma particularmente capaz e dotada encontre dificuldades e provações ignoradas pelas almas mediocres. Os maiores santos foram os mais experimentados."

Certo dia, durante um retiro, Edel escrevera essas linhas, que vive intensamente: "Nós mesmos não sabemos o que devemos desejar, mas o Paráclito nos ensinará. A esposa se delicia na união mais absoluta com o seu bem-amado, toma a si os seus desejos.

Rejubilam-se por poder imitar o Senhor na alegre aceitação dos sofrimentos, reveses de saúde, acontecimentos cotidianos, eis os seus dons de escola. O presente mais precioso de nossa Mãe a seus filhos é a cruz. Rezar para obter a graça de aceitá-la calmamente e de boa vontade, à semelhança do Cristo".

Quando anunciou sua partida para o sanatório e separou-se de seu Praesidium, muitos se manifestaram. Todos haviam notado suas mortificações. Nada de surpreendente, diziam, que com tal regime tenha caído doente. Observavam que tomava chá sem leite, comia pão sem manteiga e se esquecia de se alimentar com grande facilidade. E a lista das "censuras" era longa e verdadeira.

57

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

No dia 5 de fevereiro de 1932, Edel foi conduzida ao sanatório de Newcastle, no Lá conquista rapidamente a simpatia das outras doentes. Uma dentre elas, Winny Leavy, com a qual continuará a se entreter, mesmo mais tarde, na África, descreve Edel nessa condado de Wicklow, onde permaneceria dezoito meses.

ocasião.

"Era inexecedível em gentileza e prestimosa, a toda prova, para com todos, multiplicando-se para ajudar a reconfortar suas companheiras. De caráter forte, com um bom humor constante e imperturbável, semeava alegria em torno dela. Nem um momento de depressão, porém, muitas vezes, risos que lhe arrancavam lágrimas. Como resistir ao contágio desse entusiasmo natural e comunicativo? A doença não parecia afetá-la, jamais uma palavra de amargor, jamais um queixume. Dava a impressão de ali estar em férias. Embora sofresse terrivelmente do frio, recusava qualquer aquecedor no leito e não se excedia em cobertores. Mantinha seu amor pela mortificação, não acreditava que a doença pudesse eximi-la de fazer penitências, às quais, contudo, procurava sempre dissimular."

"Realmente", declara essa companheira, "Edel era um ser excepcional, com as virtudes de uma santa".

Sua maior amiga no sanatório era uma jovem protestante, E. W. Via-a amiudadamente, assim como, aliás, à diretora do sanatório, a srta. S., igualmente protestante. Edel entendia-se com ambas maravilhosamente bem.

Ao deixar o sanatório, a srta. S. declarou que Edel era a pessoa mais encantadora que jamais passara pela sua casa.

E. W. não é menos entusiasta:

"Edel", escreve, "era uma jovem deliciosa, alegre, afável. Amava a vida e sabia apreciá-la. Muito presa ao lar, vivia para a família, o centro de sua existência. Cada um dos membros tinha um lugar especial no seu coração. Mesmo sem nunca ter encontrado seus familiares, qualquer um os teria reconhecido pelo que Edel dizia a respeito, podia-se perfeitamente imaginá-los de acordo com a descrição que ela fazia. Via o bem no próximo. Gostava da dança e dos livros."

Edel colocava-se ao serviço de todos, era natural que a ela recorressem. Uma noite, uma doente morre subitamente. A enfermeira, uma jovem protestante, tomada de pânico, em vez de ir chamar o pessoal competente, corre para Edel, pedindo auxílio. Edel levanta-se imediatamente e vai ajudá-la. Esse pequeno gesto denota a confiança que depositavam na sua inesgotável caridade. Esquecia tão completamente seu estado de saúde que conseguia fazê-lo passar despercebido pelos demais.

Impossível apiedar-se de sua situação: ela não o teria permitido. É sempre a visitante que se beneficia de sua alegria e de sua compreensão reconfortante. "Cegava-nos completamente", dirá uma delas, para exprimir a arte de Edel em desviar a conversa sobre

58

APROVAÇÃO

sua pessoa. Era difícil obter informações quanto ao seu estado. Estava sempre "muito bem", ou "Tudo era muito divertido". Eram suas frases favoritas. Via sempre as coisas pelo lado bom e, no entanto, Deus sabe qual era o reverso da medalha. Alguns aspectos de sua vida no sanatório eram assaz edificantes: apesar das luvas e agasalhos, os visitantes queixavam-se do frio que reinava nos chalés; Edel deve ter sofrido, mas não o deixava transparecer. Suas companheiras não pertenciam ao seu meio; ela, porém, parecia movimentar-se entre um grupo de amigas; recruta entre elas muitos membros auxiliares para a Legião. Ocupa um pequeno aposento preparado para quatro ou seis pessoas, mas permanece pouco tempo no leito, tanto assim que até os médicos têm dificuldade em tratá-la como doente grave. Entretanto, incontestavelmente, não há dúvida a esse respeito. Um de seus pulmões está fortemente afetado e o outro, embora em menor grau, acha-se igualmente comprometido. Após uma noite em que passou muito mal, confessa um dia a uma amiga, que não sabe como conseguiu levantar-se para assistir à missa. Mas sua força de vontade domina sua fraqueza.

Num retiro realizado em Baldoyle, ouvira o Pe. CV Leary fazer uma declaração que citava frequentemente:

"O que domina é a vontade, e somente a vontade". Essas palavras não foram perdidas: a vontade de Edel será inflexível.

Consagra à leitura uma parte de seu repouso forçado. Avida de se alimentar de profunda doutrina espiritual, e compartilhar com outros a alegria de suas descobertas, lê, com uma alma juvenil, pronta a instruir-se, decidida a agir logo que surge uma luz. Porém, recusa energicamente representar o papel de conselheira espiritual, mesmo contra as solicitações de uma amiga íntima. "Edel, nos diz esta última, era demasiadamente desconfiada de si própria para aceitar uma tal incumbência. Contentava-se habitualmente em indicar certos livros. Tínhamos gostos quase idênticos em matéria de autores espirituais: São João da Cruz, Santa Teresa do Menino Jesus, Dom Marmion, São Luís Maria de Montfort, Dom Vonier, o Pe. Plus, Blossius, etc. Edel apreciava também particularmente a Madre Juliana de Norwich, Elisabeth Leseur e alguns outros, cujas obras possuía. Em francês, lia "L'Esprit de Sainte Thérèse de l'Enfant Jesus", e estava decidida a sintonizar sua vida com ele. Desnecessário seria dizer que a leitura do "Novo Testamento" tinha a prioridade. E, em

seguida, vinha a "Imitação". Conheceu alguns trabalhos da grande Santa Teresa, mas recusou-se resolutamente a ler o "Castelo da Alma". Talvez tivesse lido alguns primeiros capítulos, e vendo que tratavam de graças extraordinárias, visões, êxtases, não viu utilidade na leitura desses fatos.

Respeita demasiadamente o valor do tempo para se entregar à pura curiosidade, e é por demais realista e prática para explorar caminhos que lhe são estranhos! Outra de suas amigas íntimas exprime-se em termos semelhantes, sobre suas preferências espirituais:

59

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

profundamente sua vida e dela se servia constantemente. Certo dia emprestou-me essa "Edel, escreve, tinha uma grande devoção a Santa Teresinha. Conhecia deixou-a deveras desapontada. Recordo-me de ter visto passagens sublinhadas e, nas biografias, mas logo devolvi o volume, pois não compreendia facilmente o francês: isso convento ela me ofereceu "O Espírito de Santa Teresinha do Menino Jesus" e "A Virtude da margens, anotações a lápis. Era um livro bastante manuseado. Quando entrei para o Confiança". Nesse último, seu capítulo preferido era "A Confiança em Maria".

Não era a primeira vez que o nome de Edel relacionava-se com o da Santinha de Lisieux. Os mais diversos testemunhos fazem espontaneamente essa aproximação preciosa, que muito evidencia sua intimidade espiritual. Numa determinada carta, P. L. ousara uma comparação. Edel reage imediatamente: "Estou certa, responda-lhe, que Santa Teresa não seria o que é, se tivesse alguma semelhança comigo, seja em que ponto for. Você não me conhece absolutamente, de outra forma não teria imaginado tal coisa. Teresinha era uma santa: eu ainda não galguei o primeiro degrau da escada. A única afinidade que poderiam encontrar em nós, seria a escrita, pois parece que ela escrevia mal. Mas, mesmo isto não resiste ao exame: ainda assim estamos como antipodas".

Seu correspondente não mais insistiu; manteve, porém, sua opinião. Edel convida-o a ler a biografia de Santa Teresa e lhe escreve: "Estou certa de que apreciará a vida de Santa Teresa, assim como o livro que me ofereceu, e que é tão substancial. Evidentemente, como tantas outras santas, ela é uma francesa!" Um pouco mais tarde, as reações de P. L. confirmam seu prognóstico. Radiante com essa comunidade de vistas, ela The escreve:

"Não me causa surpresa saber que você aprecia essa Vida; acho que podemos lê-la e relê-la sem nos cansarmos. Já o fiz diversas vezes e atualmente creio de novo deliciar-me. Sim, os Martin constituíam uma bela família; creio que a virtude dos pais contribuiu para a formação dos filhos. Como você, acho que Paulina e Maria eram tão santas quanto Teresa." O culto de Edel por Teresinha de Lisieux era ardente. Quando se viu obrigada a falar pela primeira vez em público sobre a Legião, apertou entre as mãos uma relíquia da santinha para ser bem-sucedida. Do amor à semelhança, há apenas um passo.

Pela sua resposta a P. L., quando este a comparava a Santa Teresinha, vemos com que firmeza rejeita esse paralelo. A humildade enraizada é um traço marcante de sua vida espiritual. Tem horror era falar de si e a deixar entrever os dons de Deus. Deve ser classificada na categoria dos humildes que poderíamos chamar de silenciosos. São os que fazem penetrar, mais profundamente, as graças recebidas, como Francisco de Assis ou Felipe de Neri, e que sentem prazer em ser o alvo do desprezo dos outros. Há também os que poderíamos denominar de humildes irradiadores, que, para glorificar as maravilhas de Deus, deixam transbordar as graças recebidas, reconhecendo que lhes foram

60

APROVAÇÃO

concedidas generosamente: "Deus operou em mim grandes coisas", cantou, no Magnificai, a mais humilde das criaturas. E assim deve ser, os dons de Deus são dignos dessa dupla homenagem; a do silêncio e a do louvor. A humildade de Edel é baseada no silêncio e retraimento.

Uma testemunha de sua vida a descreve assim:

"Sua humildade manifestava-se principalmente pelo desejo de permanecer escondida, despercebida. Daí sua extrema reserva sobre os assuntos espirituais. Gostava de parecer, àqueles que ocasionalmente dela se aproximavam, como uma cabecinha oca, sempre disposta a rir e gracejar. Detestava que a julgassem uma pessoa de grande cultura espiritual e, principalmente, por parte de sacerdotes e religiosas, porque isto lhe teria granjeado estima e consideração. Observei profundamente as suas cartas, após minha entrada para o convento. Ela não discutia mais, como antes, sobre seus temas favoritos; mas limitava-se simplesmente a me dar notícias sobre a Legião, acompanhadas de observações generalizadas. Eu sabia que ela agia assim com receio de revelar sua alma a outras pessoas que poderiam ler suas missivas. Uma reflexão que me fez certo dia a respeito da confissão esclarece esse ponto. Discutíamos sobre certas opiniões referentes à maneira de confessar os pecados. Edel disse: "Parece-me que toda confissão deveria estender-se à humilhação". Para ela, o relato das faltas deveria ser feito de maneira humilhante, e não compreendia como é possível confessar sem estar certo desse objetivo." Gentilmente troca livros e expõe suas descobertas. À Madre Tomás de Aquino, sua ex-professora de classe em Enniscorthy, envia preciosos livros espirituais. Procura mesmo fazê-la apreciar as obras de Dom Marmion. Um dia em que Madre Tomás falava à Superiora sobre esse intercâmbio, esta a felicita por ter conservado uma influência tão boa sobre sua antiga aluna. "Mas, absolutamente, respondeu Madre Tomás; é Edel que exerce sua boa influência sobre mim, e não o inverso; não vos enganeis!"

santos.

Edel aprecia a doutrina substancial à base de dogma. E também a vida dos

A lista de seus livros preferidos parece, à primeira vista, bastante escolhida. O historiador desejoso de classificações metódicas teria alguma dificuldade em situá-la numa escola de espiritualidade. Santa Teresa de Lisieux e Dom Vonier, São Luís Maria e Dom Marmion, São João da Cruz e o Pe. Plus acham-se ao lado uns dos outros, o mais naturalmente do mundo. Edel possui o dom peculiar às almas simples: ela vai direto ao essencial, à alma cristã comum sob a variedade dos carismas. Sente-se bem em toda a parte, porque tem uma alma católica. O que procura nesses autores, é a parte mais sensível do Evangelho, a substância dos dogmas vitais. Isto é bastante para o seu coração e para a sua fé. Adota com um instinto seguro tudo o que é da Igreja e recebe os caminhos extraordinários. "Não tinha a menor inclinação para as pequenas devoções", declara uma

61

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

testemunha; preferia o concreto". Um simples olhar para a sua biblioteca é suficiente para nos convencer.

O amor predominante pela leitura era, entretanto, sacrificado sempre que os deveres da caridade assim o exigiam.

Aproveitava as horas de lazer obrigatórias para ler os seus autores favoritos; mas, principalmente, para reconfortar os outros doentes. A própria saúde lhe parecia sem

importância. E assim passaram vários meses: o progresso é lento e os médicos ainda não dão a esperança de poder deixar o sanatório.

Após dezoito meses de tratamento, Edel decide por si mesma a pôr fim ao que The parecia uma vida de preguiça e de inação. Tem confiança nos médicos, mas a sua fé em Deus é muito maior e lhe parece que os pontos de vista de Deus e da Faculdade são divergentes. Poderia, pensa ela, continuar a seguir em sua casa um regime apropriado; seria uma considerável despesa a evitar aos seus. E, sem mais tardar, regressa a casa.

A família fica surpresa por esse gesto de vontade: dirão mais tarde que Edel quase que fugiu do sanatório. Partida tanto mais arriscada quanto os médicos não lhe dão esperança de cura. O bom e corajoso sorriso de Edel desarma todas as objeções: ela retoma seu lugar no lar.

CAPITULO VII

A VIDA CONTINUA

A VIDA CONTINUA

Fazer as pequenas coisas como se fossem grandes por causa da majestade de Jesus Cristo que as fez em nós, e que vive nossa vida; e as grandes como as pequenas e fáceis, por causa

do seu poder. (PASCAL)

Nos primeiros tempos de sua volta ao lar, Edel observa as prescrições médicas. Mas, após alguns meses, não sentindo nenhuma melhora, resolve não mais se preocupar. Para não ficar mais tempo dependendo dos seus, procura uma colocação como secretária na firma Callow- um depósito de motores de automóveis em Westland Row. Situação perfeitamente contraindicada para pulmões delicados. Edel trabalha em cima de uma garagem, num escritório obscuro, com luz elétrica, no meio de odores e vapores de celulose. Seu médico insiste, com energia, para que abandone imediatamente esse emprego, mas Edel acolhe esses apelos à prudência com alegre despreocupação, e declara, uma vez mais, que tudo é pelo melhor. Por outro lado, sua boa aparência a todos engana, e faz crer que ela recuperou a saúde. Edel, radiante com esse engano geral que lhe dá uma certa liberdade incontrolada, decidiu não desperdiçar o que lhe sobra de força e de vida, e de empregá-lo para Deus. Uma vez que os médicos se mostraram incapazes, não mais os consultará. Praticamente, vive como todo mundo. A única precaução é de tomar um dia de descanso após uma hemorragia.

Ao contrário das previsões pessimistas, sua saúde apresenta algumas melhoras. Jamais, porém, terá uma resistência normal: continua uma planta frágil, requerendo grandes cuidados. Prossegue o seu caminho como se este problema estivesse resolvido. Por vezes, deixa transparecer um permanente cansaço; porém, imediatamente, seu inalterável bom humor desfaz a impressão. A alma domina o corpo pela força: ninguém saberá jamais a que preço. Edel é a mulher forte e viril que cumpre seu dever; e, muito mais ainda, com essa suprema elegância que encobre o esforço e a virtude. Deus conduzirá sua vida segundo seus desígnios; quanto a ela, o único sonho é deixá-lo agir. Seu ideal não se modificou. No convento de Belfast ou no escritório de Callow, cantando o ofício divino ou datilografando a correspondência comercial, sua alma está voltada para Deus, e lhe canta um único cântico de amor que nada pode entrar ou interromper. A alegria domina o sofrimento; está fora do alcance dos homens e das circunstâncias. Esta serenidade trai-se por um humor sempre ardente, mesmo nas mais penosas situações.

"Ela apreciava as piadas inocentes, atesta uma de suas amigas, e encontrava matéria para divertimento em toda a sorte de pequenos acontecimentos. Algumas vezes parecia-me que ria demasiadamente dessas tolices e fiz-lhe a observação. Um dia, após uma explosão de

alegria, perguntei-lhe: "Você é assim naturalmente, ou por virtude?" Ao que ela respondeu: "É natural... quase sempre!" Compreendi, então, que sua alegria contínua não era somente devida

63

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

a disposições naturalmente alegres. Talvez exagerasse, voluntariamente, às vezes, em minha companhia para alegrar-me. Pouco antes da minha entrada para o convento, discutíamos sobre

as minhas possibilidades de admissão:

"Você pensa, perguntei-lhe, que vão me achar bastante alegre?" Edel respondeu com um olhar expressivo:

"Oh! Creio que sim! Você fez progressos nesse sentido depois que a conheci!" Edel levanta-se cedo todas as manhãs e assiste à missa no convento do Carmo em Blackrock. Antes ou depois da missa consagra meia hora à meditação.

Foi preciso a intervenção do seu diretor espiritual para fazê-la modificar o horário e escolher uma missa mais tardia. Quando toma as refeições em casa, come o que lhe oferecem; porém, quando está livre de jantar à sua vontade, contenta-se com um pequeno lanche. Um dia, uma amiga, visitando-a no seu quarto, apoia-se maquinalmente sobre o seu leito. Era tão duro que ela deixa escapar um grito de surpresa; "Como, pergunta-lhe, você pode dormir numa cama assim, que mais parece um estrado de madeira?" Por toda a resposta, Edel põe-se a rir e afasta-a de sua cabeceira, visivelmente perturbada pela descoberta. Um pouco mais tarde, durante um retiro, ambas ocuparam o mesmo quarto. Era o inverno. As Religiosas colocavam todas as noites aquecedores nas camas. Habilmente Edel retirava o seu e o colocava no chão. Era inútil discutir.

dissimulá-la.

Outra amiga íntima observa também sua atração pela penitência e o seu cuidado em "Não creio, escreve, que Edel tenha jamais escolhido o caminho mais fácil, anãs o fazia tão simplesmente que ninguém notava. A mortificação lhe era uma segunda natureza; nada adiantavam as advertências; só se obtinha um sorriso desconcertante ou um gracejo. Estou certa de que praticava penitências exteriores, mas era por demais reservada para falar nesse assunto. Disse-me, certa vez, que nada fazia sem a permissão de seu confessor, um sacerdote de Clarendon Street, e penso que ele não autorizava muita coisa nesse setor. De qualquer forma, seu estado de saúde não teria permitido". Apesar desse handicap, como já o vimos, ela não perde nenhuma ocasião ao seu alcance e sua engenhosidade é inventiva. Conhece o preço dessas pequenas vitórias sobre si mesma que não oferecem nenhuma satisfação ao amor-próprio e das quais Deus é o único a apreciar o segredo e o valor. Não é em vão que pertence ao país do Lough Derg!

Porém, por coisa alguma no mundo teria deixado perceber essa sede de penitência.

Ocultava-a da melhor forma, com uma habilidade comprovada, e mesclava-se à vida social com a maior naturalidade.

Veem-na tomar uma larga parte nas festas de caridade organizadas periodicamente para ajudar financeiramente os Centros Legionários, especialmente Santa Maria. Edel estipula os preços para as tombolas, toma parte nas partidas de whist (jogo de cartas), oferece seu concurso ao coro... Tudo isto lhe parece natural: a vida, com seus diferentes aspectos, não a deveria oferecer a Deus, integralmente?

64

A VIDA CONTINUA

Para Edel, o dever do apostolado não é um luxo facultativo: faz parte integrante do dever de estado. Ela aspira a retomar seu lugar como membro ativo da Legião de Maria. Assim que pôde, apresentou-se ao Praesidium "Nossa Senhora de Cenáculo". Não ousam, contudo, confiar-lhe missões demasiadamente pesadas para suas débeis forças. Aqueles que a conheciam antes de sua entrada para o sanatório observam que ela parece "um pouco mais pensativa do que anteriormente". Mas é preciso observá-la atentamente para descobrir nessa fisionomia sempre iluminada por um sorriso ao menos nascente, os vestígios desse amadurecimento oriundo do sofrimento. Com preocupação de poupá-la, confiam-lhe a vice-presidência de um grupo de jovens. Edel teria preferido uma missão mais árdua: queixa-se, rindo, que a colocaram num caixão. Ficam firmes, e ela se consagra, de todo seu coração, à tarefa que lhe é indicada. Esse Praesidium que lhe confiam acabava de ser constituído por algumas aprendizes-enfermeiras ligadas ao hospital infantil, em Temple Hill, Blackrock. O hospital é próximo ao domicílio dos Quinn e de sua amiga, Mona Mc Carthy, que é a presidente. Não há visitas a fazer, o trabalho semanal seria leve: ela não teria que roubar horas de repouso. Sua amiga se encarregaria de moderar seus excessos de zelo. Tudo fora sabiamente previsto e regularizado. Mas... pregar moderação a Edel?! Como um rio impetuoso e transbordante, o amor de Deus que a anima não tarda a romper os diques. Não podendo servir a Deus atrás dos muros do convento, ela O servirá no mundo. Somente sua alma permanecerá "enclausurada"

Por um estranho paradoxo, essa alma, ativa por excelência, será, mais que tudo, uma alma contemplativa, que aspira a retomar "a melhor parte", a do silêncio, às escutas do Mestre. Sonhava em ser Clarissa e renuncia contra a sua vontade. Sua união com Deus é constante, mas vai conduzi-la em pleno centro de ação. Antes de vê-la alçar voo, paremos aqui a aprofundar o enigma desse grande amor. Não é fácil, como já o dissemos, penetrar no santuário de sua alma. Todas as testemunhas de sua pessoa falam de uma barreira que se ergue diante do mistério de sua vida interior. As escapadas diretas são raras. É preciso captar de passagem as palavras reveladoras, apenas pronunciadas, compreender os silêncios significativos, adivinhar atrás das brincadeiras o gesto heroico que se dissimula, a chama ardente que devora essa alma de escol.

Sem penetrar no santo dos santos, é permitido, todavia, transpor o umbral. Edel tinha amigas íntimas, principalmente duas, uma das quais ingressou mais tarde em um Ordem contemplativa, e a outra em uma Ordem ativa. Ambas, separadamente, tentaram fazer um esboço de sua vida espiritual. Escutemo-las uma e outra:

"Quando Edel regressou a casa, como incurável, ao deixar o sanatório, nossas relações tornaram-se assíduas: três ou quatro contatos por semana e, em caso de ausência, numerosas e longas cartas.

Embora não se tenha jamais falado de seu estado de oração, era perfeitamente claro para mira, segundo sua maneira de se externar sobre as coisas espirituais, que se tratava de uma alma profundamente interior. Podia-se julgar de sua união com Deus mais pelos seus efeitos do que pelo que dizia. Dissimulava com um cuidado extremo sua vida espiritual a todas as nossas amigas comuns. Quando estávamos a sós, era mais expansiva; mas, assim que uma

65

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

terceira pessoa entrava em cena, erguia a "barreira" que todos conheciam. Falávamos então das novidades concernentes à Legião, ou de qualquer outro assunto agradável à recém-chegada. Só conheço uma exceção a essa regra. Certa vez, convidou-me a

acompanhá-la em uma visita a uma religiosa, Madre Tomás de Aquino, do Loreto Convent, Dalkey, se bem me recordo.

Edel me apresentou à religiosa e lhe disse: "É uma das nossas". Conversamos, então, livremente, como fazíamos habitualmente nas nossas conversas mais íntimas. Edel me fez repetir à Madre um sermão que eu ouvira em Clarendon Street na sexta-feira santa e que lhe havia relatado. O pregador explicara que a Paixão não é um acontecimento passado e encerrado, mas, sim, uma realidade sempre presente. Esforçou-se para nos fazer sentir a substância recôndita desse acontecimento, como fato eterno sempre vivo diante de Deus e realmente constante, no ponto de vista espiritual, para aqueles que se elevam acima dos simples acidentes de tempo e de lugar. Edel praticava o recolhimento interior e esforçava-se por viver na presença de Deus. Gostava de se entender interiormente com o Hóspede divino. Sua conversa revelava uma compreensão rara das verdades eternas. Penetrava profundamente os grandes mistérios da religião e parecia ter de alguns um certo conhecimento experimental. Tinha a concepção puramente espiritual da Imensidade divina que, como mais tarde vim a saber, é o característico da escola dos místicos flamengos: Ruysbroek; Denis, o Cartuxo, etc. Como pôde perceber tão daramente esse mistério? Ignoro-o. Recordo-me que, certa vez, como falássemos de uma pessoa que recebera uma súbita luz interior sobre esse ponto, ela disse que, por seu lado, jamais tivera uma tal iluminação. Parecia não saber quando, nem como, fora esclarecida; tive a impressão, naquela época, que o Espírito Santo a havia favorecido, desde os primeiros anos de sua infância, com uma clara compreensão desse mistério. Manifestara também uma penetração muito acentuada do mistério da Eternidade. Eis porque apreciou tanto o sermão que mencionei acima. O livro de Don Vonier - *La chef de la doctrine eucharistique*, agradava-a de modo particular, porquanto expõe claramente o transbordamento que excede dos limites temporais, o privilégio dos sacramentos. Consagrava à missa uma predileção particular, visto ser ela, realmente, a reapresentação do sacrifício da Cruz. "Poderia assistir à missa o dia inteiro", declarou certa ocasião.

"Tudo o que acaba de ser dito parece-me uma prova suficiente da influência contínua que exerciam sobre Edel os dois primeiros dons do Espírito Santo e, conseqüentemente, de um certo grau de-contemplação e de união com Deus.

Parecia possuir, igualmente, em plenitude, o dom de conselho. Seus pais consultavam-na em todos os casos de família. Assim, quando seu irmão e suas irmãs mais jovens foram mandadas para o pensionato, as respectivas providências lhe foram confiadas. Era notadamente livre de toda incerteza ou hesitação e parecia muito segura do caminho a seguir. A princípio isto me causou alguma desconfiança; não pensara atribuir essa segurança ao dom de conselho. Foi a Srta. Martin (atualmente Madre Mary Martin, Fundadora e Superiora Geral dos Medical Missionnaires of Mary e antiga legionária de Maria) que me abriu os olhos de uma maneira

66

A VIDA CONTINUA

inesperada. Ela teve apenas ligeiras relações com Edel, enquanto eu era a sua amiga íntima. Após a partida do Pe. Boylam para Parkminster, falei-lhe das dificuldades de Edel em encontrar um diretor espiritual. Ela me respondeu que, na sua opinião, a Srta. Quinn era provavelmente uma dessas almas raras, que não-têm necessidade de direção, porque são diretamente guiadas pelo Espírito Santo. E acrescentou: "Tenho-a observado... ela vive bem perto de Deus". profunda impressão...

Essas palavras, vindas de uma pessoa tal como Madre Mary Martin, causaram-me uma

Creio poder dizer, com mais afinco, que ela recebera graças de contemplação infusa, e que tinha uma experiência pessoal da simples oração. Não ousou ir mais longe." O segundo testemunho, independente do primeiro, tem idêntica significação.

Ei-lo:

"A vida espiritual de Edel era tão simples que mal se pode analisá-la. Sua grande devoção era o Santíssimo Sacramento. A Missa e comunhão cotidianas lhe eram absolutamente necessárias. Não podia passar diante de uma Igreja sem entrar, para "uma visitinha", dizia ela. Recordo-me bem das visitas que fazíamos à Igreja de St. Francis Street. Ajoelhada diante do altar, absorvia-se na oração a ponto de ser preciso dizer-lhe gentilmente ao ouvido que ficaríamos atrasadas. Uma vez na rua, desviava minha atenção do incidente com alguma observação espirituosa. Gracejava sempre, de sorte que foi somente após sua partida que nos compenetrámos da profundidade de sua santidade.

Por mais sobrecarregado que fosse o seu dia, meditava ao menos durante um quarto de hora, geralmente uma meia-hora.

A doutrina do Corpo Místico me excede; mas tenho pensado muitas vezes que se a maioria dentre nós críamos nessas palavras de Jesus: "O que fizeste ao menor dentre vossos irmãos, é a mim que fizeste". Edel não somente acreditava, mas fazia disso a base de sua vida espiritual.

Ao ir à cidade, por menos sossegado que fosse o local, recitava seu terço. Rezava diariamente os quinze mistérios, aos quais acrescentava frequentemente o terço dito na reunião. Já mencionei sua devoção à Eucaristia. A esse respeito, eis um fato que gostaria de relatar. No ano que precedeu minha entrada para o convento, tive uma crise de escrúpulos que me impedia frequentemente de comungar. Edel percebeu-o, e tomou a si a resolução de me curar. Com uma paciência maravilhosa, desfazia cada uma de minhas dificuldades; mas recomeçávamos sempre! Falávamos sobre isso todas as noites e ela só me deixava após a promessa de comungar no dia seguinte. Poucas pessoas teriam tido sua paciência e perseverança, e estou convencida de que lhe devo minha vocação, pois jamais teria podido tornar-me religiosa em tal estado de espírito. Após minha entrada, ela me examinava sobre o assunto palpitante em cada uma de suas visitas, e ainda pensava sobre isso na última carta que me enviou da África: "Nada de "descobertas", não é?" É assim que aludia aos escrúpulos. Graças a suas orações, nunca mais sofri tal provação.

Desnecessário é acentuar seu amor pela Virgem Maria: sua dedicação para com a

67

68

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Legião é uma prova do seu ardor. Cada momento livre era consagrado a Nossa Senhora. Um dia propõe começar uma de nossas tardes de descanso por uma visita a uma de suas amigas em High Park. Essa amiga tinha um temperamento desagradável; imediatamente Edel decidiu convidá-la pois, no caminho do regresso, ela me falou sobre a caridade da Virgem que punha de lado suas la a tomar chá e levá-la ao cinema. Sem dúvida, mostrei-lhe um pouco meu desapontamento, preferências para ajudar os outros, do valor da alma imortal e das magníficas possibilidades que se oferecem aos cristãos para se tornarem corredores como Maria. Foi somente mais tarde, na vida religiosa, que pude considerar quão profunda penetração possuía Edel da doutrina do Corpo Místico".

Tais são os dois esboços mais concludentes que possuímos da vida interior de Edel.

Através da diversidade das recordações e dos pequenos empecilhos, a semelhança é

impressionante. Já encontramos, em gérmen, toda a substância de uma vida espiritual que não cessará de crescer e de prosperar. Notaremos como é reservada nesse domínio. Submete-se inteiramente a essa conformidade prática e diária à vontade de Deus. "Senhor, que queres que eu faça?"; esse grito de S. Paulo exprime sua atitude enraizada. Nenhum entrave entre a verdade entrevista e a execução fiel. Os anos só farão acentuar os traços dominantes: paixão pela Eucaristia, união mariana, mortificação contínua, desprendimento de si mesma ao serviço do próximo.

Esta espiritualidade fundamental desenvolve-se num clima de euforia, de juventude, de espontaneidade e de humor, que esconde ao olhar superficial a profundidade de união com Deus que anima até o menor dos seus gestos. Edel é simples e sua vida íntima traz o sinete dessa simplicidade: deixar-se-á conduzir pela fé, a ela se apegará, sem se deixar levar por curiosidades superfluas. Nada há de mais surpreendente que a Eucaristia; e, entretanto, nada de mais comum: um pouco de pão, um pouco de vinho são suficientes para o milagre. O extraordinário amor de Deus esconde-se da mesma forma sob as aparências do dever banal e cotidiano. Edel tem disso consciência.

O realismo de sua fé robusta lhe faz penetrar as delicadezas do Mestre e reconhecer por toda a parte sua presença.

Crê também que o amor de Deus se exprime pelo amor ao próximo. O mesmo ímpeto que a leva para Ele, impele-a para atender aos pecadores, os mais miseráveis; instintivamente»> adota as preferências do Mestre e obedece à ordem de ir procurar, pelos caminhos e atalhos, as almas angustiadas, para as conduzir ao festim do Senhor.

O apostolado é uma maneira de prolongar sua ação de graças e de preparar a comunhão do dia seguinte.

CAPÍTULO VIII

DEUS DISPOE: O APELO DA ÁFRICA

DEUS DISPÕE: O APELO DA ÁFRICA

"O pensamento desses milhares de pagãos que não conhecem a Deus nem a Cristo, não nos dá tranquilidade, nem de noite nem de dia!" (Pio XI)

Desde a origem, a Legião crescia em número e em audácia, sem, todavia, transpor os limites da diocese de Dublin. Cinco anos após a fundação, a capital só contava com treze Praesidia.

Eis que um vento de Pentecostes se levanta. Em 1927, a Legião começa a invadir todas as dioceses da Irlanda; em 1928, transpõe o mar, e firma-se na Escócia. É o surto da grande expansão que vai atingir os cinco continentes. A surpresa é geral, exceto para Frank Duff que compreendeu, desde o início, que esse instrumento possuía um dinamismo capaz de revolucionar o mundo.

Essa rápida extensão leva a formular os princípios do movimento e a fixar-lhe métodos: a primeira edição do Manual foi publicada em 1928. Não é um esquema abstrato, mas, sim, o esboço vivo de um vasto sistema mariano com objetivo de aproximar todas as almas, principalmente pelo contato pessoal.

Essas páginas constituirão lei. A Legião não aceita nem amálgama nem compromisso. Essa intransigência, que afasta de antemão as adaptações, não será um entrave ao sucesso? Ao futuro cabe responder. Em 1930, uma experiência é tentada em Madras. Foi decisiva. O solo das Índias revelava-se particularmente fértil: à hora presente, as orações legionárias rezam-se lá em hindi, tamil, telugu, malaiala, cingalês, urdu, bengali, birma e concani. A prova da catolicidade da Legião é evidente. Cada país, por sua vez, lhe dará a sua característica. Em 1931, inicia-se a extensão na América.

Um lazarista americano, o Pe. Donovan, do Seminário de São Luís, em viagem para a Europa, visita a Inglaterra e a Irlanda onde - coisa curiosa - não ouve falar da Legião, e em seguida vai para Paris. Lá, na rue du Bac, uma religiosa americana lhe anuncia a Legião, emprestando-lhe o Manual. Ele o lê, devolve-o e declara que tudo isto é muito bonito, mas em teoria; pois, haveria pessoas capazes de aplicá-lo? "É um lindo sonho, diz ele". Respondem-lhe que se engana: a experiência da Irlanda prova que não é uma utopia. Intrigado e realista, o Pe. Donovan, que só dispõe de alguns dias para passar na Europa, decide-se a ir ver "in loco". Volta a Dublin, observa, escuta, interroga. Ao regressar aos Estados Unidos, publica um artigo que faz sensação: "Seria esta a organização que a Igreja aguardava?" Um sacerdote de Raton, no Estado de New-México, lê o artigo e resolve tentar a experiência. Em 27 de novembro de 1931, fundaram o primeiro Praesidium do Novo Mundo, composto só de homens, sob a invocação: "Nossa Senhora da Misericórdia".

69

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Após quatro meses de existência, o primeiro relatório enviado a Dublin assinala a volta de 60 pessoas aos sacramentos, após muitos anos de indiferença... e conclui pela notícia da organização de um segundo grupo no campo mineiro de Van Houten.

Em 1932, o próprio Pe. Donovan, que vai desempenhar importante papel na extensão legionária, funda um grupo em São Luís.

Em 1933, um mecenas, Monsenhor Oliver, telegrafa a Dublin para que lhe sejam enviados, às suas custas, um, depois, dois e, em seguida, três legionários para fundarem a Legião nos Estados Unidos. Sob o impulso de John Murray, que foi ulteriormente vice- presidente da Legião, de Mary Duffy e Una O'Byrne, que lá permanecem muitos anos, centenas de grupos se formam, imbuídos do mesmo espírito de conquista e animados por resultados visíveis. É o forte vento mareiro. Mas, voltemos à Irlanda.

Eis-nos em 1934. A Legião, vinda de Dublin, conquistou a Irlanda. Edel contribuiu para essa campanha de extensão. Muitas vezes sacrificou seus finais de semana percorrendo condados ainda não atingidos, e organizando os primeiros contatos.

O pequeno grupo da Myra House tornou-se legião, pelo único impulso de seu peculiar dinamismo. Nessa ocasião surgiu a ideia de organizar uma primeira peregrinação legionária a Lourdes. Seria, diziam, uma afirmação de vitalidade, um meio de reforçar o espírito de família e, assim, permitir também que os membros se conhecessem melhor. E não era Lourdes o lugar ideal para esses objetivos?

Edel reúne-se ao grupo dos doentes. A travessia foi laboriosa, o mar hostil, o trajeto pela França assaz fatigante.

Estacionam em Paris. Edel tem a felicidade de ir rezar no santuário da rue du Bac, no centro da Cidade-Luz.

"Gosto desse lugar", escreve, "tanto quanto de Lourdes".

Essa capela das Filhas da Caridade, grande centro de oração, foi testemunha das aparições da Virgem Maria a Sta. Catarina Labouré.

Em 1830, a Imaculada pediu que fossem cunhadas medalhas em sua homenagem. "As pessoas que usarem essa medalha", disse ela, "receberão grandes graças". A própria Virgem indicou o desenho e a legenda. Inacreditável desafio ao século dezenove tão impregnado de ciência e de racionalismo.

A medalha foi cunhada. Cabia à Virgem cumprir sua palavra! Ela o fez com superabundância e continua a fazê-lo, desde a época longínqua da Monarquia de Julho. Essa medalha, dita milagrosa, foi gravada pela Legião no seu estandarte, em substituição

da efígie do imperador, assim como havia trocado a águia romana pela pomba, símbolo do Espírito Santo. A Legião marcava assim sua fidelidade à mensagem da rue du Bac, e prestava homenagem a essa mediação universal de Maria. Lá, Edel reza longamente, a alma em festa. Confia à Maria seu futuro. Desconhece agora qual é a vontade de Deus a seu respeito. Sua vocação de Clarissa está interrompida pela saúde abalada. Não sabe, então, como dar a Deus a totalidade de sua vida: todavia, no coração, permanece integral a sua oferta.

70

DEUS DISPÕE O APELO DA ÁFRICA

Após um longo trajeto, perto das onze horas da noite, chegam ao término da viagem. Edel, muito comovida, vê brilhar a grande cruz que domina o Pico do Ger, e cuja silhueta vermelha ilumina as nuvens. Sua alma, sempre radiante, abre-se à graça de Lourdes. No dia seguinte, ajoelha-se na gruta. Aos pés da Virgem de Massabielle, Edel não vem orar para si, mas sim, pelos outros. Não vem mendigar sua cura; oferece-se para cumprir os designios de Deus, sejam eles quais forem. Maria não saberá melhor do que nós o que dará maior glória a Deus?

Com uma fé infantil, Edel toma parte em todas as cerimônias de Lourdes, deixa-se mergulhar na piscina, une-se às invocações, participa da Via Sacra, da bênção do Sacramento para os doentes. Sua voz responde ao rosário das Ave-Marias que, como ondas agitadas, jorram da gruta sagrada. Que alegria poder, com milhares de outras, respirar a plenos pulmões essa atmosfera mariana, tónica e salutar, e recitar terços durante todo o dia! Esquece tudo, exceto Maria e seu próximo. Surpreendem-na em Lourdes, como em outras tantas ocasiões, em flagrante delito de penitência; uma casualidade revela às suas companheiras que, ao cair da tarde, ainda não havia tomado alimento.

Dias celestiais!

A santidade de Lourdes penetra-a, os elos se estreitam mais profundamente entre ela e Maria. Deixando aqueles lugares, sonha já com o dia em que ali poderá voltar, e essa alegria não lhe será recusada.

Edel retomou corajosamente sua vida de trabalho e de apostolado... Eis-nos chegados ao princípio de 1936.

O conselho central da Legião acaba de receber da Inglaterra um apelo urgente: pedem voluntárias para apoiar e reforçar uma campanha de extensão.

A notícia alcançou Edel; sem hesitar, dirige-se ao quartel-general da Legião, "The Montfort House", na avenida "Morning Star". É a rua de Dublin que é hoje, sem dúvida, a mais conhecida no estrangeiro. Não pela beleza, pois caminha-se sobre uma espécie de pedregulho que faz as vezes de calçada, e só existem algumas casas vulgares que formam o bloco legionário. Toda sua glória reside no interior. Na parte central, o Praesidium "Regina Caeli", serve ao mesmo tempo de casa de acolhimento para mães-solteiras, e de sede central da Legião. Uma escada estreita conduz ao pavimento superior, onde, em dois pequenos aposentos acha-se instalado o escritório. O coração da Legião está aí, e o cérebro também. No tempo de Edel as paredes ainda eram mais nuas do que atualmente: não se viam ainda as fotografias dos Enviados que, através dos continentes, foram estender o reino de Deus. Não se via tampouco a reprodução de um túmulo em Nairobi... "Ofereço-me para a campanha de extensão na Inglaterra, explica Edel, e posso dispor dos meus quinze dias de férias... deixem-me partir..."

Edel gostava de gracejar: não a levam a sério. Repete então o pedido num tom que não permite nenhum equívoco. Então retrucam: "Pura loucura: não se enviam doentes para uma tal aventura!" Ignora, então, os cansaços e dificuldades a que irá se expor? E por

CC

p

qi

a

al

D

Cl

F

da

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

pouco não lhe profetizaram os reveses de São Paulo: "naufrágios e armadilhas, quarenta golpes menos um".

Edel fica firme: não deviam, diz ela, preocupar-se tanto com sua saúde! Advoga sua causa e, por fim, esgotados os argumentos, exclama: "Vocês me matam, com tantas precauções!" Não foi mais possível resistirem a uma tal obstinação. Edel poderá partir em tournée de extensão; impõem-lhe, apenas, uma condição: enquanto que cada uma das voluntárias irlandesas são acompanhadas de legionário inglês, Edel partirá com sua amiga, a Irma Wailes, que será encarregada de vigiá-la particularmente e de trazê-la de volta ao primeiro sintoma de fraqueza. É um honesto compromisso de paz que Edel aceita com coração aberto. Dão-lhe como setor uma parte da grande diocese de Menevia, no Norte do País de Gales. Sua Exa. Monsenhor Mc Grath, o bispo da diocese, era um grande animador a empresa. Edel e seu anjo da guarda partem para a tarefa indicada. Realmente, não é uma viagem de recreio! Quinze dias de férias nada valem diante do trabalho a abraçar. Trata-se, nesse curto lapso de tempo, de contatar um grande número de sacerdotes, de bater às portas, de explicar mais de uma vez, de refutar as mesmas objeções, de fazer a auditórios heterogêneos exposições de introdução; incutir fé nessa ação de Maria e, por vezes, despertar o senso apostólico adormecido mesmo entre os melhores. É preciso demonstrar o mecanismo da Legião, inculcar o respeito à disciplina e, tanto quanto possível, deixar atrás de si um Praesidium em embrião. Trabalho extenuante, sem pesar os maus acolhimentos, as incompreensões, as decepções. A própria rapidez da ação, a contínua tensão de espírito, o receio de uma inabilidade que poderia ter consequências prejudiciais, isto tudo acarreta um forte dispêndio de energia. Da manhã à noite, Edel e sua amiga palmilham o território que lhes é confiado. O sucesso corresponde a seus esforços: são criados Praesidia, promessas são obtidas. Uma brecha é aberta por onde outros poderão passar. No decorrer de suas peregrinações, visitam igualmente Sua Exa. Monsenhor Dr. Moriarty, bispo de Shrewsbury, que as recebe muito amavelmente, fazendo juntos projetos para a futura extensão da Legião.

Tal e o balanço dessas "férias" extenuantes.

Em Dublin, perguntam, com inquietação, em que estado Edel iria regressar. Mais morta do que viva, certamente! Com estupefação geral, Edel volta em boa forma. As fadigas desses quinze dias não a aquebrantaram: a alegria de sua alma triunfou da fraqueza do corpo, e deu-lhe como uma renovação de vigor.

Edel recomeçou o trabalho de cada dia, como se nada tivesse acontecido, e pôs-se novamente a alinhar colunas de números. Mas, seus pensamentos e seu coração ficaram no País de Gales. Não cessa de pensar no estado espiritual daquela diocese. Aquela indiferença religiosa, aquele materialismo cruel a obcecaram. Tantas almas para salvar e tão

poucos sacerdotes, pensava. Percebera claramente o que se poderia realizar, mobilizando leigos corajosos, enchendo de Praesidia aquele deserto espiritual. Se, em duas semanas, pôde-se fazer tanto, que seria, se consagrasse a sua vida?

DEUS DISPÕE O APELO DA AFRICA

A ideia concretiza-se e não mais a deixa. Não seria um convite da graça, um apelo? Ela assim o crê; sua decisão está tomada. Apenas algumas semanas após seu regresso, Edel retorna ao quartel-general da Legião; vai direto ao fim:

"Desejava, diz ela, voltar à Inglaterra, instalar-me em Chester, e dali irradiar a Legião, implantando-a por toda a parte".

Olham-na com surpresa. Impossível haver dúvida, ela não está brincando; e ponderou as consequências.

"Não ignoro, responde às objeções, que isto significa o exílio voluntário, o desconhecido, a ruptura de minhas relações, o adeus à família. Mas sei também que a messe está à espera dos operários... Suplico-lhes, pois, que me deixem partir".

Explica que Chester é um importante centro ferroviário de rápido acesso, onde facilmente encontraria emprego. Tudo está previsto. É um ato de fé no escuro, ela bem o sabe; não é necessário que lhe apontem os riscos. A partida compensa. Então? Respondem- The que vão refletir nessa proposta inesperada e voltarão ao assunto.

O homem põe e Deus dispõe.

Novamente o Senhor intervém. O golpe será decisivo. Ele lhe dirá como a São Pedro:

"Ponha-se ao largo!" Edel desconhece ainda os desígnios do Mestre. As preferências divinas são de antemão as suas, e a alma está pronta a corresponder aos mais desconcertantes imprevistos do Amor a Deus.

Esta resposta vem sob a forma de um apelo partido da África. Em 1933, na Nigéria, a Legião implantara suas primeiras raízes.

O Prefeito apostólico de Calabar, Monsenhor Moynagh, havia escrito (a respeito da Legião): "Um dos mais notáveis resultados da Legião é o maravilhoso proveito que retiram as almas que a ela se consagram... Pela qualidade e a extensão do trabalho realizado, estamos convencidos, meu clero e eu, que é a própria Virgem Maria quem guia os legionários".

A Legião nascera também, na mesma época, na África do Sul: os primeiros Praesidia foram os de Joanesburgo e de Porto Elizabeth. Pouco a pouco, cada cidade da União teve os seus. Capetown, East London, Durban, King Williamstown, Aliwal e ainda outros, dispersos através do território. O Delegado apostólico, S. Exa. Monsenhor Giljswyk, arcebispo dominicano, recomendaria novamente a Legião aos Ordinários da África do Sul. Desde 1935, uma enviada de Dublin, a Srta. Ruby Dennison, presidia a esse trabalho de extensão. As outras regiões do continente negro não tinham ainda sido atingidas, pelo menos de maneira eficiente.

Tal era o mapa legionário da África, na ocasião em que vai se realizar o destino de Edel Quinn.

No próprio momento em que esta tomava a iniciativa de se oferecer para o País de Gales, uma carta da Irmã Dennison, missionária na África do Sul, chegou ao Conselho central. Era um S. O. S. pedindo auxílio aos legionários para desbravarem, com ela, o imenso território que lhe era confiado.

72

73

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Um simples olhar sobre o mapa indicava, claramente, as fortes razões desse apelo. Mas, como lhe responder? A Legião não é uma congregação religiosa: não dispõe de reservas em homens ou mulheres disponíveis. Só pode apelar para voluntários que queiram se sacrificar nessa tarefa de missionário leigo isolado. Resolvem refletir.

Assim surgiu a ideia: uma vez que Edel se oferecia como voluntária para a Inglaterra, por que não lhe propor a África? A primeira vista o projeto parecia inexecutável. Foi discutido e repisado pela direção, sem que a interessada tivesse conhecimento. O problema realmente se revelava com múltiplos pontos de interrogação, sendo o mais delicado a saúde precária de Edel. Poderiam supondo que ela viesse a aceitar - arriscar uma tal aventura? A vida do missionário que deve percorrer matas e florestas, desertos e montanhas, seria compatível com o estado físico de uma jovem tão frágil? Não seria enviá-la à morte? Por outro lado, o clima de Dublin é rigoroso, principalmente no inverno: sob esse ponto de vista, a África não seria contraindicada. A experiência no País de Gales é uma prova de sua resistência. Mas, poder-se-ia julgar somente por uma permanência de quinze dias e concluir que ela tem energia para afrontar a África? Pesam ainda o pró e o contra, rezam. Finalmente uma decisão é tomada em conselho restrito: perguntar à própria Edel o que ela pensa de uma campanha de extensão, não mais em Chester... mas no Veldt.

Edel aguardava sempre a resposta ao seu oferecimento de partir para Gales e surpreende-se com a lentidão das autoridades. Um belo dia, recebe um convite para ir ao Regina Cæli.

País de

- "Edel, dizem-lhe, você pediu para ir a Chester; que diria se, em lugar disso, lhe fosse oferecido serviço de extensão... na África do Sul?" A fisionomia de Edel ilumina-se. "De muito bom grado", responde ela, sem um segundo de hesitação. Estava radiante de felicidade.

- "Nunca vi uma pessoa tão feliz", refere uma testemunha da cena. Num relâmpago, Edel compreendeu que esta era a resposta do Senhor. Percebe que vai poder realizar o ideal de sua vocação religiosa, num outro plano, num outro cenário, mas na dimensão de seu amor para com Deus. Poderá amá-lo e servi-lo diretamente nas almas, não durante algumas horas, após seu trabalho de escritório, mas sem interrupções, da manhã à noite, e sem dividir sua vida em partes heterogêneas. Clarissa, ela o será no seu coração, porém nos caminhos da África, com a maior atividade. Sua resposta traía uma tal alegria que impressionou a todos os presentes, que aí viam uma indicação providencial.

Despedindo-se do Regina Cæli, Edel apressa-se em deixar o emprego antes que se arrependessem da decisão e inicia imediatamente os preparativos da viagem.

Os jornais anunciaram que uma jovem irlandesa, de nome E. Quinn, deixaria Dublin - em meados de setembro - como enviada de Maria. Iria, diziam, a Alexandria e de lá, através do Egito, à África Central. Em seguida, passando por Uganda, Quênia e Tanganica, reunir-se-ia à Irmã Dennison, na Rodésia.

74

DELS DISPÕE O APELO DA ÁFRICA

Tal foi, com efeito, o projeto primitivo; as circunstâncias, porém, mais uma vez, iriam modificar os planos estabelecidos.

A direção da Legião havia comunicado o itinerário de Edel a diversos religiosos que já possuíam missões na rota indicada, pedindo-lhes que tivessem a bondade de facilitar a tarefa da Enviada. Essa correspondência vai demonstrar as dificuldades da empresa. A estrada que parte do Egito pelo interior das terras não parece praticável: os obstáculos

materiais acumulam-se. Durante essa organização do projeto, pedidos de informação a respeito da Legião tinham chegado da África Central. Isto fez refletir e hesitar. Não seria mais indicado enviar Edel aí, de preferência à África do Sul, onde o trabalho já havia sido empreendido e estava bem encaminhado? Do ponto de vista da extensão, o centro africano parecia mais desejável. Os chefes sabiam, de antemão, como é perigoso permitir experiências sem que uma pessoa autorizada e qualificada presidisse o lançamento. Um passo em falso seria suficiente, às vezes, para aniquilar qualquer esperança de sucesso. E se os Praesidia começam mal, não tardam a contrair hábitos difíceis de reformar. Melhor começar pouco a pouco, mas de maneira segura, e agir com pé firme. Mais fortes razões para preferir a África Equatorial do Leste, terreno imenso e virgem. Mas era também pedir a Edel um sacrifício suplementar: na África do Sul ela encontraria auxílio e apoio, enquanto que na África Central iria às apalpadelas, no desconhecido. Poderiam pedir-lhe tal sacrifício? Edel não partia em missão, apoiada por uma congregação religiosa secundária, que abriria suas casas à sua passagem e lhe indicaria a tarefa precisa. Ela iria só, à vontade de Deus. Resolvem, mais uma vez, interrogar a própria interessada.

"Estaria disposta a partir sozinha para a África Central, em vez da África do Sul?", perguntam-lhe. "Imediatamente", responde ela, sem reserva alguma e alegremente, como se se tratasse de um final de semana de passeio.- Este dia é o mais feliz da minha vida. Não obstante o cruel sacrifício que lhes estava sendo pedido, os pais consultados não querem se opor ao desejo de Edel e lhe dão generoso consentimento.

Todas estas deliberações são feitas a portas fechadas. Resta transpor a última etapa: é preciso levar o projeto diante do Conselho Superior da Legião: o Concilium. Este decide organismo supremo funciona como um parlamento. Poderia essa assembleia, que em última instância, acolher a ida de Edel à África Central?

Logo que foi conhecida a notícia do projeto, pressente-se uma viva hostilidade. Uma bela tempestade de protestos eleva-se contra "sua loucura".

Alguém que conhecia particularmente a África alertou a opinião geral contra os riscos. A própria Edel soube da oposição. A Irmã Hogg, que lhe objetava os perigos da empresa, ela respondera que os médicos só lhe davam um ano de vida sob o clima da Irlanda. "Tenho, pois", dizia ela, "uma possibilidade sobre duas de sobreviver e, assim, vou para a África!"

75

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Tudo fazia prever que a sessão do Concilium seria movimentada, tanto era receada a oposição.

E, com efeito, assim o foi.

A reunião do Conselho realizou-se no Regina Caeli.

A hora fixada, todos se ajoelham e iniciam a recitação das orações. Uma invocação ao Espírito Santo, primeiro; em seguida, o terço com seus mistérios. Uma nova atmosfera cria-se lentamente. Não são mais os membros isolados vindos em ordem dispersa: são um exército disciplinado, unido à sua Rainha, ávido por conhecer suas ordens e cumpri-las. "Lá onde alguns estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles", disse Jesus. "Reina uma unanimidade espiritual que vai tomar as decisões comuns".

Terminada a oração, o diretor espiritual lê uma página do Manual. Um grande livro é aberto: o secretário procede à leitura da Ata da reunião precedente. Passa-se, então, à ordem do dia, muito prolixa. Cada país enviou seu relatório, que é lido ou resumido por um membro da assembleia; ouve-se os nomes mais inverossímeis. A Legião progride e se instala em diversos continentes. De passagem, assinalam os problemas que se apresentam. Tudo se

processa com ordem e método: não há tempo a perder. De repente, anuncia-se que há um ponto muito importante a debater: a indicação de uma enviada à África Central. Silêncio completo na sala.

O presidente expõe lentamente, com clareza, os dados e também as razões e contrarrazões. Declara que a irmã Edel Quinn está pronta para partir e pede à Assembleia que se pronuncie. Vê-se, então, levantar-se um sacerdote de grande autoridade na Legião e no país, o Rev. Pe. Magennis, antigo superior-geral dos Carmelitas, que se consagrou com toda a alma à Legião desde que abandonou a direção da Casa generalíssima, em Roma. Homem de expediente, grande coração, amigo certo e, além disso, um filho do Norte, de temperamento vivo. Sua assiduidade às reuniões do Concilium e sua ardente convicção legionária não permitem duvidar de seu zelo, nem de sua coragem. Em pé e, com um ardor impressionante, declara que enviar Edel Quinn à África é um contrassenso. O adversário é de autoridade. Fala sobre essa terra africana, que ele próprio percorreu, enumera os obstáculos e os perigos a vencer-particularmente para uma moça sozinha. Assinala o mau clima, as distâncias a percorrer em condições difíceis, aponta como testemunha o Cardeal Hínsley, que fora outrora delegado apostólico nessas regiões. Logicamente, conclui ser preciso renunciar a esse projeto ou então enviar um homem mais robusto e não uma jovem de saúde precária... Não se pode tentar a Deus...

O Rev. Pe. Magennis é eloquente; a pintura que faz das condições de vida na África é aterrorizante; a sala está sob a influência de suas fortes palavras. Visivelmente, a maioria pensa como ele. O orador, que se entusiasmou cada vez mais no decorrer de sua dissertação, faz uma ligeira pausa.

Nesse momento preciso, Edel levanta-se de seu lugar, entre os assistentes, e diz:

DEUS DISPÕE O APELO DA AFRICA

"Mas todas essas dificuldades já me foram expostas, detalhadamente. Sei o que me espera. Vou de olhos abertos. É exatamente o que procuro: não julgo absolutamente ir a algum piquenique!"

A essa palavra piquenique a assembleia distrai-se, interessada pela discussão. O Pe. Magennis vê-se interrompido no seu entusiasmo por esse humor desconcertante.

"Piquenique... Piquenique...", exclama ele, confuso. "Asseguro-lhe eu que asenhora poderá ser a vítima desse piquenique."

Novo acesso de riso. Enquanto que todos acalmam os nervos, crispados, o presidente do Concilium lança essa invectiva:

"Em todo o caso, tal piquenique não seria muito substancial!"

Pobre Pe. Magennis! De nada valerá todo seu esforço oratório!" Passam à votação.

"Alguém se opõe à partida?", pergunta o presidente. Diante da vontade tão decidida de Edel, ninguém se atreve a votar contra, nem mesmo o Pe. Magennis. Edel triunfa como por milagre.

Dois dias mais tarde, a cena do Concilium teve seu epílogo.

Pela sua réplica humorística, Edel conquistara a maioria, em detrimento do querido e simpático carmelita. Embora a intervenção da jovem não tivesse sido de modo algum irreverente, sua consciência muito delicada inspira-lhe uma reparação.

Na terça-feira seguinte, dirige-se, inesperadamente, ao Praesidium de White Friar Street, cujo diretor espiritual era o Pe. Magennis. Essa chegada insólita intrigou todos. Que vinha ela fazer? Uma rápida cena trouxe-lhes a solução. Edel aproxima-se do sacerdote e, visivelmente emocionada, ajoelha-se diante dele.

"Peço-lhe perdão", diz ela, "pela minha atitude de domingo passado".

Pe. Magennis, perturbado à vista da Srta. Quinn ajoelhada, fê-la levantar-se imediatamente e disse-lhe que, por sua vez, lastimava ter-se manifestado tão vivamente. E acrescenta: "Vá, Edel! É Deus que a chama! Ele cuidará de sua pessoa. Todos os dias, à hora da missa, rezarei por você!"

Edel agradece e, despedindo-se, abraça os legionários que a cercavam. Nenhum dos presentes pôde esquecer essa cena que revela bem a alma de Edel e seu respeito pelo sacerdote.

Em toda a parte onde ela for, sentirá essa fé que excede as aparências e venera Cristo nos seus representantes. Deus a porá em contato com inúmeros sacerdotes e muitas dificuldades terá de enfrentar para conquistá-los. Sua inabalável fé no sacerdócio saberá vencer as oposições ou reservas.

Como resistir a essa humildade que a impele a se ajoelhar e pedir perdão por uma vitória?

76

77

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

AS DESPEDIDAS

EDEL QUINN AOS 28 ANOS, ISTO É, ÀS VÉSPERAS DE TORNAR-SE UM ENVIADA

"Destinada a influenciar, pela força do exemplo, o curso da história" (Arcebispo Riberi)

CAPÍTULO IX

AS DESPEDIDAS

"Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei". (Gênesis, 12:1)

Antes de deixar a Irlanda para a grande aventura africana, Edel deseja, uma última vez, unir-se à peregrinação legionária - a segunda que vai a Lourdes. Não seria conveniente confiar sua missão à Virgem de Lourdes e fazer a tournée de despedida começando por lhe dizer adeus? Volta, pois, à Gruta de Massabielle, procurando, agora, comportar-se como um simples peregrino. Todos sabem que partirá logo, como Enviada, à África e a esse título é apresentada à Sua Excelência, o Monsenhor Gerlier, bispo de Lourdes. Edel consagra uma boa parte de seu tempo ocupando-se dos doentes e estimulando-lhes a devoção. Dedicase mais particularmente a um legionário auxiliar, Tim Barry, seu vizinho em Monkstown. Antigo jardineiro das carmelitas, em Blackrock, onde Edel ia frequentemente à missa, Tim Barry sofria de uma tuberculose grave que o levaria sem demora. Edel anima-o da melhor forma. Multiplica-se, aliás, e toma parte em todas as cerimônias. Legionários vão passar a noite em orações na gruta: une-se a eles. Sua amiga Mona McCarthy encontra-a no dia seguinte pela manhã, regressando de uma adoração noturna. "Edel estava alegre como um passarinho", escreve. Nenhum vestígio de fadiga revelava sua imprudência. Todavia, não conseguiu iludir até o fim o seu estado físico. Certa manhã, o bispo de Lourdes vai receber os peregrinos. Edel acompanha o grupo à audiência! Permanece demasiadamente em pleno sol... e desmaia. Abrigam-na sob uma árvore. Interrogada, acaba confessando que ainda não havia almoçado. O mal-estar passa rapidamente; assim que se viu de pé, ri alegremente do engano de um sacerdote que, julgando tratar-se de retardatários, apressa o grupo vindo em seu socorro.

Ignoramos completamente o diálogo trocado, aos pés da gruta, entre Edel e a Virgem.

Sabemos apenas que lhe confiou a obra a empreender e voltou, radiante, de sua primeira visita de despedida.

Agora, só lhe falta preparar a viagem. A mudança de opinião que se manifestara na reunião do Concilium deixa-lhe uma maior liberdade de espírito: a vitória foi concedida à sua fé confiante.

Restava traduzir, de maneira concreta, a resolução tomada. Qual o melhor caminho a seguir e por onde começar? Falta de experiência e de indicações precisas acarretavam, a este respeito, múltiplas perguntas desconcertantes.

A Providência iria resolver esses pontos de interrogação. E o fez sob uma forma inesperada.

78

79

80

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

carta histórica, datada de 14 de setembro de 1936, era dirigida a Frank Duff por Monsenhor Uma carta, chegada da África, iria facilitar as coisas e dar o impulso decisivo. Essa Heffernan, Vigário apostólico de Zanzibar. Ei-la:

"St.Austin's Catholic Mission

P.O. Box 423

Nairobi, Quênia.

14 de setembro de 1936.

Caro Frank,

Que você se recorde de mim, ou não, não tem importância. Eu, porém, lembro-me perfeitamente de você e o Pe. Kearney acaba de me dar uma notícia que me fez pulsar o coração.

Há quatro anos, aspiro pela Legião nas minhas orações e nos meus sonhos; e eis que ela será brevemente uma realidade nesta terra estéril de Quênia. Deus seja louvado!

Li sua carta ao Pe. Kearney e sugiro o seguinte: pretendem enviar a Srta. Quinn no interior, via Alexandria? Com o devido respeito, sugiro que você entre em contato com meus missionários que partem para a África, em outubro, a fim de que ela venha juntamente com eles e com as Religiosas de Loreto Abbey, em Rathfarnham, na Irlanda, que também viajarão nessa ocasião. Ela desembarcaria em Mombassa e alcançaria pelo interior as terras do Nilo e do Uganda. Chegando a esse porto, viria com os sacerdotes que conhecem a Legião: os Pes. do Espírito Santo, os Pes. de Mill Hill, os Pes. Brancos, e as Irmãs de Loreto. Peço-lhe, como um favor, que nos deixe traçar seu itinerário e a faça viajar com nossa gente, pelo mar Vermelho. Embarcarão todos em fins de outubro. Se o bilhete de passagem da Srta. Quinn estiver tomado para uma data mais próxima, ela poderia estabelecer contatos em Alexandria e no Cairo, e unir-se a nosso grupo em Porto Said. Você receberá todas as informações necessárias pelo Pe. Michael Finnegan em Blackrock ou em Quimage, ou então por Monsenhor Neville.

A estrada que proponho é a que tomam todos os missionários para essas regiões. Tendo passado pelo Quênia, Uganda e Tanganica (atual Tanzânia), a Srta. Quinn poderia descer para o Sul, atravessando a Niassalândia e a Rodésia, encontrando a Srta. Dennison na África do Sul.

Que Deus o acompanhe e abençoe sua grande obra! Recomendo o Vicariato de Zanzibar a suas orações.

Creia-me sinceramente em Cristo,

J. W. Heffernan, C. S. Sp.

Vigário apostólico de Zanzibar."

"

AS DESPEDIDAS

Ao receber essa mensagem providencial, a decisão foi tomada: Edel acompanharia o grupo missionário pelo mar Vermelho, em direção a Mombaça. Não mais partiria no desconhecido, uma vez que o Vigário apostólico de Zanzibar a acolheria com todo o interesse que a carta deixava perceber. Também não iria sozinha; seus companheiros de viagem seriam: sete Pes. do Espírito Santo, sete Pes. de Mill Hill, oito Irmãos de Loreto e duas Irmãs Franciscanas Missionárias de São José. O Senhor aplainava os caminhos: isto precipita os acontecimentos. A partida foi fixada para 29 de outubro. Na undécima hora, um último contratempo: estavam tomados todos os lugares no Llangibby Castle. Por felicidade, alguns dias mais tarde, uma desistência permite alugar uma cabina de primeira classe, a única disponível.

O momento da partida se aproxima.

Alguns dias antes de deixar a Irlanda, chegou a Dublin um visitante importante que deveria ter um papel saliente no apostolado de Edel: S. Exa. Monsenhor Riberi, Arcebispo de Dará. Nessa ocasião, ele era Delegado apostólico na África-sucedendo nesse posto ao Cardeal Hinsley, promovido arcebispo de Westminster-e regressa à Irlanda, como amigo de velha data, tendo sido, durante quatro anos, auditor na Nunciatura de Dublin. Melhor do que ninguém, ele conhece a Legião de Maria: acompanhou-a de perto desde sua origem e ficou conquistado pelo seu dinamismo natural e sobrenatural. Homem de energia e de ação, compreendeu imediatamente o poder apostólico do instrumento que se impunha. Seu apoio será um dos fatores mais preciosos para a extensão da Legião no mundo.

Quando, mais tarde, S. Exa. Monsenhor Riberi for internúncio na China. Sua fidelidade não se desmentirá. Pedirá a todos os bispos que fundem o mais cedo possível, em sua diocese, a Legião de Maria, para criar focos de vitalidade religiosa no seio da maré devastadora. A seu apelo, milhares de Praesidia surgiram, verdadeiro baluarte espiritual da Igreja naquele país. "A Legião, declara ele, dá-nos a essência da Ação Católica. É uma das coisas mais preciosas que a Igreja possui atualmente; é um dos maiores dons da Virgem Maria ao mundo de hoje. Disto estou plenamente convencido: ousa afirmar que ela é o milagre do mundo moderno". Esta convicção não vem de ontem. Na época em que Edel se prepara para partir, Monsenhor Riberi está encarregado do território da África Equatorial. Acredita que a Legião seria uma graça de escol para os missionários e é por esse motivo que o projeto de Edel Quinn interessa-lhe vivamente. Durante sua curta estada de férias na Nunciatura, onde é hóspede de S. Exa. Monsenhor Paschal Robinson, Monsenhor Riberi convoca a Srta. Quinn, o Sr. Duff e o Sr. Nagie, e lhes promete imediatamente todo seu apoio.

Compromete-se a escrever uma carta de apresentação para recomendar a Enviada e sua missão; outrossim, dirigir-se-á pessoalmente e diretamente aos Vigários apostólicos.

Veremos mais tarde como essa promessa foi integralmente cumprida. Seu único

81

ECTRE

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

pesar é que a Srta. Quinn não inicie pelo oeste africano, devendo ir até lá nos próximos meses; teria gostado de apoiá-la no local. Mas compreende que os compromissos já estão bem estabelecidos e não permitem essa modificação no itinerário. Não insiste mais.

Os últimos dias de Edel passam-se em visitas de despedida. Ela as faz simplesmente: tem horror a atrair a atenção sobre sua pessoa. Trata tudo com aquela simplicidade e bom humor comunicativo que resolve ou melhor, suprime os problemas e os aspectos penosos. A medida em que o momento se aproxima, os seus sentem mais vivamente a dor da separação. Para Edel, é este o lado eminentemente cruel. Todo seu coração está junto deles: ama sua família com todas as fibras de seu ser. Procura não trair este sofrimento para não o aumentar. De um lado ou de outro, enfrenta a separação com coragem. Nessas últimas horas, Edel é mais do que nunca dedicada aos seus, esquece inteiramente sua pessoa. Uma de suas irmãs conta, rindo, que Edel fez as malas uma hora apenas antes da partida, exatamente, desta vez, como se fosse a um piquenique.

Entretanto não ignora que a aventura é arriscada e que suas forças poderiam traí-la durante o caminho. Mas entrega-se a Deus e coisa alguma a preocupa.

Numa carta de despedida dirigida a uma amiga naquelas semanas cruciais, encontramos essas palavras que traem sua calma.

"Winnie, isto não lhe faz sentir, cada vez mais, que nada conta verdadeiramente neste mundo? Mesmo os piores sofrimentos, dores, decepções, só duram algum tempo. Assim sendo, contanto que se faça a vontade de Deus, o local em que ele nos coloca não tem importância, nem o que nos pede para suportar".

Edel tem o senso profundo da eternidade e mede tudo por esse prisma; o sofrimento não lhe causa medo: sabe que o amor vive de sacrifícios e que Deus lhe dá um valor de redenção. Uma de suas amigas escreve a esse respeito:

"A abnegação de Edel era algo que ela não podia esconder. Sofrer por amor de Jesus, escrevia-me, é sua maior alegria". Essa alegria era visível para todos os seus amigos. Era tão transbordante de bom humor que iluminava verdadeiramente quem a encontrasse. Guardava para si os espinhos da vida, deixando aos outros flores e perfumes.

O amor era a grande mola de sua vida, amor de Deus e amor do próximo, por Deus. Suas cartas revelam esse amor tanto quanto sua conformidade à vontade divina. Sua vida era somente um contínuo ato de amor, pelo menos desde que a conheci".

Esse cuidado em não trair suas emoções íntimas nunca despertava aspereza. Sua sensibilidade vibra com uma rara delicadeza, mas ela permanece sempre senhora de seus atos. "Pessoalmente, escreve alguém que a conheceu bem, nunca presenciei Edel derramar lágrimas. Em duas ocasiões apenas, vi velar-se sua alegria. Sua habitual força de vontade não era devida a uma insensibilidade de natureza, mas, sim, a uma mentalidade muito sobrenatural e à assistência da graça.

AS DESPEDIDAS

Em suas afeições, como em todas as coisas, ela era muito sobrenatural, pondo sempre no primeiro plano o bem espiritual de suas amigas, sem procurar jamais sua própria satisfação. Seu acolhimento e suas maneiras desbordavam de afabilidade e de gentileza, mas sem nenhuma sentimentalidade banal nem carícias ou termos exagerados.

Submete a grande amizade que me dedica à aprovação do Pe. Boylan: se não a tivesse obtido, teria certamente rompido nossas relações. Edel chegou a Dun Laoghaire, para minha partida, com meus irmãos e irmãs e um grupo de amigos. Não demonstrou nenhuma tristeza na hora da separação, porém, dias antes, me presenteara com um livro no qual colocara um santinho indicando a data da partida e as palavras: "Fiat voluntas tua". Em uma das primeiras cartas que me dirigiu após minha entrada, disse-me quanto estava encantada com tudo o que eu lhe dizia a nosso respeito, e acrescenta: "Acho que, na vida religiosa, graças à obediência e à mortificação, a alma deve certamente transformar-se rapidamente em outro Cristo. Eis porque não choro, pois fico triste quando uma das minhas

amigas entra para o convento". Essas palavras revelam, ao mesmo tempo, o caráter sobrenatural de suas amizades e o ideal que ela procura alcançar: a transformação no Cristo".

Edel não partia para o convento...mas abandonava tudo pelo seu Senhor: esta vocação não permitia tampouco as lágrimas. Não é em vão que lera e relera a vida de sua santa predileta: Teresinha de Lisieux. Esta amizade também era uma escola de virilidade. Que contraste no quadro externo dessas duas vidas, que similitude no seu entusiasmo! Teresa, a contemplativa, que o amor de Deus encerra num convento, e a torna padroeira das missões.

Edel, igualmente contemplativa, que o amor de Deus conduz ao coração do Continente Negro.

Teresa, a doente extenuada que "trabalha por um missionário", arrastando-se da enfermaria ao jardim.

Edel, a grande doente, que afronta a vida missionária e se esgota em caminhadas sobre-humanas.

Teresa, que disse um dia, falando da Virgem Maria: "Se eu tivesse sido sacerdote, como teria falado sobre essa boa Mãe!"

Edel, que irá, de posto em posto, como mensageira de Nossa Senhora... As almas e os acasos se correspondem, disse alguém.

Não é casualmente que Edel tem o culto da santinha de Lisieux: são ambas feitas do mesmo metal.

No sábado, 24 de outubro, pelas oito horas da noite, Edel deixa a Irlanda. A família estava lá, no caís, rodeada de suas amigas, em grande número. O navio levantava âncora: momentos de emoção angustiosa. Regressará? A saúde resistirá às fadigas de uma longa travessia? Todos formulam ansiosamente esta interrogação...exceto ela.

82

83

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Edel sorri corajosamente, enquanto o navio afasta-se da terra natal e avança pela noite a dentro.

Última visão que todos guardariam...

Um pequeno grupo de legionários escolta-a nessa primeira parte de sua grande viagem, acompanhando-a até Londres. A travessia noturna Dublin-Liverpool torna-se difícil: ventos e chuvas fazem rezear um mar agitado. Não obstante, o navio alcança Liverpool à hora prevista. Um grande contratempo: a alfândega; foi preciso desarrumar, completamente, as bagagens. Ora, Edel transportava um estoque de Manuais da Legião e brochuras.

Prevendo-se uma viagem de longo percurso tudo tinha sido empacotado cuidadosamente, e eis que logo na primeira etapa aquele belo trabalho fora perdido. Apesar das garantias oferecidas sobre o caráter inofensivo dos embrulhos, os despachantes alfandegários mantiveram a ordem e só se renderam à evidência.

Dirigem-se, em seguida, para a missa na catedral próxima; de lá rumam imediatamente à estação.

Em Londres, o grupo se divide.

Edel recebera um convite do mosteiro dos Cartuxos de Park Minster. Para aí se dirige, a fim de cumprimentar uma última vez alguns monges que tinham tido uma ligação especial com a Legião, e, particularmente, o Pe. Stephen Mary Boylan, que fora, em Dublin, o diretor espiritual de diversos Praesidia da própria Edel. Lá, passa um dia, acompanhada de Frank

Duff. A comunidade não somente está interessada, como também impressionada por essa viagem e pela coragem tranquila que a missionária manifesta. Prometem-lhe pelo êxito de sua campanha da África duas missas por semana, que serão celebradas no próprio convento de Chartreuse, e esse compromisso foi fielmente cumprido. Para Edel é um tesouro sem igual: compreende melhor do que ninguém o valor do Sacrifício do altar. F, também um elo espiritual que a une à grande família de São Bruno.

Essas linhas, que nos chegaram do Convento dos Cartuxos de São Hugo, revelam a imagem que dela guardam:

"Edel Quinn é uma das almas mais notáveis de nossa época... O que anima sua vida espiritual?

Uma generosidade absolutamente ilimitada ao serviço de Deus.

Um ardente amor pelo Salvador crucificado que lhe fazia abraçar, com uma alegria sorridente, todos os sofrimentos que julgava bom lhe enviar, e a fazia desejar ainda mais.

Uma dedicação absoluta à Legião de Maria. Uma oferta de sua pessoa, implicada no que precede, em total holocausto à Virgem Maria e, por ela, à Santíssima Trindade.

Edel Quinn é uma prova concreta do poder santificante da Legião. Isto equivale a dizer que o Espírito Santo está na Legião e se serve dela como instrumento, dando-lhe assim a aprovação divina".

De regresso a Londres, os dias são consagrados a algumas visitas importantes. Edel vai ao quartel-general dos Pes. Brancos da África. Os filhos espirituais do Cardeal

84

AS DESPEDIDAS

Lavigerie conhecem a Legião: em Heston, diversos grupos funcionam sob sua direção. As recomendações escritas entregues a Edel serão calorosas e eficientes.

O Superior de Heston escrevera, alguns dias antes, essas linhas significativas e que se confirmou de viva voz no decorrer da entrevista:

"Creio que a Legião de Maria é uma esplêndida resposta ao apelo do Santo Padre em favor da Ação Católica. Em nossa paróquia, os Pes. Brancos consideram a Legião como o melhor centro de operários apostólicos".

Contato precioso, pois Edel terá que visitar numerosos postos confiados aos Pes. Brancos: ela será, um dia, admiravelmente acolhida por S. Exa. Monsenhor Julien.

Encontra, também, o cardeal Hinsley, arcebispo de Westminster. No decorrer da audiência, o cardeal testemunha a Edel o mais paternal interesse: dá-lhe conselhos sobre as estradas mais praticáveis, sobre os métodos a empregar e entrega-lhe uma carta de apoio e de animação. A empresa interessa-o tanto mais porquanto fora outrora Delegado apostólico na África e guarda recordações pessoais. Como seu predecessor, o cardeal Bourne é um entusiasta da Legião. "Será, um dia, uma das mais poderosas forças para a reconstrução da sociedade".

O pequeno grupo que ficou em Londres acompanha também Edel em sua visita ao Colégio Missionário de São José, dos padres de Mill Hill. Ela deseja cumprimentar o superior dessa congregação encarregada de imensos territórios africanos. O Superior- Geral, o Pe.

O'Callaghan foi mais do que serviçal: assegurou a Edel o apoio de cada um dos missionários, sacerdotes ou Irmãs. "A Legião, declara ele, faz parte integrante da vida missionária".

Na quarta-feira, véspera da partida, alguns legionários chegam ainda de Dublin para se unir ao grupo e viver com Edel os últimos momentos de sua estada em Londres. Nessa noite, uma reunião de despedida, íntima e comovente, reúne legionários da Irlanda e da Inglaterra

em o novo Centro da Legião, em Haverstock Hill. O abade Creedon, diretor espiritual do Concilium, toma a palavra para salientar o sentido "católico" dessa missão de Edel. Após ele, o Sr. Nagle, presidente do Concilium, que assumirá a mais pesada parte da correspondência de Edel, traduz a emoção de todos: Uma obra de Deus vai se realizar; pensam nos Atos dos Apóstolos em que o Espírito Santo escolheu seus instrumentos e os enviou para longe. É bem o mesmo Evangelho que continua. Por sua vez, Edel diz algumas palavras, simples e despretensiosas: pede à grande família legionária que reze para sua missão: "Sem Deus, nada podemos". A este apelo, a Sra. de la Maré, Presidente do Senatus da Inglaterra, responde em nome de todos, mas começa por manifestar sua surpresa em encontrar a Srta. Quinn ainda viva.

"Há alguns anos", refere, "estava eu em visita à Irlanda. Um dia, algumas legionárias me dizem: 'Venha conosco ao sanatório de Newcastle, vamos visitar um legionário que está muito doente'. Acompanho-as, e encontro realmente uma irmã legionária gravemente enferma. Esqueci-me de seu nome, mas guardei uma recordação

85

F

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

inesquecível do contraste entre o estado físico daquela legionária tão perto da morte e a irradiação de sua alegria. Vocês podem imaginar, conclui, com que admiração vejo agora diante de mim a pobre inválida de Newcastle, transformada em intrépida Enviada à África!" deveria levantar ferros na quinta-feira. A última hora, uma contraordem determinou o O Llangibby Castle, um belo navio de 12 mil toneladas da Union-Castle Line, adiamento da partida para sexta-feira pela manhã.

Esse atraso imprevisto permitiu fazer ainda algumas compras indispensáveis, mas, obriga, infelizmente, alguns legionários a apressar suas despedidas sem poder acompanhar Edel até o fim.

Separam-se em Euston; apenas um único grupo de amigos passa a noite juntamente com ela.

A sexta-feira, 30 de outubro, é um dia magnífico: tempo claro, sol radiante. Um trem especial conduz os passageiros da Estação de S. Pancras até o navio. Lá pelas 11h30, o grupo chega a Tilbury. Todos sobem a bordo, ajudam Edel a instalar as bagagens leves na cabina e inspecionam o conforto. Depois, dirigem-se ao tombadilho para examinar o navio e procurar os missionários que vão fazer parte da viagem. Fotografias são tiradas para fixar as últimas recordações. Todos procuram tomar um ar desprendido e conversam banalidades.

Uma forte sirena anuncia aos visitantes que é chegado o momento de abandonar o navio. Permanecem ainda até o último momento.

Edel dissera a uma amiga que a acompanhava mais de perto naqueles dias: "Reze por mim e trate de me distrair o tanto quanto possível para que eu não me deixe vencer pela emoção". O momento é cruel: todos procuram dominar-se e esconder seus sentimentos. Edel, perto da passarela, abraça as amigas, sem nada dizer. Todos que a acompanham têm os olhos rasos de lágrimas, quando, de longe, the acenam. E o navio afasta-se, lentamente.

CAPÍTULO X A CAMINHO

"To every man there openeth A way and ways and a way, And the High Soul climbs the High way, And the Low Soul gropes the Low; And, in between, on the misty flats, The rest drift to and fro; And to every man there openeth

A High way and a Low, And every man decideth The way his soul shall go

(John Oxenham).

A todo homem abre-se uma estrada
e outra e mais outra ainda;
A alma nobre toma a estrada alta,
A alma vulgar arrasta-se pela estrada baixa;
entre as duas, sobre os planaltos brumosos,
as outras caminham ao sabor do mar e dos ventos.
A todo homem abre-se uma estrada alta
e uma estrada baixa, e cada um escolhe
a estrada que seguirá sua alma

(John Oxenham)

A CAMINHO

Edel realizava, finalmente, seu sonho de doação total. Não teria confessado um dia que orava, sem hesitação, para que Deus lhe concedesse a graça de amá-lo muito, de O fazer amar, e de morrer mártir ao seu serviço? Nas horas mais sombrias do sanatório, não perdeu a confiança. Eis que Deus correspondeu à sua expectativa. Humanamente falando, essa viagem era uma aventura. Para propô-la, fora preciso o espírito de fé e a coragem tranquila e segura do Sr. Duff. Edel tinha consciência disso: seu coração transbordava de reconhecimento para com aquele que havia "ousado" esse empreendimento.

No navio que a conduz a Mombaça, quer que seu primeiro gesto seja um testemunho de gratidão para com ele. Na hora da partida, não teve a força de lhe dizer as palavras necessárias, porquanto estavam cheias de emoção. Toma da pena. Essa carta que revela sua profunda reação assume a seus olhos o valor de um testamento. Ei-la:

"Não pude agradecer-lhe... receava a emoção. Como é bom sentir que confia

F

li

F

F

S

V

A

E

é

n

Si

q

VI

P

P

d

D

si

SI

50

D

C

61

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

em mim e que me dará auxílio nos dias que se aproximam! Desejo que você se recorde, aconteça o que acontecer, que lhe sou agradecida por ter-me proporcionado a possibilidade de partir. Compreendo que é um privilégio e sei também que, sem sua tenacidade, eu nunca teria sido a escolhida. Só almejo não decepcionar a Legião quando se iniciarem os trabalhos. Conto com suas orações para evitar qualquer fracasso.

E, novamente, quaisquer que forem as consequências, alegre-se de ter tido a coragem e a fé de imitar Jesus na preferência por instrumentos tão fracos. Sim, isso merecia ter passado sobre a tristeza dos outros! Sei a que ponto compartilhou cios sofrimentos deles. Não se arrependa. Quanto a mim, não mais voltarei ao assunto. Estou muito contente porque me deixou partir; mais tarde, os outros também ficarão contentes" "Quaisquer que forem as consequências" - estas palavras são calculadas. Edel arrisca a vida e se oferece a Deus, generosamente, em holocausto.

"Alegre-se de ter tido a coragem e a fé de imitar Jesus na preferência por instrumentos tão fracos..." O Sr. Duff, que a apoiou, deu provas de uma iniciativa que os "cautelosos" não compreendiam; ela pensava no choque que lhe poderia causar um dia a notícia da sua morte: com essa carta, preparava-o, desde já, para tal emoção. tarde".

Seu gesto de gratidão é de uma delicadeza sublime. "Os outros serão felizes mais Edel mede a que ponto sua partida foi um sacrifício para os seus; além da separação, sua fé lhe indica aquele cêntuplo prometido, ainda aqui embaixo. Deus não se deixa vencer em generosidade. Edel o crê, daí aquela serena convicção que não será desmentida. Edel não escreveu sua autobiografia espiritual; tal não era sua missão, nem o carisma, mas essa carta representa um resumo. Através dessas poucas linhas e das entrelinhas que se pode imaginar, penetra-se no íntimo de sua alma.

1

Esta expansão sobre seus sentimentos profundos descobre o que se esconde sob aquela alegria sempre latente. "Não falarei mais nisso": essas palavras revelam-na. Deus e as almas serão suas únicas preocupações: ela própria não existe. A ela cumpre adivinhar o frêmito interior, a vibração secreta. No correr da sua correspondência, Edel aparecerá como a mulher enérgica inteiramente entregue às atividades divinas. Suas cartas nada têm de lírico -pelo contrário, muito matter of fact, apressadas, cheias de perguntas e informações. Sua correspondência com o Conselho Central será volumosa: durante cerca de oito anos escreverá regularmente. É preciso procurar atentamente para descobrir aqui e acolá suas reações pessoais. Conclui-as, às vezes, com um final humorístico ou frases agradáveis. Torna-se necessário, pois, estar prevenido para a surpreender através desse sangue frio e dessa banalidade proposital. Para compreendê-la é preciso conhecê-la. Após ter dirigido essa carta ao Sr. Duff, Edel instala sua máquina de escrever e redige outras até às 5 da tarde. "Operação incômoda", confessa a um correspondente, pois escreve deitada, a máquina sobre o peito, procurando reagir contra o enjoo da travessia marítima, o que

A CAMINHO

não a impede de exclamar "Tudo está ótimo" e de assinar alegremente" da passageira Edel". A verdade é que está doente e que é preciso uma coragem mais que ordinária para

assistir à missa no dia seguinte. Entretanto, vai: o esforço a excede; deve pôr-se ao leito logo que acabar a missa.

A Providência vai-lhe reservar uma feliz surpresa. O salão em que os sacerdotes dizem a missa é demasiadamente estreito; de mais a mais, deve estar disponível a partir das 7h30. Como Edel viaja em primeira classe e sua cabina se presta, decidem que duas missas serão celebradas todas as manhãs na sua "célula". Preciosa atenção do Senhor! "É magnífico", diz ela, "e estou encantada". Para sua maior alegria, torna-se sacristã: como Marta, em Betânia, pode oferecer hospitalidade ao Mestre. Sempre atenta aos sinais mais delicados de Deus, não recebe esse "acaso" como o incógnito da Providência. Edel não fica na sua própria cabina senão para as missas e para escrever. Fora desse tempo, vive com as Irmãs de Loreto que encontra na classe de "turistas" do navio. As refeições são tomadas em comum e alegremente. Não carecem de ecumenicidade, nem de atração; há, à sua mesa, dois diáconos anglicanos, quatro Pes. de Mill Hill, uma senhora católica de Nice e seu marido protestante, seis Pes. do Espírito Santo, duas Irmãs Franciscanas e um pastor anglicano. Diverte-a esse coquetel de passageiros. Logo reina a cordialidade e Edel escreve: "Somos todos muito bem amalgamados". Uma vez que a chave da técnica legionária está no contato pessoal, ela põe-se logo a empregá-la.

Decidi, escreve, em 30 de outubro, que era melhor tomar minhas refeições na sala de jantar "turista": isto me permite maiores contatos. Posso sempre tomar o chá com as Religiosas em primeira classe! Como vê, vou poder tirar melhor partido das refeições. Espero que fique satisfeito.

Um pouco mais tarde, envia essas linhas que traduzem o ambiente:

A propósito de minhas refeições, é preciso que lhes conte uma história interessante. Escrevi minhas cartas com tal zelo que esqueci completamente o almoço (não se inquietem; pelo contrário, é tranquilizador). Quando quis tomá-lo, já era tarde demais. No lanche, cada sacerdote, ao entrar, apressa-se em indagar o que havia acontecido, se eu tinha estado doente, etc. Parece que no almoço tinham perguntado se eu não havia ficado na escala, mas a maioria dos viajantes me tinham visto a bordo, o que os tranquilizou. As Religiosas declararam que elas tinham ido à minha procura, mas foram obrigadas a renunciar, não sabendo o número da minha cabina. Para o cúmulo, um veterano das missões, o Pe. de Mill Hill, que tem o aspecto de dezessete anos, no máximo, fez-me um sermão sobre a necessidade de engordar. Atmosfera idêntica à nossa, garanto-lhes, verdadeira e legionária... Espero que agora estejam tranquilos sobre a minha pessoa.

Edel recebeu ordem para escrever seu jornal a bordo. O editor da revista Maria Legionis exigiu, assegurando que era um bom meio para obter orações para sua expedição. Não gosta absolutamente desse gênero de exercícios, mas irá executá-los. Isto permite

89

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

acompanhar sua vida a bordo do Llangibby Castle.

A travessia da Mancha é favorecida por um sol de verão, prazer antecipado das águas do Mediterrâneo. O golfo da Gasconha, infelizmente, põe fim à euforia: o mar torna-se agitado. Edel, tendo-se levantado para a missa, é obrigada a deixar a capela antes do término e voltar ao leito. Deitada, tenta assim mesmo escrever à máquina. A operação é por demais incômoda. Ela a renuncia. Pede desculpas pelos erros: "Em matéria de datilografia, cometi-os todos". O enjoo de mar é a tal ponto intenso que uma Irmã de Loreto pergunta se permanecer no leito, no caso em que recebessem ordem de deixar o navio, seria realmente

um caso de suicídio! Após o jantar, Edel não ousara enfrentar as refeições no salão, dois missionários indagam-na e oferecem-na seus serviços, "no caso", escreve ela, brincando, "em que eu tivesse necessidade dos últimos sacramentos!" Felizmente, surgem as costas de Portugal e o sol também.

Em 2 de novembro, Dia dos Mortos, as notícias são melhores: Edel levanta-se para a missa e comparece às refeições. Caçoam com ela sobre o seu enterro frustrado. Edel passa todo o dia com os sacerdotes e as Religiosas, e lhes fala da Legião de Maria. Para muitos, é uma revelação. Outros escutam com ouvido distraído, mas ela volta ao assunto.

"Sinto-me completamente reanimada", escreve, um dia, desde que o Pe. W. manifesta interesse pela Legião... É o instinto do viajante do comércio!"

Um dos missionários da equipe, por seu lado, escreve suas impressões sobre Edel:

"Apóstola ela não poderia deixar de ser. Considero o fato de ter conhecido a Srta. Quinn como um precioso presente do Senhor durante a nossa viagem para as missões".

O contato não deixou de produzir frutos: alguns anos mais tarde, reservará à Edel a surpresa de lhe oferecer cinco Praesidia florescentes no seu posto de missão.

Todavia, Edel não foge completamente às distrações de bordo. Se não joga tênis, peteca, nem cartas, participa de quando em vez dos concertos ou aprecia as danças. As distrações as mais vivas, conquanto mais raras, são os encontros com outros navios: todos ficam a bordo, contemplando o espetáculo.

Na quinta-feira, 5 de novembro, os passageiros são despertados pelo ruído de motores de aviões girando em torno do navio. Entram na baía de Palma: os aviões vêm inspecionar o recém-chegado. Vasos de guerra italianos e espanhóis, ingleses e alemães enchem o porto. É a época em que, após a guerra da Etiópia e das sanções contra a Itália, a corrida para os armamentos retornou impulso. O Mediterrâneo não é mais um lago inglês -os acontecimentos bem o demonstraram - e os futuros protagonistas do eixo Roma- Berlim pronunciam discursos belicosos, acompanhados pelo ruído das armas. De um lado e do outro, observa-se reciprocamente. Prenúncio do segundo conflito mundial.

Edel anota suas recordações: "O cruzador alemão que vimos de perto tinha a bordo não somente canhões, mas lambem um avião. O navio italiano estava absolutamente atapetado de canhões; seus costados pareciam munidos de torpedos. No navio alemão, havia, naquela manhã, desfile das tropas, e tocaram o "God save the King".

A CAMINHO

Como estávamos perto, disseram que era em nossa homenagem. Após o almoço, duas horas em terra. O cais estava apinhado de tropas governamentais espanholas equipadas dos pés à cabeça: fomos todos examinados minuciosamente".

Na sexta-feira, 6 de novembro, houve a parada em Marselha.

O pequeno grupo vai orar à Nossa Senhora da Guarda, que domina o porto. Edel para para contemplar os longos fios que sustentam navios em miniatura, aviões, hidroaviões, e mesmo um paraquedas. Tudo isto, embora não muito estético, é comovente. Visitaram Marselha: como era interessante estar em terra, num torvelinho de bondes e automóveis! "Há apenas uma semana que deixamos Londres", escreve Edel, "e já parecem decorridos anos"!

Reembarcam para fazer escala em Génova no dia seguinte e fazer uma visita ao Campo Santo da cidade. Edel manifesta suas impressões expansivas: é um cemitério de monumentos estrangeiros, encontra-se mesmo a catedral de Milão em miniatura. E também um forno crematório: aqueles que o desejarem, podem contemplar a incineração de seus parentes: isto leva duas horas. Um monumento funerário bem curioso representa um

homem e sua mulher: somente esta foi sepultada, mas a estátua do seu companheiro lá está a seu lado, em tamanho natural".

É preciso embarcar e saborear novamente o encanto duvidoso do balanço do navio. Edel luta da melhor forma com alguns intervalos de trégua. O navio passa entre a Córsega e a Sardenha de um lado, a ilha de Elba do outro. "Pobre Napoleão", escreve Edel, "vendo aquela ilha terrivelmente isolada e deserta; deve ter passado aqui horas bem amargas". Na segunda-feira, 9, o jornal de bordo assinala: "Levantei-me para a missa. Sinto-me em forma. Passamos hoje ao lado do Stromboli, que fuma. Descida pelo estreito de Messina, entre a Itália e a Sicília. Eis o Etna: seu pico alcança as nuvens e não há sinal de erupção. Hoje, há um concurso a bordo para adivinhar o número de milhas que o navio deverá ainda percorrer. Formam também um comitê esportivo e tomam as disposições para festejar dignamente o 11 de novembro. A temperatura está agradável, um pouco fria para vestuários leves. Delicioso e muito rápido o cair da tarde. É preciso adiantar os relógios em meia hora. Excitação a bordo! Foi descoberto um clandestino. Entrara sorrateiramente em Génova, e conseguiu esconder-se até o momento em que surripou o jantar de um passageiro: daí a catástrofe. É preso até a chegada do navio em Porto Said: de lá, será recambiado. Passara todo o dia no convés, junto aos viajantes: ninguém o tinha percebido". Quarta-feira, 11 de novembro: o armistício.

"Belo dia, porém refrescado pela brisa. Às 10h55, tocam a marcha 'Aos Campos'. Dois minutos de silêncio. O navio diminui a velocidade e todos sobem ao convés superior. Escrevi praticamente todo o dia; meu serviço atrasado já está regularizado. Concluo, de um golpe de vista, que na originalidade de seus trajes, os homens são equiparados às mulheres"

90

91

92

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Quinta-feira, 12 novembro.

"Recebi de maneira inesperada uma carta aérea: não imaginara que ela me pudesse alcançar no navio. Causou-me muito prazer.

Porto Said nada apresenta de extraordinário. Palmeiras bordam as ruas ao longo do cais. Por toda a parte encontra-se fisionomias carregadas e barretes vermelhos. A cada passo há um verdadeiro assalto de vendedores: vendem loukoum, joias, esponjas, a preços irrisórios e geralmente ainda fazem abatimento. Excessivamente tenazes, acompanham as pessoas pela estrada afora com suas mercadorias até que um policial os advirta. Então, batem em retirada, mas logo depois voltam ao ataque. Falam uma mistura de línguas. Muitos dentre eles interpelavam-nos com algum nome escocês: "Faz favor, senhora Macintyre", etc. Houve um que me abordou dizendo 'Compre, senhora Harry Lauder', o que fez as Religiosas rirem muito".

O Llangibby Castle entra lentamente no canal de Suez. No horizonte, apenas uma montanha visível: o Sinai. Após uma breve parada em Suez, retorna o curso através do mar Vermelho.

No domingo, 15 de novembro, alcançam Porto Sudão. A baía assemelha-se a um recife coraliano. Uma parte está transformada em jardim marinho, para alegria dos viajantes que podem apreciar flores marinhas enlaçadas a esponjas e peixes de todas as cores e dimensões. Há uma pausa para o trabalho de descarga. Edel observa um carregamento de cimento.

"É muito interessante", diz ela. "Para cada gesto que fazem durante o trabalho, os homens inventam uma canção e seguem um ritmo. É um zumbido agudo, muito monótono. Se acontece de romper-se um saco de cimento, dois homens descem ao porão para remendá-lo enquanto os outros, em círculo, cantam e batem palmas compassadamente. Em seguida, dois ou três improvisam uma dança. Depois disso, feito o concerto, soltam um grito e o saco é erguido nas costas do homem: dir-se-ia um jogo".

Devendo prolongar-se a parada em Porto Sudão, Edel aproveita para realizar sua primeira missão legionária no local. Disseram-lhe que havia nessa cidade um convento italiano pertencente às "Piedosas Madres dos Negros". Por que não tentar, então, estabelecer aí um centro legionário? Mas, como descobri-lo? Edel parte à aventura. Procura em vão entender-se com um agente local, com dois transeuntes negros e com um egípcio. Finalmente recorre à linguagem dos sinais, tira um livro do bolso, mostra a fotografia do convento e, à força da mímica, consegue fazer-se compreender pelo egípcio, que lhe indica a Igreja italiana. Edel encontra-a, finalmente: estava fechada. Bate à porta vizinha: nenhum sinal de vida. Nesse momento, três garotinhos italianos surgem não-se-sabe-de-onde e vêm em seu auxílio, puxando fortemente a campainha. Uma religiosa aparece e Edel é introduzida. A escola não era grande: recebe crianças italianas, egípcias, maometanas. Enquanto aceita o amável convite para visitá-la, Edel consegue falar da Legião de Maria. Conduzem-na então ao sacerdote, que se interessa vivamente pelo movimento, pensando na influência que

A CAMINHO

ele traria a um clube masculino que deseja organizar. No fim da entrevista, o sacerdote que deve ir dar a bênção do Santíssimo exprime a Edel sua tristeza de só ter como público as seis religiosas da escola. Edel pede-lhe que espere alguns minutos e corre ao navio convidando uns e outros. Triunfalmente retorna com diversos passageiros. "Foi", escreve Edel, "minha primeira bênção sobre o solo africano". Regressa apressadamente, pois o navio está prestes a partir.

A viagem prosseguiu sem incidentes: escala em Aden e, em seguida, entrada no Oceano Índico. Aproximam-se do termo. Edel tem pressa em despachar a correspondência e escreve muitas cartas, apesar do calor abrasador. Naquele momento em que irá iniciar sua missão, sente mais do que nunca a necessidade de estar em estreita comunhão com os dirigentes. Rediz-lhes quanto está ávida por receber as suas ordens.

"Não deixem", escreve, "de assinalar-me os erros que eu poderia cometer. Mesmo se suas observações chegassem tarde demais para um determinado caso, serão preciosas em outra ocasião. Devendo decidir sozinha, será um grande auxílio para mim conhecer bem as suas intenções". Receia seguir seu próprio julgamento e gosta imensamente de obedecer. Antes de deixar a Irlanda, por ocasião das despedidas a uma comunidade religiosa, insistiu que rezassem para que ela procedesse sempre de acordo com a vontade de Deus. "É tão difícil conhecê-la", dizia, "e a vida é muito curta para nos enganarmos"! Tal é a disposição de sua alma no momento em que vai iniciar essa nova vida. Nada assume importância a seus olhos senão a vontade de Deus expressa pelos seus dirigentes. Sabe que a obediência é a garantia da pureza de intenção e uma fonte infalível de graças. A África surge diante dela, desconhecida, imensa. Que Deus trace a rota e a guie pelos seus caminhos. Muito cedo, na manhã de 23 de novembro, o Llangibby Castle transpõe o ancoradouro de Mombaça, um dos grandes portos da costa oriental africana, porta de entrada do Quênia e de Uganda.

No cais, Monsenhor Heffernan, Vigário apostólico do Zanzibar, aguarda os viajantes. A Edel, que respondeu tão corajosamente a seu apelo, dá as boas-vindas de maneira particularmente cordial.

Uma vez cumpridas as formalidades de desembarque, Monsenhor explicou a Edel que Mombaça não será ainda sua última etapa. Reflexões feitas, acredita que Nairobi, situada mais no centro, é mais indicada para o trabalho de extensão. Propõe, pois, que Edel se reúna naquela tarde mesmo ao grupo das Irmãs de Loreto que prosseguem a viagem até Nairobi. Edel concorda imediatamente com essa modificação nos projetos. O que importa é que ela pisa finalmente na África e que sua missão vai começar. O resto é secundário. Enquanto espera o trem para Nairobi, vai, como turista, conhecer Mombaça.

93

94

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

SEU CAMPO DE Aテ・グ

EUROPA

MORROCOS

TUNISIA

ARGテ鵜IA Lテ坑IA

テ: RICA

OCIDENTAL

BERIA

FRANCESA

NIGERI

NIGERIA

ATORIAL FRANCESA

AFRICA EQUAT

EGITO

SUDテグ

ANGLO-

EGIPCIO

0

ARABIA

ETIテ撒IA

Campala AQUENIA

SOLARCLA BRITANICA

SOMALIA

HAHANA

NAIROBI Mombasa

DAR-ES-

SALAMEANZIBAR

TANGANCA

MBIQU

CONGO

BELGA

ANGOLA

RODESIA

SUDO R.

DO
ESTE SUL AFR.

JUNIテグ

SUL-

JOANESBURG

LOUFBANE

AFRICANA

MADAGAS

SPORTO

CAPテ控ULO XI

SEU CAMPO DE Aテ・グ

"Porque o Senhor, teu Deus, vai conduzir-te a uma terra excelente, cheia de torrentes, de fontes e de テ.guas profundas que brotam nos vales e nos montes / (...) terra cujas pedras s テ]o de ferro e de cujas montanhas extrairテ.s o bronze" (Deuteronテmio 7:7,9)

Mombaテアテ テう um microcosmos - ou melhor, uma encruzilhada de diversos mundos.

Percorrendo suas ruas, Edel nota logo o imenso campo de aテアテ]o que a aguarda. Desde os primeiros passos, esbarra com aquele problema cruciante que, em todas as etapas, ameaテアテ. o テ.xito da sua missテ]o: a mistura das raテアテas.

A costa oriental, cuja entrada テう Mombaテアテ, havia pertencido, outrora, ao mundo asiテ.tico. Navios aportavam, vindos nテ]o somente do golfo pテうrsico e das indias, mas ainda da China e da Malテ.sia. Os テ.rabes lテ. se instalaram e esposaram mulheres indテ.igenas. Seus descendentes sテ]o os suaテ.iliatuais, que deram a lテ.ingua a todo o leste africano, do Nilo ao oceano, e do rio Juba ao rio Rovuma.

Apテうs os テ.rabes, vieram os portugueses com Vasco da Gama. Quando, por sua vez, foram expulsos, comeテアテou o declテ.nio. Uma apテうs outra, as cidades destacaram-se do centro: essa desagregaテアテ]o arruinou o prestテ.igio. Depois da primeira guerra mundial, todo o territテ.rio situado entre os rios Juba e Rovuma de um lado, e o Oceano テ.lico e os Grandes Lagos de outro, caiu sob o controle britテ.nico.

Essa regiテ]o, dividida em quatro territテ.rios, テう governada de maneira diferente, segundo os princテ.pios empテ.ricos e amoldテ.veis da colonizaテアテ]o inglesa.

Zanzibar テう um protetorado: o sultテ]o permanece nominalmente o chefe. Conservou muitos de seus direitos soberanos, porテ.um, dispondo de um exテ.rcito, nテ]o se torna guerreiro. テ. assistido por um residente britテ.nico.

Uganda テう, igualmente, protetorado britテ.nico, mas o governo テう mais complicado. antigo reinado de Buganda sobrevive ainda com seu rei, o primeiro-ministro, o parlamento e um sistema de condados e subchefes. No interior do protetorado, mantテ.em-se ainda diversos Estados minテ.sculos, com instituiテアテ.es rudimentares-se bem que Uganda テう, na realidade, uma federaテアテ]o de Estados indテ.igenas de desenvolvimento desigual. Das quatro regiテ.es, Uganda テう a mais prテ.سpera. As escolas sテ]o numerosas, as estradas melhor conservadas. Este relativo conforto テう devido テ. inteligテ.ncia dos indテ.igenas, テ. cultura do algodテ]o, ao clima e テ. riqueza do solo.

Tanganica, por sua vez, tem um estatuto especial: テう protetorado. Conta-se mais de 119 tribos diferentes: costumes e modos de governo variam quase que infinitamente e o apostolado terテ. de multiplicar os seus expedientes.

95

96

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

O Quênia, finalmente, o primeiro território onde Edel missionará, é a única Esse imenso pedaço da África, que passa de 1.600 km, do norte ao sul, e mais de 1.200 km verdadeira colônia da Coroa. A esse título, está mais diretamente sob controle britânico de leste a oeste, conta mais de treze milhões de negros das mais variadas raças.

A superfície desses quatro países cobre uma extensão maior do que a Inglaterra, a França, a Espanha e a Itália reunidas. Tal é o principal campo de ação que Edel, a semi- porquanto trabalhará também em Niassalândia e passará alguns meses na Ilha Mauricio, inválida, tem por missão percorrer em nome da Virgem Maria. Ela irá além desses limites, no Oceano Indico.

Ei-la nas ruas de Mombaça, observando, com seu olhar perscrutador, aquela envoltos numa longa túnica de algodão branco, o "Kanzu", com seus coletes bordados e multidão confusa e barulhenta. Estranho espetáculo! Ela encontra árabes barbudos, cingidos por um cinto vermelho. São os dominadores de outrora, os descendentes daqueles opulentos mercadores de escravos e de marfim.

Evocam o período em que o leste africano, de Mogadicho ao Moçambique, pertencia ao sultão de Muscat. Esse passado não mais existe, mas ainda lhes resta um aspecto cortês, reservado, aristocrático, assim como lampejos de arrogância.

Misturados àquela multidão árabe, eis os indianos. Seus antepassados talvez viessem de Bombaim; porém, nasceram aqui. Relações de família unem-nos às índias, para onde enviam dinheiro aos seus parentes - um pouco como o italiano da América que não olvida a mãe-pátria. Para eles, o Oceano Indico não é uma barreira; no máximo, um lago interior que separa dois ramos de uma mesma família. São pacíficos; seu espírito está preso aos negócios. Consideram o leste africano um imenso mercado onde, em troca de variados tecidos, compra-se, a preços módicos, milho, farelo e peles de animais.

Edel não terá grandes contatos com as raças árabes ou indianas. Orientará o seu apostolado, antes de tudo, para os africanos. O que a impressiona, logo de início, é a diversidade. São tantas as variedades, que se tem a impressão que toda a gama da civilização ali está em miniatura. Alguns, pouco numerosos na cidade, acham-se ainda vestidos como na região de origem: os homens trazem peles ou cobertas; as mulheres, capas e peles de cabra em ocre vermelho. Na outra extremidade da escala social, ela encontra os europeus evoluídos: esses também são em minoria. A massa dos africanos que ela cruza situa-se entre esses dois extremos. Usam calças caqui curtas, camisas de algodão em cores variadas, velhos chapéus de feltro, andam descalços ou de sandálias. Entre eles, o contraste físico é mais acentuado do que entre as raças europeias. Um cavirondo é de tipo muito diferente de um somali do Norte enfeitado. O primeiro tem a fronte larga, espessos lábios vermelhos, uma ossatura pronunciada, um sorriso acolhedor. O somali, pelo contrário, tem os traços aquilinos, o porte elegante, a tez bronzeada: é frio, polido, reservado. Será essencialmente necessário não os confundi e saber classificá-los. Edel terá que lidar com as mais diversas populações, os mais opostos costumes, as mais aguçadas suscetibilidades. Ela se dirigirá a

SEU CAMPO DE AÇÃO

eles com o coração de Maria, isto é, um coração de Mãe, largamente acolhedor para todos os seus filhos. Com um sorriso também, mais eloquente que os dialetos que ignora, e com uma fé que excede montanhas de preconceitos.

Em Mombaça, Edel faz apenas uma ligeira parada. As quatro horas da tarde, segundo o desejo expresso por Monsenhor Heffernan, retoma o trem para ir a Nairobi, capital do Quênia. Viagem longa: o trem sobe lentamente de 50 até 5.500 pés. A princípio, Edel admira a variada paisagem de folhagens luxuriantes, de cores brilhantes. Em seguida, a

região torna-se mais monótona e oferece apenas vastas planícies desertas. No meio do caminho, atravessam a região da caça. Edel escreverá a um correspondente que os únicos animais visíveis eram alguns cervos e gazelas em liberdade. "Que decepção", diz ela. "Estou certa que em Dublin os profetas de mau agouro estarão admirados com uma visão tão calma"! No dia seguinte, às 10h30 da manhã, chega, finalmente, a Nairobi, termo de sua longa viagem.

Recebe, primeiramente, a hospitalidade no convento das Irmãs de Loreto. Mas, como esse convento está situado fora da cidade, ela se alojará definitivamente no de Santa Teresa, em Eastleigh, na missão das Irmãs do Precioso Sangue. Essa residência está ligada à Missão de São Pedro Claver, cujo superior é o Pe. Maher. Conta-se 120 pensionistas indígenas. No momento da chegada de Edel, a Igreja acaba de ser construída; ao lado da sacristia, há um pequeno parlatório. É aí que Edel instala-se definitivamente, sentindo-se feliz por estar tão próxima do Mestre e de habitar sob o seu teto.

Nairobi!

Quantas vezes esse nome vai aparecer na sua correspondência!

Nairobi será seu porto de ligação e de retiro durante a primeira parte de sua estada e também na etapa final, quando ali voltará para morrer. E ali mesmo se fundará um dia o Senatus para a África Equatorial Inglesa.

Nairobi é a mais vasta cidade africana entre o Cairo e Joanesburgo.

A cidade impressiona pelos seus telhados enferrujados em tela galvanizada, espalhados numa planície poeirenta. Bosques de verdura quebram a monotonia da paisagem, particularmente os troncos acinzentados de eucaliptos. As grandes artérias são salpicadas de folhas de jacarandá cor de malva. Hotéis modernos, de seis andares, avizinham-se com bangalôs em madeira, lojas antigas bem sortidas, cabanas indígenas. Nairobi passou, pois, sem transição, de posto avançado de mercado e de acampamento ao estado de capital comercial e política. Este desenvolvimento forçado retira-lhe toda a graça: cidade principal de uma atividade febril. A população, de cerca de 100 mil habitantes no momento, compreende seis décimos de africanos, três décimos de indianos, um décimo de europeus. Apesar dessa proporção, Nairobi impõe-se como uma cidade indiana, pois é o indiano que possui a maior parte das propriedades e das empresas comerciais, que trabalha mais arduamente e com maior sucesso. Ouve-se, por toda a parte, uma mistura de línguas:

97

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

o indústão e o gujerati, o suaíli e o inglês, o kikuyu e o luo, e, de tempos em tempos, para maior complicação, o alemão, o polonês, o italiano,...

Nairobi, como Mombaça, é uma cidade de contrastes: cruza-se aí com o europeu o mais modernizado e a camponesa indígena que vem ao mercado trazendo sacos de sementes e cachos de bananas. Hoje, estas usam vestidos de pacotilha à europeia; há alguns anos, via-se ainda elas vestidas de peles de cabra, com espirais de cobre brilhante nos braços e nos tornozelos. No interior da cidade, tem-se a impressão de estar numa capital de segunda ordem, mas, a alguns quilômetros dali, leões, zebras e girafas encontram-se em liberdade. Choque de civilizações, contrastes de paisagens, Nairobi é uma cidade de transição, sem alma própria, com atmosfera paga, materializada. Uma carta de 23 de novembro de 1936 traduz as primeiras impressões de Edel:

"Nairobi assemelha-se a uma cidade moderna: os monumentos são de um estilo mais futurista do que os nossos, particularmente os postos de gasolina (tão numerosos quanto

em nossa terra). Graças à altitude, o ar é maravilhosamente leve. Por toda a parte, flores em profusão, maciços cor de malva e vermelhos, multidão de árvores. O crepúsculo começa às 18 horas; ouve-se então o cricrilar dos grilos e o coaxar ensurdecedor das rãs. O Natal é, geralmente, o tempo de intenso calor".

Alguns dias após sua chegada, indicam à Edel as personalidades que deverá procurar e os encontros se sucedem. Ela visita Sir. Joseph Sheridan, presidente da Associação Católica e presidente do Tribunal: a entrevista é excelente. "É um homem encantador", escreve Edel. "Confessou-me que esperava ver-me num hábito de religiosa e que eu estava verdadeiramente bem disfarçada, etc. É um membro auxiliar da Legião e já recrutou outro. O Pe. Howell recrutara-o, por sua vez, em Uganda... Como evitar a Legião?"

Edel vê ainda outros católicos influentes que a acolhem muito bem, mas não escondem que sua missão é difícil. "Formulam votos de esperança em meu sucesso, mas", escreve Edel, "não parecem convictos". Receiam que ela se iluda e o próprio bispo o disse, caridosamente, dando-lhe carta branca: "Recorde-se que não estamos aqui nem em Dublin, nem na Irlanda".

Realmente, a vida católica entre os europeus não é absolutamente intensa; o clima febrilmente comercial não é propício à prática religiosa. Edel recebe imensos conselhos de prudência e diplomacia. Gostariam que ela recrutasse seus primeiros legionários eventuais entre os católicos veteranos, já membros das outras associações. Ele defende-se com vivacidade: "Eu repito incansavelmente", escreve, "que a Legião é para todos e que, procurando recrutar as pessoas pertencentes às outras associações, arriscarão a excluir as demais". A Legião faz uma questão de honra de encontrar seus membros em todas as classes sociais e apela largamente para todos os de boa vontade. Desejava demonstrar isso desde sua chegada.

98

Há algo mais grave. Logo nos primeiros passos, Edel esbarra com um problema
SEU CAMPO DE AÇÃO

inteiramente novo: a separação e a hostilidade das raças. Nota que existem em Nairobi três centros de vida cristã com Igreja própria: o dos europeus, o dos goaneses e o dos africanos. Cada um deles é um mundo fechado. É impossível, dizem-lhe, fazer aceitar a Legião, ao mesmo tempo, pelos europeus e pelos goaneses. Com maior razão, é impossível organizar grupos mistos com os africanos. É preciso escolher. Os goaneses, relativamente numerosos em Nairobi, são, em geral, profundamente religiosos. Estão ligados a Goa, o grande centro de expansão missionária do Oriente, desde que São Francisco Xavier fez ali o seu quartel-general. Estão próximos dos europeus e, ao mesmo tempo, muito afastados. Não é tudo: Nairobi abriga um mundo à parte: os seicheles, que não querem ser identificados com nenhum outro grupo étnico.

Seria melhor optar pelos europeus? Mas esses acham-se muitas vezes espalhados pelos arredores da cidade. Poder-se-ia reuni-los e trazê-los ao trabalho em semanário das visitas? E, além disso, terão eles a necessária generosidade?

Frequentemente, em sua correspondência, Edel aborda esta questão espinhosa. Em 16 de dezembro de 1936, assim escrevia: "Para lhes dar ideia da questão racial aqui, relato-lhes o seguinte fato: Um dia, eu fixara um encontro na cidade com a tesoureira goanesa. Era minha intenção explicar-lhe, entre outras coisas, suas obrigações. Em qualquer café ou estabelecimento em que eu a levasse comigo, pediam-lhe para se retirar. A única solução foi ir a um hotel, cujo proprietário era conhecido do presidente, e explicar-lhe, a portas fechadas, a dificuldade. Por uma graça inaudita, ele cedeu-nos seu próprio escritório." Este episódio evidencia bem as distâncias inter-raciais.

Restavam os africanos que pertencem à paróquia de São Pedro Claver. Quantos são? Dizem que há cerca de três mil cristãos, viajantes ou radicados, e mil e quinhentos paroquianos permanentes. Muitos ficam dois a três meses em Nairobi, depois regressam ao interior para passar o terceiro mês no seio de sua tribo. Nessas condições, pode-se ainda falar de paróquia? O termo está mal-empregado para elementos tão inconstantes. De mais a mais, explicam a Edel, essa paróquia flutuante nem ao menos é homogênea: cerca de vinte tribos diferentes ali se entrecruzam e cada uma delas orgulha-se de suas particularidades e de seu isolacionismo.

Essas dificuldades todas condensam-se numa frase que Edel ouvia constantemente: "Ah! A senhora não conhece Nairobi!" O que quer dizer: renuncie. Não fazem cerimônia, aliás, para falarem abertamente. Edel transmite a Dublin esses conselhos. "Pessimistas", diz ela, "é um termo moderado demais para qualificar as reações quando se chega à organização e ao trabalho ativo. O mesmo estribilho, a todo o momento: "a senhora não conhece Nairobi!" Para induzi-la a não prosseguir, deixando as coisas como elas estão, chegam a lhe dizer: "Pensando bem, a vida do próprio Jesus foi um fracasso; não há, pois, razão de se surpreender que essa seja também a sua sorte". Edel rejeita os

99

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

"pássaros de mau agouro". "Se não se tratasse da Legião, concluí, e se já não tivéssemos ouvido afirmações semelhantes, só haveria uma saída: bater em retirada" (carta de 3 de dezembro de 1936). E esta solução jamais seria aceita.

A Legião tem uma grande experiência em matéria de "impossibilidades" A cada passo de sua história, os sábios e os prudentes quiseram sustar suas audácias, considerando-as "impossíveis": não se pregam retiros fechados a streetgirls, não se pode converter Bentley Place, não se funda Morning Star nem Sancta Maria. Edel conhecia uma longa série de dificuldades vencidas. Sabia também que a Legião declara que as grandes impossibilidades são divisíveis numa série de possibilidades menores e que sempre se pode tentar o primeiro passo. Se é impossível atingir de um salto o cume de uma montanha, nada impede que se suba uma primeira rocha, via de acesso a uma segunda, e assim por diante. Edel procederá, pois, com a prudência requerida, e por investidas sucessivas. Reconhecido o terreno, e animada pelo bispo no seu desejo de unir num primeiro grupo europeus e não-indígenas, ela entrega-se à ofensiva. Devido à diversidade das línguas, a união parece irrealizável sobre o plano local. Edel resigna-se, mas não espera para realizá-la em grau superior: a da Curia. Conservando o ideal bem luminoso, põe-se à obra.

Para evitar ferir as suscetibilidades falando a um grupo antes de outro, Edel anuncia simultaneamente às Igrejas goanesas e europeias que fará uma primeira palestra sobre a Legião de Maria. Um certo número de curiosos responde ao convite. É o primeiro contato - a entrada no assunto. Após essa dupla reunião preliminar, Edel convoca os voluntários eventuais para uma outra, mais restrita, a fim de regularizar os detalhes. Momento cruciante. Responderão a esse convite direto, que, por sua vez, já é um compromisso? Aceitarão a experiência integral? Ao iniciar a reunião, alguém observa a Edel que o próprio Manual afirma que não se deve lançar a Legião quando não há possibilidades de sucesso. Deixam-na deduzir a conclusão. "Vejam isso!", escreve. "Ouvir citar o Manual contra nós mesmos!" Edel espera, ansiosa. Para tal circunstância, aprendeu quase de cor o seu discurso de abertura. Espera. E acha-se recompensada pela sua confiança. Com surpresa geral, vinte e cinco pessoas vieram ao encontro, entre as quais cinco goaneses. A partida, todavia, ainda não estava ganha. Era preciso advogar a causa da Virgem e responder a

uma multidão de objeções e de perguntas. "As obras pululam!" "O campo apostólico está repartido a contento!" Edel ouve dizer, como outrora a Virgem, na noite de Natal: "Não há lugar na hospedaria!" Alguém julga dar o golpe decisivo declarando que, aliás, não há nenhum trabalho religioso para se fazer em Nairobi.

Nesse momento, Edel recebe um reforço que vai decidir a vitória. A Irmã Garinon uma das suas companheiras de viagem no Llangibby Castle, presente na ocasião — observa que, somente na sua vizinhança mais próxima, conhece catorze crianças que estão necessitando de aulas de catecismo. O golpe foi decisivo. Desperta consciências enlanguescidas. "Haverá voluntários para um primeiro grupo?", indaga Edel. Apresentam-

100

SEU CAMPO DE AÇÃO

se seis mulheres. O primeiro Praesidium da Legião acabava de ser fundado no Quênia. O nome impõe-se: será denominado "Praesidium da Imaculada Conceição", porquanto nascera na véspera de 8 de dezembro. Agora só resta passar à ação. O trabalho inicia-se por visitas ao hospital e por aulas e catecismo aos domingos. Aos seis membros primitivos, uniram-se outros voluntários, formando-se, então, um segundo Praesidium na paróquia. A atividade estende-se: conservação da Igreja, difusão da boa imprensa, recenseamento dos paroquianos. Pouco a pouco os membros tomam coragem. Uma vez que os europeus vivem de ordinário muito afastados uns dos outros, vencerão esse obstáculo com elegância: em caso de necessidade, os legionários farão suas visitas dois a dois... de automóvel. No domingo da oitava da Imaculada Conceição, surgia o primeiro Praesidium de africanos; a própria Edel narra como procedeu:

"A Legião foi primeiramente explicada às Filhas de Maria e aos componentes da Missão, servindo de intérprete um dos sacerdotes. Havia cerca de 100 pessoas, sendo 40 mulheres. Entabulou-se animada discussão no decorrer da qual numerosas questões foram apresentadas. Ao final, foi concedida uma semana para reflexão.

No domingo seguinte, 13 homens e 3 mulheres exprimiram o desejo de se tornarem membros da Legião.

O trabalho empreendido pelas mulheres foi o ensino do catecismo e a visita das secções femininas no hospital. O dos homens consistia em visitas domiciliares, procura dos cristãos pouco fervorosos ou não-praticantes, regularização dos casamentos, recrutamento de catecúmenos e ensino do catecismo àqueles que se achavam na prisão" *.

O Pe. Maher, superior da Missão, torna-se diretor espiritual desse primeiro grupo indígena. As orações da Tessera são traduzidas em suaíli, primeiro trabalho desse gênero que Edel retomará frequentemente em cada nova extensão.

Anuncia a Dublin esse início promissor e acrescenta: "Se fracassarmos, que a culpa me seja toda atribuída... O impossível foi vencido, aliás: demos crédito à graça e à fé." Com muita razão Edel concede uma importância particular a essa experiência no mundo africano; é como um teste.

Em carta de 26 de dezembro de 1936, acentua esse alcance apologético:

"O interesse em fundar a Legião primeiramente no Quênia justifica-se por ser essa a região mais atrasada, do ponto de vista da Igreja. Quero dizer, evidentemente, que a religião católica é nova aqui, se não me engano. No Uganda, está bem estabelecida e a Igreja floresce. Por conseguinte, se a Legião triunfar no Quênia, será um bom fator quando eu for para outros lugares. Pois no Uganda vão me objetar provavelmente que, na Nigéria¹, a população fala correntemente o inglês e que não lhes será muito difícil adotarem a Legião. Mas eles não terão mais argumentos quando forem notificados de que a Legião aclimata-se na África Oriental, onde os habitantes não falam inglês e não têm tradição cristã.

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

O mesmo também pode ser dito para Bagamio e Quilimanjaro que, embora mais antigos que Zanzibar, não estão tão adiantados quanto Uganda."

Edel termina sua carta descrevendo como passou o dia de Natal entre os africanos: sente que já se dadiu de corpo e alma.

"A véspera de Natal", escreve, "foi das mais agradáveis. O Pe. Maher convidara-me insistentemente para assistir à missa da meia-noite na Igreja indígena. Reservei, então, um quarto no hotel para essa noite.

Era uma missa festiva. A Igreja estava repleta; disseram-me que havia cerca de 1.500 pessoas; evidentemente, houve cantos. E era encantador ver-se os pequenos acólitos movimentarem-se respeitosamente com uma disciplina perfeita, sem uma distração! Creio que todos os assistentes comungaram, pois foi preciso uma meia-hora para dois sacerdotes distribuírem a sagrada hóstia. Espetáculo inesquecível a que por coisa alguma no mundo eu teria deixado de assistir. Após a missa, os fiéis foram todos rezar no Presépio. Muito respeitosos na Igreja, cantam o Credo e os responsos em latim, de maneira impecável. Na missa das 6h30, a parte superior da Igreja estava repleta de mulheres com os bebês nos braços, ou nas costas, conforme o uso. Nenhuma havia comparecido à cerimônia à noite, porquanto aquela missa matinal lhes era particularmente reservada. Como nas outras missas, houve muitas comunhões. Quadro comovente ver aquelas mães dirigirem-se à mesa da comunhão com seus filhinhos - muitos deles ainda dormiam. Mas os que estavam acordados encarregavam-se de fazer barulho por todos os outros!

Após a última missa, fui procurar o Pe. Maher, que almoçava às pressas, pois 40 catecúmenos adultos esperavam-no para receber o batismo!"

Esse Natal em terra africana será uma das melhores recordações de Edel. Única representante europeia no meio daquela multidão, sua presença era um símbolo: os africanos intuitivamente compreendiam sua a significação e alcance.

Alguns dias depois do Natal, Edel visita o quarteirão deles em Nairobi. Através do pitoresco da descrição, adivinha-se uma amizade nascente que só tende a aumentar.

"Ontem visitei uma parte do quarteirão indígena", escreve, em 14 de janeiro, "a J. Nagle; são casas que o governo aluga. Isto merecia ser visto, asseguro-lhe! O sacerdote encarregado desse distrito acompanhou-me, assim como o catequista-chefe, que conhece todos. As casas são feitas de lama seca com uma espécie de telas em zinco abrigando, cada uma, cerca de seis famílias; um estreito corredor divide seis peças, três de cada lado. Porém, em matéria de ventilação, esses alojamentos são nitidamente preferíveis a muitos outros pardieiros que visitei em nossa terra. Essa era também a opinião do padre com quem conversei. Tudo está muito limpo e arrumado; aliás, convém saber que essas casas são inspecionadas e devem ser convenientemente conservadas! Essa primeira visita foi verdadeiramente divertida; éramos escoltados por uma meia dúzia de crianças, às quais juntou-se mais tarde um professor da escola da Missão. Passando pelas casas de

SEU CAMPO DE AÇÃO

algumas senhoras legionárias, estas também se associaram ao grupo. Uma delas parecia verdadeiramente a figura da Rainha de Sabá: lenço de cor viva, brincos pendentes das orelhas, sari de grande efeito e dois outros panos estampados completavam o conjunto; acrescente a isso maneiras magníficas e unia fisionomia insinuante e agradável. Assim que chegou, pôs-se à testa da procissão! Era a segunda esposa de um homem da tribo Nandi e

mãe de sete crianças; atualmente está retirada numa digna viuvez. Ao vê-la, julgar-se-ia que tivesse apenas vinte anos e livre de preocupações; porém, se já não tem mais seus vinte anos, creio bem que, realmente, não tem preocupações. Era muito interessante; algumas mulheres cosiam, outras despertavam da sesta habitual, outras tagarelavam... Em quase todas as casas havia um gatinho... sem falar das crianças. Aí passamos cerca de duas horas, e devemos voltar a semana próxima para terminar nossas visitas. Parece que os europeus nunca virão a esse quarteirão; naturalmente, o sacerdote mencionava a Legio Mariae em todas as casas que entrávamos, quando a pessoa visitada ainda não a conhecia."

Edel despede-se com essa perspectiva que parece uma generosa utopia: "Ocorreu-me a ideia de perguntar se não poderíamos comemorar a Acies* em março, com os Praesidia indígenas e não-indígenas. Seria magnífico, se assim fosse..."

(*) A Acies é a grande reunião anual em que a Legião renova, individual e coletivamente, sua consagração a Nossa Senhora.

103

104

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

CONGO

SUDÃO

ANGLO-EGIPCIO

Kakuma

ETIÓPIA

BELGA

Atura

Masindi

Kumi

Kamuli Torora

Campala

Jinga

ENTEBE

QUÊNIA

Kitale Eldoret Kakamega

Nakuru

Nanguki

Vajir

Garissa

NAIROBI olkuta Makindu

Voi Kili

SOMÁLIA ITALIANA

Quito

Malindi

Koora

Arucha Mochi

Muanza

Bura

A

Kigoma Usoke Tabora Udjidji

Korogue
Tura
Mambasa Funda Langa ZANZIBAR
Dodoma
山
Karema
Kilosa Morogoro
RODÉSIA DO
Mwaya
Iringa
Itete o
。 Mahenge
EDAR-ES-SALAME
Ruaha
Elindi
Masasid
NORTE
MOÇAMBIQUE
CAPÍTULO XII
A CORRIDA DOS OBSTÁCULOS
A CORRIDA DOS OBSTÁCULOS

"Senhor Jesus, ensina-me a ser generoso, a dar sem medir, a combater sem a preocupação de ser ferido, a trabalhar sem procurar repouso, a me darivar sem esperar outra recompensa se não a de saber que cumpri a vossa vontade!" (Sto. INÁCIO)
com obstáculos.

Edel está às voltas com uma tarefa sobre-humana. Fazer aceitar a Legião respeitando seu espírito e seu método; enraizá-la, vigiando o seu crescimento e a perseverança dos membros, é um combate de todos os instantes, uma verdadeira corrida. Trata-se primeiramente de convencer, um por um, os missionários, e fazer com que leiam o Manual. Primeira batalha: por toda a parte respondem-lhe que a tarefa é demasiadamente pesada e que não há tempo para isso. A força de sorridente obstinação, Edel ganhará, muitas vezes, essa primeira escaramuça. Então, trava-se um primeiro combate. O Manual, dizem-lhe, é rígido demais. Etribilho, com mil variações, que ela ouvirá por toda a parte. É preciso, dizem-lhe, modificá-lo e adaptá-lo. "Você não conhece Nairobi!" E cada um propõe suas reformas: reuniões mensais, e não semanais, visitas individuais, e não a dois,... Querem isto, recusam aquilo. Edel encontra-se diante de veteranos missionários, ela não pode falar em nome da experiência, nem discutir de igual para igual. Recorda-se sempre que o sacerdote é o enviado de Deus e tem por ele um respeito jamais desmentido. Edel de joelhos diante do Pe. Magennis... é a imagem de sua fé na Igreja. Discutirá o menos possível. Oferece simplesmente um instrumento de conquista: seus principais trunfos são o heroísmo de sua vida, sua abnegação evidente, seu sorriso e seu bom humor. Eis como Rev. Pe. Reidy, C. S. Sp., descreve os primeiros contatos de Edel: "Ninguém", diz ele, "poderia realizar a enormidade de sua tarefa... Com sua requintada sensibilidade, seu espírito perietrante, realista, ela deve ter sentido, apesar da boa vontade de um pequeno grupo de amigos, que se achava praticamente só para enfrentar um empreendimento tão gigantesco. Porém, sua atitude nada deixava transparecer; pelo contrário, seu otimismo era comunicativo. Seu profundo senso de bom humor estava sempre presente. Ela sorria e

tornava alegres os demais, mas nunca de maneira frívola. Mesmo em outras ocasiões, pequenas sutilezas revelavam um espírito grave."

Quase sempre, salvo quando as circunstâncias indicavam que teria sido imprudente ou contraproducente, a conversa girava sobre a Legião. A transição operava-se antes que o percebessem. Então, ao trabalho! Podiam continuar a gracejar, mas era preciso que isto não pudesse perturbar o influxo da Legião. Julgavam-se, então, censurados, não tanto pelas suas respostas ela tinha o dom de emitir no momento oportuno tiradas

105

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

espirituosas-mas unicamente pelo fato que sua natureza delicada e sensível sentia-se magoada.

A fundação dos grupos esbarrava com numerosas e inevitáveis objeções, que, apenas formuladas, eram logo repelidas. Quando sinceras, Edel as acolhia de boa vontade. Compreendia que aqueles que as levantavam ignoravam inteiramente a Legião ou dela tinham conhecimento imperfeito. Contrariando-os, ela era paciente, clara, precisa. Ao fundar-se a Legião em algum lugar, é preciso quase inevitavelmente contar com dificuldades. Muitas eram próprias da África Oriental e inéditas para ela. Edel jamais esmorecia diante de novos obstáculos. Sua reação imediata era procurar como vencê-los. A ideia de que uma mulher tivesse sido encarregada de lançar a Legião surpreendeu muitos europeus. Aos africanos, porém, para os quais as mulheres não são mais do que rachadoras de lenha e carregadoras d'água, chegada da Srta. Quinn como organizadora da Legião deve ter parecido não somente estranha, mas absurda. Digamos logo que esse preconceito desfez-se como neve ao sol tropical assim que ela entrou em contato com eles; não somente o preconceito desapareceu, mas foi substituído pela estima e a admiração. Não tardaram em perceber que essa europeia era diferente das outras. Antes de tudo, ela lhes testemunhava um interesse profundo e ativo. Conversava e ria com eles, visivelmente feliz com sua companhia, sem nenhum vestígio daquela altivez à qual estavam habituados por parte dos europeus. Nem o interesse pessoal, nem o do lucro maculavam suas atividades. A Legião pedia abnegação e dessa virtude ela era um modelo admirável. Não somente sua missão era puramente espiritual, mas mariana, o que fazia vibrar uma corda simpática. Com uma inconcebível rapidez, conquista uma alta estima e, sucesso mais notável ainda, essa estima lhe sobrevive. A missão de Edel punha-a em contato com sacerdotes e leigos das mais diversas nacionalidades. Ela conseguia sempre captar sua simpatia e sua admiração e induzi-los a colaborar. Enfrentando suas objeções, lançava mão de todos os recursos de seu excepcional bom senso. Por coisa alguma no mundo teria modificado uma regra do Manual. "O mesmo que tentar desviar o curso de um rio!", declarou um missionário.

Isto, por questões claramente visadas pelas superiores autoridades da Legião. Sobre os pontos secundários, não somente ela aceitava as sugestões, mas as acolhia e animava. A agilidade com que se movia e sua facilidade em resolver as coisas rapidamente eram apenas os reflexos visíveis de um espírito sempre ativo e lúcido. Para quem a conhecia, uma decisão equivalia a um fato consumado.

Naturalmente, ela esperava dos outros qualquer coisa de semelhante. Só queria iniciar um Praesidium quando houvesse sérias possibilidades de sucesso. Quando, apesar de seus melhores esforços, o grupo esperado não se concretizava, ela aceitava o fato pacientemente, com um bom senso impregnado de doçura. Desapontada sim, certamente

que estava, mas era preciso observá-la muito atentamente para o perceber, ou ser muito íntima para receber suas confidências. Sua decepção, em todo o caso, não provinha do

106

A CORRIDA DOS OBSTÁCULOS

fracasso pessoal, mas do pesar de ver passar uma ocasião de aproximar as almas de Deus e de Sua Mãe. Jamais perdia a esperança. Aguardava circunstâncias mais favoráveis e sua expectativa, muitas vezes, era recompensada. Vencidas as batalhas preliminares, cumpria a Edel apresentar a Legião aos

candidatos. Primeiro obstáculo: o das línguas, tão variadas como as próprias tribos. Não é fácil traduzir convenientemente as orações legionárias. Edel encarrega-se das traduções em suaili, luganda, quicuio, luo, luangue, quimeru, quicamba. Na sua volumosa correspondência referente às suas atividades, podem-se colher frases como essa, que são bem expressivas: "O tipógrafo indiano não conhecia o suaili; fomos, então, obrigados a rever cuidadosamente a Tessera¹. Creio que corrigimos as provas oito ou nove vezes, antes de chegarmos à prova oficial". Compõe em inglês um breve resumo das regras legionárias, que foi traduzido em suaíli, afastando a tentação de fazer uma redução no Manual. Se fizéssemos "esboços de Manual", escreve, as pessoas deixariam de lado o livro pelo seu aspecto... Para dominar a dificuldade da leitura, o Manual será apresentado pelo diretor espiritual por trechos sucessivos, sob forma de alocução. Edel sente vivamente a que ponto o papel do sacerdote é vital na transmissão do espírito.

"Em suma", escreve a um sacerdote, "o Praesidium depende sobretudo do diretor espiritual, particularmente aqui na África, onde a população está completamente submissa ao sacerdote para a formação dos métodos de trabalho e o espírito da Legião. Há uma grande influência quando este se interessa realmente pelo apostolado e os auxilia; as vantagens que daí decorrem são facilmente visíveis."

Na falta de missionário-intérprete, acontece-lhe de ter de recrutar no local um tradutor improvisado com alguns conhecimentos de inglês.

Não pode, todavia, impedir que haja alguns equívocos. Edel narra que, certo dia, em Cabaa, enquanto explicava que não podia permanecer entre eles porque não conhecia o vacamba, o auditório rompe em palmas.

dito?"

"Pensei que ia desmaiar", escreve. "Perguntei ao intérprete: mas, o que lhes teria 'Todos estão radiantes', responde ingenuamente este último, 'porque a senhora vai aprender o vacamba.'" Edel termina sua narrativa com o seu habitual espírito jocoso: "O melhor foi quando ele declarou: 'Madre, começa a fazer calor, é melhor subir para o carro. 'Asseguro-lhes que a 'madre' subiu com um suspiro de alívio'."

Não é tudo; uma vez transposta a barreira da linguagem, trata-se de fazer aceitar aos africanos a própria ideia missionária, isto é, seu dever de evangelizar os irmãos pagãos. Ideia pouco familiar; acham que essa tarefa é própria aos missionários ou, na falta desses, às catequistas. Mas, que cada um deles tenha missão de salvar seu irmão e de

corresponder

107

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

ao grande apelo do Papa em favor da Ação Católica; isto os excede e os confunde. Nova batalha a vencer.

Uma vez obtida a adesão de princípio, resta responder a uma multidão de perguntas. Não gostam de se comprometer realmente: o problema é revirado em todas as suas faces.

"As perguntas", escreve Edel, "são, às vezes, divertidas, e geralmente muito variadas. A discussão pode se prolongar indefinidamente, pois o africano não possui a mesma noção de tempo que o europeu.

Tendo explicado que o legionário não tem cotização a pagar e não deve dar dinheiro àqueles aos quais visita, formularam as seguintes questões:

'Trabalho para a Legião: começa a chover, meu vestido se suja; quem pagará o sabão para lavá-lo?' E também: 'Vejo que deve haver um secretário; quem pagará a tinta de que ele se serve'

exemplo:

As moças perguntam habitualmente a respeito de vestuários e danças. Por

'Se eu entrar como membro, poderei continuar a usar vestidos bonitos?' "Poderei ainda dançar? E casar-me?"

Terminado o questionário, conquistado o coração, a obra em marcha, Edel terá de lutar mais de uma vez contra a indolência e a falta de perseverança. Sem cessar, é preciso reformar, reagir contra a lei do menor esforço e a tentação do "mais ou menos". Disseram-lhe diversas vezes: "Você não conhece Nairobi!" E lhe repetirão da mesma forma: "Você não conhece a versatilidade dos africanos!" Edel neles confiará. Em 1939, no caminho para Dar es Salaam, na Tanzânia, visitará quase todos os grupos que ela criara, alguns anos antes. E lhes prestará esta homenagem: "Em quase todos que percorri, não somente os primeiros membros estavam presentes, mas seu número havia aumentado, e até novos Praesidia haviam sido formados".

Não há somente os obstáculos pessoais, mas também os entraves sociais: a abafante pressão do que Bergson denomina a "moral oculta". Os cristãos vivem em um ambiente que permaneceu pagão. Em certas regiões, os que empreendem o apostolado são realmente heroicos: é-lhes preciso vencer a ameaça de envenenamento, que causa um medo intenso e paralisante. Não se fazem impunemente certas visitas; as ciladas são múltiplas. É preciso contrariar um mundo de costumes e enfrentar, em certos casos, os temidos sortilégios do feiticeiro local, que ameaça crianças, rebanhos, colheitas. Que se não esqueça como o cristianismo ali é recente. Seus pais, talvez, ainda são pagãos. Como admitir que uma primeira, ou mesmo uma segunda geração de cristãos libertar-se-ia completamente dessas credences e superstições? Os cristãos que, a despeito de tudo isso, fazem Ação Católica merecem duas vezes o título de apóstolos.

Além disso, as regiões apresentam suas particularidades e o trabalho missionário deve adaptar-se às mais variadas situações.

A CORRIDA DOS OBSTÁCULOS

"Cada região e cada tribo", escreve Edel, "tem suas próprias dificuldades. Por exemplo, com os quicuo, em que a fortuna da família consiste em um rebanho e onde, até pouco tempo, a educação não tinha atrativo algum, os rapazes obtinham geralmente a autorização de virem à escola, mas deviam pastar os animais durante o dia. O apostolado da Legião entre eles — no qual os jovens representam um papel muito importante consiste em agrupar esses meninos e meninas à noite na aldeia, transmitir-lhes as primeiras noções de catecismo e a ensinar-lhes a rezar."

Outra dificuldade: fazer aprender as mais simples orações. Edel escreve: "Uma legionária que regularmente visitava todas as semanas uma certa senhora idosa, após um ano e meio dizia-me: "É sempre a mesma coisa, o que eu lhe ensino numa semana, esquece na outra.

Quando, após lhe ter explicado longamente um ponto, passo ao seguinte, ela esquece imediatamente o primeiro. Até aqui só pôde guardar as orações principais."

"Como a senhora não manifesta nenhum sinal de morte próxima, parece que a legionária tem ainda alguns anos de trabalho."

Outro obstáculo: a condição própria das mulheres. Edel incentivava-as a fazer apostolado tanto quanto os homens. Compreende-se o quanto esse apelo tem de revolucionário nessas regiões em que a mulher representa papel tão subordinado! Que pensarão dessa emancipação seus senhores e maridos?

Finalmente, além de todos esses obstáculos sociais, resta ainda a vencer a topografia. As chuvas constituem para as caminhadas na África o maior handicap. Certas regiões ficam completamente isoladas durante seis meses. Cada uma tem sua estação chuvosa de, ao menos, dois ou três meses: impossível ir de uma missão a outra. Exceto numa parte do Uganda e ao redor de Nairobi, poucas estradas são praticáveis, devido ao desaparecimento de pontes, levadas pelas inundações. Muitas vezes, mesmo as missões não são acessíveis pelas estradas principais: é preciso segui-las por invios caminhos ou atalhos, abandonando até qualquer veículo. Não é divertido, Edel não o dissimula.

"A estação das chuvas", escreve a legionária, "está imperando! Quando chove, chove, asseguro-lhes; e as estradas tomam um aspecto inverossímil. Um veículo de passeio jamais se dignaria a percorrê-las. Viaja-se ora na lama, ora através dos campos, para evitar os piores caminhos. Derrapa-se por um nada; mas vocês achariam graça, estou certa. A variedade dos automóveis excede a imaginação... Num deles, em que viajei muitas vezes, fui obrigada a segurar o para-brisa de lado para atenuar o barulho, mas o padre proprietário não se incomoda por tão pouco: o automóvel roda e anda a boa velocidade! Pequenos imprevistos desprezíveis! Segundo o que dizem, esse carro mantém-se à custa de arranjos ocasionais..."

O Pe. Maher, que muito conheceu Edel em Nairobi, declarava um dia que aquela doente fazia o que nenhum missionário faria: viagens muito longas, de mais de 150 km, em caminhões incômodos, sob o calor e poeira. Partindo pela manhã, regressava às 13h, e, enquanto que os missionários que haviam feito o mesmo trajeto tomavam algum repouso,

108

109

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Edel punha-se novamente ao trabalho e só parava à noite.

Essas inumeráveis horas passadas nas estradas não eram momentos perdidos: Edel as transformava em horas de recolhimento e de oração. Nessa espécie de retiro ambulante sua alma une-se a Deus, pacificamente.

"Estar simplesmente com Ele", nota ela um dia, "em união com Maria. Amá-lo em minha alma durante o dia, em viagem, unindo minhas ações às mesmas por Ele praticadas.

Mestre, onde morais? E estas permaneciam com Ele. Tenho o mesmo privilégio. Guardar o repouso em sua presença e meu anjo da guarda O adorará por mim.

Silêncio.

Tudo a Ele, por Maria.

Alegria de se dar sempre cada vez mais, em todas as coisas, a Ele por intermédio d'Ela."

Nessa oração silenciosa, Edel busca aquela força que a exalta tão visivelmente, que impressiona todos os testemunhos. Um missionário fala do caráter "pauliniano" das viagens de Edel e prossegue:

"Quando se fala de "safari" de viagem na África, é preciso lá ter vivido para compreender o que isso significa. Uma viagem de 100 km, por exemplo, em um bom carro, nas belas estradas da Europa, pode ser um prazer. Para muitos - inclusive para mim - o prazer é menor quando se trata de percorrer 300 km. Podemos encontrar o mesmo carro na África, mas não as mesmas estradas. Essas estradas, em muitos casos, são apenas pistas de terra completamente abandonadas. Os solavancos que se sofrem em tais caminhos e em veículos de ocasião é uma rude prova para pessoas comuns. Que suplício devem ter sido para uma constituição tão frágil! E, todavia, jamais ouviram-na queixar-se. Pelo contrário, ela regressava invariavelmente transbordante de alegria."

Um incidente revela-lhe mais precisamente às voltas com as forças da natureza.

Aconteceu-lhe ter de alugar um assento em um caminhão para viajar de Arusha a Nairobi, isto é, cerca de 250 km. Os outros passageiros eram africanos e alguns indianos. Era época das chuvas e ninguém ousara aventurar-se numa viagem assim tão longa, mesmo com um bom carro, com receio de se enlamear ou de derrapar em algum precipício. Dois amigos, no decorrer dessa viagem, deixaram Nairobi às 5h com intenção de encontrá-la como eles esperavam, a 50 ou 60 km, e de trazê-la de volta àquela cidade em seu próprio carro. A tempestade que ameaçava não tardou a desabar. O trovão e os relâmpagos precederam uma verdadeira ducha tropical. A obscuridade surpreendeu-os. O automóvel, partido ao encontro de Edel, apressava-se através de um pântano e lama negra. Em dados momentos, a pista, apenas visível, apresentava diversas direções. Não se cogitava em diminuir a marcha para procurar o melhor caminho. Parar, seria arriscar, quase que a golpe certo, enterrar-se na lama até o chassi. Por uma felicidade rara, acabaram por encontrar o famoso caminhão pouco antes da meia-noite.

110

A CORRIDA DOS OBSTÁCULOS

Edel saiu dali alegre, cheia de entusiasmo como sempre. Entra no automóvel e o trio dirige-se para Nairobi.

No princípio tudo vai bem. Mas à medida em que se embarafustam na região em que a tempestade fez-se sentir mais violentamente, a viagem dificulta-se. As quinadas do automóvel, no dizer de um testemunho, parecem os desvios simulados de um centroavante, evitando os ataques de seus oponentes. Subitamente cedem todos esses recursos. O carro imobiliza-se num verdadeiro barranco. Os esforços para sair dali só concorrem para afundá-lo cada vez mais. Os três verificam que estão "em pane" não somente pelo resto da noite, mas até que um auxílio sobrevenha pela manhã. A atitude de Edel é de alguém que não se inquieta absolutamente por sua pessoa, mas está deveras preocupada com seus salvadores e pelo carro que se arrisca a ficar muito danificado. Chega finalmente a manhã luminosa e ensolarada; Edel, radiante e viva, graceja com seus amigos sobre sua "maquilagem" de lama preta, quase seca, feita à meia-noite ao tentarem levantar as rodas do carro para tirá-lo do barranco. Em dado momento, eles esperam que o caminhão que Edel havia deixado viria em seu socorro. Esperança vã; este também havia encontrado Waterloo! Foi somente no fim da manhã que um socorro veio de Nairobi para os "deparar" e terminar a viagem. Logo que chegou, a primeira preocupação de Edel foi de entrar no quarto sem ser vista e evitar toda publicidade ou qualquer drama a respeito dessa aventura. E o conseguiu tão perfeitamente, que o incidente quase passou despercebido. Coisa extraordinária, a fadiga dessa longa viagem sem alimentação, o escaldante calor do dia, seguido de uma noite fria, não tiveram o menor efeito prejudicial sobre sua frágil saúde. Ela estava tão possuída pela sua missão que parecia ignorar tais causas. Por um episódio, salvo do esquecimento, quantos outros teriam ficado desconhecidos!

Durante os primeiros meses, Edel vai de um posto a outro, conduzida pelos missionários. Ela enfrenta todos os riscos ao utilizar-se dos mais variados e precários meios de transporte. Nada arrefece seu entusiasmo nem a impede de ir ao encontro marcado. Quer demonstrar assim, pelo exemplo, o valor da pontualidade. Um missionário da África, em visita a Dublin, no Morning Star, narra um dia quanto o impressionara essa fidelidade heroica da Srta. Quinn à palavra dada. Uma reunião havia sido fixada a 14 km do posto onde ela pernoitara, e Edel prometera comparecer. Na véspera, à noite, uma chuvarada horrível abate-se sobre a região; pela manhã, à hora da partida, a Srta. Quinn se vê bloqueada por um mar de lama. O padre lhe diz: "Impossível partir, olhe a inundação". "Prometi-lhes que iria", responde Edel, e explica que por coisa alguma no mundo um legionário falta a uma reunião!

"Muito bem, mas não há mais vestígio de estradai Nesse lamaçal, seria mais fácil nadar do que caminhar!"

Por toda resposta, Edel pede o endereço de um guia. Comovido por essa constância indomável, põe-se ele mesmo à procura de um caminhão munido de correntes, e de um chofer experimentado que ousasse arriscar a viagem. Acabou encontrando tanto

111

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

um como outro, e o comboio pôs-se em marcha; após 12 km, o carro atolado não pôde mais prosseguir.

Edel e seus companheiros descem e continuam tranquilamente a pé. Edel chega na hora marcada, coberta de lama dos pés à cabeça. "Ninguém", terminou o Sacerdote, "pôde esquecer esse incidente, que bem traduz o espírito legionário!"

CAPÍTULO XIII

PRIMEIROS FRUTOS

Uma viagem de mil léguas inicia-se pelo primeiro passo. (Provérbio chinês).

Nairobi é um centro de acesso fácil às regiões vizinhas, logo que diminui o calor sufocante, Edel põe-se a caminho.

Em 20 de janeiro de 1937, sua pena exprimia esse grito de alegria! "Hoje está chovendo; aqui, a chuva é um acontecimento único; todos estão radiantes; só a esperávamos em março. E quando chove, chove a cântaros! Mas, atendendo à pequena duração, ninguém se queixa. É divertido ouvir as pessoas exclamarem: 'Como é boa essa chuva!'"

A estação das chuvas é o sinal para uma exploração mais extensa do país. Já a própria missão de Nairobi oferecia um campo de ação simples e variado: de todas as partes do Quênia, os trabalhadores convergem para a capital, em busca de um emprego. Os outros postos de missão do mesmo vicariato situam-se num círculo de 20 a 130 km: encontram-se tribos quicuio e vacamba, assim como grupos importantes de Jaluos, originários de Cavirondo, perto de Quisumu, sobre o lago Vitória, vindos para trabalhar nas plantações de chá, café e sisal. Aproximá-los não é coisa fácil: só dispõem do domingo, e é preciso concentrar todos os esforços nesse dia. Durante a semana estão ocupados nos trabalhos forasteiros ou campestres. E, mais ainda: a população flutuante abandona periodicamente Nairobi para regressar ao interior das terras. Como estabelecer solidamente uma obra nessa areia movediça?

Isto realmente parece um desafio. Edel põe-se ao trabalho; inicia por Quiambu e Limuru, em território quicuio, alcançando Mangu. Daí chega à região Ucamba, e visita as regiões das plantacoes: Kilimambogo, bem longe de Cabaa, assim como o centro de Calimoni. Primeiro contato e familiarização com a vida local, a fauna e a flora do país.

Antes de deixar a Irlanda, sua família e amigos gracejaram a respeito dos leões e tigres que ela iria encontrar. Edel prazerosamente relata seus primeiros "encontros".

112

Mal chegara, põe-se logo a escrever:

PRIMEIROS FRUTOS

"Os únicos animais vistos até hoje são o leão e o macaco de Eileen O'Connor que enfeitam minha mesa de cabeceira...: certamente as Irmãs devem achar que eu estou voltando à infância!"

Um pouco mais tarde:

"Diga a Eileen O'Connor que deparei, no caminho, encarapitado numa árvore, um macaco cor de cinza, com focinho preto. Infelizmente, não pude fotografá-lo!"

Algumas semanas depois, escreve à sua amiga:

"Vi tantos macacos, em carne e osso, que o modelo que você me deu não é mais necessário para que os admire.

Porém, o do leão continua sendo útil, pois ainda não vi "verdadeiros". Há alguns meses, entretanto, ouvi um rugido característico. Estávamos no balcão de uma missão, após o jantar, e podia-se distingui-lo perfeitamente. Creio que nos habituaremos facilmente. A 8 km de Nairobi já se encontram muitos leões e seus filhotes. Durante o dia, eles se escondem na floresta, mas, ao cair da tarde, saem em busca de gazelas, zebras ou outra caça.

Viajando de automóvel pode-se examiná-los de muito perto. As emanções da gasolina abafam o odor humano, o que diminui o perigo. Mas é uma experiência de que não se deve abusar se não possuímos nervos sólidos e uma boa arma de defesa."

Em 2 de março de 1937, Edel escrevia:

"Domingo, o sacerdote que dirige a missão proporcionou-nos um longo passeio de automóvel no mato. Essa missão acha-se próxima da Reserva de animais selvagens. Avistamos primeiro cinco avestruzes, que não pudemos ver de perto, pois desandaram a galopar; depois, rebanhos de zebras, às centenas, e, finalmente, um bando de nove girafas. Aproximamo-nos até vinte metros; enquanto estivemos no automóvel, os animais não se mostraram assustados. Podíamos distinguir perfeitamente suas manchas bege-vivo ou marrom-escuro. A maior das girafas aproximou-se tanto que a base de seu pescoço excedia o motor. Tirei uma fotografia encantadora do rio Athy, que é frequentado por hipopótamos, crocodilos, e, segundo dizem, leões nos papirus de suas margens".

Edel deseja penetrar no âmago dos africanos. Quer ver, observar e admirar, de passagem, tudo o que a vida oferece de interessante e inesperado. prazer.

No curso de suas caminhadas, convidam-na a uma sessão de música. Aceita com "Assisti", escreve Edel, "a um concerto indígena, deveras interessante. Era um espetáculo divertido e único no gênero. Tocavam ao ar livre: dois grandes postes sustentavam a cortina, o jardim servia de cenário. Noite estrelada, sem lua; um automóvel, dissimulado em um ângulo, assestava seus faróis sobre os artistas. Os espectadores ocupavam as partes laterais, acorados ou de pé. Algumas cadeiras, variadas, na primeira fila, estavam reservadas para "a elite", composta da Revma. Madre Superiora do convento, de quatro Sacerdotes e de mim mesma.

113

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

As danças indígenas eram particularmente atraentes; o "jaluo" apresenta movimentos do corpo, enquanto que os outros são principalmente passos cadenciados por palmas

monótonas. Embora não tenha compreendido uma palavra, creio que a peça era boa. As artistas representavam com alma e não eram absolutamente afetadas, o que muito me agradou. O mestre-escola acompanhava ao harmónio. No intervalo, houve um discurso e o espetáculo terminou por três exclamações "hip, hip, hurra!". O público aplaudiu de todos os lados".

Um pouco mais tarde, Edel descreve a algumas amigas os faustos de um casamento indígena:

"Não posso deixar de lhes contar um casamento a que assisti ultimamente. Eram pessoas de projeção; em vez de uma choupana de lama seca, possuíam uma casa de madeira, característica de superioridade. Os pais das duas famílias eram abastados.

A noiva, vestida à moda europeia, trazia nas mãos um buquê. Acho que deve ter vestido o traje nupcial ao chegar à Igreja, pois, do contrário, o vestido branco não estaria tão imaculado. Os nubentes almoçaram na missão, e, em seguida, pediram ao padre que os conduzisse a Nairobi para se fazerem fotografar; este aconselhou-me que os acompanhasse, e eis-nos a caminho! O carro não é como os da Irlanda; na frente, há o assento do chofer, com lugar para duas pessoas; atrás, uma plataforma aberta de todos os lados para as mercadorias, mas onde se pode colocar um banco. Instalei-me na frente com o missionário, os esposos atrás com a dama de honra. A noiva, em todo o seu esplendor, trazia na cabeça uma grinalda de flores multicores.

De volta, acompanhamos o casal até a residência do pai do jovem. Diversos arcos de triunfo haviam sido ali preparados. O casal desceu do carro e recebeu um prato. Todos os convidados vieram, um por um, oferecer dinheiro à noiva. Segundo dizem, nesse dia ela tem o direito de pedir o que deseje; aliás, é a única vez de sua vida, porquanto já no dia seguinte, ser-lhe-á negada qualquer consideração e ver-se-á obrigada a trabalhar no campo. Aproxima-se a tia; a jovem faz um pedido. A tia sai e regressa vinte minutos após com o marido, trazendo um carneiro que gentilmente oferece à recém-casada; esta, porém o recusa, dizendo: "Ele não está suficientemente gordo". Nova partida, novo intervalo.

Foi-lhe oferecido um outro carneiro, que desta vez foi aceito! Em seguida, a noiva solicita a presença da mãe do esposo, a fim de que lhe de dinheiro e uma espécie de consentimento! Partiram para procurá-la; pouco depois, vimos chegar uma senhora através dos campos, cega, já muito idosa, apoiada numa bengala. Ao aproximar-se, entoou uma canção e executou uns passos de dança com ar festivo! Cumprimentou a noiva e, somente então, esta declarou estar disposta a transpor o limiar da porta. Aliás "disposta" não é bem a palavra adequada; pois o protocolo exige que a esposa manifeste uma repugnância extrema ao entrar em casa. E assim ela fez. Abriu um grande lenço bordado de preto, nele escondendo o rosto: foi preciso empurrá-la à força. Mas uma vez lá dentro, tudo voltou ao normal".

Completando a sua narrativa, Edel acrescenta ainda um detalhe anedótico:

PRIMEIROS FRUTOS

"Imaginem que, no automóvel, durante o trajeto, reinava um silêncio completo.

Parece que à recém-casada não é permitido trocar uma só palavra com o marido. De quando em vez, eu me voltava; mas fiquei tranquila vendo que, apesar do silêncio, davam demonstrações de carinho. Comentei com o padre essa atitude e ele perguntou ao rapaz: "Ela não fala com você?" Limitou-se a sorrir.

O missionário retrucou: "Quando é que ela vai lhe falar?"

"Não sei, padre", respondeu placidamente. "Nunca me achei nessa situação". Tudo isto, entretanto, é apenas uma passagem. Edel não vem ao Quênia como turista. Por um instante sequer não se desviará do seu único objetivo.

O primeiro nome que menciona na sua correspondência é Quiambu, a 3 km aproximadamente de Nairobi. Lá encontra os quicuios, que descreve como "inteligentes, dotados de senso político, tez ligeiramente bronzeada recordando a nuance das torradas". O Pe. Lynch acompanha-a e, como intérprete, um mestre-escola. Edel a eles se dirige e lhes fala dessa Legião que está percorrendo o mundo, e que agora chega aqui. Podemos, segundo notas datilografadas, adivinhar o tema habitual de seu pequeno discurso de introdução, que se resume em algumas afirmações.

O desejo da Virgem Maria é continuar a dar Jesus ao mundo.

Para ser um verdadeiro cristão é preciso aproximar-se de seu irmão para dar-lhe também Jesus.

Maria apela para nós: que honra! Oferece-nos seu instrumento: a Legião. Poderíamos recusar-lhe nosso concurso indispensável?

Edel termina por um apelo à confiança e à fé.

Vê-se, então, assediada de perguntas. Algumas, à primeira vista, estranhas e desconcertantes para mentalidades europeia, mas, geralmente, todas muito sensatas. A princípio, há uma certa desconfiança a respeito dessa desconhecida; mas, com surpreendente rapidez, Edel ganha os corações. Aquelas almas consumidas sentem instintivamente a bondade e o heroísmo: abrem-se cada vez mais e não se recusam. Entretanto, é preciso não os afobar. O africano gosta de revirar um problema em todos os sentidos e à vontade. Fica, pois, combinado que cada um refletirá. Isto obrigará Edel a contínuas e longas esperas. Dessa vez, ao regressar a Quiambu, as reflexões tiveram efeito: Nossa Senhora triunfa. Dez voluntários apresentam-se, dos quais, três mulheres. Ajoelham-se diante da Virgem Medianeira, como se faz atualmente nos milhares de Praesidia através dos cinco continentes. E o trabalho se inicia segundo as regras fixadas. O grupo de Quiambu se denominará "Mãe do Perpétuo Socorro". Sua tarefa: ensinar catecismo às crianças em idade escolar. Através de algumas linhas, Edel deixa entrever que essa missão não é assim tão simples quanto parece: é preciso desconfiar das informações.

"Creio", escreve a legionária, "que toda família quicuio, interrogada quanto ao número de seus filhos, responde obrigatoriamente: 'dois: um que guarda os rebanhos e outro que vai à escola'. E, a menos que casualmente sejam melhor esclarecidos, é tudo o que se

114

115

116

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

pode obter. Na realidade, todas as outras crianças são empregadas a guardar o gado".

É preciso uma arte especial para descobrir as ovelhas e fazer compreender aos pais a importância da formação religiosa e escolar. E agora, eis Edel em Limuru.

"Cheguei aqui", escreve, "sexta-feira, às 21h, aproximadamente. Entre parentesis, tivemos uma pane no caminho; era uma estrada muito esburacada. Após alguns debates sobre a Legião com o Sacerdote, no sábado, ficou resolvida a fundação de um Praesidium juvenil na escola de formação das meninas, ligada à missão. Nas duas missas, o padre falou aos fiéis sobre a Legião. Como existem duas tribos nessa missão, os cavirondos e os quicuios, dirigiu-se em quisuaili para os primeiros e em quicuio para os outros. A reunião foi marcada para às 11h30, em seguida à missa. Como todos os assistentes da segunda missa compareceram, foi preciso realizar a reunião ao ar livre. Impunha-se um local à sombra das árvores. O estandarte da Virgem foi implantado para criar o ambiente. O sacerdote e eu

ocupávamos o estrado! Em volta, os homens, as mulheres, e os jovens; os homens à direita, as mulheres religiosamente à esquerda, porquanto a estas jamais seria permitido participarem de uma reunião dos proprietários de rebanhos. A bem dizer, as mulheres estavam reunidas na outra extremidade, perto da Igreja; o padre teve de exercer sua autoridade para que se aproximassem. Pediu-me que apoiasse na minha conferência o papel das mulheres na Legião, para habituar os homens à ideia de que suas esposas poderiam tomar parte nas atividades.

Como de costume, o grupo feminino era mesclado; creio que ali se achavam elementos de todas as cores; os homens vestiam-se das mais variadas formas, passando das roupas nitidamente europeias até o mais pobre vestuário indígena, que consiste em um sobretudo e um chapéu mole onde está presa uma pluma. O sacristão, em longa túnica branca, com um crucifixo suspenso ao pescoço, sentava-se na primeira fila. É também o cozinheiro da missão. Infelizmente, a dignidade que sua presença emprestava à reunião ficou prejudicada pela sua tendência a cochilar. Porém, é preciso que se diga que ele levantou-se antes das 5h, e que, após ter vigorosa e periodicamente bimbado os sinos, ajudara a primeira missa, preparara a refeição das Irmãs e da missão e assistira à segunda missa, armado de uma vareta, com a qual batia num bando de crianças apinhadas e barulhentas; merecia, pois, um ligeiro repouso!

A conversa durou uma hora: foi preciso traduzir tudo, sucessivamente em quisuáli e quicuio. Se Deus quiser, recomeçaremos no próximo domingo."

Pouco depois, em Mang, formavam-se um Praesidium de adultos e um outro juvenil. Seu trabalho consistirá em instruir os catecúmenos que residem longe da missão.

Na região das plantações, como, por exemplo, na missão de Calimoni, a tarefa será trazer os cristãos à missa, vigiar o recrutamento escolar, auxiliar na escola e na Igreja, visitar os doentes e os cristãos negligentes. Tarefa superabundante, pois as plantações são extensas e distantes da missão.

Nas escolas, os Praesidia juvenis empreendem as mais diversas tarefas. Edel assinala, eles fundem, por sua vez, outros Praesidia.

PRIMEIROS FRUTOS

entre outras: o ensino do catecismo e das orações aos retardatários ou recém-chegados, o auxílio à Igreja, assistência aos anciãos e aos doentes. Mas, o principal objetivo desses grupos é ainda o de preparar o futuro, isto é, dotá-los de um espírito tal que, de volta às suas tribos, De Calimoni, Edel vai até Quilimonbogo. Seu relatório-cujo estilo é geralmente de uma carta comercial, deixando absolutamente de assinalar a sua parte de fadiga e sacrifícios dá os resultados de sua visita. "Fui a Quilimonbogo. Esse posto é servido uma vez por mês por uma missionária

de Calimoni. Reunião de cerca de trezentas e cinquenta pessoas. Expliquei o que era a Legião e obtive dezesseis adesões, entre as quais sete mulheres. A primeira reunião foi marcada para segunda-feira".

adequadas.

Nenhum obstáculo de distância a detém: no próprio local, encontra as soluções

O Pe. Lynch narra um fato entre cem outros: "Recordo-me", escreve ele, "que, certo dia, Edel desejava ir a Nieri. Não dispunha de nenhum meio de transporte para percorrer aqueles 200 km, aproximadamente. Não fez apelo a nenhum dos missionários de Nairobi; não queria depender deles, sabendo como estavam sobrecarregados... Foi para a estrada de Thica-Nieri e esperou... Após algum tempo, um caminhão passou, tomou-a e levou-a a Thica, o que já lhe fazia ganhar 30 km. Quanto aos restantes, ela confiava em Nossa Senhora: descobriu um caminhão indígena indo para Nieri e lá chegou no fim da tarde.

Vejamos um pouco o que esse dia de viagem comportava de fadigas". E ele enumera: o sol escaldante, as longas esperas, o calor do caminhão ainda aumentava o do motor, nenhuma refeição conveniente até a noite...

"Pensam", pergunta ele, "que alguma vez teria ela se queixado ao chofer, ou pedido para ir mais devagar? Podem ficar certos que não, e ainda se confundia em agradecimentos! Alcançado o objetivo, Edel nunca pensava em sua pessoa".

Tal é a vida de Edel, semana após semana. O trabalho aumenta. Um dia, ela escreve a Dublin, como introdução ao seu relatório: "O fato de minhas cartas se tornarem cada vez mais curtas deveria alegrá-lo, pois isto significa que há uma imensidade de trabalhos a executar".

Eis o seu estilo. Nenhum movimento de recuo, nenhuma trégua. Sobre sua saúde é de extraordinária descrição. Através de todas as suas cartas, sente-se que tem pressa em terminar sua missão e transmitir sua mensagem. Sabe que seus dias estão contados. Não perderá um minuto sequer. "A caridade de Cristo nos impele", dizia São Paulo; Edel teria podido fazer suas essas palavras. Seu papel é semear, e semear sempre; outros colherão. Sua tarefa é ir de missão em missão, oferecer a Legião aos sacerdotes empenhados no dever sobre-humano de pregar o Evangelho a toda a criatura. Fazer conhecer o instrumento da graça de Nossa Senhora; encarnar, de maneira concreta, precisa, prática, o dever apostólico de todo batizado; eis sua maior ambição. Ela quer simplesmente acender focos de incêndio,

117

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

com a esperança de que o Espírito Santo soprará como em Pentecostes sobre aquelas pobres palhinhas que ela reúne.

Apesar dessa pressa, não despreza nenhum detalhe. O sistema legionário é um remédio contra a preguiça, a indolência, a boa vontade indecisa e intermitente. Reclamam-se relatórios e algarismos. Exige-se o trabalho a dois e o controle desse trabalho. Não para o prazer de complicar as coisas, mas para mostrar que o serviço de Deus requer, no mínimo, o mesmo vigor que homens de negócios empregam para tornar eficientes os seus empreendimentos. Não honramos a Deus contando sobre seu Poder para aparar nossas imperícias ou nossa inércia. Edel o rediz frequentemente: acompanha os dirigentes para que não desprezem nenhum de seus deveres e observem as menores regras.

Pessoalmente, aprecia as diretrizes claras, "não gostando", diz ela, "de agir por si mesma". Suas cartas formigam de perguntas, pois novos problemas surgem a cada passo. Eis uma que não se apresentaria em Dublin. "Pode-se", pergunta ela, "aceitar como legionário um catecúmeno?" Por nenhum preço pretende fazer inovações nem arriscar falsas interpretações. Sua preocupação em obedecer, escrupulosamente, não a impede, aliás, de motivar suas preferências e indicar as soluções. Dublin aceitará quase sempre as suas razões judiciosas ou fará confiança à sua sabedoria. É uma mulher de fibra e, ao mesmo tempo, uma mulher de coração, amante da humildade. Capaz de dar aos outros diretrizes e conselhos, aspira, todavia, fazer sempre a vontade de Deus expressa pelos seus superiores. Muito atenta aos murmúrios da graça e às inclinações dos designios divinos, dedica-se ao seu trabalho como se nada no mundo existisse a não ser aqueles pobres pagãos em suas florestas perdidas; porém, suas cartas manifestam a sua ansiedade pelas menores notícias da Igreja em marcha através do mundo. Relê até os mínimos detalhes a carta aos Enviados, que Dublin expedia regularmente, aos quatro cantos da Terra, para

manter o contato. Vibra e alegra-se à notícia de um progresso legionário na China ou nas Filipinas. Com insistência, indaga como vão os trabalhos de introdução da Legião na França, na Bélgica, na Holanda. Enquanto que seu coração bate unísono com a Igreja, ela concentra toda sua atenção sobre aquele relatório inábil de um secretário quicuio que não consegue se expressar e desculpa-se nesse sentido, pois não está nos costumes indígenas indicar os nomes de aldeias e fronteiras dos vicariatos.

E, através de toda essa atividade, entrevê-se seu constante bom humor no final de uma de suas cartas. A máquina de escrever, adquirida in extremis, em Londres, chama-se The Baby Empire; isso a diverte.

"A The Baby Empire trabalha admiravelmente, não é? Muito me custaria ter de deixá-la. Tornamo-nos grandes amigas, o que não impede que a maltrate de vez em quando..." Outra vez, termina assim:

"Esse boletim tem por finalidade distraí-lo por algum tempo. Espero que apreciará 'o divertimento'!"

Ou ainda:

contente?"

PRIMEIROS FRUTOS

"Eis aqui um outro relatório semanal para engrossar sua pirâmide de cartas: está O primeiro resultado dessa tournée de extensão será a fundação de uma Curia em Nairobi, a 4 de abril de 1937. Sabe-se que a Curia é o conselho que liga regionalmente um certo número de Praesidia. Os oficiais, isto é, os dirigentes de cada grupo, assistem todos os meses a esse conselho. Em virtude das grandes distâncias, ficou estabelecido que se reuniriam em cada missão, sucessivamente, de seis em seis semanas.

Os representantes dos grupos de Nairobi, Quambu, Mangu e Limuru encontraram-se nesta data memorável, de dupla significação. Pois, nesse mesmo dia, na Igreja indígena de São Pedro Claver, celebra-se a primeira festa de Acies na África Equatorial Inglesa. A Acies se processa segundo o cerimonial tradicional. Edel não se descuidou do menor detalhe. A estrada do coro, num pequeno altar florido, a estátua de Maria Medianeira. Ao redor, acham-se, agrupados, Praesidia indígenas e não-indígenas. É o triunfo da Virgem Maria que une seus filhos além das distinções de línguas, de raças, de cores. Edel realizou o milagre da união fraternal. O sermão é pregado em inglês e em suaíli. O coro indígena, com muita alma, canta um hino à Virgem. Um por um, todos se adiantam e, diante do trono de Nossa Senhora, renovam sua consagração. "Sou todo Vosso, ó minha Rainha e minha Mãe, e tudo aquilo que tenho Vos pertence".

A fórmula é dita em inglês, quisuaíli, quicuio. Edel contempla aquele desfile, emocionada, radiante; nova e estrondosa vitória sobre o impossível!

Essa primeira Acies e a fundação da Curia em Nairobi marcam uma data na história da Legião no Quênia. Doravante, Edel prosseguirá o seu trabalho sem preocupação; existe um centro que viciará os Praesidia nascentes e manterá sua união com o Concilium, em Dublin. A obra está preparada para a luta, pois a Legião deve se defender não somente contra os oposicionistas de fora- os menos perigosos- -mas também contra as fantasias dos amigos em suas apreciações. Doravante caberá à Curia tomar as responsabilidades.

Edel pretende estimular o zelo de cada um e distribuir muito trabalho. Em 28 de abril, festa de São Luís Maria de Montfort, almoça com alguns missionários da Congregação do Espírito Santo. "Durante o almoço", escreve, "só se cogitou das palavras a escolher para a tradução da Tessler, e da organização da próxima reunião da Curia; após o almoço deram-se os últimos retoques na edição final em quisuaíli; em seguida, despedimo-nos. Fora isso, trocaram apenas algumas palavras sobre a partida de rúgbi em Black-Rock(")."

Edel consagra igualmente uma grande parte de seu tempo a formar os dirigentes para sua tarefa delicada. Multiplica sua presença nas reuniões.

"Recordo-me", escreve o Pe. Lynch, "de que, certo domingo, ela assistiu três reuniões na missão de São Pedro Claver. A primeira, pela manhã, era uma reunião de todos os presidentes dos Praesidia ligados à Curia de Nairobi. À sua maneira gentil e eficaz, mostrá-lhes o senso de seus deveres, insiste no exemplo que devem dar aos outros, incutindo-lhes também a convicção de que nenhum sacrifício é demasiadamente grande para nossa

118

119

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Rainha do Céu. Sua própria vida era disso uma perfeita ilustração. A segunda reunião, nesse dia, pouco antes do jantar, era uma reunião semanal do Praesidium da missão de São Pedro Claver. A terceira, das 2h às 4h, foi a da Curia. Sabendo como o calor é abrasador em tal hora, teremos uma ideia de sua resistência. "Esta", conclui o Pe. Lynch, "excedia os cálculos ordinários. Seu espírito de extrema clareza e sua vontade férrea fazem-na umas figuras marcantes de nossa época".

Edel orgulha-se em comunicar a Dublin a coragem e a fidelidade dos legionários, a começar pelos diretores espirituais.

"A terceira Curia, instituída em Limuru, escreve, foi, graças a Deus, um grande sucesso. Todos os Praesidia de adultos e juvenis, exceto dois, lá estavam representados. Os Praesidia de Cabaa e Combe, que são os mais afastados - a mais de 100 km de Nairobi - vieram pela primeira vez com seus dois diretores espirituais. Para ter a certeza de que seus oficiais viriam à Curia, um dos sacerdotes foi buscá-los no seu carro, um por um, perfazendo 40 km; um pneu furou e foi preciso, por duas vezes, à força dos braços, arrancar o auto da lama, e estando as estradas sempre em péssimo estado. Nota-se um magnífico espírito legionário entre os sacerdotes".

Numa outra carta refere-se do mesmo modo. Edel descreve uma Curia indígena: "Apesar de um tempo horroroso, tivemos a reunião dos Praesidia com todos os diretores espirituais. Não será isso animador? As estradas achavam-se em tal estado que havia grande perigo de atolar. Uma camioneta chegou da missão mais afastada com um legionário cujo vestuário, anteriormente branco, achava-se agora maculado de lama de cima a baixo: foi obrigado a empurrar o automóvel. Quanto ao outro carro, os passageiros tiveram de descer as margens de um barranco e em seguida retomaram o veículo.

A última meia hora da reunião foi mais penosa. A chuva torrencial fazia tal barulho, que havia dificuldade de ouvir a alocução. Consideravam esses contratemplos como parte do programa. Os passageiros de um dos carros passaram a noite no local, para evitar o risco de ficarem atolados na estrada.

Acrescentemos que a manhã do domingo, em certas missões, começa às 7h e, além das confissões, há duas missas e dois sermões, e só termina pelas 11h; em seguida, procede-se à reunião do Praesidium (muitas vezes, o domingo é o único dia possível) e, por fim, a camioneta põe-se em marcha para a Curia".

Não é em vão que a Legião traz um nome militar e reclama ao serviço de Nossa Senhora tropas de choque!

O trabalho da Legião impõe-se, rapidamente, à atenção e à simpatia dos missionários.

Constatam-se conversões, voltas aos sacramentos, uma nova intensidade de vida cristã, uma transformação notável dos próprios membros.

Em uma carta, escrita nessa época a seus superiores da Inglaterra, um missionário traduz

seu entusiasmo:

(1) Sabe-se que o Colégio de Blackrock é dirigido pelos padres do Espírito Santo e é célebre pelo jogo de rúgbi.

120

PRIMEIROS FRUTOS

"A Legião de Maria é o maior auxílio de que dispomos. Ela excede em muito nossas mais audaciosas expectativas. Verdadeiramente, a Virgem Maria fez por ela maravilhas, e isto no curto espaço de seis meses! Ela traz um grande fervor aos nossos cristãos, e é a maior garantia de progresso.

Já não é mais uma surpresa para nós ver-se um bom número de cristãos tibios tornarem-se fervorosos e nossas escolas encherem-se de catecúmenos".

Na verdade, um sopro passa.

Essas premissas, tão sugestivas, deixam entrever as pingues colheitas de amanhã.

CAPÍTULO XIV

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Não me surpreendo que a Legião de Maria seja considerada um milagre do mundo moderno. (S. Exa. Monsenhor Riberi)

Edel possui um temperamento de pioneira. Logo que se enraíza uma fundação, ela apressa-se em prosseguir no seu propósito: sabe que o campo é vasto, e que a vida - especialmente a sua é curta. Com angústia, inclina-se sobre o mapa da África, atenta ao menor apelo. Os antigos atlas apresentavam uma imensa região, assaz imprecisa, cujo nome de origem era Zanguebar, ou País dos Negros. No começo do século XX, essa denominação desaparece, e o nome de Zanzibar foi reservado à ilha, à cidade e ao vicariato apostólico que compreende a parte norte do antigo Zanguebar. No sul, será conhecido pelo nome de vicariato apostólico de Bagamoio. Finalmente, separaram uma faixa de território, indo da costa até o célebre valado do Rift, essa grande região terrestre que se estende até o vale do Nilo: foi o vicariato de Quilimanjaro. Esses três vicariatos, futuro campo de ação de Edel, são confiados aos padres do Espírito Santo. A província da Irlanda ficou encarregada do vicariato de Zanzibar; de 1932 a 1945- por conseguinte, durante a estada de Edel ele é dirigido por Monsenhor Heffernan, que convidou a nossa legionária. A província dos Estados Unidos administra o Quilimanjaro; a província da Holanda, o Bagamoio. Edel vai, pois, percorrer de um lado a outro, esses vicariatos, e, de posto em posto, visitar os missionários.

O primeiro apelo lhe veio de Mombaça. Ela desembarcava e aí passara poucas horas.

Implantar a Legião nesse porto importante é criar um centro de irradiação para o futuro: o convite, que chega em 29 de maio, foi logo aceito.

121

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

"Mombaça", escreve Edel, "é totalmente diferente de Nairobi, sob todos os pontos de vista. A cidade, situada ao nível do mar, é excessivamente quente". Ela assinala que a proporção dos católicos europeus é mínima, e a dos praticantes ainda mais reduzida. Suas esperanças voltam-se para os goaneses, mais numerosos. Anunciaram uma "conferência" sobre a Legião de Maria. "Esse vocábulo me dá arrepios", escreve. "Reunião de informação" conviria mais, porém, esse termo, ao que parece, espantaria como uma ameaça de discussões; a palavra 'conferência' é mais inofensiva". Acrescenta que deve agir com prudência, para não magoar ninguém. O que ela não diz é que a atmosfera é sufocante em Mombaça, e que a sessão se processa a uma temperatura de 40°C à sombra.

Uma vez em presença dos ouvintes, Edel esquece as precauções diplomáticas: só vê as almas e lhes fala da abundância do coração de Maria. Não conta com a eloquência, mas com a fé. O resultado não se fez esperar! Nasce, em 5 de junho, o primeiro Praesidium de Mombaça, com o nome de "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro". Conta com dezessete homens, de diversas tribos. O trabalho é iniciado imediatamente. Edel, realista e instrutora, acha que é importante atribuir logo aos principiantes um trabalho definido e lhes indicar os meios adequados. A respeito do primeiro grupo de Mombaça, escreve:

"Anunciaram em púlpito que os legionários dariam lições de catecismo aos domingos após a missa; eles devem, pois, esperar que os interessados se apresentem. Mas, duvido muito que obtenham alguma coisa sem ir, de casa em casa, pedir aos pais que enviem seus filhos. Verificamos isto em Nairobi. Como vocês sabem, é primordial lançar imediatamente os legionários a um trabalho preciso, principalmente quando estão prontos para tal".

Um segundo grupo é recrutado entre os alunos não-indígenas das Irmãs Brancas. No término da conversa, sete voluntários apresentaram-se espontaneamente, outros vão pedir aos pais permissão para os imitar. Foi um sucesso, pois nós devemos lembrar de que algumas vezes ela só consegue 2 voluntários após uma palestra para 200 ouvintes.

Edel prossegue seu paciente trabalho de iniciação e multiplica explicações, controles, visitas. Nascem novos grupos e é preciso ligá-los ao organismo federativo, a Curia.

Torna-se necessário, então, explicar aos principiantes, pela própria experiência, as razões das múltiplas exigências do Manual. Mística e administração completam-se; impossível dissociá-las. O que parece arbitrário nas prescrições esclarece-se logo que se compreende o porquê sobrenatural. Somente a experiência prática permite obter dos oficiais o manejo seguro e o rendimento eficaz.

Enquanto Edel se aplica a esses humildes trabalhos, surge algo que lhe será um apoio sem precedente. Recordar-se de que S. Exa. Monsenhor Ribéri, Delegado apostólico na África missionária, havia entusiasmado vivamente sua missão. Mais tarde, em todas as suas cartas, solicitou-lhe notícias sobre a extensão da campanha. Prometeu apoiá-la com o seu testemunho. Assim o fez, sob forma de uma carta-circular dirigida aos 33 bispos de sua jurisdição.

122

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Edel apressou-se em dar a notícia a seus dirigentes. "Monsenhor Heffernan", escreve a legionária, "acaba de receber uma circular sobre a Legião, que Mons. Ribéri enviou a todos os bispos, e que ontem tive ocasião de ler. Disse-me que ele mesmo a publicaria no próximo mês no *Le Laicat Catholique*, concedeu-me a permissão de copiá-la e fazê-la traduzir para a publicar em um jornal *quisual*. Todos afirmam que seria difícil obter um documento mais animador". Esse documento é importante, demonstra a que ponto S. Exa. Monsenhor Ribéri estima a Legião e aquela que trabalha pela sua extensão. Vai abrir a Edel diversas portas fechadas ou apenas entreabertas.

Monsenhor Ribéri, como já o dissemos, acompanhará muito de perto o desenvolvimento da Legião; em Dublin, primeiro, durante sua passagem na Nunciatura, e, em seguida, na África. Informara-se com muito carinho e interessara-se por inúmeros casos. Sua carta, que poderia ter sido recebida como uma introdução banal e convencional, adquiriu foros de um vibrante testemunho e urgente convite.

Com surpresa e emoção, Edel leu essa missiva; eis como se dirigia S. Exa.

Monsenhor Ribéri aos Ordinários da África sob sua jurisdição, em data de 25 de junho de 1937.

"Monsenhor,

Permita-me assinalar a Vossa Excelência uma organização apta a desenvolver a Ação Católica e suscetível de vos interessar: a Legião de Maria.

Fundada na

Irlanda, há 15 anos, ela já se introduziu em numerosos países nas cinco partes do mundo, e até nos países de missão. Talvez já a conheça. Em poucas palavras, a Legião de Maria, acessível a todos, homens, mulheres, moças e rapazes, relembra, pela sua organização, suas reuniões e seus trabalhos, as Conferências de São Vicente de Paulo. Porém, enquanto essas últimas se restringem a obras de caridade, a Legião de Maria abraça, na sua variedade infinita, todas as esferas da Ação Católica. O trabalho legionário, semelhante ao de um exército organizado sob o comando de Maria, nossa Rainha, é algo de tão louvável e reconfortante que não podemos absolutamente imaginar obra mais eficiente.

A extensão e a natureza desse empreendimento exigem uma perfeita organização e uma dependência imediata da autoridade eclesiástica. Essas são as duas principais características da Legião. Mas não são as únicas. De primordial importância é a formação espiritual e moral que, nas suas reuniões semanais, a Legião pretende dar a seus membros; e o alcance desse objetivo não escapará a quem considere a necessidade de uma formação espiritual e prática para todo aquele que desejar empreender atividades católicas e, mais particularmente, na África, para nossos cristãos mais recentes.

Vossa Excelência não ignora as dificuldades que encontram os Ordinários nos seus esforços para realizar esse ideal de Ação Católica, tão caro a Nosso Santo Padre, o Papa das Missões, que tanto insiste neste ponto. Para facilitar a introdução da Ação Católica em nossas missões e, ao mesmo tempo, a fim de assegurar, tanto quanto possível, unanimidade

123

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

de método e de finalidade, alguns planos foram propostos que deixam toda liberdade para as realizações de detalhe

Desconheço o grau de Ação Católica no território de vossa jurisdição. De qualquer modo, seria talvez corresponder a vossos esforços adotar a Legião de Maria como meio de praticar a Ação Católica. A meu ver, é a organização que mais se aproxima do ideal da Ação Católica aconselhada pelo Santo Padre.

Diversos motivos levam-me a recomendar essa obra à benevolente e particular atenção de Vossa Excelência.

Não falarei sobre a difusão maravilhosa e os felizes resultados da Legião em bom número de países. Recordarei, todavia, a recomendação calorosa em favor da Legião, manifestada, há dois anos e meio, pelo meu zeloso confrade, Monsenhor Gijlswijk, Delegado apostólico da África do Sul. Atualmente, toda a África do Sul é um terreno maravilhosamente propício ao desenvolvimento da Ação Católica, graças à Legião de Maria. Esse feliz estado de coisas é devido à Srta. Dennison, enviada pelo Centro da Legião.

No verão passado, o Concilium Legionis, a pedido expresso de Mons. Heffernan, Vigário apostólico de Zanzibar, decidiu mandar também uma enviada ao seu vicariato, a Srta. Quinn. Pediram-me que lhe desse uma carta de recomendação e introdução junto aos Ordinários da África Oriental.

Embora encorajando essa iniciativa, antes de dar tal recomendação, esperei ter um conhecimento mais exato do trabalho da Legião nos países de missões. Tive oportunidade

de apreciar esses trabalhos na África Ocidental, onde estive em contato direto com os legionários e seus triunfos. Posso agora afirmar que os Ordinários da Costa de Ouro e da Nigéria adotaram, em sua última reunião, a Legião de Maria, visando um maior desenvolvimento da Ação Católica. Recebi, então, de Monsenhor Heffernan, um relatório sobre o trabalho da Legião no seu vicariato. O que aí foi relatado é muito animador. Chegado é, pois, o momento de dar à Srta. Quinn esta recomendação. Faço-o com a certeza de quem indica uma obra de poderosa eficácia para o adiantamento da verdadeira religião nos nossos territórios africanos. Assim sendo, a minha recomendação é das mais calorosas. Sei que a Srta. Quinn, que trabalha no vicariato de Zanzibar, está disposta a empenhar-se para organizar a Legião em toda a parte onde lhe for solicitado. Para maiores informações, podereis escrever a Monsenhor Heffernan, em Nairobi. Todas as despesas são cobertas pelo quartel-general da Legião. Entrementes, pedirei à Srta. Quinn que vos envie uma cópia do Manual para completar a insuficiente documentação que contém minha carta.

em N. S.

Na expectativa de vossas breves notícias, fico-lhe, Excelência, sinceramente unido
Essa carta conferia uma espécie de investidura ao caráter missionário de Edel e a consagrava mensageira da Virgem, em nome da Igreja e da Hierarquia. Lendo-a, com uma alegria que bem se pode avaliar e pensando nos 33 bispos informados por esse apelo e
124

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

no trabalho incomensurável que se descortinava, ela não pôde deixar de repetir a Dublin a profecia que acabara de fazer-lhe um missionário: "A Sra. estará velhinha e de cabelos grisalhos quando tiver terminado sua missão". Após algumas hesitações sobre o caminho a seguir, Edel deixa Mombaça, em 16

de agosto, e dirige-se para Bura, posto missionário do vicariato de Zanzibar, situado a 200 km de Mombaça, na estrada que deve conduzi-la ao vicariato de Quilimanjaro. Funda dois Praesidia em Bura, e um terceiro no posto anexo de Mganza.

Eis como descreve o primeiro:

"No Praesidium de Bura, figuram membros de sete aldeias diferentes. O trabalho será realizado no próprio setor de cada um. Como no princípio: recrutamento das crianças em idade escolar, visita aos doentes, ensino catequético. Mais tarde, quando estiverem mais práticos, o missionário pedirá aos legionários um recenseamento, que os porá em contato com os cristãos negligentes ou afastados. Esses últimos são numerosos aqui, porquanto a missão foi suspensa durante a Grande Guerra e, além disso, essas aldeias deslocam-se tão facilmente! Uma cabana pode ser construída em um dia. Creio que o padre saberá fazer o melhor uso do seu Praesidium, e indicar as tarefas mais adequadas."

Por exceção, Edel dá suas impressões sobre o posto de Bura (26 de agosto de 1937) e o seu ambiente:

"Essa missão, situada entre montanhas, está construída sobre uma colina defronte de um admirável valado que se estende a perder de vista. A missão está contornada de bosques e uma das asperezas de meu trabalho na África consiste em me sentar sobre bo banco fortuito, à sombra de um bosquezinho, os pés sobre um tronco de árvore e a Baby Empire nos joelhos. Isto lhes dará uma ideia do contorto de que disponho para minha correspondência. Porém, fiquem tranquilos, pois deixo para fazer em casa as cartas dirigidas a bispos ou personalidades importantes! O tempo atualmente está ótimo; estamos na estação primaveril e o sol é bem agradável. É como um dia quente de verão na Irlanda, com uma brisa suave.

Mais adiante é o matagal; mas, nos arredores da missão, unia grande parte do terreno foi desbravada e plantada...

Há dois tipos de habitantes. Primeiramente, o tipo puro, da tribo Vataita. Perto do posto, a 8 km apenas da missão, encontram-se negros diferentes, descendentes de escravos. No início das missões, os padres do Espírito Santo resgatavam os escravos, originários de diversas regiões, que eram vendidos em Zanzibar; traziam-nos, então, a Bura, libertavam-nos e lhes davam um pedaço de terra. Alguns escolheram suas esposas entre os Vataita; mas, em geral, esses os desprezavam; assim sendo, eles ficaram por assim dizer isolados." Esses contatos com os habitantes estimulam Edel a estudar seu idioma. "Passo algumas horas do dia", escreve, em 26 de agosto de 1937, "aprendendo o quisuaáli". Não podendo ainda conversar, observa-os. O imprevisto e o pitoresco não faltam. Edel, porém, não quer de maneira alguma que a revista da Legião, Maria Legionis, publique esse gênero de

125

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

curiosidades. Ela se insurge contra os redatores de Dublin que, como bons jornalistas, estão à procura de colorido local e de acontecimentos diversos e movimentados:

"Não me comprometam com suas "histórias vividas" para a Revista, escreve- lhes. O no 3 é o primeiro que aguardo com prazer, porquanto no n° 2 os Srs. puseram "fim" ao meu jornal de bordo. Fico receosa, toda vez que um bispo ou um sacerdote refere-se à Maria Legionis. Nada de histórias apavorantes, por favor. Mais tarde, quando regressar ao país, escreverei, talvez, algumas narrativas de aventuras de fazer arrepiar os cabelos, mas não esperem que sejam pessoais!"

Chama a isso "seu complexo de publicidade". Outra vez, termina uma carta com a mesma recomendação: "Isto não é para publicar", e acrescenta: "Penso que estas cinco palavras poderiam ser gravadas no meu túmulo!"

Reserva, entretanto, o capítulo dos fatos engraçados para suas amigas de Dublin mais íntimas. Eis um desses, em data de 20 de setembro de 1937:

"Escrevo-lhes do hotel de Quilimanjaro, Congo-Moshi. Ao voltar de Quênia, pensava já ter visto sobre as estradas carros antigos, mas os modelos que se veem aqui são mesmo ancestrais! A maioria das estradas são impraticáveis durante a estação das chuvas; se a augusta Teresa¹ estivesse aqui, sua reputação a obrigaria a recuar.

Não se faz outra coisa senão dar saltos aqui e acolá, em toda a extensão. É preciso que eu lhes conte uma de nossas últimas escapadas. Quinta-feira passada, precisei de um carro para "contatar" uma missão. Indicaram-nos um; o automóvel, encomendado para às 7h da manhã, chegou às 14h! Era um caminhão Chevrolet de duas toneladas, com lugar para duas pessoas, inclusive o chofer. Mas, na realidade, viajamos quatro na frente... Quando vou a algum lugar, pergunto naturalmente se alguém me quer acompanhar ou deseja confiar-me cartas, pois os transportes entre as missões são muito raros. Naquele dia, disseram-me que a Rev. Madre pretendia expedir uma vaca! Uma freira e um frade sobem na frente comigo. Foi uma verdadeira comédia! O carro chega ao convento, situado no centro de um jardim cheio de flores e legumes. Todas as Religiosas lá se achavam, assim como uns 20 habitantes, quando surge a vaca, presa por uma corda. Até aí tudo ia bem. Mas, com a aproximação do automóvel, iniciou-se a farsa. Após ter feito a volta do caminhão, correndo, o animal investe contra os presentes que desaparecem como por encanto. Em seguida, rompe a corda e precipita-se para o jardim perseguido por 5 camponeses que correm ao seu encalço. Trazida com grande dificuldade, escapa novamente, já então cercada pelo povo. Uma das Religiosas teve a honra de tomar parte

nessa captura. Para facilitar a sua subida, põem uma grande prancha contra o caminhão, mas em vão. Por última instância, deitam-na sobre uma tábua, ligam-lhe as patas e içam-na para o veículo, apesar das vigorosas reações de sua parte. Uma vez instalada, libertam-na; pois bem: o quadrúpede escapou de derrubar as paredes! Finalmente, chegamos, 2h mais tarde, à missão, são e salvos... e com a vaca.

(1) Nome dado ao automóvel de sua amiga Srta. Emma Bodkin.

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Mais tarde, à noite, quando o padre vê os apuros em que se meteu ao prometer a Edel que organizaria a Legião, exclama: "Mas, também, aquele animal tinha de "Fui obrigada a confessar-lhe", termina Edel, "que não era o animal que me havia vir precisamente hoje!"

conduzido, mas, sim, 'eu' que o havia convidado... Uma boa história, não é?"

Ei-la, em exploração, em uma aldeia.

"Os habitantes da região do Moshi vivem, a maioria, em bosquezinhos de bananeiras. Só se veem árvores, mas, observando melhor, aparecem as casinhas. Visitei uma, Ao lado da única peça circular, há um abrigo para os animais; defronte, num canto dividido, encontra-se o alojamento da mulher, sobre um estrado de madeira; no compartimento vizinho não há estrado, as crianças dormem no chão. Contigua, uma choupana menor contém outra cama levantada, coberta de peles de animal; é para o dono da casa, o marido. Sobre o telhado de numerosas casas, veem-se cruzeiros, pois, de um modo geral, os habitantes dessa região são católicos e, ao encontrar-nos, saúdam-nos com essas palavras: 'Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo'; 'Para sempre. Amém!' respondemos." De Bura, Edel vai a Quilema, principal posto do vicariato de Quilimanjaro. Essa missão, muito próxima do monte Quilimanjaro, é importante. Edel visita o bispo, S. Exa. Monsenhor Byrne, que, pessoalmente, a introduz junto dos cristãos e recomenda calorosamente a causa da Legião. A passagem de Edel coincide com uma conferência eclesial. Mons. Byrne apresenta a legionária aos superiores de postos reunidos e os incita a fazer-lhe um bom acolhimento. Retira-se, em seguida, para deixar inteira liberdade à discussão. A conclusão da sessão é que todos vão ler o Manual, orar e refletir.

Enquanto que a semente lançada está prestes a amadurecer, Edel não perde um minuto. A carta de Monsenhor Riberi aos Ordinários fornece-lhe uma correspondência cada vez mais numerosa. Escreve a Monsenhor Stam, bispo de Quisumu (Quênia), aos bispos de Uganda e Tanganica para lhes anunciar sua próxima passagem e perguntar-lhes sobre as datas que melhor lhes convêm. As respostas chegam constantes e cordiais, desejando-lhe as boas-vindas.

A correspondência de Edel torna-se cada dia um fardo mais pesado. Além das suas relações regulares com Dublin, escreve infatigavelmente, respondendo as mais variadas perguntas que lhe chegam dos centros anteriormente fundados. Conhece bem o valor de algumas linhas de conforto e de estímulo. Não será isto ainda o contato pessoal? E emprega nisto uma grande parte de suas noites.

Em princípio, enquanto não existe um Senatus, as Curiae dependem diretamente de Dublin. Mas, como resolver, à distância, os múltiplos casos que a vida indígena apresenta, tão diversa de nossos costumes? De um lado e de outro recorrem a Edel.

Ela própria, em carta de 24 de setembro de 1937, apresenta um problema inesperado. Em quatro postos, os membros de uma mesma tribo recusam-se a entrar para a Legião, porquanto não querem, por preço algum, ligar-se por uma promessa. Isto, por

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

desconfiança dos brancos, e por razões políticas. Convém, sem prejudicar aos princípios, convencê-los progressivamente.

"Duvido muito", escreve Edel a Dublin, "que as objeções levantadas por alguns sejam tão fortes como se julga, porquanto, entrando na Igreja, eles tiveram de fazer uma profissão de fé, que, evidentemente, é um compromisso ainda mais sério do que a promessa legionária. Alegam que eles não compreendem as palavras, nem sua profunda significação; por que, então, não sugerir que continuem como ouvintes até que o diretor espiritual possa educá-los gradativamente e fazê-los atender ao sentido e à finalidade da promessa?"

Noutra parte surgiu a questão cruciante das visitas a dois. Como proceder quando os membros pertencem a distritos diferentes? Aqui, a melhor solução será reagrupá-los por distrito. Mas que luta renhida para manter essa regra das visitas a dois!

"Constato", escreve Edel, "que, se ao fundar o Praesidium, obtenho o trabalho a dois, na segunda ou terceira reunião, percebo que os membros saem sozinhos; seu companheiro não foi ao encontro, etc. Reformo equipes de dois, mas, a menos que o diretor espiritual não fiscalize de perto, quando volto a visitá-los, os membros trabalham, novamente, cada um por seu lado, o que mais dificulta os bons resultados. Num Praesidium que eu julgava sólido como uma rocha, e cujo presidente era um dos oficiais da Curia, constatei, ao visitá-lo após dois anos, que todos os membros trabalhavam individualmente.

Alguns sacerdotes assinalam que o que eles apreciam na Legião é, precisamente, esta regra do trabalho a dois, vendo nisso uma salvaguarda no ponto de vista moral e uma garantia de que o trabalho será executado".

Edel sabe disso melhor do que ninguém; não é, pois, sem razão que ela escreve ao Conselho central: "Fui intransigente quanto às visitas a dois, em toda a parte e sempre, mesmo quando pareciam quase impossíveis."

Após as visitas de Edel, surgem grupos em todas as missões, ao redor do monte Quilimanjaro: Praesidia de adultos em Quilema, Rombo, Mashati, Quibosho, Ura, Quisquemunau e Arusha; de moços em Quilema, Rombo e Quibosco.

A Irmã M. Angelita, da Congregação do Precioso Sangue, descreve a impressão que Edel lhe deixou:

"Recordo-me perfeitamente do dia em que a vi pela primeira vez em Quilema, em 1937. Sua amabilidade, aliada a uma grande simplicidade, e, acima de tudo, à sua alegria, conquistaram o coração de todos. Na missão de Quilema, tínhamos todos a impressão de que se tratava de uma filha muito querida pela Virgem Maria, uma verdadeira santa "incógnita". Não era sempre, e em todos os lugares, recebida com entusiasmo; e se pôde fundar Praesidia em quase todas as missões e fazê-los funcionar, foi graças a seus esforços heroicos, à sua força de alma, à sua perseverança. Era a pessoa mais despreendida que encontrei."

Acrescentemos a este testemunho, o da Rev. Irmã M. Gratiana, da mesma Congregação:

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

"Edel apreciava muito os Missionários e, especialmente, as Religiosas. E o demonstrava de maneira heroica. Na época em que percorria o vicariato para estabelecer a Legião, aconteceu, por duas vezes, que ela regressou tarde a Quilema, devido a panes do automóvel. Quando chegou ao nosso convento, encontrou a porta fechada, porquanto não sabíamos do seu retorno, Passou toda a noite numa varanda aberta, tendo por cama um banco de madeira e por coberta seu manto azul, muito leve, cuja proteção era apenas

ilusória, pois a brisa das neves do Quilimanjaro ocasiona um frio por demais forte. Na manhã seguinte, quando lhe perguntamos por que não havia chamado, ela respondeu: "Minhas Irmãs, as sras. trabalham o dia inteiro e têm assim grande necessidade de repouso durante a noite. Por coisa alguma no mundo eu as incomodaria". Como insistissemos em que nunca mais faria tal coisa, ela respondeu:

"Se eu me encontrar nas mesmas circunstâncias, agirei do mesmo modo!" E, com efeito, ela o fez uma segunda vez, passando toda a noite naquele banco! Ao abrir a porta, às 5h da manhã, encontramos-la de pé, tiritando. Vendo nosso desespero, pôs-se a brincar para nos fazer crer que isto não tinha a menor importância. Depressa pusemo-la na cama com uma xícara de café forte e bem quente. Se não lhe era mais possível comungar naquela manhã, todavia, levantou-se para assistir à missa. E não faltava nunca à missa, nem à santa comunhão, fazendo tudo o que estava a seu alcance para ser fiel a esse propósito.

uma

Nunca a vi pronunciar uma palavra contrária à caridade, e se alguma vez percebi alteração na sua fisionomia, ela a modificava logo por uma palavra amável".

Esses episódios são verdadeiramente típicos e provam, uma vez mais, essa atitude de desprendimento de sua pessoa, quase sobrenatural.

De Quilema, Edel vai a Arusha (vicariato de Quilimanjaro) passando por Nairobi. Essas viagens são por demais fatigantes.

"As chuvas chegaram, escreve, o que torna as estradas muito perigosas para os carros. Esperei um carro numa missão, pronta para sair, das 7h da manhã às 8h da noite; felizmente, encontrei um caminhão. Chegamos a Moshi às 23h. Por sorte, ainda havia um quarto livre no hotel. Percorrendo a estrada, meus companheiros perceberam um leão pertinho e gritaram ao chofer que acelerasse a marcha, ao que ele não se fez de rogado..." Em princípios de dezembro, ela visita Monsenhor Stam, em Quisumu. O relatório abaixo, datado de 6 de dezembro, deixa entrever a fadiga de um tal deslocamento.

"As chuvas 'miúdas' nunca chegaram tão cedo como esse ano; estavam adiantadas de um mês. Tornaram-se longas e abundantes. As estradas estavam em péssimo estado e tivemos verdadeiras aventuras durante os 80 km entre Arusha e Nairobi. No dia seguinte nenhum carro podia trafegar, pois tornara-se impossível transpor um dos rios que havia transbordado (não publiquem isto, sim?). Vi-me obrigada a ir a Quisumu de trem, o que só me acontece quando as estradas estão impraticáveis. É uma volta muito bonita; a região é arborizada e, nas proximidades de Quisumu, atravessam-se ondulados valados. Quisumu está construída às margens do lago, onde se refletem maravilhosos poentes...

128

129

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Graças à altitude que modera a temperatura, o calor é suportável".

Com que elegância ela atrai a atenção sobre a paisagem, para desviar o interesse sobre sua pessoa!

Essa mesma carta revela também, notemo-lo de passagem, quanto viva guardou Edel a recordação de sua primeira campanha legionária no País de Gales. Longe de se absorver no seu próprio trabalho, pensa na miséria espiritual daquele país:

"Não vejo por que razão alguns legionários não se instalam no País de Gales; lá encontrariam certamente trabalho em cidades como Bangor, Conway, Rhyl, etc. e não

estariam muito longe da Irlanda. Acho que um legionário experimentado poderia fazer muito e a vida lá não é absolutamente cara."

Sua Exa. Monsenhor Stam proporciona a Edel um generoso acolhimento. Ele a apresenta pessoalmente por ocasião da primeira reunião de contato, em 4 de setembro. Os primeiros ensaios são tentados com goaneses: o bispo segue de perto a experiência e a estimula. Edel só faz lançar as bases; espera poder controlar o trabalho. Sua tarefa propriamente dita é de prosseguir na sua missão. Seus relatórios a Dublin descrevem suas visitas de posto em posto: Quibuie, Cacamega, Rangala, Eregi, Quisii, Asumbi, Niabondo... Edel vai onde a chamam, segundo as instruções que recebe. Parece que, no fundo do seu coração, só há uma súplica! "Senhor, conduzi-me lá onde Vos amarei e servirei melhor!" Ligeira como a brisa, ela está pronta a modificar seus projetos ao primeiro sinal. Esse sinal de Deus lhe aparece, de repente, sob a forma de um convite de Monsenhor Heffernan. Sabendo que o prelado achava-se de passagem em Bura, Edel corre ao seu encontro. O bispo lhe diz que a espera impacientemente em Zanzibar, para lá fundar a Legião. Esse desejo é uma ordem. Edel então renuncia aos seus planos anteriores e atende a novos destinos. Em fins de fevereiro, desembarca na ilha.

Zanzibar é uma pequena ilha verdejante, toda perfumada pelos cravos-da-índia. A cidade de Zanzibar compõe-se de ruas compridas entre casas altas, habitada por uma população cosmopolita: suaílis, uns semelhantes a negros, outros a mouros, comerciantes indianos, africanos vindos do continente. A glória de Zanzibar pertence ao passado.

Edel descreve a cidade resumidamente:

"Zanzibar não se assemelha a nenhuma outra cidade dessas regiões, nem mesmo a Mombaça. Está povoada de casas árabes, possui seu próprio sultão e parece de outra época. De aparência puramente tropical, é coberta por toda a parte de palmeiras e plantações de cravos-da-índia. As ruas formigam de árabes, e todos os dez dias, à chegada dos navios, cresce o número de turistas: franceses, alemães, ingleses."

Narra que se encontrou, da maneira a mais imprevista, com o sultão: "Outro dia, entrávamos na rua principal que, em determinados lugares, é tão estreita que dois carros não se podem cruzar ao mesmo tempo. De repente, defrontamos com o carro do sultão. Ora um sultão não pode fazer marcha a ré! Foi preciso, pois, sob os olhares de uma

130

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

multidão de papalvos, recuar lentamente até uma rua transversal. O sultão passou, e nós The apresentamos desculpas. As circunstâncias não eram protocolares, mas me permitiram Edel não tem absolutamente tempo para apreciar o pitoresco; seu trabalho recomeça: exposições de informação e criação de Praesidia. vê-lo muito de perto..."

Em 8 de março ela deixa Zanzibar para juntar-se à missão de Quisii, a 50 km de Quisumu, visitando, de passagem, Lioqui e Nacuru, a fim de verificar aí o zelo legionário. Uma série de localidades indígenas surgem em suas cartas; cada lugar lhe traz um problema novo, suas próprias dificuldades. Ela vive infatigavelmente, dia após dia, a parábola do Semeador. Apenas varia o cenário, chamando-se ora Asumi, ora Niabondo, Quitale, Eldoret, Nandi, Nacuru, Quitabi, Nangina, Amucura, Mbaga...

tempos

Enquanto Edel percorre essas regiões, chega-lhe a notícia de que S. Exa. Monsenhor Riberi, delegado apostólico, acha-se de passagem em Nairobi. Excelente ocasião para agradecer-lhe a carta aos Ordinários e prestar-lhe contas do trabalho realizado. Dirige-se, pois, a Nairobi; a entrevista proporciona-lhe grande consolação. Monsenhor Riberi confirma

sua plena aprovação e elaboram conjuntamente planos para o futuro. As primeiras experiências foram concludentes: a Legião havia dado provas de maravilhosa eficácia nas mais difíceis condições. Não seria ela, então, o instrumento insinuado pela Virgem para os dolorosos que se aproximam? Monsenhor Riberi pensava assim; Edel fornece-lhe uma prova evidente. E ele disse se recordará um dia, quando a Igreja da China conhecer dias amargos. O Delegado apostólico na África tornar-se-á o internúncio na China. Na confusão causada pela maré comunista, ele indicará, mais uma vez, aos bispos, essa âncora de salvação: a Legião de Maria! Ele próprio enviará a Dublin o Pe. Mac Grath, para que estude sua organização, dando-lhe, posteriormente, como única missão, realizar na China a obra de Edel Quinn. Prefaciando a tradução chinesa do Manual, escreverá estas linhas: "Não me surpreendo que se considere a Legião de Maria como um milagre do mundo moderno. Estendeu-se com uma rapidez extraordinária em quase todas as nações. A China não constitui exceção: seu desenvolvimento em Peiping, Tientsin, Xangai, Hankow e outras cidades, é notável..."

Na história do mundo, quando se torna necessário fazer triunfar o bem do mal... a Providência sempre tem fornecido o instrumento..."

Sem Edel, talvez essas linhas não tivessem tido uma tal convicção. Seu sacrifício recebe, assim, valor de catolicidade, no tempo como no espaço.

Perdida nas selvas da África, Edel Quinn auxilia, sem o saber, a salvar a China.

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

CAPÍTULO XV

EM "ROLLS-ROYCE"

Quando o Espírito de Deus encontra uma alma dócil à sua influência, emprega-a na realização de seus numerosos desígnios; descortina-lhe cem novas direções, multiplicando suas obras e as ocasiões de fazer o apostolado, excedendo as forças ordinárias da criatura humana.

(Thomas Merton)

No decorrer de suas inúmeras excursões, Edel certificou-se de que muito a prejudicavam os meios de transporte defeituosos e aleatórios. Resolve pedir a Dublin autorização para comprar um carro. Como mulher de negócios, discute o pró e o contra, calcula os gastos, e faz valer o rendimento duplicado de sua missão. Uma boa ocasião se oferece: poderia efetuar a compra? As autoridades consentem. Edel toma algumas lições para aprender a guiar e lança-se pelas estradas. Mas, a ordem vem, precisa e imperativa: um carro, sim; mas um chofer também, e proibição de conduzir pessoalmente, salvo em pequenos percursos. Edel obedece. Todavia, não lhe foi fácil encontrar um chofer. Finalmente, descobrem um maometano, de nome Ali. Edel contrata-o, sem pensar, um só instante, no risco que poderia correr, confiando-se a um desconhecido.

Em qualquer tempo, e nas piores estradas, atravessa as regiões mais inacessíveis. Irá, com a proteção de Deus e de seus anjos, lá onde uma mulher europeia jamais penetrou. Atrás do carro, Ali instala um fuzil, caso animais selvagens se aproximem demasiadamente. Mas, o maometano, instrumento da Virgem Maria, não poderá, infelizmente, permanecer fiel à sua vocação inesperada. Apreciando demasiadamente o "timbo", bebida capitosa, Edel vê-se obrigada a se desfazer dele.

Nesse interim, escreve a suas amigas, em 14 de junho de 1938, para lhes anunciar a compra do seu "Rolls-Royce", nome que deu a seu carro.

"Acho que vocês já sabem, que a Legião possui na África Oriental seu próprio carro, um 'coupé Ford V8', de 1932, e ainda um chofer, chamado AH, mais conhecido nas missões

pelo nome de Ali-Babá. É um muçulmano e escrupuloso quanto à alimentação; decidimos, finalmente, que ele mesmo compraria o que lhe convém, evitando assim aos missionários o trabalho de prover ao seu sustento sem infringir leis desconhecidas.

Até o presente momento, não tivemos muitas aventuras com o carro; ficamos levávamos um presos na lama algumas vezes, mas isto é comum aqui. Na última pane, sacerdote; então veio uma multidão para nos empurrar, e saímos sem muita dificuldade. Obtive minha carteira de motorista; após um exame com numerosas provas, o examinador aconselhou apenas que eu me exercitasse na marcha à ré. Seria bom se Emma me enviasse a sua "Teresa"; apostaríamos uma corrida, mas receio que "Teresa" não se

EM "ROLLS-ROYCE

prestaria a rolar nas nossas estradas e o "Rolls-Royce" ganharia a partida. Estou muito contente que você não espere receber minhas cartas para me responder; não pode imaginar que alegria me causam suas missivas, e a menor notícia legionária sobre os Praesidia ou qualquer outro assunto é um prazer para mim e um O carro permitiu-lhe alcançar os lugares mais afastados e conhecer melhor a vida derivativo".

local. Ei-la em um posto recentemente fundado.

"Nessa missão", escreve, "é preciso tudo construir... inclusive os cristãos! A Igreja é um altar de madeira sob um teto de palhas trançadas, colocado sob uma árvore: a missa é assistida ao ar livre. As reuniões da Legião, se conseguirmos voluntários, deverão, portanto,

realizar-se à sombra das árvores"

Em outro posto, ela observa:

enorme bloco, fazendo tricô!"

"Na missão de Rangala, onde vou passar a noite, estão construindo Igreja e hospital. As telhas são trazidas pelas crianças da escola e pelos catecúmenos; transportam-nas sobre a cabeça. Quando se pensa nos milhares de telhas necessárias, não se pode deixar de achar o processo um tanto lento, embora alguns possam aguentar cinco telhas ao mesmo tempo. Transportam, também, blocos de pedra. Uma Religiosa disse-me, ontem, que, às vezes, a pedra é tão pesada que sozinhos não a podem levantar até a cabeça, mas uma vez que ela foi colocada, conduzem-na facilmente. Vi uma jovem que levava um Um missionário da Africa escreve a propósito das viagens de Edel em automóvel: "Viajar na África não é coisa fácil: grandes distâncias separam os postos de missão, as estradas são horríveis, quase sempre impraticáveis durante a estação das chuvas. A Srta. Quinn possuía um velho carro de dois lugares, já bastante usado. O ruído de sua chegada, penetrando no silêncio africano, tornou-se um som benfazejo em mais de uma missão solitária. Ela trazia a alegria por toda a parte. Sua energia era extraordinária. Seus amigos não conseguiam impor-lhe repouso, mesmo durante o calor abrasador do meio-dia. Andava apressadamente e demonstrava estar convencida de que havia muito a fazer e pouco tempo diante de si."

Graças ao seu carro, Edel pôde percorrer a África como ela bem o entendia, sem ficar dependendo dos outros. Aproveita para empreender uma tournée num mundo que ainda lhe era desconhecido: Uganda.

Região imensa, banhada pelas águas do lago Nianza, do qual contorna as margens norte e nordeste, Uganda possui seu colorido próprio e desfruta, durante todo o ano, de uma primavera selvagem que favorece o desenvolvimento de uma vegetação luxuriosa. A sua passagem, Edel afasta pássaros multicores que debandam, céleres, à aproximação do automóvel. Esses pássaros não cantam. O pesado silêncio da África Equatorial que formiga

de insetos e répteis raramente é perturbado. Por vezes, ouve-se algum roncar de tambores de guerra ou as longinquas encarnações do timbre agudo dos feiticeiros vestidos de peles

132

133

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

de gatos selvagens ou de serpentes. As tribos vivem à sombra dos túmulos dos ancestrais, no meio dos bananais, em choças de caniços trançados. Vê-se flutuar as fantasmagorias dos totens invioláveis, leopardo, pangolim, gatos de algália, elefante, búfalo, antilope, lontra.... Essa região, cuja terra tem a cor da ferrugem, é a herança do povo guerreiro dos Baganda. Edel sonha estender aí, por sua conta, o reino do Senhor.

Alcança Uganda em 22 de julho de 1938, após ter visitado alguns missionários no meio da estrada. Vai trabalhar no vicariato de Campala, cujo território anteriormente dependia do Nilo superior. A autorização lhe foi dada, mas S. Exa. Monsenhor Reesinc ainda não se achava no local quando ela chegou. Começa indagando do Pe. Minderop, interino, até onde se estende a permissão. Este lhe responde que a Legião é desejada "tanto quanto possível": ela tem, pois, carta branca. Edel inicia, então, pela missão de Nsambia, quartel-general dos padres de Mill Hill.

No primeiro contato com a missão indígena de Campala, conseguiu convencer 10 voluntários, após a tradicional prodigalidade de perguntas. Há umas que são inéditas. Vejamos esta, por exemplo.

"Se eu me tornar membro da Legião, posso pagar a alguém para fazer o trabalho no meu lugar?" Como a resposta é negativa, um ouvinte, ex-seminarista, observa que não compreende esta recusa, porquanto, no fundo, "causa causae est causa causati". Não se faz em vão um pouco de escolástica!

Essa série de perguntas não a perturbam absolutamente. Anota, filosoficamente, que muitas vezes aqueles que mais indagam são os últimos a se alistarem. Sua paciência é a toda prova; recomeça infatigavelmente as explicações. "Faço o efeito de uma vitrola", escreve; "mas, no meu caso, só há um disco!"

E a corrida apostólica continua. Visita Jinja, Camuli, Budini, Nienga, Namiliango, Palisa, Ngora, Soroti, Lwala, Ncoconjeru... Em Nienga, no campo dos leprosos, assiste à reunião dos Praesidia de adultos e de moços.

Na missão de Lwala, encontra-se em presença de uma tribo, os Cuman, cristianizada recentemente e ainda bastante primitiva. Apesar dos prognósticos os mais derrotistas, dez voluntários oferecem-se, dentre os quais duas mulheres, sendo uma Muganda. Haviam pedido uma semana para refletir.

Em 20 de setembro de 1938, Edel escreve a uma amiga; "Acabo de assistir a uma reunião. Os legionários visitaram um casal que vivia maritalmente, a fim de conseguir a legalização do casamento. Havia um desacordo quanto ao dote. O futuro marido pagara 8 vacas, 12 cabras e 50 libras ao pai da esposa. Faltava ainda fornecer uma vaca, e o pai, um pagão, recusava dar o consentimento enquanto não estivesse de posse do animal. O missionário propôs a seguinte solução: os dois litigiosos viriam à missão e o rapaz assinaria uma carta prometendo dar a vaca logo que possível. Se o pai pagão estivesse de acordo, publicariam os proclamas e o casamento seria realizado. Havia um segundo caso nesse

134

(1) Axioma escolástico que significa que a causa da causa é também a causa do efeito produzido.

EM ROLLS-ROYCE

gênero, em que tudo ficava em suspenso por causa de uma quantia insignificante. Essas questões de dote ocasionam complicações terríveis. Há muitos anos, constituem obstáculo ao casamento na Igreja; mas, atualmente, isto não impede os interessados de viverem juntos. Se o dote não for inteiramente pago, o uso permite ao pai-e ele não deixa de o fazer de retomar sua filha e de a casar com quem bem lhe apraz. A Igreja só pode, pois, abençoar casamentos com a garantia de que serão duradouros. A vida aqui não é assim tão simples como o pretendem certas brochuras missionárias, e o batismo é apenas o começo de uma rude vida cristã, que exigirá muitas lutas não só ao balizando, como ao sacerdote, antes de alcançarem a meta. A maioria é vítima de numerosas quedas; têm contra eles o ambiente e os costumes pagãos: estamos apenas nos primórdios da Igreja na África. É prodigiosamente interessante sob todos os pontos de vista".

Nesse combate permanente, a Legião oferece aos missionários um auxílio precioso. Eis como o diretor espiritual de Quiditoc-Missão, em Uganda, inicia um relatório sobre seus dois Praesidia:

"Envio-lhes, em anexo, os relatórios sobre meus dois Praesidia; confesso que detesto escrevê-los. Assim sendo, não me peçam outros antes de seis meses! Junto também, para sua edificação, uma fotografia da minha Igreja e de minha casa. Nessa Igreja, a Srta. Quinn assistiu às cerimônias realizadas na intenção do nosso falecido Santo Padre.

Perguntem-lhe se havia uma corrente de ar! Desde esse tempo as paredes são construídas com lama. Durante sua visita, cedi-lhe minha choupana: a Srta. Quinn tornou-se a feliz ou infeliz proprietária. Lá passou três noites; sem portas, nem janelas: pelo menos garantiu-me que dormiu bem, mas isto só poderia ser coragem legionária... Inútil dizer-lhes que agradeço ao Todo-Poderoso e à Virgem Maria terem-me permitido iniciar a Legião. O relatório demonstrará quanto foi útil o seu auxílio na minha difícil tarefa."

Num dos relatórios em anexo, dizia: "Contamos com 20 membros ativos; a média das presenças semanais é de 93%. O presidente reside a 16 km do posto e o legionário mais próximo acha-se a 10 km de distância; nunca faltam à reunião. O Praesidium já fez voltar aos sacramentos 118 católicos, conduziu 13 crianças ao batismo, fez regularizar 14 casamentos e, atualmente, 23 pagãos recebem instrução religiosa..."

O segundo relatório obedecia ao mesmo ritmo.

Em 29 de setembro, Edel foi recebida por S. Exa. Monsenhor Reesinc, o novo bispo que acabara de chegar. O acolhimento foi ao mesmo tempo caloroso e prático. O bispo, tomando lápis e papel, anotou todas as missões que ela visitara e os Praesidia já estabelecidos... e as razões que lhe foram dadas aqui e acolá... para não começar. Os casos de recusa eram, aliás, raros: um missionário declarara que a Legião estava 20 anos adiantada: "Sim, respondeu o bispo, dentro de cinquenta anos estaremos justamente no mesmo ponto, e nem ele nem eu lá estaremos!"

Edel sorriu a essa resposta; sentia-se feliz por encontrar alguém tão apressado quanto ela. À força de repetir que as pessoas ainda não estão prontas para receber o

135

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Evangelho, acabam por não mais propagá-lo. Como se Deus não tivesse pressa de se comunicar aos homens! O amor não é sempre impaciente? E Deus não é o Amor? Edel sentia isto profundamente e abençoava o bispo por querer agir com urgência.

Este apoio eficaz animou-a no seu trabalho. Uma pequena frase em carta de 14 de outubro vale como volumes: "Cheguei aqui em 22 de julho e, no fim desse mês, dezessete missões estavam terminadas". Oh! Ela bem o sabe: a palavra "terminada" está longe de

corresponder à realidade sempre inconstante! É preciso muita dose de paciência para dar a cada Praesidium sua plena formação!

Edel manterá o contato pelas suas cartas e retornará ao local sempre que lhe for possível. Sua graça própria é a do Precursor: preparar os caminhos do Senhor, aplainar as montanhas, traçar as veredas e a estrada de acesso sem retroceder, colocando a mão na charrua, os olhos fixos em Deus e nas novas lavouras.

Mais uma vez sua agenda encheu-se de nomes estranhos, de postos a visitar: Niondo, Budadiri, Bucada, Magale, Nagoigera, Tororó, Dabani, Camuli, Vesunire, Buluba, Iganga... As dificuldades são, geralmente, do tipo comum; às vezes, o caso oferece algo de curioso. Eis como Edel narra a história de um apostolado interlegionário: "Matthew Mokobu, membro ativo, é casado e pai de diversas crianças, todas batizadas. Na reunião, um outro membro, Josefu Amuli, relata seu trabalho de recrutamento para a escola. Visitou diversas famílias, diz ele, e também... o irmão Matthew Mokobu, cujos filhos crescidos já podiam aprender a ler e, contudo, ele não os havia ainda enviado à escola; agora já lá estão..." O diretor espiritual comenta isto na sua "alocução": "Como um membro ativo pode se dar tanto trabalho para tirar seu irmão do pecado de preguiça, quando ele mesmo dá o mau exemplo em sua própria casa?" Imaginem, conosco, um legionário contando que visitou um outro legionário, tendo ambos assistido à mesmareunião!"

Com efeito, há casos inacreditáveis, mas a lógica humana oferece surpresas! Em Buluba, Edel visita o campo dos leprosos e começa um Praesidium com três membros e cinco operários.

Descreve seu trabalho numa carta de 7 de novembro: "Espero que outros leprosos ingressarão no Praesidium. Há no campo cento e oitenta contaminados. Alguns casos são bem tristes, enquanto que outros vivem em suas próprias choupanas, cultivam o algodão, vem ao convento para tomar injeções, etc. No outro dia, assisti a uma partida de futebol entre meninos leprosos: divertiam-se muito, apesar de mais de um ter braço ou perna enfaixada.

Buluba é um lugar isolado e, ao redor, há muita caça! Búfalos, hipopótamos, elefantes. Os hipopótamos vêm às margens do lago, à noite, em busca de alimento. O convento fica defronte do lago, a 200 metros."

"1

Nessa mesma carta, ela expõe seus projetos: "Daqui espero regressar a Campala, passando por duas outras missões que não puderam ainda fundar a Legião: assim, 136

EM ROLLS-ROYCE

completarei a volta do vicariato. Praticamente, todas as missões, salvo quatro, já possuem a Legião, e, dentre essas, há ainda dois postos que a aceitariam certamente."

Que ritmo de vida, graças ao "Rolls-Royce"! Edel não terá perdido muitos minutos em sua vida. Mesmo das panes de carro saber tirar o melhor partido. cartas.

Assim o demonstra em uma de suas últimas cartas. "A saída, o carro tinha tão pouca gasolina que só dispúnhamos de uma quantidade para 30 km além da missão. O chofer teve de partir a pé para arranjar o combustível; esse tempo fiquei no carro a escrever Após 2h, aproximadamente, o chofer voltou; tivera a sorte de encontrá-la." A ideia não lhe acode que a tinham deixado sozinha, em plena selva, com a sua correspondência! Enquanto Edel percorre as estradas, as autoridades de Dublin, que seguem todos os seus movimentos com uma atenção minuciosa, recebem pedidos de informações a respeito da Legião. Numa carta de S. Exa. Monsenhor Mazziera, prefeito apostólico de Ndola, na Rodésia do Norte,

solicitando notícias, Dublin responde assinalando a presença de Edel Quinn a uma distância relativamente perto. Nessa mesma época, S. Exa. Monsenhor Leen, arcebispo de Porto Luís, de férias em Dublin, pede às autoridades que Edel, logo após O seu regresso, possa fundar a Legião na Ilha Maurício. Interrogada, Edel responde que está pronta a ir até o fim do mundo e que podem dispor de sua pessoa como lhes aprouver. "Só precisam mandar um telegrama", diz ela, com uma única palavra: "Vá!"

Em fins de dezembro de 1938, ela se dispunha a embarcar para a Ilha Maurício, quando um ataque de malária forçou-a a guardar o leito. Primeiro sério embate à saúde dessa frágil criatura. O médico opina que ela não se acha em estado de partir para Maurício e aconselha que espere até abril, isto é, a estação fria. Pela primeira vez, ela se confessa doente, com febre, mas suplica que guardem reserva e não propalem o seu estado. Naturalmente, os dirigentes, que bem conhecem a sua vocação, pedem-lhe que diga exatamente, e sem nada esconder, qual o seu estado físico.

Excepcionalmente, para obedecer às ordens recebidas, ela fala sobre a sua saúde, assunto que preferiria deixar de lado.

Eis sua carta de Natal de 1938, datada de Campala.

"Estou contente porque compreenderam o meu desejo de não alardear as perturbações da minha saúde. Isto é coisa comum aqui. É somente de tempos em tempos que se apanha um 'bom' ataque de malária: as crises ordinárias duram em geral dois dias. Mas não pretendo absolutamente escrever-lhes cada vez que me resfriar ou outra coisa nesse gênero; nunca o fiz em toda a minha vida, mesmo em família, e estou muito velha para modificar meus hábitos!

Mas se cair doente e que deva me acamar por um tempo considerável, digamos duas semanas, eu lhes comunicarei. Foi assim que lhes avisei de meu resfriado em junho passado e agora do ataque de malária. Se me tornar incapaz de continuar o trabalho como convém, ao ritmo normal de um legionário sadio, eu lhes direi sem rodeios. Nesse

137

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

caso, poderíamos apresentar as coisas como se meu regresso fosse perfeitamente normal. Eis-me aqui no meu terceiro ano de ausência: ninguém poderia acusar seja quem for, de temeridade, por me terem enviado ao estrangeiro, nem achará estranha a minha volta. Se eu fosse obrigada a regressar no primeiro ou segundo ano, teriam certamente ouvido os 'eu bem que disse!' De qualquer maneira, o fator 'tempo' elimina essas recriminações. Não que tenha o menor desejo de voltar!

Sinto-me completamente feliz e radiante por continuar tanto tempo enquanto houver trabalho. Teria ficado desolada de cair doente no primeiro ano e mesmo no segundo; mas, mesmo se o ataque de malária se propalasse agora, não seria mais matéria para comentários, como teria sido no início. Para lhes consolar, se pensam que estou escondendo alguma coisa e isto é uma salvaguarda-saibam que é o único ponto sobre o qual eu teria escrúpulo. Se eu pensasse realmente que meu trabalho sofreria com meu estado de saúde e não pudesse ser o que eu desejaria que ele fosse, não hesitaria num só segundo em regressar a casa. Ou então, procuraria um emprego aqui e trabalharia no local, abandonando todo serviço de extensão. Isto dito, não creiam que interpreto uma frase qualquer de suas cartas como se tal me sugerissem. Sei que esta não é a sua intenção, mas sei também como são sensíveis sobre esse ponto e como ficariam preocupados com minha saúde e um esgotamento do qual viessem a saber tardiamente. Aqui, como em

qualquer outro lugar, o trabalho é demasiadamente importante para ser prejudicado por questões pessoais. Penso, como vocês podem imaginar, que, na evolução mundial atual, o fator tempo é de suma importância: os acontecimentos precipitam-se rapidamente por toda a parte, e sempre contra a Igreja.

de Natal!"

E, agora, ponto final nesse terna "saúde": que assunto para uma carta de véspera

E termina:

"Apesar desse tempo de Natal, não gostaria de voluntariamente trocar de lugar com ninguém aí de casa; há uma tão grande alegria no trabalho!"

Melhor do que qualquer análise, esta carta revela a delicadeza de alma de Edel. Ela fala da saúde unicamente para que outros não se inquietem e não tenham remorso de a ter enviado; as razões que apresenta provam a que ponto esquece de si mesma em benefício da sua missão. No próprio instante em que sua saúde seria um entrave, ela procura passar para outro tema. Mas, enquanto Deus não lhe pedir esse sacrifício, ela desfruta, mais do que nunca, naquela noite de Natal, a alegria de apreciar, em terra africana, as natividades espirituais de Jesus. Nessa noite, em que as recordações do lar e dos amigos são mais vivas, mais urgentes, não quer trocar sua felicidade de exilada voluntária.

Essa carta mostra igualmente seu grande receio de alarmar Dublin a respeito de sua saúde. Um missionário, o Pe. Reidy, fala das precauções extraordinárias que ela tomava para evitar toda publicidade intempestiva. Um dia, narra ele, sentindo-se tomada de um forte acesso de febre e não querendo guardar o leito com receio de despertar o alarma,

EM ROLLS-ROYCE

toma o trem naquela mesma noite para Nairobi, cuja distância era de mais de 500 km. Para evitar a curiosidade indiscreta, pede, por telegrama, a dois amigos de Nairobi, que venham esperá-la numa estação no meio do caminho, e a conduzam a um convento a uns 60 km da cidade. Sentia-se tão feliz por ter escapado aos encontros comprometedores que até esquecia a própria doença! A mesma testemunha revela, também, a alegria intencional de Edel, quando, pouco depois dessa crise, sua fotografia foi publicada na Maria Legionis. Essa foto de amador dava-lhe a ilusão de saúde. Edel estava encantada pela impressão favorável. Desta vez ainda um ataque de malária foi felizmente passageiro e Edel retoma que isto iria produzir em seu benefício.

suas atividades interrompidas.

Em fins de janeiro, visita a missão de Nienga. É obrigada a enfrentar o primitivismo dos habitantes, sem que sua boa vontade ou generosidade estejam em causa.

"Há sete mulheres", escreve Edel em 25 de janeiro de 1939, referindo-se ao grupo;

"nenhuma sabe ler ou escrever. Ensinamos-lhes as orações e a maioria levou perto de quatro meses para aprender a Catena". Notifica Dublin, porque duas delas não conseguem memorizar; a título provisório, enquanto aguarda o êxito, propõe recitarem o

"Lembra-vos".

Há ainda outras dificuldades que surgem por motivos outros que não a falta de memória; a maioria não sabe manejar a pena. Não é tarefa fácil arranjar um secretário. A melhor solução seria confiar essa tarefa ao diretor espiritual. A Legião, porém, receia as soluções intempestivas e não transige quanto às atribuições. Obra de leigos, é preciso que assim permaneça: as responsabilidades têm valor educativo, por isso não se deve minimizá-las. Para traduzir esses princípios na prática, torna-se necessário maior energia, imaginação. Em um desses postos (Soroti Mission), Edel está às voltas com o seguinte e tenacidade.

problema: "O lado extravagante da questão", escreve, "refere-se às linguas. Temos um Praesidium, Teso, onde se encontra um indígena Muganda que sabe o inglês, o luganda e o suaíli, e que é capaz de escrever regularmente, mas, se o fizer em uma dessas linguas, os demais não o compreenderão. Descobrimos um mu-teso, não tão competente, mas que escreve em teso e conhece mais ou menos o suaíli. Temos, pois, dois secretários; um anota rapidamente em inglês o que lhe diz seu companheiro teso, depois, ajuda-o durante a semana a fazer seu relatório como deve ser feito no respectivo idioma. Em todo o caso, isto lhes dará o senso da responsabilidade nesse assunto (15 de fevereiro de 1939)".

Na mesma carta, Edel anuncia que vai visitar o vicariato apostólico de Meru, mantido pelos missionários italianos da Consolata, e que passará novamente uns 15 dias no vicariato de Quisumu. No vicariato de Meru, sob a direção do Monsenhor Nepote, a Legião havia começado, alguns meses antes, sem o concurso de Edel. Era imprescindível tomar contato para que tudo se passasse, desde os primeiros dias, em inteira conformidade com

138

139

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

o regulamento. Os padres italianos só dispunham de um Manual em inglês. Essa situação obriga-a a preferir Meru à Ilha Maurício. Uma razão suplementar fá-la adiar a partida prometida a Monsenhor Leen: Dublin anuncia que a tradução francesa do Manual está no prelo, indispensável a seu trabalho na Ilha Maurício; atrasara sua viagem de alguns meses. para chegar munida dos Manuais.

A visita a Meru foi fácil; os missionários fixaram previamente o itinerário que compreendia as nove missões, as mais acessíveis. Ao partir, Edel deixa seis Praesidia funcionando.

Agora que pode dar todas as suas voltas no "Rolls-Royce", sua atividade aumenta. Não cessa de elogiar o veículo, e, de tempos em tempos, refere-se ao novo chofer. Em 26 de setembro de 1939, ela escreve: "Ultimamente ele apareceu de culote e camisa branca, com um cinto de pele de zebra. Mas, sobre o peito, havia escrito seu nome, Anselmo, com lápis roxo e em letras maiúsculas. Resta saber o que acontecerá na primeira lavagem!"

dois dias!

Enquanto isso, as estradas continuam esburacadas; houve sete pneus furados em "Fui alvo de pilhérias, na missão central, a respeito da minha última tournée. Estabelecia contatos nas missões e transmitia alguns recados no meio do caminho e, principalmente, trazia um Frade do Santo Espírito. Não havia observado que um de meus pneus da frente estava gasto demais. A câmara de ar estourou, e repusemos uma outra que resistiu durante alguns quilômetros. Durante os dois dias de viagem, o Frei e o chofer consertaram os pneus sete vezes! O Frei tomou um dia de férias, chegando à missão; Monsenhor achou que ele bem o merecia!"

Há, como se sabe, uma providência para os automobilistas em pane. Edel, alguns meses mais tarde, disso terá a experiência:

"O automóvel da Legião", escreve, "teve uma nova aventura que os divertirá, certamente.

Não tínhamos ainda percorrido 18 km em direção a Dar-és-Salam, quando três lâminas da mola saltaram. Não me tendo acontecido isto antes, pergunto a mini mesma se não estávamos atolados. O chofer saiu-se da melhor forma e conseguimos levantar o carro com uma acha de lenha como alavanca; em seguida, foi preciso consolidar as lâminas quebradas ligando-as com cordas a um ramo de árvore. Repusemo-nos a caminho, muito lentamente, com receio de acidentes. Eram quase 19h30 quando cheguei, noite fechada. Consegui encontrar o apartamento do Pe. Mac Carthy e ele conduziu-me à missão, onde

apresentei minhas desculpas ao sr. bispo pelo atraso, explicando o que tinha acontecido com o carro. Respondeu-me: "Amanhã de manhã consertarei isso para você; entendo um pouco do assunto".

No dia seguinte, às 8h, o bispo apareceu de macacão na garagem da missão e, desde esse momento até o meio-dia, consertou o carro; fui lá duas vezes, mas ele se achava debaixo do veículo e deixei-o tranquilo. A tarde, às 6h, o Monsenhor terminara o trabalho, colocando

140 EM ROLLS-ROYCE

grampos na bateria! Fora obrigado a arranjar unia grande lâmina para a mola e havia amoldado duas outras nas dimensões requeridas. Verdadeiramente é um artista em consertos de automóveis e encontra um real prazer em pô-los novamente em estado; é sua maneira de descansar. Fiz-lhe uma visita no dia seguinte para agradecê-lo, mas ele não quis ouvir falar nisso, como se esse rude trabalho fizesse parte de sua missão habitual. Eu não teria ficado tão confusa se Monsenhor tivesse me prestado esse serviço em algum canto perdido da montanha ou das selvas; mas, em Dar-és-Salam há uma quantidade de garagens e ele teria podido muito bem deixar que me arranjasse sozinha. É tão original chegar a um lugar desconhecido e logo em seguida ver o bispo passar todo o dia debaixo do seu carro a repará-lo!"

Isso foi suficiente para destacar o "Rolls-Royce" de Edel! Deu motivo a gracejos nos diferentes postos e ela divertia-se com isso. Um dia, o Pe. Mac Carthy-o atual bispo de Zanzibar escrevera a Dublin sua admiração pela Enviada, acrescentando incidentemente que ela circulava com um Ford "lata-velha". A palavra chegou aos ouvidos de Edel; ela desconfia donde partiu e toma da pena para vingar esse juízo:

"Se é o mesmo correspondente que chamou o carro da Legião de "Ford lata velha", nós não viveremos tranquilamente muito tempo. Uma vez que você não me cita o nome, não posso lançar-lhe um desafio. Mas enviar-lhe-ei, sem falta, uma fotografia do Carro: seu aspecto é bom; é verdade que algumas peças dos para-lamas estão seguras por parafusos, mas isto é comum aqui. A pintura no interior é de tinta rubra, única em seu gênero (obtida, segundo me disseram, por uma mistura de cores); isto dá origem a comentários. Por ocasião da compra, os pneus estavam novinhos, gastaram-se com o uso. Dois deles foram comprados em maio do ano passado, mas os dois originais ainda estavam em uso em setembro, quando necessitaram de uma série de reparos em uma só viagem. Depois disso, convenceram-se claramente de que seu dia de glória havia passado. A máquina está boa: em cada garagem atestam espontaneamente; outras opiniões o confirmam. Em todo esse tempo, o carro enfrentou montanhas e estradas incríveis, atolou-se - o que é sempre possível aqui quando as chuvas se desencadeiam-teve panes de gasolina e igualmente exigiu peças de substituição; mas daí a dizer que é "lata velha", não senhor! De mais a mais, tem a vantagem, sendo um carro fechado (coupé), se cair uma chuva em pleno mato, poder passar-se a noite dentro dele tranquilamente, pois, ao contrário dos outros, fica-se ali abrigado dos leões! No caso de vocês imaginarem que isso já me aconteceu, asseguro-lhes que nunca dormi no automóvel. Quando penetramos, o chofer, o carro e eu, novamente no mundo civilizado, tomamos o aspecto do "primo pobre da aldeia que vai à cidade!"

Edel caminhará, pois, sem atender aos gracejos, nem ao ruído angustioso do motor, nem mesmo diante das estradas irregulares. Corajosamente, prosseguirá sem pensar nos perigos, não se fiando demasiadamente na sua "Rolls-Royce", mas, sim, na Providência Divina.

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

CAPÍTULO XVI

MARGEM DA GUERRA

Se a santidade é autêntica, deve manifestar-se sob forma de coragem! (Frank Duff)

Notícias alarmantes chegaram a Dublin sobre a saúde de Edel. As autoridades imediatamente incitaram-na a regressar à sua pátria, para umas férias. Edel, obrigada a se explicar, reconhece que as febres de dezembro não eram apenas devidas à malária, mas também à tuberculose sempre ameaçadora. Após essa confissão, declara energicamente que está em condições de continuar sua obra, e disposta a tomar algumas precauções.

"Primeiramente", escreve, "como vocês sabem, sinto-me plenamente feliz em poder permanecer tanto quanto possível ao serviço da Legião. Estou inteiramente pronta a continuar, enquanto puder, como o faria qualquer legionário. Além disso, confio sempre em vocês para me dizer se estão satisfeitos com o meu serviço. No caso de alguém mais indicado se oferecer para me substituir, espero que não hesitem em me comunicar: fiquem certos que isto não me causaria pesar. Conheço bem minhas possibilidades e muito me alegraria se pudessem encontrar uma pessoa realmente competente.

Outrossim, jamais esquecerei de que o fato de ter podido trabalhar aqui, embora apenas por dois anos, foi um imenso privilégio. Sei que atualmente não dispõem de ninguém, mas isto não quer dizer nada: de um momento para outro, podem encontrar outrem; será útil que eu seja logo avisada.

Isto dito, uma vez que não se cogita em enviar outra pessoa, e que há trabalho para, ao menos, dois anos ainda, eu continuarei!

Não vale absolutamente a pena que eu entre de férias ao término de quatro anos para ir à Europa. As Religiosas destas regiões aqui permanecem o resto da vida. A maioria dos sacerdotes só tomam férias de dez em dez anos, e se alguns desejam regressar ao país antes disso, é após sete ou oito anos, no mínimo...

Não há, pois, motivo plausível para que eu retorne tão depressa, antes de terminar o trabalho, mesmo se após o descanso eu regressasse à África. Pessoalmente, preferiria ficar aqui. Pensando bem, trata-se provavelmente de alguns anos a mais, e, de qualquer forma, não se pode pensar em férias agora. Se eu já estivesse aqui há dez anos... poderíamos considerar o problema! Como falar de férias, após dois anos e meio, enquanto que aqui os sacerdotes e as Religiosas são considerados como novatos, após cinco anos de serviço! Não se tem ainda o direito de formular uma opinião sobre os africanos". Numa carta confidencial, Edel volta ao assunto:

A MARGEM DA GUERRA

"Não digam a meus pais que me fizeram esse oferecimento, por favor! Para eles, penso que seja menos penoso que eu não retorne antes da tarefa terminada, pelo menos quanto à parte que me toca. Seria uma dor de coração me verem chegar para regressar novamente, desde que, no momento, já se habituaram à minha ausência. Escrevi à mamãe, recentemente, quando ela dissera que meus três anos estariam brevemente findos, para lhe dar a perceber que provavelmente eu permaneceria um pouco mais, pois não se pode absolutamente terminar esse trabalho exatamente em três anos. Assim sendo, os meus pais já estão preparados para uma ausência mais prolongada. Aliás, toda vez que mamãe exprime o desejo de me ver regressar, ela acrescenta que, enquanto eu me sentir feliz e bem de saúde, não se preocupará demasiadamente com a separação. Escreve-me semanalmente; de meu pai recebo frequentemente cartas e jornais; desde que lhes respondo tanto quanto possível, eles estão satisfeitos. A última carta de mamãe causou-me pequenos remorsos de consciência, porque ela desejava saber como eu estava passando,

realmente; após a minha partida, não ouvira falar nem de um resfriado e duvidava muito que eu tivesse podido atravessar três anos sem nenhum incidente de saúde; mas acrescentava que provavelmente ela não saberia de coisa alguma! Tudo isto para lhes explicar as razões pelas quais seria mais prudente que minha família ignorasse esses detalhes. E, também, porque são mais felizes não sabendo quando devo regressar."

Essas linhas provam a delicadeza de Edel para com os seus. receio constante é de fazer sofrer sua mãe; ela fará o impossível para não alarmá-la. Em todas as suas cartas, procurará minimizar suas alterações de saúde.

"Os próprios legionários de Nairobi não sabiam que eu estava doente. O primeiro ataque de malária é sempre o pior, e ninguém morre! Ao cabo de dez dias, já me sentia restabelecida; um pouco trôpega, mas capaz de assistir a uma reunião da Curia; como veem, não foi muito grave. A malária aqui é como a nossa "gripe", com as suas recaídas. Dizem que esse ou aquele tem um pouquinho de febre; isto requer um dia de leito com o quinino, se a temperatura for elevada, ou só o quinino sem o repouso se a temperatura for baixa. É o método dos Sacerdotes e das Religiosas, não o meu. Um ou dois dias bastam, habitualmente, para as pequenas crises. Tive algumas, talvez cinco, mas só uma vez fui obrigada a guardar o leito durante dois dias, e assim mesmo pude me levantar para ir à missa. É impossível livrar-se inteiramente das crises; uma mudança de altitude, o cansaço, uma estação mais prolongada ao sol, podem provocá-las por um dia ou dois. Todos sabem o que se deve fazer e, então, ninguém dá atenção.

Se minha mãe soubesse que eu tive as febres, ficaria desolada, devido à distância". Edel defende-se ainda, numa outra carta, contra a preocupação que persiste a seu respeito:

142

143

as

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

"Quanto ao alarmante boletim de saúde que uma Religiosa lhes enviou, embora possam não acreditar, asseguro-lhes, que ignorava que eu tivesse estado assim doente Entre nós, ainda continuo duvidando; porém, uma doença percebe-se e sem saber se o doente irá resistir ou não, tiram-se imediatamente conclusões! Fui despedir-me da Madre X. Ao partir, ela me disse: "Quando você terminar sua missão legionária, venha ser uma das nossas". Ri-me e desviei a conversa, mas, como ela tocara na minha saúde, retruquei: "Só mesmo um milagre poderia me fazer recuperar a saúde!" Ao que ela respondeu: "Milagre é você estar assim diante de mim, depois de ter passado pelo que passou! Nunca pensei que se restabelecesse tão depressa, e, particularmente, que pudesse ter tão bom aspecto após um mês de "safari". Interroguei-a: disse-me ela que, na opinião das Religiosas, eu estivera muito mal. Ao regressar para junto de minha amiga, Madre Anunciata, do convento de Nsambia, Campala, que foi sempre tão boa para mim, passou as noites comigo e tratou-me quando caí enferma, perguntei se era verdade que tivesse me considerado tão doente. Confessou que sim. Perguntei-lhe, então, por que, se as Religiosas me achavam tão mal, não sugeriram para receber os últimos sacramentos, e aí ficou perturbada. Disse-me que, certamente, não havia perigo imediato, mas que recearam, durante um certo tempo, que sobreviesse uma hemorragia. Daí o diagnóstico alarmante."

Edel multiplica as provas para tranquilizar os seus e defende-se com humor: "Vejo que não podem deixar minha saúde em paz, não passam uma só carta sem tocar no assunto! Ela

está O. K., não há um só deslize, graças a Deus! Não pensem que eu esteja malcuidada. É justamente o contrário, estou sendo constantemente vigiada; de ordinário são os conventos que examinam minha consciência a respeito das refeições, e se procuro fugir, o pessoal de Nairobi assedia-me com cartas, dando-me bons conselhos. A tal ponto que se eu quisesse guardar dieta, não o poderia fazer! A alimentação aqui é muito mais pesada do que na Irlanda. Seria preciso um apetite de rinoceronte para tudo poder ingerir, sem atender à digestão, e, ao mesmo tempo, poder evitar o excesso de nutrição!" Apesar de todas essas razões, Edel sente que ela deve submeter-se à sugestão que lhe fazem de tomar um repouso no local.

"Os sacerdotes aconselharam-me, por diversas vezes, como medida prudente e sensata, que passasse uma semana em repouso de três em três meses... Fizeram-me observar que a natureza de meu trabalho: viagens contínuas nas mais precárias condições, reuniões, contatos, etc. sem nenhum descanso, o estado das estradas e o clima, poriam qualquer um fora de combate, por melhor que fosse a sua saúde. Enquanto que se eu tivesse regularmente uma semana todos os três meses, sentir-me-ia bem-disposta e pronta para um novo trimestre de trabalho. Considero sensata esta sugestão, pois — é a mesma coisa para todas as Enviadas-quando nos entregamos ao trabalho esquecemos

A MARGEM DA GUERRA

do repouso; os domingos são inteiramente semelhantes aos dias de semana e a correspondência absorve os mínimos momentos livres. Não se pode cogitar de permanecer mais de uma noite ou duas em cada posto de missão. Assim sendo, penso que farei bem em descansar uma semana, por exemplo, antes de passar de um vicariato a outro... Tudo depende do tempo que me é necessário passar em cada um! Poderia, talvez, reservar uma semana de descanso, regularmente, três ou quatro vezes por ano. Natal seria o período adequado, pois não há nada a fazer então; os sacerdotes estão demasiadamente ocupados. No ano passado, tive dez ou catorze dias de descanso, quando apanhei aquele famoso resfriado em junho; mais tarde, pelo Natal, quando adoeci, tive bastante tempo a meu favor. Desde janeiro, eu trabalhara sem tréguas; tomarei, pois, uma semana quando tiver visto como Nieri está funcionando, talvez lá para o fim do mês. Diversos conventos já me convidaram... generoso".

Por toda a parte noto a mesma bondade entre os missionários e as Religiosas; encontra-se aqui um espírito geral de hospitalidade, o espírito colonial, penso eu, simples e O que a preocupa, muito mais do que sua saúde, é o peso que representa para o Concilium sob o ponto de vista financeiro. A saúde abalada diminui o rendimento do seu trabalho; é a única coisa grave a seus olhos. Ela se explica com toda franqueza: "Penso muitas vezes que as despesas de minha estada aqui devam constituir um peso considerável para o Concilium. Sempre desejei saber como vocês podem agir e cheguei à conclusão que lhes seria permitido continuar apenas até o término do meu trabalho. Gasto o menos possível; na realidade, quase todo o dinheiro é despendido nos transportes; o que dou para os alojamentos é muito pouco. Aqui só se gasta o que é realmente indispensável, a não ser quando se torna necessário contribuir para algum convento ou missão muito pobre. Habitualmente levo minhas provisões, mas como acabo de dizer, não é o que pesa mais. Em suma, não gasto nada com minha manutenção e não tenho muitas refeições a tomar fora de casa. Em raras ocasiões fui obrigada a procurar um hotel, onde não havia convento disponível, nem casa na missão. Acho que não é possível trabalhar por menos e, no entanto, é um pesadelo, muito tempo antes, quando tenho necessidade de escrever para

pedir recursos. Conhecendo as despesas do Concilium, compreendo o problema que devem constituir os pedidos de dinheiro, todos os meses. O automóvel, evidentemente, pesa muito no orçamento, mas de qualquer forma os transportes ocasionariam forçosamente despesas importantes. No estado atual em que se encontra esta região e a de Uganda, seria impossível fazer o trabalho sem carro. O mesmo se pode dizer de Tanganica.

Suponho que o Concilium estaria à vontade com alguns Srs. "Oliver", mas

(1) O Sr. Oliver é um mecenas americano que custeou as despesas dos três Enviados na América durante anos.

144

145

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

devemos nos contentar de ter um, especialmente para uma organização tão nova quanto a nossa!"

Diante da firmeza de Edel, decidida a "aguentar", o Concilium só pôde se inclinar Ei-la, pois, novamente, por montanhas e valados, percorrendo em todos os sentidos o vicariato de Quilimanjaro. Revê, para controle e regularização, os grupos criados, e com alegria encontra em Quilema fisionomias conhecidas. Dublin recebe relatórios de visitas em Rombo, Mengwe, Uru, Mashati, Quibocho, Moshi, Arusha e após uma parada em Bura de Gare, Tanga, Carogwe, Mlingano, Quifungilu. Em 5 de julho comparece a uma reunião do praesi-dium indígena, de Mombaça. Em 10 de agosto anuncia que chegou, sã e salva, ao vicariato de Bagamoio, e, em seguida, ao território do Tanganica. Eis seu ritmo: S. Exa. Monsenhor Hilhorst a acolhe muito amavelmente no seu vicariato. Os missionários de origem holandesa felizmente falam o inglês. Isto facilita o contato e o desenvolvimento: em 6 de agosto, é formado o primeiro praesidium de adultos, na missão de Bagamoio. Seria difícil calcular o cansaço que pesa sobre seus ombros. Sua animação, sempre igual, esconde aos olhos de todos a febre que a está minando. Com bom humor e simplicidade, comunica, como se fosse uma concessão, que vai guardar repouso absoluto durante cinco dias.

"Não vão pensar que estou doente ou outra coisa parecida; não se trata disso absolutamente! Nem há razão para tocarem no assunto; se eu quisesse, nada teria dito a vocês!

Principalmente, por favor, não falem a "ninguém" dessas pequenas férias que vou tomar, senão, durante meses me escreveriam para saber o que isto significa!"

Edel não limita sua solicitude a seu próprio campo de ação: tudo o que é católico a apaixona. Suas cartas formigam de reflexões e perguntas sobre a extensão da Legião. As autoridades enviam-lhe regularmente notícias do mundo. Eis que um boletim lhe chega às mãos, relatando a visita dos Srs. Duff e Nagle ao Santo Padre e a Roma. Grande estímulo foram ela estas linhas: para

"Vimos", escrevem eles, "cinco cardeais, entre os quais o cardeal Prefeito da Propaganda que se interessa profundamente pela Legião. Garantiu-nos seu inteiro apoio, dizendo O que iria continuar, de acordo com os delegados apostólicos, a ajudar a organização. Pediu-nos insistentemente que vigiássemos para que a Legião permaneça fiel à sua missão puramente espiritual e, principalmente, não nos deixássemos arrastar para obras materiais, tais como angariar dinheiro ou socorros. Repetiu, apoiando, que essas atividades competem às organizações criadas para tal finalidade. Permitiu-nos falar aos alunos do Colégio de Propaganda; tivemos um auditório de setenta sacerdotes e estudantes que

conheciam o inglês e pertenciam às cinco partes do mundo. Tivemos também conversações em quase todos os seminários de Roma onde se fala aquele idioma. Tudo isto era precioso e de grande importância."

A MARGEM DA GUERRA

Edel mede a força desse apoio. Sente-se feliz em trabalhar em comunhão com a Igreja. Este é o seu único sonho.

O mundo, infelizmente, mais do que nunca necessita de salvação. O ar está pesado de ameaças.

Estamos em setembro de 1939. O céu político da Europa obscurece-se definitivamente. A Polônia foi invadida. A Alemanha e a França observam-se, as armas embaladas, ao longo da linha Maginot. O conflito tornar-se-á mundial? A pergunta está por toda a parte. A angústia comprime os corações! Bastaria uma faísca para provocar a conflagração. Interroga-se febrilmente; os boatos circulam, mais inverossímeis uns do que os outros; acumulam-se hipóteses e planos de futuro. Se a guerra se declarar entre o Eixo e a Inglaterra, a Abissínia tornar-se-á desde logo o ponto em evidência. Internarão os missionários pertencentes às nações beligerantes ou encontrarão uma fórmula que permita salvar o essencial da obra missionária? Tantos pontos de interrogação, tantas dificuldades suplementares para Edel que quer estabelecer a Legião numa época tão perturbada. "Será o momento oportuno?", perguntam-lhe com uma nuance de ironia. Não será estranho pretender fundar grupos, cujos membros podariam amanhã, dispersarem-se pelos quatro cantos do mundo? Para que arrancar, e por vezes com grande luta, o consentimento de tal superior de missão que não tardará a ir para um campo de concentração, ou, ao menos, cederá o lugar a outro de nacionalidade neutra, ou amiga? Não se constrói no meio de um tremor de terra. Assim raciocinavam os prudentes e tinham a seu favor todas as aparências. Edel baseava sua fé em outras razões. Ela lera no Evangelho que aquele que põe a mão na charrua não deve parar. Aconteça o que acontecer, não regressaria à Irlanda. Sua escolha estava feita; se lhe cortarem todo contato com seu país e todos os meios de subsistência, ela procuraria ganhar a vida no próprio local, e tudo seria resolvido. Quanto a isso, suas cartas são bem precisas: que ninguém se preocupe com sua pessoa, há uma Providência divina.

"Que confiança sem limites deveríamos ter no amor de Deus!", escreve, nas suas poucas notas íntimas. "Não podemos amar demasiadamente; dêmo-nos totalmente, sem medir o preço. Deus corresponderá fielmente à nossa fé. Façamos para Ele o que pudermos e contentemo-nos com que nos dê, cada dia, a força de realizar o trabalho que Ele espera de nós. A nossa fraqueza não deve nos servir de empecilho. É a nossa parte nos seus sofrimentos. Que grande graça podermos sofrer um pouco por seu amor. Se tivermos a fé, todas as manhãs, à hora da missa, o pão de vida fortificará tanto o nosso corpo quanto a alma. Se pudéssemos somente tocar a franja de sua túnica... e nós recebemos muito mais!" Sua fé é forte como a do Centurião do Evangelho elogiado por Jesus e tenaz

146

147

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

como a da Ganância a quem o Mestre declarou: "Mulher, tua fé é grande!" Sua confiança em Deus elimina toda hesitação: como uma criança, a Ele se entrega.

Permanece, pois, no local para terminar sua obra. Não haveria necessidade, mais do que nunca, naquelas horas sombrias, de organizar o apostolado leigo?

"No que se refere ao meu trabalho", escreve, "é agora que vai tornar-se realmente útil. A guerra dificultará o envio de novos missionários da Europa; assim, pois, será enormemente vantajoso que o povo doravante seja capaz de fazer apostolado.

O problema pessoal que mais preocupa a Edel será o racionamento de gasolina. "Tudo aqui voltou ao normal", escreve, "alguns dias após a entrada da Inglaterra na guerra. O único alarme é a gasolina, cada vez mais rara, e o correio quase inexistente. Tudo foi maravilhosamente disposto pelo governo, a fim de mudar o menos possível o curso normal das coisas."

A gasolina tornou-se, da noite para o dia, a mercadoria preciosa que não pode ser desperdiçada: só é obtida por graves razões. Felizmente, o passaporte de Edel reconhece-lhe a qualidade de "missionária". Com esse título obtém as autorizações necessárias para suas deslocações no "Rolls-Royce".

Deixando o vicariato de Bagamoio, dirige-se para Dar-es-Salam. S. Exa. Monsenhor Maranta, o emérito mecânico, foi tão amável para a Legião como o fora para o carro da Enviada em pane. Organizou um programa de visitas. O vicariato estava confiado aos capuchinhos suíços, que lhes reservarão bom acolhimento. O primeiro Praesidium do vicariato de Dar-és-Salam inicia-se em 24 de outubro de 1939, na missão de Ificura, sob a invocação de "Nossa Senhora, Socorro dos Cristãos". A correspondência de Edel torna-se um rosário de nomes: Quiro-Mahenge, Ruaha, Sali, Igota, Itete, Tununguo, Mgololi, Vidunda, sem esquecer o posto mais importante: Morogoro, sua base de operações. Sua estada em Dar-es-Salam põe-na em contato com um missionário que lhe será de grande auxílio, o Pe. J. Mac Carthy, C. S. Sp., encarregado, pelos doze bispos do Tanganica, das relações entre a Igreja e o governo. Isto lhe confere uma posição de primordial importância: sua intervenção facilitará a ação de Edel. O Pe. Mac Carthy, como já o dissemos, é, atualmente, bispo de Zanzibar. Em uma de suas cartas dirigidas a Quimage, resume suas impressões:

"A Srta. Quinn é uma personalidade extraordinária, corajosa, zelosa, otimista. Circula por toda a parte no seu velho Ford, tendo como único companheiro um chofer. Quando regressar, estará perfeitamente apta a falar sobre as missões, pois tem mais experiência do que qualquer missionário. É uma glória para seu país de origem; podem dizer isto aos amigos legionários de Dublin."

"1

Magnífica homenagem e foco de luz que se destaca sobre o cenário tenebroso da segunda guerra mundial!

A MARGEM DA GUERRA

Durante essa mesma estada, Edel desfruta uma pequena alegria da qual se sentia privada havia muito e que assinala como uma raridade: "Grande acontecimento: pela primeira vez, desde maio, estou lendo um jornal no dia mesmo de sua publicação em Dar-és-Salam! Geralmente não se encontra nenhum jornal, nem mesmo atrasado. As notícias se propalam, como nos tempos antigos, pela palavra; de modo geral, por um proprietário de rádio. Somente a missão central desse vicariato possui um posto, de maneira que, quem não estiver em Morongo não recebe as últimas notícias. Qualquer informação, por menor que seja, a respeito da guerra, é acolhida com avidez; tantas coisas inesperadas acontecem; a invasão da Polônia pelos russos constituiu uma "Toda a atenção", diz ela," ainda volta-se para a Itália, devido à sua posição na surpresa geral."

África".

Sente-se que a atmosfera política está particularmente pesada nesse grande porto, capital do Tanganica. Dar-és-Salam significa "porto de paz": ironia das palavras! Muitas raças acham-se ali misturadas, para que os acontecimentos de Dantzig e da linha Maginot não se reflitam nas fisionomias. Ingleses, árabes, indianos, africanos têm interesse demasiadamente opostos para não recearem que os antagonismos latentes não se despertem ao menor alerta.

O reinado de Edel não é desse mundo, e, quando as crianças brigam, torna-se necessário, mais do que nunca, diz ela, falar-lhes de sua Mãe e reuni-los ao Seu redor. Continua, pois, pacificamente, sua tarefa e vive unicamente para esse fim. Aqueles que se aproximam adivinham a chama interior que a anima, embora ela a esconda tão cuidadosamente que somente um ou outro gesto pode traí-la. Uma rápida visão sobre esse domínio íntimo chegou-nos de uma missão próxima de Morogoro, por meio das recordações pessoais de um missionário. O Rcv. Pe. A. Jong, C. S. Sp., da missão de Ngeta, Morogoro, Tanganica, escreve em 1º de agosto de 1944:

"Encontrei a Srta. Quinn em um pequeno posto de missão, onde falava de seu assunto habitual, a Legião. As 11 horas da manhã, afastou-se uns 100 km e regressou no dia seguinte às 10h da manhã trazendo para mim uma mensagem do Sr. Bispo. Logo depois partia em tournée a 165 km mais adiante. Como eu fosse para a mesma direção, convidou-me a subir no carro, deixando-me na minha missão a 60 km dali e continuou vencendo os 115 km que ainda restavam. Dois dias mais tarde, chegou em nossa casa às 11h. e pediu-me que The desse a santa comunhão. Após a ação de graças, narrou suas aventuras. No caminho da nossa missão, havia sido atolada e fora obrigada a abandonar o carro. Após ter caminhado a pé 16 km, chegou ao hotel onde pôde repousar um pouco, mas nada havia para comer. Pela manhã, muito cedo, foi com um mecânico buscar o carro. Quando este pôde andar novamente,

148

149

150

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

veio à nossa missão. Durante todo esse tempo, não tomara nenhum alimento, a fim de poder comungar. Supondo-se que houvesse algo no carro, no momento do acidente, poder-se-á concluir

que permanecera em jejum pelo menos 17h.

Este fato é uma prova suficiente de como ela empregava seu tempo e com que ardor desejava alimentar-se de Nosso Senhor".

Reconhece-se aí a Edel de Dublin, que tinha a paixão da Eucaristia.

"Devo tomar um outro alimento", dizia Jesus a seus apóstolos no poço de Jacó. Edel só conhecia essa exigência.

Tarefa alguma lhe parecia tão bela como a de despertar os batizados às suas responsabilidades. A Legião de Maria, instrumento dessa missão, é verdadeiramente o sonho de sua vida. "A Legião, confiava Edel a uma amiga, corresponde a todas as minhas esperanças". "Para mim", escreve em 30 de novembro de 1939, "a Legião está acima de tudo". Se, em determinado momento, falou em procurar emprego no local, seria em última necessidade, caso toda atividade missionária lhe fosse interdita. Se preferiu ficar na África, foi porque pretendia, custasse o que custasse, permanecer lá e recomençar seu trabalho assim que a borrasca tivesse passado. Em Dublin, as disposições foram tomadas, a fim de atender a qualquer eventualidade. Edel, como as outras Enviadas, recebe

instruções que lhe permitirão manter o contato apesar dos acontecimentos. É chegado o momento de corresponder ao apelo de S. Exa. Monsenhor Leen, arcebispo de Porto Luís, que a espera impacientemente. O Manual francês acaba de ser publicado: não há, pois, razão para retardar a viagem.

A guerra submarina torna os mares perigosos e os deslocamentos audaciosos. Nem um instante Edel pensa nas emboscadas do caminho: reconhece, nas circunstâncias, a voz de Deus, e decide embarcar para a Ilha Maurício.

CAPÍTULO XVII

NA ILHA MAURÍCIO

NA ILHA MAURICIO

Podem eles fazer pouca coisa, mas, se o fizerem de todo o coração, Maria intervirá e pelo seu poder transformará a fraqueza em força.

(Manual da Legião)

Em princípios de janeiro de 1940, Edel faz-se ao mar, rumo a Porto Luís. Encontra um missionário no navio, o Pe. Nealon, C. S. Sp., que vem diretamente de Dublin; feliz ocasião para ter boas notícias de seu país. A guerra valoriza os menores detalhes. Vê-se, pelas cartas de Edel, sua gratidão por uma linha recebida dos seus. Se aceita de coração aberto o exílio voluntário, não deixa por isso de sentir o sacrifício.

A viagem passa-se, felizmente, sem acidentes. Edel aproveita as escalas em diversos portos de Madagascar para entregar-se ao trabalho de extensão. O Manual ensina- The que "o legionário está sempre a postos" e não deve perder nenhuma ocasião. Em Maiumba, consegue ver o vigário apostólico. Em Diego Suárez, o bispo está ausente; em Tamatave, entra em contato com os Pes. Montfortianos e com o delegado do bispo, este último recém-vindo da França, onde foi sagrado. Edel consegue despertar o interesse pela Legião e promete ai passar no seu regresso.

Em 22 de janeiro de 1940, após duas semanas de travessia, o navio entra na enseada de Porto Luís, porta de acesso à Ilha.

A Ilha Maurício, conhecida dos árabes desde muito, fora descoberta pelos europeus no início do século XVI, graças ao piloto português Dom Diego Fernández Pereira, que a denominou Ilha do Cisne. No fim do mesmo século, os holandeses, por sua vez, a descobriram e dela se apoderaram, apelidando-a de "Mauritius", em homenagem ao príncipe Maurício de Nassau. Devido a uma série de contrariedades, mais tarde a abandonaram; Luís XV tornou-a e deu-lhe o nome de Ilha da França. Uma cruz foi plantada na entrada da baía; trazia, em relevo, três flores-de-lis e, embaixo, a seguinte inscrição:

"Lilia fixa crucis capiti mirare sacratae Ne stupeas; jubet hic Gallia stare cruce."1

No reinado de Napoleão, a Inglaterra toma pé na ilha e devolve-lhe o primitivo nome de Maurício. Tal é a rápida história desta terra celebrizada como "a estrela e a chave do mar das índias".

Os habitantes, de origem europeia, são, quase exclusivamente, de ascendência francesa. Daí o regime bilíngue do país: o francês é a língua usual; o inglês, o idioma oficial.

(1) As flores de lis são gravadas no alto dessa cruz sagrada. Não te surpreendas, é a França que deseja que a cruz aqui se erga.

151

152

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

A chegada de Edel, a ilha contava trinta e seis paróquias: os vigários eram, na maioria, franceses, canadenses e irlandeses. Do ponto de vista religioso, a situação era complexa:

uns 200 mil hindus, 140 mil católicos, 55 mil maometanos, 7 mil budistas, 5 mil protestantes e mil judeus. A Ilha Maurício é um microcosmos: Edel não tardará a perceber. Ao desembarcar, foi recebida magnificamente por diversos Sacerdotes do Espírito Santo e dirigentes de obras vindos para cumprimentá-la. Um carro a espera para conduzi-la ao arcebispo, S. Exa. Monsenhor Leen, que lhe exprime seu grande prazer de vê-la finalmente na ilha.

"Tudo fora bem previsto", escreve Edel em uma primeira carta. "Um alojamento me estava reservado e o Sr. Jean Hein, presidente da União Católica, arrematou esse acolhimento real, oferecendo-me um maravilhoso buque de cravos. Mas não ficou nisto: os membros das diferentes associações católicas auxiliam-me de todas as formas nas traduções, impressões, informações; só preciso pedir. Alguns puseram seus carros à minha disposição. Cumpre-me dizer-lhes que o Sr. Hein recebe a Revista da Legião desde algum tempo; foi ele que me emprestou o número de Natal que eu ainda não lera".

Com o fim de "lançar" a Legião, decidem publicar um número especial da Vie Catholique - o semanário religioso da Ilha que será consagrado inteiramente à Legião. Edel põe-se logo ao trabalho: faz traduzir interessantes documentos ingleses e submete o texto ao arcebispo. Enquanto não chega o Manual francês, ela estará apta, assim, para satisfazer as primeiras necessidades.

Esse número da Vie Catholique fornece realmente preciosas informações: o histórico da Legião, as atividades principais, a carta de Monsenhor Riberi aos Ordinários da África Oriental, uma conferência de Edel intitulada "Ao serviço da Legião na África Oriental", assim como uma encantadora "Carta às Crianças", de sua autoria, e cujo tom é perfeitamente apropriado. Convém-lhe a carreira de jornalismo, como poderão verificar:

"Queridas crianças,

Vocês, certamente, já ouviram falar, pelos seus pais ou no colégio, da Legião de Maria.

Talvez pensassem que isto convinha unicamente às pessoas grandes,

Não, queridas crianças, a Legião de Maria interessa-lhes igualmente e estou certa de que ficarão contentes em saber do que se trata. Podemos definir a Legião de Maria: um exército de católicos que, arrolados sob o estandarte da Virgem, combatem Satanás e seus aliados. Todos nós devemos combater Satanás, tanto vocês como eu. Desde o dia de nosso batismo, tornamo-nos filhos de Deus; no dia de nossa crisma, fizeram-nos soldados de Cristo, e vocês sabem que o dever do soldado é de combater contra os inimigos de seu país... Mas esse combate impõe-nos alguns deveres..."

Explica, então, as regras e dá exemplos de trabalhos possíveis de serem realizados.

Termina por essas palavras:

"Não sei se alguns de vocês são escoteiros ou lobinhos. Um escoteiro ou lobinho

NAILHA MAUR

promete fazer todos os dias uma boa ação. Por que vocês, que são católicos, não tentariam fazer todos os dias cinco a dez minutos de ação católica? Não esperem ter mais idade para serem piedosos ou se ocuparem de apostolados. Comecem desde já. Tomem logo o hábito de trabalharem para Jesus e sua Santa Mãe; Eles os abençoarão. Vocês sentir-se-ão orgulhosos. Reflitam, queridas crianças. Não digam "Não", muito depressa. Jesus os ama, Maria os ama, provem-lhes que vocês também os amam. Trabalhem para Eles.

Sua amiga

E. QUINN."

Edel tem diante de si uma população inteiramente diferente da que encontrara até então; mas, se adaptará com a mesma facilidade. Aqui também, a questão racial representa um

papel importante. Os mauricianos brancos são na maioria descendentes dos "Em seguida", escreve Edel, "vêm os indianos e os chineses; praticamente todo colonos franceses.

o comércio está nas mãos dos chineses, dentre os quais muitos são católicos. Os hindus, dispersos através da ilha, são, na maioria, empregados em plantações de açúcar. Depois vêm os crioulos. Seus ancestrais eram escravos vindos de Madagascar e da África; só possuem a fé há cerca de cem anos. Constituem a parte mais pobre da população. Creem ainda em velhas superstições; muitos têm horror ao casamento; podem viver com a mesma pessoa durante dez ou quinze anos, mas assim que se fala em casamento, pensam logo em separar, ou então, quando se casam, pode-se apostar, cem contra um, dizem-me, que dentro de dois meses os elos estão rompidos. O grande trabalho entre os crioulos é regularizar essa questão de concubinato: penso que será esta a verdadeira tarefa da Legião, assim que seus membros estiverem em plena atividade."

Estas linhas traduzem a visão realista de Edel: pretende sempre alcançar a miséria lá onde ela está. Maria não terá uma preferência acentuada por tudo o que clama pela misericórdia divina? E Jesus, como prova de autenticidade de sua missão, não declarou que "os pobres serão evangelizados"? Edel sente, profundamente, a alta dignidade dos miseráveis.

Desembarcando em 22 de janeiro, tem a alegria de ver fundado, em 28 do mesmo mês, na paróquia da catedral, o primeiro Praesidium "Nossa Senhora das Vitórias". O trabalho de iniciação recomeça: tarefa delicada, onde é preciso manter princípios e regras sem chocar as pessoas, sem desanimar a boa vontade. Edel logo compreendeu as situações particulares à Ilha.

"Os mauricianos", escreve, "são realmente generosos; penso que depois de terem compreendido a obrigação de uma reunião semanal e o trabalho distribuído, a maioria sente-se bem. Eles também têm uma verdadeira devoção à Virgem Maria, elemento precioso quando se trata de fundar a Legião. Evidentemente, há dificuldades, sobretudo o fato de não ser a obra de origem francesa".

153

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

Maurício, realmente, vive espiritualmente, um clima francês. Daí o interesse todo particular de Edel pela introdução da Legião na França. A Srta. V. O'Brien acabava de tentar um primeiro ensaio em Paris, mas esse primeiro grupo francês era composto de oficiais aviadores poloneses. Edel escreve, exuberante de alegria:

"Maravilhoso que, apesar de tudo, a Legião comece na França."

Era verdade, mas esse primeiro Praesidium, balizado com o nome de Nossa Senhora das Vitórias por esses aviadores poloneses, que continuam confiantes no seu país, vai deixar a França pela Inglaterra. Se ele foi o berço da Legião na Polônia, não era ainda a experiência propriamente francesa que Edel desejava e que se iniciaria alguns meses mais tarde. Tem, pois, como desvantagem, esse preconceito desfavorável, e o fato de se exprimir em inglês. Mas, a seu favor, o sorriso, o arcebispo e Nossa Senhora. Santa Teresa d'Avila gostava de dizer: "Teresa e três ducados não é nada. Mas Deus, Teresa e três ducados, é tudo." A confiança de Edel alimentava-se na mesma fonte.

S. Exa. Monsenhor Leen tratou-a como um pai. Sua alma profundamente mariana sentia vivamente a graça que a Legião proporcionava. Não escrevera ele em seu livro "By Jacob's Well": "Maria deu a toda a economia da redenção dos homens um caráter de carinho, de graça, de humanidade e de adaptação às necessidades instintivas de nossa natureza". O

arcebispo recomendara calorosamente a Legião aos padres e aos dirigentes de obras. Não a impunha pela autoridade, mas convidava que tentassem a aventura. A seu respeito, Edel dirá que era um dos bispos mais notáveis que já tivera ocasião de encontrar. Sob seus auspícios, ela prossegue no trabalho de penetração e vai ao encontro dos sacerdotes. Grupos surgem em Beau Bassin, Rose Hill, Quatre Bornes, Phoenix, Vacoas, Curepipe Road, Curepipe, São Pedro, Montanha Branca, Pamplemousses, Pointe-aux-Piments. Logo seguirão Sainte-Croix, Chemin-Grenier, New Grove, Centre de Flacq, Rivière du Rempart. A fundação da Curia não tardou: vai agrupar dezenove Praesidia. Para seu estabelecimento, escolhem uma data assaz significativa: o dia 28 de abril, festa de São Luís Maria de Montfort. O arcebispo presidiu-a rodeado de Monsenhor Leen, vigário-geral, e de um numeroso clero. Foi, então, que designou, como diretor espiritual, o benjamim dos Pes., o Rev. P. Margeot, e, como presidente, Roger Giraud. Dupla escolha particularmente feliz, como o futuro no-lo demonstrará. Um telegrama enviado a Dublin em nome dos legionários promete a leal adesão ao Concílio. É uma prova de que a Legião é um exército e a união aos chefes uma condição essencial de sucesso. Soldados, e não franco atiradores: os legionários de Maurício desejam ingressar nas fileiras e servir sua Rainha contra suas próprias preferências e inclinações. Tudo isto resume-se para eles naquela promessa de sincera submissão, garantia de unidade.

A exigência de Edel em fundar a Curia poderia surpreender. De fato, ela tem urgência em ver a organização funcionando para poder desaparecer. Mons. Leen gostaria de retê-la na ilha até Natal, mas a África a espera e ela prefere equipar os legionários para

154

pessoais e riscos decorrentes.

NA ILHA MAURICIO

que eles possam depois continuar a extensão. Fundada a Curia, Edel a assiste com seus conselhos e salvaguarda a pureza dos princípios. Ela não desconhece, como aliás o diz, "que os pequenos acomodamentos à regra falseiam o espírito" e abrem a porta às interpretações. Não se deve pensar que ela ganhava essas batalhas à força de silogismos. Uma palavra dita no bom momento, inspirando-se em seu desprendimento profundo e evidente, bastava, geralmente, para operar o reerguimento desejado. Uma legionária, Marie Hall, muito ligada a Edel, narra-nos como esta sabia observar e formar seus legionários.

"Alix Harel e eu

dirigiamo-nos ao Hospital de Candos, para visitar os doentes. No

meio do caminho, minha companheira r

me diz: "Sabe, a irmã Quinn deve vir hoje percorrer o

hospital conosco." Chegadas ao destino, vimos adiantar-se para nós a jovem vestida de

azul que avistara em Rose Hill. De maneiras muito amáveis, tinha um doce e alegre sorriso, faces rosadas, olhos azuis, brilhantes; porém, uma tosse incessante. Senti-me logo

conquistada pelo seu encanto e simplicidade. Fizemos alegremente a visita às enfermarias.

Com uma grande discrição, a irmã Quinn deixava que nos entretécemos com os doentes, mas lhe fazíamos conhecer os diferentes casos. Pudemos observar que nada lhe

escapava." E acrescenta: "A irmã Quinn assistia às reuniões modestamente, não se

afastando absolutamente das outras legionárias. Quando alguma coisa não ia bem, muito

delicadamente ela notificava a presidente. Podia-se pensar até que pedia conselhos em vez de dá-los".

O segredo de assim agir tão docemente não viria daquelas disposições de seu submeter à Virgem Maria"? Já notaram de passagem a alusão feita à sua tosse terrível e carnê de retiro

onde se compromete "a nunca fazer uma observação sem primeiro a intermitente. Certo dia, sua amiga lhe diz: "E preciso se tratar, Edel, você não pode continuar tossindo assim". Ela põe-se a rir e responde: "A tosse...oh! certamente me acompanhará até a morte". Palavras que exprimem sua filosofia da vida;ela cumpre o seu dever,o resto pertence a Deus. Edel recebe as coisas alegremente e reage com espírito." Ao lhe dar notícias de nosso grupo, narra uma legionária, dissera-lhe que tínhamos um irmão que muito nos divertia. Estava sempre se enganando,chamando os irmãos "minhas irmãs" e dando a suas verdadeiras irmãs o título de "pai" ou de "irmão". Essas distrações provocavam a alegria geral. Lembrei-me, então, de que eu deveria guardar sigilo a respeito de tudo o que se passava em nossas reuniões.Parei dizendo: "Oh! mas eu não tenho o direito de contar isto!" Edel riu-se muito e disse: "Isto, você pode...isto, você pode!" Esse incidente teve um epílogo: à sua partida, Edel ofereceu a sua amiga uma bonita imagem com essa dedicatória insinuante: "Pequena prova de gratidão, desejando- The muitos escrúpulos em matéria de contravenções às regras legionárias." Causará surpresa a arte com a qual Edel recorda os "primeiros passos". Calar-se sobre o que se soube a respeito das famílias visitadas e uma dessas leis: é aliás a discrição

155

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

mais elementar. Edel tem o senso da autoridade. Sem cair no autoritarismo, faz respeitar as regras estabelecidas. O primeiro dever de um governo não será o de governar e servir ao bem comum, sem transigir nem se curvar ao amor-próprio? Ninguém é obrigado a adotar a Legião, mas aquele que a ela se filia deve trabalhar lealmente e aceitar as ordens. Edel tem a delicada missão de obter essa adesão, e o conseguirá às mil maravilhas. Um importante legionário de Maurício escreve: "A Srta. Quinn era sempre muito respeitadora da autoridade eclesiástica; jamais teria feito ou sugerido algo contra a vontade superior, E, aliás, nesse ponto, ela era sempre a própria conciliação, preferindo inclinar-se diante da opinião dos outros antes que fazer prevalecer a sua. Todavia, com os legionários, era inflexível quando se tratava dos regulamentos ou das ordens a serem aplicadas".

Tudo isto complica seu duro e laborioso trabalho de fundações e a obriga a multiplicar sua presença.

A Dublin escreve: "Não sei quantas vezes sou "presidente", "por enquanto". E ainda: "Tenho uma infinidade de coisas a relatar-lhes. Esse mês não tive tempo nem para respirar: oito Praesidia iniciaram suas atividades. O cuidado desses grupos, as visitas aos locais onde a Legião vai começar, os contatos com os grupos existentes, deixam-me apenas o tempo de tomar as refeições".

Edel trabalha à noite, geralmente até as onze e meia. Anota tudo: necessidades de grupos, dificuldades, melhoramentos a sugerir, diretrizes a pedir ao Concilium. Diante de sua coragem indomável, as dificuldades desaparecem. Ela tem soluções para tudo, até para a questão dos transportes. Com habilidade, combina partidas em ônibus, trens, táxis, tão bem que as maiores caminhadas despendem o mínimo de tempo e de dinheiro. Estrangeiros que se hospedam em seu hotel declaram, maravilhados, que ela possui o dom da organização de transportes.

Edel ama a Ilha Maurício e aí se faz amada.

Suas relações com suas amigas, legionárias ou não, eram simples, cordiais. Punha todos à vontade pelo seu temperamento e encanto. Um nada, dizem-nos, lhe faz prazer, e não gostava que gastassem dinheiro com sua pessoa.

Com ela qualquer assunto podia ser abordado. Estava bem informada sobre uma infinidade de coisas, assim como as tristes realidades da vida. Podia-se sem receio de a escandalizar falar-lhe de situações delicadas, como as que se encontram tantas vezes no curso das atividades legionárias.

Amava suas amigas com um sentimento verdadeiramente fraternal. Pouco expansiva em palavras, correspondia às menores atenções com uma delicada gratidão. Sensível à menor demonstração de simpatia, dizia sempre que não merecia todas aquelas gentilezas. Era uma alegria encontrá-la ou recebê-la em casa. Quando o permitiam seus raros momentos de lazer, passava algumas vezes o final de semana na casa das amigas que muito a queriam. A simpatia com a qual a cercavam dava-lhe, dizia ela, a impressão de se encontrar no próprio ambiente de sua família. Então, de boa vontade, falava dos seus, e

156

sentia-se como o menor detalhe era caro e avivava a memória.

NA ILHA MAURICIO

Uma legionária, Alix Harel, resume assim suas impressões: "A Srta. Quinn estava De caráter sempre igual, gostava de jogar tênis, mas nunca achava ocasião de o fazer sempre de bom humor, até mesmo alegre, apesar do seu cansaço e de seu estado de saúde. porque seu apostolado a ocupava inteiramente."

Diz-nos também o quanto Edel apreciava o encanto de um lar e tudo o que podia lhe recordar o seu. Não ousava mais enviar fotografias aos seus familiares receando preocupá-los pelo abalo progressivo de sua saúde. Não obstante, ela assistia às reuniões, às vezes mais de uma no mesmo dia, em

locais afastados onde só poderia ir de táxi. Depois disso, tarde da noite, punha em dia sua correspondência com Dublin ou com as Curiae da África. Essa correspondência será uma das pesadas tarefas de sua vida e recrudescer em cada nova etapa. Para enfrentá-la, Edel sacrifica suas cartas pessoais às suas amigas. Pede desculpa a uma delas, Eileen O'Connor.

"Atualmente escrevo o mínimo de cartas, especialmente às minhas verdadeiras amigas, que me compreendem, estou certa disso. Assim, você pode julgar em que categoria se acha, pois escrevo-lhe uma ou duas vezes por ano! Cada ano que passa torna-se mais difícil essa correspondência porque o trabalho local assume maior importância."

Apesar

dessa atividade prodigiosa, ou melhor, por causa dela, sua alma sente cada vez mais a necessidade de recolhimento. Encontra meios de fazer três dias de retiro. Uma agenda no-lo demonstra sob forma de resoluções. A esmo, anota alguns pontos: "Sempre assistir a tantas missas quantas forem possíveis." Reconhecemos aí sua fidelidade.

Mais adiante enumera os pecados veniais a evitar. Termina a lista por essa advertência: "De modo geral, nada fazer pela metade". Nisso está o fundo de sua natureza: ela quer oferecer a Deus um bonito trabalho; tem a preocupação da perfeição em matéria de oração, de dedicação, de serviço.

Breve parada, rápida visão sobre sua vida interior!

Edel retoma o curso de sua atividade e trabalhos. Em 19 de maio do mesmo ano, assiste, com alegria, na catedral de Porto Luís, à primeira festa das Acies. Essa reunião geral fora por ela preparada nos seus menores detalhes.

O arcebispo, vinte diretores espirituais, perto de trezentos membros ativos fazem sua consagração à Virgem Maria. S. Exa. Mons. Leen anima vivamente os legionários. "Há uma

eficácia especial em suas visitas, diz-lhes ele, quando são feitas em espírito de fé; com a Virgem Maria estejam sempre seguros do sucesso."

No término da cerimônia, ele anuncia a Edel que o bispo de Reunião permite que ela vá fundar a Legião na ilha vizinha. Essa autorização vale mais do que todos os favores. Logo elabora planos para corresponder a esse convite. Infelizmente, estourou a guerra e ela é obrigada a renunciar devido às dificuldades de transporte. Será glória dos legionários de

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Maurício a de levarem, um dia, a Legião à Reunião, que, atualmente, conta com cerca de mais de sessenta Praesidia florescentes.

A guerra. Cenário jamais esquecido. Edel prossegue sua obra num mundo profundamente transformado por golpes sucessivos. Em Maurício, acompanha-se com angústia a entrada da Wehrmacht na Bélgica, a passagem aberta de Sedan, a corrida ao mar, o embarque de Dunquerque, a marcha sobre Paris. O término dos acontecimentos é alucinante. Que será de Edel nossa tormenta que alcança rapidamente as costas africanas? Em Dublin as autoridades preocupam-se com sua pessoa e encaram todas as hipóteses.

Em 22 de agosto de 1940 escrevem-lhe:

"Para seu governo, considere-se como totalmente livre caso veja a impossibilidade de continuar a executar o programa. Escolha uma região acessível que lhe pareça ser a mais promissora; não importa o lugar, vá. Talvez as índias ofereçam um bom campo de ação, a menos que lá também não haja liberdade de movimento. Ou quem sabe, as Filipinas; eles gostariam bem de receber uma Enviada."

A carta termina com essas palavras:

"Certamente essa carreira de aventuras à qual se lançou, nem de longe poderíamos imaginar que seria a sua, quando se apresentou, naquele dia, como voluntária para o Norte do País de Gales."

Realmente, as índias, as Filipinas... não e precisamente Chester! Mas para Edel sua paróquia é a Igreja; ela só pensa em termos de catolicidade. Deixa-o entrever nas suas cartas: pede notícias do Praesidium para streetgirls fundado recentemente na Austrália, assim como do magnífico trabalho do Pe. Machado, na Birmânia.

O verdadeiro amor de Deus não conhece fronteiras: o de Edel é tão vasto quanto o universo. As autoridades já haviam feito a experiência propondo-lhe Quênia em vez do País de Gales. Podiam impunemente dar-lhe carta branca. Por seu lado, estava pronta a tudo, às circunstâncias essas vozes secretas de Deus - de decidirem o seu itinerário: "Sejam quais forem os acontecimentos, e as consequências", diz ela, "não se inquietem comigo!" A guerra torna os deslocamentos cada vez mais difíceis. Madagascar, Reunião, estão praticamente fora de cogitação; carecem de transportes. As Filipinas, as índias, supondo que se chegue até lá, são uma aventura. Mas é possível prosseguir a obra deixada inacabada na África e aí explorar, a fundo, os primeiros sucessos, consolidando o terreno. Essa viagem é perigosa: os navios afundam, sucessivamente, atingidos pelas minas flutuantes ou pelos submarinos. Que importa! Edel descobre um barco que pode conduzi-la a Durban, e de lá alcançará Beira. Isto a decide: opta por Niassalândia, ainda não visitada, e que lhe abre o acesso aos vicariatos africanos já prospectados. Não mais se demorará em Maurício. Não escreverá um dia: "A meu modo de ver, o papel da Enviada é de abrir caminho"? Assim que a brecha está feita, anseia por se retirar e continuar mais adiante a tarefa

NA ILHA MAURICIO

ingrata de pioneira. Niassalândia é uma terra inexplorada, sob o ponto de vista legionário.

Alcançando-a, prosseguirá na sua vocação de precursora.

Chegou a hora da partida.

Praesidia funcionam em dezenove paróquias.

Edel edificara solidamente a Legião na Ilha Maurício. Os resultados lá estão, marcando seu trabalho com o sinete de Deus. Nove meses apenas após sua chegada, trinta Menos de dez anos mais tarde, a ilha contará com sessenta Praesidia paroquiais, setecentos e cinquenta membros ativos e cinco mil auxiliares. A pedido de S. Exa. Monsenhor Leen, Praesidia chinesas serão fundadas. Se as estatísticas têm uma eloquência, o quadro publicado pela Legião de Maurício por si só bastará para a glória de Edel. Revela os resultados obtidos após alguns anos de apostolado. Através da rigidez dos algarismos, percebe-se uma soma de dedicação obscura e generosidade corajosa. São os frutos da Os últimos dez dias na Ilha Maurício passam-se em visitas de despedidas aos numerosos amigos que deixará para sempre. "Recebi mais flores aqui, escreve, que em todo o resto de minha vida." Confessa que à separação foi impossível conter as lágrimas. A S. Exa. Monsenhor Leen ela diz, rindo: "Os mauricianos cumularam-me de tantas gentilezas, que estou completamente "mimada"! O arcebispo, por sua vez, narra a árvore que Edel plantou.'

seguinte recordação:

"Era na véspera de sua partida. Edel despedira-se da família Harel, e a Srta. Harel acompanha-a à casa de outros amigos, quando, de repente, as lágrimas lhe afloram aos olhos. "É minha vida, diz ela, assim que meu trabalho vai se tornando verdadeiramente interessante e me vejo rodeada de bons amigos, devo separar-me e afrontar o desconhecido". No meio do percurso, entra numa Igreja, passa um longo momento diante do tabernáculo e reaparece com seu alegre e habitual sorriso. Certamente o "fiat" foi generoso e completo.

(1) Batismos de crianças - 1.091

Batismos de adultos-887

Primeiras Comunhões-4.195

Crismas 2.940

Extremas-Unções-1.011

Casamentos regularizados - 1.932

Reconciliações 68

Comunhões pascais - 777

Visitas a domicílio-67.669 Visitas a doentes-30.421 Visitas aos hospitais -5.152

Volta de pessoas à prática da religião-804

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Conversões:

Protestantes-44

Adventistas 19

Hindus-399

Muçulmanos 18

Chineses 135

No dia seguinte, inicia sua longa e perigosa viagem (nessa época o Oceano Índico apresentava sérios perigos) sem mostrar a menor inquietação."

A partida foi concorridíssima.

Anteriormente, na quarta-feira, 28 de agosto, os legionários reuniram-se na catedral para assistirem a uma missa celebrada em sua intenção, é rezada pelo Pe. Margeot, diretor espiritual, acompanhada por cerca de trezentos membros. Ao terminar a cerimônia, houve uma recepção na União Católica, sob a presidência do arcebispo. Os Srs. Jean Hein, presidente da União, e A. Roger Giraud, presidente-geral da Legião, agradecem à Enviada a obra realizada. Edel levanta-se: com algumas frases singelas, em inglês e francês, exprime seu reconhecimento pela missa que lhe foi oferecida. Finalmente, Monsenhor Leen manifesta a gratidão da diocese pela graça da sua presença e dedicação.

A Vie Catholique, que relata as despedidas, conclui com essas palavras; "Essa reunião foi impregnada da mais agradável emoção, e uma pessoa dizia ao sair: "visivelmente, a Virgem Maria ali se achava, no meio de nós."

O embarque teve lugar alguns dias após. Edel, muito calma, e desejosa de evitar emoções, pede que não a acompanhem a bordo. Volta sozinha, e como chegara: o olhar orientado para o futuro.

lembança:

A passagem na Ilha Maurício deixou traços luminosos e duradouros.

O Pe. Margeot, que a conheceu de perto, conserva ainda hoje a seguinte

"A Srta. Quinn era uma alma de surpreendente simplicidade. Conseguiu uma grande unidade interior e parecia totalmente abandonada à vontade de Deus. Nunca percebi palavra ou gesto de inquietação quanto à sua saúde. No fim de sua estada, observei-lhe que sua tosse se agravava. Ela respondeu-me simplesmente com um sorriso.

Notei também, a julgar por algumas de suas respostas, que sua vida estava centralizada no santo sacrifício da missa, de que vivia intensamente, e que a Virgem Maria ocupava em seu coração um de escol. Comungava diariamente; meditava e confessava-se diariamente. Não poderia dizer o grau de oração alcançado pela Srta. Quinn, mas parece-me que o heroísmo era natural na suavida."

160

Um dirigente legionário, Roger Giraud, confirma as palavras do referido sacerdote: "Alguns", escreve ele, "talvez desejassem conhecer os segredos de sua vida

NA ILHA MAURICIO

espiritual. Interpelei-a, um dia, a esse respeito e muito simplesmente respondeu-me que Montfort constituíam a base de sua vida religiosa. Disse-me que hauria na Comunhão a a santa comunhão, os Santos Evangelhos e o "Segredo de Maria" de São Luís Maria de força para realizar as mais difíceis tarefas; o que mais lhe custava, era não poder receber diariamente esse alimento, ou devido à doença ou por impossibilidade material, quando, por exemplo, achava-se em

lugares onde não havia missa. Vi-a, um dia, interromper sua ação de graças após a comunhão, para ouvir uma amiga que necessitava falar-lhe. Sua fisionomia transfigurada, parecia iluminada pelas luxes de um outro mundo. Se me tivessem dito, então, que ela via Deus face-a-face, não teria ficado surpreso, tal era o seu aspecto eo São esses os segredos do Rei, os quais não nos é lícito penetrar. Acrescentemos apenas que o Sr. arcebispo, falando a seu respeito, dizia que era uma alma muito santa e que gostaria de testemunhar, como mais tarde o fez, num eventual processo de canonização. Quando Edel deixou a ilha, o Concilium enviou uma palavra de agradecimento a Monsenhor olhar irradiando uma expressão sobrenatural".

Leen pelo acolhimento reservado à Enviada.

Respondeu o

arcebispo: "O Sr. me agradece por ter recebido a delegada da Legião. É como se oferecesse mil livros a alguém agradecendo pelo fato de os aceitar. A Srta. Quinn conseguiu fundar solidamente a Legião, possuía o dom de organização silenciosa e eficaz. Sua coragem não conhecia limites." Digamos, ainda, que esta coragem era uma maravilha da graça, e concluamos com essas palavras de Roger Giraud: "Uma alma tão elevada, que realiza coisas sublimes em um tão frágil organismo, não seria a revanche visível do espírito sobre a matéria; e não estaria dentro da tradição de Deus, que manifesta seu poder na fraqueza dos humildes?"

161

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

CAPÍTULO XVIII RETORNO À ÁFRICA

"Ah! Senhor! Abro caminho e sou o próprio veículo, vou e venho. Faço o meu labor a cavalo ou em asno, com obstinada paciência. Apenas conheço a ferra em que trabalho, e com o meu. aventa! atado, sinto através dos dedos, o chocalhar das sementes. A ti de conceder a primavera e de as colheitas desdobrar consoante a glória tua!" (Antoine de Saint-Exupéry) Atendendo às condições da guerra, a viagem de Maurício a Niassalândia fez-se por Durban e Beira.

Uma vez ainda, Edel sofre com o mar. A travessia a esgota; a resistência física diminui sensivelmente. Embora no leito, em 15 de setembro, inicia o relatório a Dublin. Terminá-lo-á com muito sacrifício, pois é o "pior marinheiro do mundo", como ela mesmo diz, desculpando-se. Mas o mal-estar causado pelos movimentos do navio chega ao fim! Durban está à vista. Antes de pisar em terra, ei-la já novamente envolvida pela engrenagem legionária. Logo à chegada, a enérgica presidente da Curia de Durban, Srta. Keane, veio cumprimentá-la a bordo. São três horas da tarde: Edel desembarca, morta de cansaço, Eis o que se segue:

"Trinta minutos mais tarde, às 15h30", escreve a legionária, "assistia eu à reunião do Praesidium juvenil Stella Maris. Lá, fui apresentada ao zeloso diretor espiritual da Curia, o Rev. Pe. Kerautret, O. M.I. Tudo isto foi tão repentino e, ao mesmo tempo, tão natural, que tive impetos de indagar se aquela penosa travessia no mar teria sido apenas uma alucinação!

Mas, não; eu estava certamente no centro da Legião, em Durban e isto em um tempo recorde após minha chegada, embora não tivesse tido ainda contato com os legionários. Que deliciosa aventura! Após a reunião, encontrei-me com dois outros legionários, fazendo visita a membros eventuais para um novo Praesidium a criar no distrito, e interessei-me por uns "casos" relatados. Uma senhora irlandesa, que visitámos, insistiu, finalmente, em que tomássemos chá e novamente indaguei comigo mesma onde estava: em Maurício, Durban ou Dublin! Terminada a visita, fui escoltada até o meu alojamento onde me serviram a ceia. Deitei-me cedo. Outra surpresa agradável: uma visita da secretária da Curia, com indicações para o programa do dia seguinte. Na minha próxima carta dar- Thes-ei mais notícias sobre a minha passagem em Durban."

"Trinta minutos mais tarde". A mudança do cenário é, realmente, um tanto brusca e suspende a respiração. Em nem um instante sequer Edel pensa em sua pessoa.

162

Os pequenos incômodos

RETORNO A AFRICA

Sua união com Maria traduz-se por uma disponibilidade contínua: porventura, a mãe não se dá integralmente aos filhos, e não têm eles o direito a todo o seu amor? Para uso próprio escrevera essas linhas que põe em prática com tanta delicadeza: "Devemos nos convencer que tudo que contraria nossos planos e nossas preferências constitui graças, designios de Deus sobre nós, e é, por assim dizer, 'incentivo' ao seu amor. Necessário se torna apurar o máximo desse sacrifício, seja qual for a recompensa; a divina vontade sobrepuja a nossa. aceitá-los de bom grado com o auxílio de nossa Mãe. Para provar nosso amor, só temos esta vida, e talvez mesmo uma curta parte. A nós cabe o esforço; Jesus e Maria nos auxiliarão a prosseguir até o fim. Se encarássemos as coisas sob o prisma da verdade, ficaríamos felizes com as fraquezas físicas e a fadiga... É a nossa pequena parte nos sofrimentos e graças do Esta renúncia ninguém a percebe, tanto Edel saberá dissimulá-la pelas suas atividades. Disputam sua presença em Durban, onde ela descobre uma grande família desconhecida e já tão amiga. E um dos encantos da Legião: os filhos de uma mesma Mãe logo se reconhecem. Os lares se abrem, e também os corações. "Depois de tudo", escreve Edel alegremente surpreendida pelo acolhimento, "não se pode realmente empregar a palavra desconhecidos, quando nos encontramos entre legionários." O espírito de família não é uma palavra vã. A quem procura o Reino de Deus e sua justiça será dada, por acréscimo, essa união fraternal, antegozo da Comunhão dos Santos. é tudo o que somos capazes de suportar; sejamos fiéis em Cristo."

Entretanto, Edel tem a impressão de que não deu, nessa ocasião, a sua inteira contribuição de generosidade. Em 4 de janeiro de 1941, escreve à Srta. Keane essas palavras, que fazem pensar: completamente esgotada."

"Lastimo não ter sido mais útil a vocês durante minha breve passagem. A bem dizer, eu estava morta de cansaço, e como passara mal durante toda a travessia, sentia-me Entrementes, as autoridades de Dublin souberam de sua chegada: escrevem-lhe, então, manifestando a alegria de vê-la sã e salva na África do Sul. Pela mesma ocasião, anunciam-lhe que a notícia de seu falecimento já correra à África do Leste e chegara até a Irlanda. Julgavam-na falecida em Maurício, e numerosas missas haviam sido celebradas pelo repouso de sua alma. Dublin felizmente recebera suas notícias e desmentira imediatamente o boato. Mas, este prosseguia sempre. "De qualquer forma, concluí a correspondente de Dublin, presumo que você será beneficiada pelas missas que foram celebradas pelo repouso de sua alma!"

Esta falsa notícia obriga Edel a esclarecer certos pontos com seus dirigentes: "A Srta. Gannon telegrafou a Monsenhor Leen para se certificar sobre a minha saúde; este mostrou-me o telegrama a que respondemos: "Perfeitamente bem." Nesse momento pensei que o motivo de sua preocupação era devido ao fato de as cartas tardarem a chegar; já aconteceu levarem de oito a dez dias, e até mais. Mas, em Shiré, recebi uma de

163

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

suas missivas, na qual me dizia que o Pe. Mc Namara, ao norte de Quênia, pedia detalhes sobre minha morte! Havia já dois meses que ouvira falar sobre isso; daí o ter-me telegrafado. Recebi também, de Dar-es-Salam, uma carta do Pe. Mc Carthy. Assegurava-me do grande prazer de ter minhas notícias após ter rezado tantas missas de réquiem pela minha alma. No momento tomei isto por brincadeira, e nem um minuto sequer

imaginei que ele também tivesse ouvido falar da minha morte! Pouco antes de suas notícias, recebi uma carta de Quilimanjaro. Lá também, após um comunicado do vicariato de Bagamoio, os missionários preparavam-se para convidar os legionários a novas missas de requiem! O boato deve, pois, ter-se espalhado por diversos vicariatos, mas não há meio de saber donde partiu. Logo que o souber, eu lhes direi. Que felicidade que tenham recebido minhas cartas, porquanto essa notícia foi de tal forma divulgada que até a vocês enviaram pêsames! O pior seria se minha família tivesse tido conhecimento; felizmente, escrevi-lhe diversas vezes. Suponho que, quando morrer realmente, ninguém acreditará e não terei réquiem. Em todo o caso, mesmo se falecesse subitamente-tudo é possível nesse país tão peculiar, — vocês seriam informados imediatamente: guardo sempre no meu dossiê, uma carta datilografada, indicando o que deverá ser feito com o dinheiro, vestuário, etc."

De Quilomeni escreve-lhe um missionário:

"Cara Srta. Quinn; mil vezes obrigado pela sua carta; causou-me imensa alegria por saber que não está morta e que podemos ainda contá-la entre os vivos. É comum, quando as pessoas morrem tecerem elogios sobre a sua vida; mas, de agora em diante, esses favores devem cessar e vamos importuná-la novamente." Edel responde:

"Em todo o caso, muito obrigada pelas orações e missas na intenção de me livrarem do purgatório, embora lá não estivesse. Só sinto que quando morrer verdadeiramente, ninguém acreditará; mas espero que o Senhor reservará para esse momento as missas e orações já oferecidas! Os dirigentes ficaram muito comovidos de que os missionários, ao saber da minha morte, tivessem tido o cuidado de reunir seus legionários para assistir às missas".

Edel, como vemos, divertiu-se com o engano. O que ela não diz é que sua extrema fraqueza tornava plausível a notícia de sua morte.

De Durban, Edel vai, por mar, a Beira e de lá dirige-se para o Limbe, término de sua viagem. Falando de suas etapas pela estrada de ferro, resume-as em três linhas: "Esse trem, na opinião de todos, é o pior, o mais caro e o mais sujo do mundo: pude verificar isso pessoalmente".

Em fins de setembro, achava-se no Limbe, pronta a recomeçar a tarefa. Por ocasião da partida para a Ilha Maurício, seu famoso "Ford lata velha" ficara em Dar-és- Salam, confiado aos bons cuidados do Sr. Bispo. Edel pediu aos dirigentes autorização de vendê-lo e comprar outro carro no local. Dublin concorda e ei-la novamente de auto vencendo as distâncias.

164

RETORNO A AFRICA

Sua força d'alma constrange seu corpo a provas que fariam recuar homens de passou bem."

grande envergadura. Edel reconhece, aliás, que causa certa surpresa uma mulher fazer o trabalho missionário. "Alguns sacerdotes, diz ela, tem mesmo curiosas ideias a este respeito e, às vezes, as manifestam. Um sacerdote suíço, já idoso, disse-me um dia: "É contrário a todas as nossas ideias, na Suíça, que uma mulher faça essa tarefa." Mas, depois, tudo se Ela própria pensa no cansaço dos outros e o toma em consideração: "A maneira de agir apresenta uma grande dificuldade, escreve, porquanto muitas vezes, nas missões, contrariamente ao que se passa conosco, o dia em que nos conhecemos pela primeira vez pode muito bem ser o menos acessível, e isto por diversas razões. Uma das mais frequentes e que os missionários, que habitualmente sofrem ao menos um "safari" por semana, sem falar das visitas aos doentes, são muitas vezes atacados pela febre e, embora não guardem o leito, não se sentem bem-dispostos. E, outrossim, como a maioria dirige

territórios demasiadamente vastos, estão quase sempre sobrecarregados e, por Edel sente-se feliz por estar novamente na África. Aceita, tranquilamente, o conseguinte, muito fatigados".

reverso da profissão:

"Graças a Deus mantenho-me em boa forma! Parece que foi ontem que cheguei à África; entretanto, há quatro anos que deixei a terra natal. Sinto naturalmente estar longe da Irlanda e de vocês, mas gosto muito daqui. Sem dúvida, há sempre os espinhos da missão, e por toda a parte onde tenho andado, por mais atencioso que o bispo tenha sido para comigo, sempre encontro unia série de dificuldades; mas, de ordinário, tudo se De bom grado recebe os contras, as oposições, os próprios riscos, inclusive os telhados desabados acima de sua cabeça e... os "gafanhotos".

acomoda.

"Vocês ririam", escreve, "se pudessem ver como eu lhes escrevo esta carta, sentada em um quarto da missão, às quatro horas da tarde, com um capacete na cabeça! Uso-o dentro de casa. O telhado é feito de chapa ondulada, sob a qual, a fim de diminuir o calor do sol, são colocados caniços trançados. Mas, roídos pelas formigas brancas, acabam desabando e não há mais proteção contra o calor: parece que estamos dentro de um forno. A missão é demasiadamente pobre para comprar painéis de madeira; por isso, todos nós usamos chapéu!

Os gafanhotos vêm abater-se sobre a missão. Levantam-se no horizonte como uma grande nuvem de areia. Os garotos estão lá fora, correndo e gritando para dispersá-los". Seu novo campo de ação, Niassalândia, possui dois vicariatos: o de Shiré, dirigido pelos montfortenses, e o de Niassa, entregue aos Pes. Brancos. Edel começa pelo Vicariato de Shiré, orientado por S. Exa. Monsenhor Auneau, S.M.M. Como o Vicariato do Sul trabalha em estreita colaboração com o do Norte -o grande seminário é comum a ambos - Edel espera que o trabalho realizado no primeiro tenha imediata repercussão no segundo.

165

166

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

"Há muitos cristãos", escreve, "porém, poucos missionários, embora já haja seis sacerdotes indígenas. Os postos são bem distantes uns dos outros". Edel prefere iniciar a Legião na missão central. Durante sua curta estada fundam-se diversos Praesidia. Em 7 de dezembro, ela deixa o vicariato de Shiré após ter visitado no Norte duas outras missões montfortenses. Na hora da partida, Monsenhor Auneau exprime-lhe sua gratidão oferecendo-lhe uma faca de cortar papel em marfim e uma caixa de ébano... "que poderia servir de caixa de rapé!", escreve a Dublin ao relatar esse gesto paternal.

Edel entra no vicariato de Niassa; toma contato com o primeiro posto confiado aos Pes. Brancos, em Bembeque.

"Aqui", diz ela, em 22 de dezembro de 1940, "tive a felicidade de encontrar o vigário apostólico, que terminava seu retiro. Isto evitou-me uma viagem suplementar de 125 km para chegar ao seu quartel-general... É visível o seu interesse pela Legião. Há dois anos, disse-me ele, após ter recebido minha carta e o Manual, já a teria iniciado; mas julgava que eu não tardaria. Tirou de seus dossiês uma conferência sobre a Legião que pronunciara naquele mesmo ano, para os sacerdotes, em um retiro. Acrescentou que ele não ignorava o quanto é difícil trabalhar aqui e obter perseverança. Mas, justamente, este é o papel da Virgem Maria: a Ela cabe assistir! A um dos missionários frisou que eu chegara no dia 8 de

dezembro (na própria festa da Congregação) e que era uma razão a mais para que Nossa Senhora os ajudasse."

Edel rejubilou-se ao ver com que perfeita-obediência a seu bispo os missionários acolhem a Legião, Discutem rotas e meios, mas ninguém hesita um só instante em tentar a experiência. "Nunca, diz ela, poderei esquecer a gentileza de Monsenhor Julien e dos Pes. Brancos". Do bispo, dirá ainda que foi um segundo Monsenhor Leen, rara homenagem sob a sua pena.

Desta vez, não precisa enfrentar montanhas de objeções nem transpor outras tantas "impossibilidades". Sua única cruz-mas como é pesada! - é de arrastar, de posto em posto, um corpo cada vez mais enfraquecido.

"Trabalha" em três missões ao mesmo tempo: Bembeque, Mua, Ntcataca. A primeira acha-se situada sobre o planalto, as duas outras na planície, cerca de 3 mil pés mais abaixo. É preciso visitar umas e outras. Edel experimenta ir de bicicleta, o que é pura loucura. Renuncia a essa ideia e adota um outro meio de locomoção, que tampouco é cômodo: a "gheretta". Essa "gheretta" é uma espécie de carro primitivo que escala as costas, bem ou mal, mas nas descidas, é preciso proteger os viajantes, por meio de cordas! Edel faz a descrição:

"A "gheretta" é uma "charrete" conduzida por quatro homens; um deles segura os varais da frente, outro os varais de detrás, enquanto que os dois restantes seguram as cordas que fazem de freios na descida e puxam na subida. A "gheretta" é útil também em estrada plana. A primeira vez que fui à missão vizinha, tomamos uma bicicleta, um sacerdote e eu; mas, o calor do meio-dia tornava a viagem ainda mais penosa. Na planície, dois homens são suficientes para conduzir a "gheretta" e o preço é razoável."

De qualquer forma, o "Rolls-Royce" está fazendo falta!

Nesse mesmo vicariato de Niassa, Edel enfrenta uma dificuldade toda particular.

RETORNO A AFRICA

É o tempo das colheitas: sob risco de as ver perecer, o camponês deve defender o milho, durante o dia contra os macacos, durante a noite contra os porcos selvagens. Sem desanimar, ele monta guarda e deita-se no próprio local, em pleno campo, numa pequena cabana feita ao acaso. Como é possível, nessas condições, assegurar a regularidade das reuniões legionárias? Evidentemente, é um problema. Monsenhor Julien assinalou-o a Edel. Ao preço de um esforço suplementar de coragem e engenhosidade, esse obstáculo foi desde a sua chegada: ficou combinado que procurariam assim mesmo manter os princípios. superado, como tantos outros. O bispo não esconde sua admiração. Em 19 de fevereiro "Aproveito essa ocasião para agradecer-lhe sinceramente o magnífico trabalho de Ação Católica que realizou no meu vicariato, graças à Legião de Maria! Estou convencido de que a Bem-aventurada Virgem Maria recompensará todos os superiores que depositarem sua confiança na Legião, que fará maravilhas de conversões."

de 1941, escreve a Edel:

Edel prossegue em seu rude apostolado, o olhar firme na imensa tarefa a realizar. Isto, porém, não a impede de ser sensível à voz dos seus e a seu país natal. Comove-se ao receber uma carta datada precisamente do dia do aniversário da fundação da Legião em Dublin, e responde:

"Como foi gentil terem-me escrito dia 8 de setembro; é uma data tão importante para a Legião, não é verdade? Sabem que eu cheguei nesse vicariato dos Pes. Brancos no dia 8 de dezembro, justamente antes da Bênção do Santíssimo Sacramento. Pensei, provavelmente, estariam todos assistindo à Bênção... Senti uma nostalgia do país... de repente, que, na Irlanda, a reunião geral anual realizava-se naquele domingo, e assim, as

conversinhas, os risos, as observações, tudo isto se desenrola nitidamente em nossa memória em dias como este. Mas, após a guerra, poderemos conversar!

Algumas vezes, quando uma coisa que se apresentava mal ou corria risco de fracasso, de repente melhora, eu digo a mim mesma: "Quem está rezando hoje?" A reviravolta é, às vezes, tão impressionante que nos obriga a perguntar: "Por quê?"

Estas últimas linhas são uma alusão ao auxílio espiritual que ela recebe fielmente dos legionários irlandeses. Sente grande satisfação nessa comunhão, nessa cadeia de Edel nem sempre trai a nostalgia do país; contudo, deixa-a perceber, por vezes num relance, no final de alguma carta.

orações.

"É uma vida magnífica", escreve a uma amiga; "mas não temos ninguém com quem nos distrair!" Durante todo esse período, apenas uma única vez Edel falou da saúde para dizer que está resolvida a tomar alguns finais de semana a fim de descansar; mas, realmente, ainda não o pôde fazer.

Na correspondência não deixa absolutamente entrever a fadiga, nem como sua saúde, mais do que precária, sucumbe ao peso da tarefa sobre-humana. A última carta que

167

168

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

dirigiu ao presidente do Concilium, a que acima aludimos, está repleta de entusiasmo.

Após ter dado, livre e caridosamente, suas impressões sobre os homens e as situações, termina por aquelas palavras que, como estribilho, repetem-se constantemente em toda a sua correspondência: "Este último parágrafo não deve ser publicado"; e, desta vez, acrescenta: "Você já ouviu esta frase anteriormente?"

Como adivinhar, através do entusiasmo e vitalidade desses relatórios de visitas sob um calor tórrido, que o corpo não mais acompanha os impulsos da alma e se curva ao seu próprio peso? Edel é um milagre permanente; normalmente deveria estar num sanatório, numa cadeira de balanço.

Já estão todos tão habituados a vê-la de pé, sem um queixume, que esquecem a doença impiedosa. Sua reserva de energia, após ter ficado abalada, parece agora natural e inesgotável.

Como um ronco de trovoadas numa tranquila noite de verão, um telegrama chega a Dublin, causando uma consternação indizível. Em 15 de março de 1941, Edel caía: "Ataque de pleurisia. Ver carta. Muito fraca. Peso 34 quilos. Impossível continuar trabalho. Atualmente, necessário repouso absoluto. Aguardo instruções. Quinn. Likuni - Lilongwe - Niassalândia". Sem perder um minuto, Dublin envia dois telegramas. O primeiro a Edel: "Consternados seu telegrama. Aja como pensa que o desejaríamos nessas circunstâncias. Voltará à casa?" O segundo telegrama anuncia a notícia à Srta. Roberts, a Enviada à África do Sul, pedindo-lhe que vá visitá-la imediatamente.

Alguns dias mais tarde, um segundo telegrama de Edel, datado de 27 de março, dá as seguintes notícias complementares: "Sugerem seis semanas de repouso. Provavelmente, depois não será necessário regressar. Não se preocupem: todos os cuidados possíveis. Enviem-me duas mil Tesseræ.¹ Quinn."

O que teria acontecido?

Numa carta, de letra vacilante, Edel confessa que sofreu um ataque de disenteria e só pôde tratar-se quinze dias mais tarde. Sem guardar o leito, continuara o trabalho na planície.

Sobreveio, então, por acréscimo, um ataque de malária seguido de pleurisia. "Eu não tinha

tempo de ficar na cama, pois já marcara encontros durante três semanas consecutivas." Então, a doença a abateu, obrigando-a ao repouso. Confessa também que a alimentação, à moda indígena, nem sempre era a indicada, e que essa fora uma das causas do seu emagrecimento. Encontra ainda forças para anunciar que dez grupos já surgiram no vicariato de Niassa, e que a Curia fora formada no vicariato de Shiré.

Uma carta, datada de 25 de março, dá os detalhes complementares: falam longamente sobre o seu esgotamento e sua energia.

"Desolada por ter sido obrigada a telegrafar; mas, dois dias antes, um sacerdote, cuidadoso diretor espiritual da Curia de Chiradzula, veio ver-me para discutir os negócios da

(1) Trata-se das orações próprias da Legião.

RETORNO A AFRICA

Curia, antes que eu deixasse o Limbe. Levantara-me para recebê-lo e certamente devia estar morta? Já está bem preparada?" Quando, finalmente, resolvi tomá-lo a sério, achei que era muito abatida. No meio da conversa, ele me disse: "Mas, não percebe que está perto da melhor avisá-los diretamente do meu estado: uma carta teria levado três a quatro semanas. Tal é a expressão desse caráter. "Quanto a mim, dissera um dia Edel, a Legião para chegar às suas mãos."

está acima de tudo". Não era simples literatura: Edel morrendo, falando da Legião até que o interlocutor a chame à ordem...! O esquecimento de si mesma levado a tal grau excede o limite de heroísmo.

apóstolo de sua

Logo que Monsenhor Julien soube da doença, ofereceu-lhe hospitalidade num convento de Lilongwe, fê-la cercar-se de todos os cuidados e multiplicou suas visitas. "A única coisa que ainda posso fazer por você", diz ele, "é arranjar-lhe um enterro digno de um reação: acolhimento sereno da morte, abandono a Deus e senso indefectível de humor. Pertence à família dos Tomás More que sorriam no momento de subir ao cadafalso. O presidente do Concílio escreve a Monsenhor Julien: "Sua indomável coragem, sua maravilhosa alegria, sua profunda confiança na Virgem Maria, têm realmente desafiado as leis da natureza e prolongado sua vida. Suponho que ninguém melhor do que ela própria conhece a situação e o perigo a que a expõe a doença, mas sempre teve o hábito de levá-la na brincadeira e assim irá até o fim."

a têmpera". Como resposta, ela solta uma risada. Sua alma revela-se nessa

Entretanto, há motivos para não estar tranquilo. O que mais preocupa os que com ela convivem é o seu emagrecimento impressionante e os ataques febris. Monsenhor Julien desejava que ela tivesse um repouso absoluto no próprio local, durante diversos meses. Finalmente, aguardam a decisão do médico.

Após um exame minucioso, este declara que, atendendo aos anos de permanência nos trópicos, é imprescindível que Edel mude de clima e passe alguns meses na região subtropical. Num telegrama a Dublin, datado de 20 de abril, Edel transmite esta decisão: "Veredito do médico: seis meses repouso absoluto. Sugere o clima de Joanesburgo. Irei".

Edel receia que isto venha a prejudicar o trabalho de extensão e suplica ainda, em uma carta, que não hesitem, se pretendem designar outra Enviada. Supõe que a guerra impeça a substituição e rediz sua esperança de poder continuar após seis meses "de férias". O mais alarmante é o seu peso; "mas, diz ela, meu apetite é bom, e vão gostar de saber que sempre me alimento bem" (Carta de 18 de abril). Reafirma que, antes de tudo, deseja o bem da Legião; o resto virá depois, e que ficaria radiante em poder prosseguir.

Sua carta termina por uma exclamação de alegria, porquanto acaba de saber as últimas notícias da Legião na França e na ilha de Malta:

"As notícias a respeito da irmã O'Brien são magníficas, assim como a comunicação dos doze Praesidia em Malta."

Apesar da guerra, no coração mesmo da derrocada, a Legião acabava de nascer

169

170

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

na França, em Nevers, à sombra do relicário de Bernadette. Em 15 de agosto de 1940, na festa da Assunção da Virgem Maria, padroeira da França, a permissão de estabelecê-la havia sido dada por Monsenhor Flynn à companheira de Edel, Srta. Verônica O'Brien, que, por sua vez, conhecera também uma série de obstáculos e longas paciências. Era o sinal de partida das setenta e duas dioceses que se seguiriam...

Em Malta, também a guerra suscitara a Legião na hora mais dolorosa de sua história. Os grupos vão surgir, manter-se e se multiplicar sob os bombardeios. Assistidos pelo bispo, Monsenhor Gonzi, oitocentos membros ativos consagram-se à Nossa Senhora.

Edel exulta com todas estas notícias que lhe são o melhor dos tónicos. Doente, extenuada, vibra de alegria porque a colheita surge nos campos longínquos em que outros semearam; que bela revelação de sua alma católica!

EDEL QUINN E RUBY ROBERTS NO HOSPITAL DAS RELIGIOSAS BENEDITINAS EM NONGOMA, ZULULÂNDIA.

E-me impossível relatar todas as atenções, cuidados e solitudes de Ruby para comigo desde que cheguei à África do Sul. Nem meus pais, nem meus amigos legionários da Irlanda, teriam feito mais do que ela fez"

CAPÍTULO XIX

DE SANATÓRIO EM SANATÓRIO

DE SANATÓRIO EM SANATÓRIO

"Dai-nos... uma fé firme e inabalável como a rocha, que nos conserve calmos e resolutos no meio das cruzes, trabalhos e decepções da vida."

(Orações finais da Legião)

Em 29 de abril de 1941, uma carta de Edel, datada de Joanesburgo, anuncia sua entrada no sanatório de Melrose House (Belgrávia). Ela teve cuidado em omitir, no saúde. A Srta. Roberts acompanha-a e facilita-lhe, da melhor maneira, a instalação. Alertada verso do envelope, a indicação "Sanatorium", para que não fosse descoberto seu estado de por Dublin, a Enviada da Legião na África do Sul torna-se o anjo da guarda de Edel e lhe prestará, com uma dedicação sem limites, os mais preciosos serviços. É como alguém da família, escreve Edel, tanto é dedicada para comigo; não mede sacrifícios. A Srta. Roberts introduz Edel em Melrose e também a acompanha ao sanatório de Springkell, ainda em Joanesburgo. Essa Casa de Saúde, infelizmente, não é católica; mas não tinham outra para escolher, Edel ficará, assim, privada de seu grande consolo: a missa. Somente uma vez por semana é-lhe possível comungar. Foi um dos mais vivos sofrimentos de sua vida. Mais tarde confia aos que a rodeiam que essa abstenção lhe dera a ideia do inferno, tanto era forte sua fome de Deus.

Algumas linhas íntimas traduzem sua paixão sempre crescente pela Eucaristia: "Maria", escreve Edel, "ama Jesus em mim, acaricia-o e derrama seu bálsamo sobre as feridas. Mas, principalmente, Ela o agradece pela instituição da Eucaristia e dá graças ao Pai por esse dom indescritível. Como seria vazia a vida sem a Eucaristia"... Em Springkell, fez a triste experiência. Anota ainda essas resoluções:

"Agradecer, incessantemente, a Trindade, por essa grande graça.

Fazer companhia a Jesus no Santíssimo Sacramento.

Os discípulos perguntavam "Onde morais?" e com Ele permaneciam todo o dia.

Nos períodos de aridez, ficar com Jesus, simplesmente; Maria O amará e adorará por mim. "Como é bom ficarmos aqui", mesmo se a atenção se dispersa. Como uma criança com sua Mãe; somente nossa presença diz a Jesus que O amamos, embora estejamos mudos e sejamos muito imperfeitos para nos conduzirmos convenientemente em Sua Presença.

Oferecê-lo por intermédio de Maria, em ações de graças, em espírito de amor e de adoração.

171

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Queremos nos unir a Ele, a Ele nos entregar completamente. Nossa fé nos diz que Ele está na Eucaristia; vamos, pois, procurá-lo. Se soubessemos onde encontrá-lo sobre a terra, faríamos o impossível para ir ter com Ele.

Nós O temos, a cada momento livre, sobre o altar. Ir ao seu encontro.

Melhor do que todos os livros!"

Estas linhas permitem avaliar o sacrifício que as circunstâncias lhe impunham em Springkell. Aquele afastamento do centro de sua vida preocupava-a infinitamente mais do que a saúde. Esta ainda continuava precária: Edel confessa que, ao entrar no sanatório, deram-lhe sessenta anos. Contudo, mais uma vez, ninguém poderia ter uma ideia de seu estado. A Srta. Roberts resume a impressão que Edel causou em todos os visitantes: "Está maravilhosamente bem, cheia de entusiasmo e fala com ardor do tempo em que poderá trabalhar novamente."

Do leito do hospital, seu olhar iluminado não cessa de abraçar o mundo. Acompanha os movimentos dos três Enviados que percorrem a América e das centenas de Praesidia que são criados. Os sucessos de John Murray, de Mary Duffy, de Una O'Byrne a. apaixonam. As notícias que recebe são como um tônico e um aguilhão. Gostaria de novamente tomar a direção.

ficou feliz!

Contaram-lhe, casualmente, a introdução da Legião na China e no Japão. Como

"Seus projetos de extensão", escreve logo depois, "deram-me ímpetos de pular da cama! Eram tão tentadores! Pode ser que eu não seja exatamente uma Rosita Forbes', mas estou plenamente disposta a percorrer qualquer território. Esses de que fala, a China e o Japão, formarão mais tarde um admirável campo de ação, praticamente inexplorado pela Legião. Li, recentemente, relatórios de pioneiros no Japão. Parece que só agora, após tantos martírios e provações, surgem os primeiros progressos. Evidentemente, lá também a guerra dificultou o trabalho. O clima não deve ser empecilho. Sim, é preciso cuidado, mas penso que quando se está bem de saúde, tomando-se certas precauções, pode-se ir a qualquer lugar. Não se vai muito longe, quando procuramos escolher climas!"

Edel continua a formar planos, dividindo as etapas.

"Em todo o caso, escreve, a África do Sul seria um excelente ponto de partida para o Oriente. Existem lá muitas regiões inexploradas. Terei, pois, todo o trabalho que poderia sonhar logo que me restabelecer, o que será breve, assim o espero. Não consigo obter do médico uma data precisa, mas tantas orações vão apressar a cura."

Ela pensa até no Congo Belga e desejaria empreender essa extensão: possibilidades ilimitadas descortinam-se lá. Mas, na sua opinião, o movimento deveria ser iniciado pela Bélgica que, na época, ainda desconhecia a Legião.

"Não falo para mim, escreve Edel, mas vocês já pensaram no Congo Belga?

(1) Uma exploradora bem conhecida.

172

DE SANATÓRIO EM SANATÓRIO

Parece haver lá um movimento de conversão à Igreja. A dificuldade no futuro será, sem dúvida, de instruir e fazer perseverar esses novos cristãos. Seu número parece exceder de longe o clero disponível; a Legião poderia ajudar muito. Todavia seria difícil começar antes da Metrópole e há também o problema da língua." No Congo, o seu desejo será realizado em 1943. Na Bélgica, após uma iniciativa da Srta. V. O'Brien junto a S. Exa. Monsenhor Kerkhofs, bispo de Liège, a Legião faz sua entrada em fevereiro de 1946. No mesmo ano, um comunista convertido obteve do Cardeal o acesso à diocese de Malines; desde então, o crescimento será rápido e seguro. O Concilium nomeia como Enviada a Srta. Henriette Talabot secretária do Senatus da França; a criação do Senatus da Bélgica, em 1951, foi a coroação de seus esforços tenazes e corajosos. No seu leito de hospital, Edel só pode animar; o futuro se encarregará de responder a seus sonhos. E Deus sabe como são grandes suas ambições! É ardente o seu. Infelizmente, os médicos não compartilham do mesmo entusiasmo. A pedido de desejo de ainda servir.

S. Exa. Monsenhor Julien, um reclamando essa

especialista de Lilongwe redigiu um boletim médico preciso.

O diagnóstico é sério: tuberculose pulmonar adiantada. Regime: repouso absoluto no leito, durante ainda seis meses, sob controle médico e de preferência num clima fresco e seco. Não já viveu; tem atualmente trinta e quatro anos; dão-lhe quase o dobro. Em Limbe, tiraram há mais dúvida: o corpo recusa-se a obedecer à alma indomável. A Edel viva e espontânea algumas fotografias: inocentemente, julgando-as boas, Edel coloca-as dentro de uma carta à família. Um grito de alarme foi a resposta: "Você está morrendo em pé!" Edel, sentisse apenas capaz de se sustentar nas pernas quando os tiraram". A única solução é Após cinco meses de repouso, há uma sensível melhora! O peso sobe progressivamente; autorizam-na a levantar-se meia hora por dia. O que mais a preocupa misso tudo é sua família; e a mãe, principalmente. Pedira aos dirigentes que não lhe revelassem exatamente o seu estado. Insistirá nesse ponto muitas vezes. As autoridades, porém, acham que não devem guardar segredo para seus pais. Edel recebe a notícia de que uma visita foi feita a Monkstown para explicar a eles como ela se encontrava. Edel inclina-se imediatamente diante dessa decisão, da qual, aliás, compreende a necessidade. a reação, acrescenta: "Pensei que os retratos me favorecessem, embora me obedecer aos médicos e guardar o leito.

Suas cartas a Dublin são, dessa vez, mais explícitas no que se refere à saúde: anota as melhoras progressivas. E já o trabalho começa a inquietá-la. De seu leito, permanece em contato epistolar com os centros que fundou. As notícias que chegam são excelentes. Por toda parte onde semeou, a boa semente germinou; já está pronta a colheita. Uma carta de Nairobi -sua primeira fundação-enviada pelo Pe. A. Lynch, dá as seguintes indicações típicas:

"O resultado do apostolado amplo e generoso da Legião faz-se sentir visivelmente entre nós. Após a Páscoa, houve trezentos batizados e perto de mil catecúmenos estão em

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

vias de instrução. Ficarão contentes em saber que a missão de Mangu criou recentemente três Praesidia de adultos que trabalham eficazmente. No vicariato de Nieri, a Legião faz igualmente progressos magníficos. Os Pes. Fullen e O'Leary cooperaram no seu estabelecimento.

Meu próprio Praesidium participa da campanha de extensão. Sentia-me orgulhoso de ver meu presidente- um africano viajando diversas vezes para explicar ao Pe. Grogan o andamento e o progresso da Legião na sua zona".

Em outro relatório, da mesma época, vindo dos leprosos de Utale, na Niassalândia, o Pe. J. Castermans, S. M. M., diretor espiritual, dizia:

"Temos treze leprosos no Praesidium; estou edificado pelo seu trabalho prático.

Recentemente, pude batizar dezesseis leprosos e alguns outros em perigo de morte: todos foram instruídos por legionários. Não temos na colônia - graças à Legião-cristãos maus ou negligentes, e a maioria dos pagãos prepara-se para receber o santo Batismo. Por outro lado, os legionários cultivam e tratam da horta daqueles que estão muito doentes, cortam a lenha para o fogo e lhes trazem água: todos os serviços de vital importância. Contamos com suas orações para nossos pobres leprosos e o apostolado que fazemos entre eles". De seu lado, o Pe. Lynch escrevia ao Centro, que as comunicou a Edel, essas linhas significativas: "Se vocês pudessem ouvir os relatórios dos diferentes Praesidia nas reuniões da Curia, compreenderiam que a Legião é um dos principais meios de evangelização nesse país. No que diz respeito à minha missão, não há comparação com o meu trabalho catequético e o dos legionários. O Praesidium juvenil tem dado muita satisfação. É reconfortante ver- se a influência marcante da Legião sobre os legionários no que concerne à sua formação espiritual. Isto é de primordial importância, pois entre esses legionários acham-se futuros instrutores e futuros padres."

Tais cartas valem por todos os remédios e todas as curas do mundo. Provam que ela não "percorreu em vão" as grandes estradas da África. Edel oferece a Deus esses relatórios e êxitos, em ação de graças, por todos os seus sofrimentos, que, em compensação, The parecem tão insignificantes: "Momentaneum et leve", dizia São Paulo, falando das suas cruzes. Isto passa e não é pesado. Seu esgotamento é outra forma de apostolado - o do sofrimento, o mais eficaz. "Sem dúvida alguma", escreve Edel, "podemos esperar grandes coisas!"

Demasiada alegria inundava a sua alma para que o desânimo dominasse. Alquebrada pelo cansaço, a alma se expande. Nem um só momento o bom humor, tão contagiante, foi comprometido. Quem não a reconheceria nesse final de carta em 4 de setembro de 1941?

"Não há outras novidades: vou passando bem. Nesse momento, estou tricotando um pullover. Já ouviram dizer alguma vez que Enviadas tricotassem pulôveres?! Em toda a

174

DE SANATÓRIO EM SANATÓRIO

minha vida, é a segunda aventura desse gênero. O primeiro ensaio de tricô data de anos passados, em circunstâncias semelhantes. A males desesperados, remédios extremos!"

Encontram-na assim, desprendida de si mesma, ao terminar um boletim de saúde:

"Desolada por essa carta demasiadamente egoísta."

Bom humor e

serenidade e de paz.

desprendimento; notas complementares de um cântico único de

Após seis meses de estada no sanatório de Joanesburgo, apresenta-se outro local de repouso. Edel mantinha a íntima esperança de recuperar a saúde se pudessem transportá-la para onde lhe fosse possível comungar frequentemente. Após algumas Irmãs dominicanas mantêm um hospital de missão. Edel poderia ser tratada lá e se beneficiar indicações, decidem por uma casa religiosa. Em Umlamli, perto de Aliwal North, no Cap, as novamente de missa e comunhão cotidianas. Além do mais, o hospital está situado a 6 mil pés, altitude particularmente adequada a pulmões contaminados. Com gratidão, ela aceita a hospitalidade que lhe é oferecida e para lá transporta-se em meados de novembro. Os dirigentes, avisados dessa mudança, escrevem-lhe que se sentem felizes em saber que o hospital para onde vai está sob a direção das Irmãs dominicanas, "pois acrescentam, tanto o estrangeiro, essas Religiosas tem sido sempre baluartes da Legião." A casa de Umlamli não desmentirá essa reputação. Edel é recebida com solicitude. As seguintes recordações de uma Irma dominicana, Madre Ann, dão-nos uma prova dessa afeição. "Tive a felicidade de trabalhar no hospital de Umlamli quando Edel lá esteve. Seu encanto particular tornava-a querida de todos. Trazia o sol à nossa tarefa, às vezes difícil, com histórias engraçadas originárias da Irlanda ou dê suas viagens. Conservamos como um tesouro em nossa memória sua maneira de rir e de ler passagens de livros que ela apreciava. A sua partida, assim se exprimiram a respeito de sua pessoa: "E uma senhora distinta". Durante meses a enfermeira indígena e as criancinhas continuam a ir a seu antigo quarto, perguntando: "Onde está Miskum? Quando voltará?"

na Irlanda como no
por meu

"Como sul-africana que sou, jamais poderia exprimir o bem que ela fez país e meu povo. Para mim, sua passagem será sempre uma preciosa recordação." Na mesma época, duas Religiosas irlandesas, de passagem por Umlamli, vêm visitar Edel. Uma delas, Irmã Brigitte, resumia assim sua impressão:

"Extraordinariamente animada e alegre, era de uma magreza impressionante e extremamente fraca, porém transbordante de vida e de esperanças. Lembrava um pouco Mary Martin. Possuía o dom maravilhoso de conquistar os corações."

Edel Quinn, Mary Martin: não é a primeira vez que esses dois nomes se aproximam. Madre Mary Martin, a fundadora do Medical Missionaries of Mary, criou uma Congregação florescente de religiosas-médicas ao serviço das missões. Tanto ela como suas primeiras recrutadas eram legionárias. As orações da Legião fazem parte integrante de sua constituição religiosa aprovada por Roma. Talvez isto explique certas afinidades...

175

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

diariamente e viver perto do Mestre. Porém, não poderá assistir à missa: a capela do hospital Essa nova residência de Edel é uma bênção. Doravante, poderá comungar fica demasiadamente distante para suas forças. Que alegria quando S. Exa. Mons. Demont, o bispo do vicariato, veio celebrar a missa em uma capela vizinha! Nenhuma outra atenção lhe poderia ser mais sensível. Ao seu obrigado, o bispo respondia:

delas está tão privada. Celebrando-a, pensei na sua saúde e orei para que melhore

"Senti-me demasiadamente feliz em lhe proporcionar uma missa, a você que e se restabeleça rapidamente, se esta for a vontade de Deus. Vocês, irlandeses, são certamente os filhos da Divina Providência." Realmente, Edel, como todos os da sua raça, entrega-se confiantemente "Aquele que sabe, melhor do que nós, de que precisamos."

Cada um procura, engenhosamente, amenizar-lhe o sofrimento. Os legionários dos arredores rivalizam-se em amabilidades e, acima de todos, a irmã Roberts, a Enviada, que se intitula "a guarda da Delegada", cerca-a de todos os cuidados. Os legionários de Joanesburgo fizeram-lhe presente de um rádio portátil. Edel conta a uma amiga da Ilha Maurício, em 15 de janeiro de 1942, que jovens legionários reúnem livros e jornais católicos para enviar-lhe e um deles lhe escreve todas as semanas.

"Dessa maneira", conclui, "vocês estão vendo que agora eu também sou um 'caso de revisita'.

Essas demonstrações de bondade deixam-na sensibilizada: é justamente o que esperava", escreve; "quando trabalhamos para Nossa Senhora, não devemos ter a menor preocupação."

Enquanto Edel é assim mimada na África, Dublin inicia uma ofensiva espiritual pela sua cura. Um artigo publicado em Maria Legionis, de março de 1942, faz um urgente apelo aos legionários do mundo inteiro para rezarem pela Enviada. A fim de apoiar o pedido, a revista publica uma fotografia de Edel.

Pedem-lhe desculpas, pois sabem que ela tem grande horror a tudo o que chama a atenção, mas a fotografia na primeira página é indispensável para suscitar um movimento de orações; que ela queira, pois, inclinar-se de boa vontade e resignar-se, em sua modéstia.

Edel responde: "Vocês conhecem meu complexo de publicidade". Agradece as orações e, por essa vez, perdoa. "Obrigada, diz ela, em 23 de abril de 1942, por me terem dedicado, tão gentilmente, a capa do número de primavera da Revista. A "geleia" dentro da qual vocês esconderam a pílula era realmente gostosa".

Essa iniciativa a comove: vê aí uma manifestação do espírito de família. À solicitude carinhosa responde dando alguns detalhes suplementares sobre sua saúde:

"Eis o que diz o médico: a menos de complicações imprevistas, não há motivo para que eu não possa, com o tempo, restabelecer-me suficientemente para poder regressar ao país e até fazer um livre trabalho legionário. Mas, quanto às atividades de Enviada: viagens,

176

DE SANATORIO EM SANATÓRIO

refeições irregulares, longos percursos de trem ou de carro, serão totalmente abolidos. Uma vida mais tranquila! Se isto acontecer, voltarei ao meu campo de ação. Primeiramente, o clima de Nairobi é perfeito; segundo, é um excelente centro onde as Curiae indígenas e não-indígenas acham-se próximas umas das outras; terceiro, se pudermos iniciar a obra, há ali um enorme trabalho de extensão a fazer entre os não-indígenas da população goanense. Quanto à irmã Gannon, legionária dedicada e zelosa, independente e influente, será um precioso elemento. Logo, embora não mais se justifique a presença de uma Enviada, um simples legionário poderia fazer muito nos seus momentos vagos, levando ao mesmo tempo uma vida tranquila. Creio, pois, que eu poderia arranjar um emprego em Nairobi e fazer algum trabalho legionário nos meus tempos livres, de preferência a "uma vida inativa em casa". Espero ainda e peço a Deus que me conceda uma cura radical, a fim de poder, se ainda me quiserem, continuar a trabalhar como Enviada em qualquer clima que seja e sem desagradáveis precauções de saúde.

É-me impossível relatar todas as atenções, cuidados, e solitudes de Ruby para comigo desde que cheguei à África do Sul. Nem meus pais, nem meus amigos legionários da Irlanda teriam feito mais do que ela fez."

O apelo da Revista pedia orações aos legionários do mundo inteiro e recomendava a cura de Edel ao beato Luís Maria de Montfort. Eis aqui o extrato:

"No momento em que a canonização do beato Luís Maria de Montfort atinge a etapa final é oportuno pedir a cada legionário que faça uma novena em sua honra pela seguinte intenção de vital importância: que a irmã Quinn, nossa Enviada à África Central, recupere a saúde e fique em condições de prosseguir sua missão. Esta iniciou-se em novembro de 1936, por ocasião de seu desembarque em Mombaça. Embora a irmã Quinn estivesse longe de ser robusta, até o ano passado vinha desempenhando bem as funções, quando repetidas crises na sua saúde vieram perturbá-la. Atravessando cidades e aldeias, florestas e pantanais, tais como os de Quênia, Uganda, Tanganica, Niassalândia, chegou até a Ilha Maurício, no Oceano Índico. Em toda parte encontrou bispos, missionários e religiosos dedicados e desejosos de iniciar a nova organização, que prometia auxiliá-los em seu trabalho. Centenas de Praesidia surgiram. Curiae foram criadas e prosperaram. Em geral, os membros eram africanos; aceitaram a Legião com facilidade. Viu-se então - coisa nova e consoladora - os próprios africanos cooperar com ardor, sucesso e perseverança no trabalho de evangelização. Meditai nesses resultados: o primeiro Praesidium da irmã Quinn iniciou-se em Nairobi, onde, no ano passado, os legionários conquistaram, mil catecúmenos. Atualmente, a Curia foi obrigada a se desdobrar, devido ao grande número de Praesidia em Nairobi.

Este impulso e este sucesso são exemplos típicos do que se passou na África: elementos promissores para o desenvolvimento da fé naquelas regiões.

Urge que a obra possa terminar...Daí a necessidade da novena."

177

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

canonização,

Na mesma ocasião, Dublin enviara a Edel os relatórios sobre a esperada

"Na última reunião para a causa do beato Luís Maria de Montfort", escreviam eles, "e que foi presidida pelo Santo Padre, o Postulante fala da grande alegria que uma tal canonização proporcionaria à Legião de Maria. Rendeu homenagem à Legião, graças à qual a vida e o ensino do bem-aventurado são conhecidos no mundo inteiro."

Ao que Edel respondeu: "Encontrei a religiosa cuja cura milagrosa foi aceita para a beatificação de Luís Maria de Montfort. É uma Fille de la Sagesse e membro auxiliar da Legião. Estava gravemente atacada de tuberculose. Atualmente tem uma aparência jovem e trabalha há muitos anos na África, num perfeito estado de saúde."

Enquanto Dublin pedia orações, S. Exa. Mons. Julien, vigário apostólico de Niassa, lançava, por sua vez, um S. O. S. aos missionários desse vicariato onde Edel caíra gravemente enferma.

Ele próprio escreve a Edel, em 18 de fevereiro de 1942.

"Recebi com prazer sua carta de 13 de janeiro. Teria sido muito maior a alegria se você tivesse podido mandar-me melhores notícias de sua saúde. Mas uma vez que podemos amar, louvar e exaltar a Deus tanto na doença como na saúde, pelo simples cumprimento de Sua vontade, devemos supor que o mais vantajoso para você nesse momento é estar doente. E creia também que é para o maior bem da Legião. Esta trabalha e se desenvolve bem no vicariato de Niassa. Gostamos de lhe atribuir em parte esse belo resultado, pois pensamos que sua contínua vigília junto a Jesus crucificado, suas orações e numerosos sacrifícios pela Legião, 'inclinam o Coração Sagrado a escutar nossas súplicas e as acolher favoravelmente'.

Recopia para ela um extrato de sua carta aos missionários sobre a Legião: "Isto é para mostrar-lhe que meus sentimentos favoráveis não são simples simpatia!"

Edel não podendo trabalhar ativamente, intensificava sua oração para as almas em perigo e para os legionários do mundo. Redizia, com um fervor acrescido pela sua inatividade pessoal: Pai, venha a nós o vosso reino! Ou, ainda, unia-se à Virgem Maria pronunciando o mais belo Pater que a terra ouvia, após o de Cristo.

"Ninguém", escrevia, então, em suas notas, "sabe melhor do que Maria, que é Nossa Mãe, o que mais convém aos outros. Pedir-lhe que neles se cumpra a vontade de Deus. Almas pecadoras, almas queridas que não estão em estado de graça, almas de legionários que serviam a Maria e que se perderam. Em seu favor podemos implorar à Virgem, a fim de que interceda junto a Seu Filho. Seu desejo, certamente, é de que elas voltem; não é, pois, uma falta de submissão à vontade de Deus; advogar a sua causa é um dever. Pedi e recebereis..."

178

A Maria, nossa Mãe, nada poderá ser recusado.

Quando se trata de graças em favor de outrem, com que confiança podemos

DE SANATÓRIO EM SANATORIO

orar! Especialmente tratando-se da graça da conversão. Pedi hoje a Maria que derrame graças sobre a Legião, que obtenha o arrependimento daqueles que a abandonaram, que santifique e esclareça todos os oficiais.

Nosso dever não consiste somente em trabalhar, mas também em rezar e nos santificar em prol daqueles que são objeto de nossos cuidados. Que Maria afervore os fracos, santifique os que foram bons para comigo em seu nome, e alcance um benefício quanto aos meus erros e fracassos."

Rezando assim, pelos lábios de Maria, Edel sentia-se toda poderosa junto de Deus.

Continuava, também, sua mediação junto aos homens. Nos sanatórios como nos caminhos, prosseguia a mesma conquista das almas: somente os meios diferiam.

Pouco a pouco lhe voltam as forças. De trinta e quatro quilos, seu peso subiu a quarenta, peso esse irrisório ainda, porém promissor. Ela forja então projetos para o futuro e pensa em regressar ao Quênia. Ideia por demais prematura. A irmã Roberts telegrafia imediatamente ao Centro para que proíbam esse suicídio. Dublin telegrafia a Edel pedindo: The que siga a opinião dos médicos. Esta se sujeita, embora preparando as tarefas futuras: retoma o estudo do quisuáli a fim de entrar em contato direto com os africanos logo após o regresso a Nairobi. Conta irradiar de lá na medida de suas forças... Como são grandes as suas esperanças! Mas as forças ainda estão fracas: alguns passos apenas nos corredores do hospital a extenuam, e ela sonha de ir por montes e valados! As autoridades insistem para diminuir as suas cartas e dão ordem a seus correspondentes que não lhes peçam resposta. De todos os lados dedicar-lhe orações. Ela garante que, ajuizadamente, permanece no leito. "Não farei nada de temerário ou de arriscado; não que não tenha vontade, mas por incapacidade!"

Quando o tempo o permite, fica deitada numa enorme cadeira de balanço, ao ar livre, desde o café até o almoço. Recebe diariamente a sagrada comunhão no leito, mas não pode ir à missa, porquanto a Igreja está distante e a obriga a uma subida fatigante.

A uma amiga que se queixa que está sobrecarregada de tarefas, o que lhe entrava a vida espiritual, Edel escreve estas linhas, datadas de 4 de maio de 1942:

"De acordo com os livros de piedade, a mim me parece que o mais importante é a meditação; mesmo se você não puder fazer outra coisa medite, nem que seja um quarto de hora. Não creia que eu pratique sempre o que preconizo. Não sou o que pensam! O

principal será recomeçar. O essencial, acho eu, é não desanimar nos nossos desfalecimentos e negligências. Estejamos sempre prontos a recomeçar, é o único meio de perseverarmos. Continuar lutando é talvez penoso: tudo parece contra nós, é tão árduo o esforço para o recolhimento, mesmo quando temos tempo! Então só podemos orar para recebermos a graça da perseverança a despeito de nós mesmos!"

179

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Edel sabe, por experiência, que o sofrimento não é um tema para declamação: quando a prova sobrevém é suficiente ficarmos unidos a Deus pela submissão da nossa vontade. Suas palavras aos conselhos do Pe. Faber sobre a atitude a tomar diante da cruz "Não devemos adorar nossa cruz, ou dizer bonitas palavras a respeito ou assumir diante dela posições sentimentais, mas sim, simplesmente, nos colocar aos seus pés, numa atitude viril". O sofrimento, assim aceito, transforma-se por si mesmo em adoração.

Edel, aliás, não tem tempo de fazer frequentes retornos sobre si mesma. Até no sanatório entrega-se inteiramente aos outros e se torna útil. Encontra a força de escrever um bilhete aos jovens legionários da Ilha Maurício, que a colocaram orgulhosamente na sua revista.

Eis seus conselhos:

"Recordem-se sempre que são legionários da Virgem Maria; orgulhem-se desse título. É um privilégio trabalhar para nossa Rainha e seu Filho, e devemos procurar dar o melhor de nós mesmos.

Acima de tudo, sejam muito fiéis à recitação cotidiana da Catena. Que todo legionário, sacerdote, religiosa, membro ativo ou auxiliar, reze essa oração diariamente. A palavra Catena significa cadeia, e cada legionário é um anel dessa cadeia que atualmente une o mundo. Não sejam daqueles que rompem essa união de orações por negligência." Após os ter estimulado a progredir, termina por essas palavras: "Vamos, mostrem-me o que são capazes de fazer!"

Edel ambiciona uma atividade legionária mais profunda. Nairobi a atrai como centro de irradiação. Os médicos declaram que ela poderia assumir não mais a missão de Enviada, mas uma ligeira tarefa com um mínimo de gasto físico: um pouco de correspondência, receber algumas visitas.

Em 17 de setembro de 1942, um aerograma de Edel explica a nova situação:

"Com o inteiro consentimento do Dr. Ditton, vou para Nairobi-Quênia. O médico está de acordo que o inverno em Umlamli é demasiadamente rude, especialmente para mim, que não mais guardarei o leito. Todos dizem que, em comparação com os outros, foi suportável: ora, gelou durante meses, e continua a gelar.

Contudo, passei esse tempo na cama. A seu ver, uma mudança é necessária. Nairobi é perfeita e convém particularmente no ponto de vista legionário, Abstração feita da fadiga da mudança, é preferível ir agora do que mais tarde. O essencial é lá chegar rapidamente, antes que o calor do verão não torne a viagem Durban-Mombaça demasiadamente penosa. Pensam que haverá um navio em fins de outubro. De novembro a março a estação é quente; se for possível partir antes, será o ideal."

Sem esperar, Edel deixa Umlamli em direção de Durban. Seu lugar está reservado, o navio atraca...Mas, infelizmente, a guerra continua e o navio recebe ordens para levantar

180

DE SANATÓRIO EM SANATÓRIO

ferros e tomar novo rumo. Que fazer? Edel resolve esperar outro. Mas, onde? Uma série de circunstâncias conduzem-na para o hospital de Nongoma, na Zululândia, onde ficará até janeiro do ano seguinte.

Em 18 de outubro de 1942, chega a Nongoma, esgotada. A casa é dirigida por Religiosas beneditinas. As poucas semanas que lá passa deixarão uma luminosa recordação. Numa carta de Durban, datada de 13 de novembro de 1946, alguns anos após a passagem de Edel, a Sra. D. M. Wynne escreve que todos ainda falam dela. "Perguntei a uma das Irmãs que dirige um Praesidium em Nongoma: "Não teria Edel passado algum tempo aqui?" Sim", respondeu-me; 'tivemos essa graça!'"

A Irmã, à qual Edel foi confiada, relata-nos suas recordações:

"Quando a Irmã Superiora veio vê-la, logo após sua chegada, e lhe exprimiu o pesar de a encontrar enferma, a paciente respondeu com seu sorriso franco: "Dizem que sofrer é o mesmo que trabalhar. Então, se não posso trabalhar, por que não sofreria?" A chapa dos raios X, tirada sob ordem médica, mostrava a difusão típica da tuberculose sobre os dois pulmões e um começo de calcificação. Após uma ou duas semanas de repouso, a Srta. Quinn foi autorizada a levantar-se uma hora por dia. Obedeceu a essa permissão, assim como às outras ordens do médico, conscienciosamente. Passava essa hora assistindo à santa missa, comungando e fazendo uma visita ao Santíssimo Sacramento, à tarde ia à capela do hospital, recitar o rosário. De volta ao quarto, fazia uma visitinha a outro doente tuberculoso. Tratava-se de um oficial de marinha francesa que não sabia o inglês e desde sua primeira comunhão nunca mais recebera os sacramentos. Não era um doente fácil: devido ao caráter adiantado de sua doença e da solidão, estava sempre de mau humor e colérico. Edel recordou seus conhecimentos do francês a fim de poder reconfortá-lo em sua própria língua e lhe fazer esquecer suas misérias. A Srta. Quinn procurava sempre o meio de ajudar aos outros, de tudo lhes facilitar. Esquecendo-se de si própria, era reconhecida pela menor coisa que lhe davam e pelo menor gesto de simpatia.

Empregava a maior parte do tempo escrevendo cartas volumosas, que a ocupavam de cinco a oito horas e, às vezes, mais. Era sua maneira de cumprir o trabalho missionário divulgando o conhecimento e o amor da Rainha do Céu e da Legião. Possuía verdadeiramente uma alma mariana. Seus trajes e adornos tinham sempre qualquer tom de azul, cor de Nossa Senhora. Ignorava o quanto isto se harmonizava admiravelmente com seus próprios olhos de um azul profundo. Embora só tivesse trinta e cinco anos, seus cabelos louros já se iam tornando grisalhos. Os lábios um pouco arroxeados; a respiração curta tornava-lhe quase impossível qualquer passeio que excedesse o trajeto de seu quarto à capela, através da varanda. Um dia, que se julgava perfeitamente em forma e forte, uma Irmã lhe propôs um pequenino passeio em volta da casa. Aceitou com satisfação, mas

181

182

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

após alguns passos, sentiu-se tão esgotada, que foi preciso reconduzi-la ao quarto. A sua principal preocupação era ainda evitar atrair a atenção.

Apesar de tudo, continua afirmando que o bem-aventurado Grignon tinha melhorado tanto a sua saúde que após dois meses animou-se a regressar a Quênia. Deixou a casa em 18 de dezembro, festa da Expectação de Nossa Senhora. Acompanhada de uma enfermeira, foi a Vrijheid ao encontro de sua fiel companheira, a Srta. Roberts; de lá, após alguns dias de repouso na missão beneditina, ambas partiram de trem para Joanesburgo, donde a Srta. Quinn tomou o avião para Quênia."

CAPÍTULO XX

O TEMPO URGE!

O TEMPO URGE

Para provar nosso amor, só dispomos dessa vida, e talvez ainda pouco nos reste (Edel Quinn).

Uma carta de 18 de janeiro de 1943, traz a Dublin a grande e surpreendente notícia: Edel retornou a seu campo de ação, no coração de Quênia, em Nairobi.

Não podemos imaginar exatamente o sofrimento dessa longa viagem: durante aqueles três dias, Edel enjoou do começo ao fim. O cansaço a arrasava, mas a pobre doente só tinha uma única ideia: retomar sua tarefa; esse ideal a sustentava e a fazia suportar tudo. No aeródromo militar de Eastleigh-Nairobi, o major Byrne e a Srta. Gannon, presidente da Curia, vieram recebê-la e conduziram-na em estado de extremo esgotamento, mas radiante de felicidade, ao convento das Irmãs dominicanas.

No dia seguinte teve a visita de S. Exa. Mons. Heffernan e diversos sacerdotes. Momentos de alegria, mas também de emoção. Seria realmente a mesma, aquela Edel que tinham diante de si, alquebrada, magra, uma sombra do que fora? Apenas o sorriso e o indestrutível bom humor faziam os visitantes esquecer a triste visão. Há criaturas que a tal ponto dominam o corpo, que só o espírito se impõe à vista. Edel era dessa alta linhagem. Evitava habilmente as interrogações sobre sua saúde, e passava à ofensiva com tantos planos e projetos, que o visitante mudava o assunto esquecendo o esforço dessa dedicação sobre-humana.

Eis aqui uma descrição de sua pessoa, feita por um visitante, que, como os outros, deixou-se iludir pelo seu entusiasmo. Ele escreve a Dublin:

"Gostarão sem dúvida de saber minhas impressões sobre a Srta. Quinn. Fiz-lhe uma visita na noite de sua chegada. Pensava na fotografia publicada, há cerca de um ano, na revista Maria Legionis, e esperava vê-la fraca e doente. Foi para mim uma extraordinária surpresa! Estava cheia de vida e animação, alegre e de uma atividade transbordante. Muito magra, porém com belas cores. Não parecia ressentir-se dos três dias de viagem. Embora estivesse mais debilitada, era sempre a mesma Edel. Achei-a bem melhor do que no retrato da revista Maria Legionis, de setembro de 1942. Não tardou a encaminhar o assunto para problemas legionários e nenhum outro a poderia interessar. Durante todo o tempo da minha visita e no dia seguinte, à noite, demonstrou uma vigorosa energia mental. Inteirou-se de tudo acerca dos Praesidia de Nairobi, compreendendo as circunstâncias locais e travou conhecimento com os membros. Foram feitas sugestões práticas. Mas isto não lhe pareceu suficiente: declarou que visitaria duas Curiae naquela semana, e foi-me muito difícil demovê-la desse intento!"

Por seu lado, Edel pede que não se fale mais sobre sua saúde, na Maria Legionis.

183

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Rapidamente expõe a situação:

"Posso mover-me um pouco, atender à correspondência, ir de carro a reuniões locais, porém lentamente. Talvez seja possível visitar as Curiae vizinhas, mais tarde, no correr do ano. Por enquanto devo esperar."

Dublin, naturalmente, receia essa força de vontade e lhe aconselha muita moderação. Uma carta de 11 de março assim dizia:

"Por amor de Deus, tome cuidado com a saúde de que dispõe. Abstenho-me de empregar a terrível palavra 'prudência'. Falei-lhe muitas vezes dessa 'força moral' que lhe é peculiar. Se não abusar, ela ainda lhe será útil e por muito tempo."

Mas o trabalho aí está, múltiplo e urgente. Edel não tem o hábito das meias-medidas; suas relações retomam desde logo o aspecto business.

Madre M. Arsênia, Superiora do convento onde está hospedada, vendo-a um dia desfalecer, diz-lhe: "Se continuar a agir dessa maneira, vão encontrá-la um dia morta, dentro de um caminhão ou de um trem"

"Não", replica Edel, "Nossa Senhora não o permitirá." Afirmava isso por estar convencida de que a Virgem não consentiria que ela viesse causar ainda esse incômodo aos que a rodeavam. Não receava a morte: parecia-lhe tão natural cair no campo de batalha do apostolado. Iria a Deus tão simplesmente como ia aos homens. Acima de tudo, não queria regatear seu trabalho. Um missionário montfortense, o Pe. J. Jansen, que a vira em plena atividade, em Niassalândia, dirigiu-lhe certo dia estas linhas;

"Quando, no céu, for admitida à Acies do Praesidium "Regina Aeternae Glorae "1, verá muitas fisionomias radiantes de alegria e de felicidade na posse da glória eterna. Esta será, estou certo, a recompensa que espera e que pedimos em nossas orações. Mas rezamos também pela sua saúde, a fim de que possa trabalhar ainda muito tempo na sua missão terrestre."

A morte era bem isto: a Rainha da glória eterna viria buscá-la para introduzi-la na alegria de Deus, na Acies eterna. O resto pouco importava. Todos o constatam, mas declaram-se incapazes de frear seu zelo. Quanto a Edel, julga que não realiza o que deseja.

Emprestaram-lhe a biografia da Madre Stuart. O contraste parece-lhe total. Ela anota: "Sua vitalidade e sua energia na busca da santidade quase nos confundem. Para nós, almas mais fracas, alegremo-nos que a vida escondida, pacífica - sem grandes ações - em união com Maria e Jesus, também conduz à santidade. Só o amor prevalece." Edel coloca-se na categoria dos inativos. Mas é a única a partilhar dessa opinião.

Um missionário de Nairobi, o Pe. Culligan, C. S. Sp., traduz a impressão unânime, nessa carta à Sra. Quinn:

"Segundo o que eu ouvira e lera a respeito de sua doença, esperava encontrá-la em repouso, fraca, debilitada. Quando a vi foi uma agradável surpresa! Nunca a esquecerei em toda a minha vida. Deitada no seu leito, de "peignoir", conversava, quando entrei,

(1) Rainha da glória eterna.

184

O TEMPO URGE

com a Superiora do convento, Madre Arsênia. Não havia meio de fazê-la descansar. Tudo queria saber sobre a Legião. Antes de partir, perguntei se lhe podia ser útil. Ela possuía um aparelho de T.S.F.-presente das legionárias na África do Sul -que precisava de reparos. Procurei consertá-lo. Mostrou-me como funcionava e ajudou-me a arranjá-lo. De tempos em tempos insistia para que repousasse, e ela obedecia; mas dois minutos após, voltava para me ajudar, censurei-a, docemente, por não me ouvir. Pôs-se, então, a rir, acusando-se de ser "teimosa", e bem depressa foi deitar-se de novo. Vi claramente que fazia isto para me tranquilizar. Não era absolutamente necessário!

Voltei alguns dias após essa primeira visita inesquecível. E notei então como estava sumida e abatida!

Com o tempo, ela retomou suas ocupações legionárias num ritmo acelerado. Procurei impor-me; submeteu-se por um momento, mas a contragosto. A correspondência e outras

atividades aumentaram. Quando se tratava da Legião, esquecia-se literalmente de tudo. Era o sopro do seu coração: ela vivia para a Legião."

Sim, a Legião resumia sua vida. Porque, a seus olhos, era Maria quem estava agindo, Maria em exercício de sua maternidade espiritual. Porquanto a Legião aparecia como o instrumento providencial das natividades de Jesus naquele mundo africano.

Ela anota:

"Minha vocação é legionária: Enviada e pretoriana'.

Dedicada ao serviço do Pai, pelo Santo Espírito de Jesus e de Maria. Exame diário para verificar até que ponto consagrei o dia a Jesus e ao Pai, com Maria: tornar-me um caminho de graças para cada alma. Maria através de mim.

Quando estiver tentada a criticar os outros pela falta de interesse ou de compreensão pela Legião, considerar que esforços fiz ou poderia fazer para ajudá-los ou mudá-los.

Não fazer prevalecer a minha vontade.

Pedir a Maria que lhes proporcione, por meu intermédio, todo o bem que puder; que corrija meus erros.

Silêncio dos pensamentos quando estiver tentada a criticar os outros. Dever de trabalhar quando, muitas vezes, preferiríamos ficar com Ele.

Só a Sua vontade prevalece.

Se há momentos em que nosso dever é trabalhar, sentir-se bem no cumprimento da Sua vontade.

Obedecer a vontade de Deus.

Os pretorianos são os membros da Legião que aceitam, como obrigação suplementar cotidiana, a missa e a comunhão, um ofício reconhecido pela Igreja, o terço e as orações legionárias.

Últimos elos a abandonar: a posse de sua alma, o poder sobre suas próprias

(1) Os pretorianos são os membros da Legião que aceitam, como obrigação suplementar cotidiana, a missa e a comunhão, um ofício reconhecido pela Igreja, o terço e as orações legionárias.

185

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

ações, a liberdade de decidir. Alegre-se! Que Deus os reclame pelos seus representantes. Nada nos pertence."

Com um tal ardor na alma, como não trabalhar até o esgotamento?

Dublin sabe que "Espírito" a anima e receia sua intrepidez. Ordem lhe é dada de jamais enviar uma carta sem dizer, ao menos, uma palavra sobre sua saúde. Edel obedece. "Eu descanso, escreve, durante algum tempo"; mas reconhece, candidamente, que visitou cinco Praesidia em uma semana.

Durante seu afastamento de Quênia a Legião progrediu. A última Acies de Nairobi reunira em torno de Mons. Heffernan quinze diretores espirituais e trezentos e cinquenta legionários ativos. Por toda a parte a mesma coisa: as notícias e os relatórios afluíam de Maurício, de Zanzibar, de Niassalândia, de Quilimanjaro, do Alto-Nilo, de Quisumu.

Os dossiês de Edel avolumam-se. Rica é a messe das graças! Ao acaso, extraímos alguns relatórios semestrais, áridos talvez como as contas em banco, mas belos como as páginas de uma Legenda Dourada. São dados sem retoques na sua fornia original. Adivinha-se, através dessas linhas, uma fé ativa, conquistadora e uma coragem fora do comum. É preciso pesar esses algarismos pelo seu valor de eternidade:

Vicariato de ZANZIBAR.

"Praesidium N. Sra. do Perpétuo Socorro". Adultos: 20 ativos.

59 crianças matriculadas na escola. 16 cristãos reconduzidos à prática dos sacramentos. 19 pessoas gravemente enfermas instruídas na fé e batizadas, 18 posteriormente faleceram. 5 crianças doentes balizadas, 4 faleceram. 21 pagãos, homens e mulheres, recebem instrução religiosa a domicílio.

"Praesidium Juvenil Rainha dos Anjos".

Alfabetização de 37 crianças que não podem frequentar a escola. 6 crianças batizadas na hora da morte. 46 crianças afastadas da escola foram reconduzidas ao ensino, 1 rapaz hospitalizado foi instruído na fé; embelezamento de um cemitério. 153 catecúmenos recrutados. 18 crianças transferidas de escola protestante para a escola missionária.

"Praesidium do Imaculado Coração de Maria". Adultos: 11 ativos.

9 pessoas gravemente enfermas visitadas e batizadas; 8 faleceram. 34 escolares reconduzidos ao ensino. O esforço dos legionários visou especialmente encontrar catecúmenos adultos: conseguiram um número suficiente para lotar 3 classes, às quais ministram instrução; esses cursos agrupam respectivamente 27, 15 e 21 membros. 8 apóstatas foram reconciliados com a Igreja e 5 cristãos indiferentes retornaram à prática dos sacramentos.

Vicariato de QUISUMU.

"Porta do Céu". Adultos: 13 ativos.

4 pessoas reconduzidas à prática dos sacramentos. 2 voltaram a assistir à missa. Batismo de 3 adultos no hospital e de 4 crianças em perigo de vida. 15 crianças pagas receberam instrução religiosa a domicílio.

186

"Rainha dos Confessores". Adultos: 23 ativos.

O TEMPO URGE

23 pessoas voltaram à prática dos sacramentos. 17 mulheres, que viviam irregularmente, foram trazidas à missão para receberem instrução religiosa antes de regularizarem o casamento.

Vicariato de QUILIMANJARO.

"Nossa Senhora, Socorro dos Cristãos". Indígenas. Adultos.

Trabalhos: instrução de anciãos e doentes. Visitas aos cristãos negligentes. Auxílios aos anciãos.

Recrutamento de crianças para a escola. Recrutamento de catecúmenos. Resultados: 12 pessoas voltaram à prática dos sacramentos. 25 mulheres foram assistidas por ocasião do parto. 43 mortos foram sepultados. 53 anciãos instruídos e batizados. Os legionários também visitaram famílias separadas por alguma divergência e, em diversos casos, conseguiram a reconciliação.

Vicariato do ALTO-NILO.

"Refúgio dos Pecadores". Indígenas. Adultos: 14 ativos.

48 pessoas voltaram a ouvir missa e frequentar os sacramentos. 13 pessoas convidadas a assistir à santa missa. 3 batismos de pessoas em perigo de vida. 22 casamentos regularizados. 8 pessoas batizadas e preparadas para receber os sacramentos. O número dos catecúmenos elevou-se de 20 a 60. 14 meninos foram reconduzidos à escola. Se os resultados afluem, as perguntas e dificuldades também aumentam. Edel responde como uma mãe que dirige seus filhos; acompanha as démarches, compartilha os sofrimentos, as esperanças e alegrias. Atrás das cifras dos relatórios, ela descobre as almas imortais, salvas ou a conquistar. Além da frieza das cifras, percebe o espírito que as anima, calcula o domínio de Maria e a extensão do reino de Seu Filho. Todo o regulamento, que ela exige

correio e na devida forma, constitui transparência de graça e de vida sobrenatural. Crê que o Amor verdadeiro de Deus reconhece o trabalho bem feito e as menores fidelidades. Se ela não tem o culto do papelório, pede que os filhos da luz ponham tanto cuidado em prover as coisas de Deus como os filhos do século em organizar seus empreendimentos. Seu golpe de vista é seguro e rápido, seu julgamento penetrante. Sabe que a displicência não é uma homenagem prestada a Deus e que nossas negligências não têm nenhuma virtude mística. Daí seu culto pela ordem e pela precisão." Multiplica os conselhos.

A um legionário, Edel escreve: "Relembre a seus membros que eles não fazem trabalho legionário se não andarem dois a dois. E o trabalho que devem fazer é o indicado na reunião. Destinando-se a fazer a obra de Nossa Senhora, eles têm, então, o mérito da obediência."

A um outro recomenda a perseverança:

"Diga a seus legionários que perseverem na obra que empreenderam. Estou certa de que a Virgem Maria está contente com o trabalho que fazem. Diga-lhes que sejam muito

187

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

fiéis na recitação diária da Catena'. Aguardo com grande interesse seu próximo relatório."

A um missionário de Nairobi:

"Queira recordar constantemente aos legionários a fidelidade às regras, especialmente a das visitas a dois, uma vez que são facilmente negligentes nesse ponto. É um dos casos em que mais devemos insistir. Recorde-lhes especialmente que devem trabalhar para a Virgem Maria e seu Filho, e não contar com seus próprios esforços, mas orar para aqueles aos quais visitam e ensinam."

Seu estado resistia de acordo com a sua vitalidade. Uma carta enviada a Dublin por um missionário, em 15 de março de 1943, descreve-a nesses termos: "Vocês gostarão talvez de ter algumas impressões de um observador atento. Edel está sempre conosco, absorvida nos negócios da Legião. Há uma semana, aproximadamente, teve uma recaída; a temperatura elevou-se, o pulso tornou-se muito rápido. Achava-se extremamente fraca e permaneceu no leito por sua própria iniciativa, o que é muito significativo. Obrigada ao repouso durante alguns dias, não tardou a melhorar. Atualmente não está mais de cama; apenas de repouso. Não quero empregar outra linguagem senão a da fé e da esperança, mas não posso deixar de dizer: ela não está curada.

Considero-a perfeita; a personificação do Manual, a encarnação do espírito legionário.

Todos aqui a estimam enormemente e lhe consagram uma afeição excepcional: é um anjo legionário."

Sua missão, com efeito, faz com que se assemelhe àqueles enviados de Deus: como eles, ela traz a mensagem e se afasta, prepara os caminhos e desaparece.

Chega a adivinhar certas preocupações e sente a necessidade de tranquilizar. Em 11 de abril de 1943, escreve ao Sr. Nagle:

"Pessoalmente, não creio que haja alguma diferença quanto ao meu estado de saúde aqui e na África do Sul, comparado aos doze últimos meses. Estou convencida de que, se não fossem as orações que me ofereceram desde o início de minha moléstia, não estaria como estou. Descanso muito."

Em 15 de abril, volta ao mesmo tema sem esconder as alterações, mas relevando as "esperanças".

"Impossível andar muito; assisto, porém, às reuniões. Os ônibus são preciosos quando não há automóvel disponível, e os rickshaws completam o sistema de transportes. Fui de auto,

ida e volta, visitar os Praesidia militares (100 km). Descanso frequentemente, escrevo cartas e contato pessoas; se me excedo um pouco, sinto-me sem forças; mas já é um grande progresso sobre a imobilidade completa, e graças a Deus a temperatura está agradável.

O diretor espiritual da Curia, o Pe. Culligan, sem ter recebido a incumbência, assumiu o seu lugar e o do Sr. Duff; disse que se não fizesse, ninguém o faria. Ele me

(1) A Catena é a oração obrigatória que une todos os membros da Legião, composta principalmente do Magnificat e da Oração à Maria Medianeira.

188

O TEMPO URGE

recrimina toda vez que imagina que estou trabalhando demais, ou que estão exigindo muito de mim, e mesmo algumas vezes impede-me de sair. Vocês assim podem ver como estou bem vigiada! Com efeito, desde o bispo até o menor na hierarquia, todos os sacerdotes apressam-se para me conduzir de automóvel, para ajudar-me, etc."

Alguns dias mais tarde, volta ao assunto de sua partida da África do Sul e justifica sua decisão que poderia surpreender. Não era um capricho: apresenta suas razões que explicavam a escolha de Nairobi.

"Uma vez que a viagem até a Irlanda não pode ser cogitada, era preciso que eu fosse a algum lugar, e num local em que pudesse tirar o melhor partido do prolongamento da vida que me é concedido. Em Umlamli, eu não tinha possibilidade de ir à Igreja, nem de assistir à missa, mas podia receber a sagrada comunhão todos os dias. Procurava três coisas: um quarto nas proximidades imediatas de uma Igreja com missa diária; um centro em que pudesse fazer todo o trabalho legionário possível, e um local favorável à minha saúde e onde encontraria tratamento em caso de necessidade,"

Nairobi correspondia a esta tríplice exigência. Seu sonho, entretanto, é de irradiar tão longe quanto possível. Ela o trai nessas linhas:

"Espero poder ir, em meados do ano, a Quisumu, onde pretendo organizar algumas Curiae: creio que as forças não me faltarão. Entretanto, é obrigada a confessar: "Acho que não poderei fazer muito: não posso andar quase, mas irei lentamente."

Nota idêntica, em 12 de maio de 1943: "Sinto-me profundamente feliz com a minha transferência para Nairobi. O clima é adequado. Posso fazer um certo número de visitas às Curiae e Praesidia, e ainda atender à correspondência. Andar não posso, o que me obriga a passar por preguiçosa; mas consigo circular. O Sr. bispo me tem cumulado de cuidados e atenções."

Dublin recebe, regularmente, notícias suas por um missionário.

Eis Edel, vista por esse observador objetivo e atento:

"Novo boletim da saúde de seu Anjo! Pediu-me que lhe escrevesse e que lhe assegurasse que evita toda imprudência censurável. Na minha opinião, ela faz o que diz; e embora o Sr. esteja alarmado pelo passado, aprovaria o seu atual comportamento. Ela prometeu nada fazer sem minha autorização. Não se pode exigir mais. Não está curada, e, humanamente falando, nunca o ficará. Penso algumas vezes que o socorro do Alto a tornará capaz de continuar tal como está, tornando-se assim um milagre permanente. Seu comportamento é o oposto de seu verdadeiro estado: o gênio alegre e brincalhão, os movimentos rápidos, enérgicos, o ardor constante faz esquecer o seu aspecto físico. Aqui todos estão maravilhados com sua pessoa. Desde seu regresso a Nairobi tem produzido muito: revigorou os antigos Praesidia e criou três novos. Sua só presença já semeia o bem: nosso solo é duro de cultivar! Edel me parece perfeita: tudo o que faz, resume-se ao necessário!

Manifestou-me o desejo de ter notícias suas. Ultimamente a ouvi dizer que os quartéis-generais tinham feito promessa de não enviarem aerogramas; sentia-se um pouco

189

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

desamparada por não receber suas instruções. Deposita grande confiança no Sr." Edel, todavia, põe-se a caminho para a Curia de Nieri, a 130 km de Nairobi. Lá permanece de 18 de maio a 2 de junho e visita quinze grupos. Seu relatório é um cântico de glória.

"Realizei com imensa alegria meu primeiro trabalho 'de experiência' para a extensão da Legião, até o vicariato de Nieri. Os Pes. do Espírito Santo tiveram tanto cuidado com a minha pessoa que cheguei a considerar que alguém havia me recomendado como objeto "frágil". Assisti a duas reuniões da Curia e à formação de uma terceira, e visitei quinze Praesidia africanos. O espírito e o trabalho dos legionários muito nos impressionaram; deve-se isso, principalmente, à meticulosa atenção dos diretores espirituais que não poupam sacrifícios. De regresso a Nairobi, comecei a visitar todos os Praesidia ligados à Curia central; farei posteriormente um relatório sobre essa viagem. Acabamos de ter nosso primeiro "dia de recolhimento" para os legionários masculinos: para muitos era a primeira vez que faziam esse retiro de um dia. Alguns fizeram 50 km até Nairobi; dezesseis membros dos Praesidia militares estavam presentes. A parte culinária ficou a cargo de peritas mulheres legionárias que souberam calcular bem o apetite dos irmãos. O dia terminou pela bênção do Santíssimo Sacramento, no Carmelo."

Em 8 de junho, ela escrevia:

Tive uma reunião, com os presidentes dos Praesidia juvenis e seus diretores espirituais; espero fazer com que se compenetrem bem do senso de responsabilidade e também que o Manual seja melhor estudado."

A fim de que os jovens compreendam melhor o espírito da Legião, Edel organiza para os oficiais dos grupos uma sessão de estudo sobre a "Verdadeira Devoção de São Luís Maria". Ela própria circula em Nairobi e visita os Praesidia.

Ao regressar de sua tournée de inspeção, uma grande alegria lhe estava reservada: uma carta de S. Exa. Mons. Julien comunicando-lhe as notícias de Niassalândia. E que notícias! "Acabo de regressar", diz ele, "em 5 de junho de 1943, de uma série de visitas a nossos postos missionários de Mtendere, Bembeque, Mua, Ntacetaca e Casina; estou certo que ficará satisfeita de saber que, por toda parte, constatei que os legionários faziam uma Ação Católica magnífica!"

Com uma comovente delicadeza, Monsenhor entra nos detalhes, assinala que com o risco de uma pane à noite, decidiu-se a assistir uma reunião da Curia era Ntacetaca. Observa que os cinquenta e dois oficiais lá se achavam, pontualmente presentes. Ficou muito impressionado pelo relatório do grupo, "Mãe Amável". A pobre presidente, encabulada por ser obrigada a ler o relatório diante do bispo, virou duas páginas ao mesmo tempo, mas saiu-se muito bem, honra lhe seja feita.

"Esse Praesidium, continua Mons. Julien, começou há mais de um ano. Tem dezoito membros ativos, e oito auxiliares.

O TEMPO URGE

Cinco membros tentaram, mas não perseveraram. Eis um breve resumo do trabalho realizado: intensificaram a vida religiosa de vinte e quatro mulheres que nunca assistiam à missa. Atualmente, dezessete dentre elas comparecem regularmente, quatro estão impedidas porque não têm vestuário e três ainda não se decidiram... até aqui. Pela Páscoa,

visitaram, também, dez mulheres que não praticavam havia muitos anos: oito fizeram a comunhão pascal."

E a lista dos resultados se vai estendendo.

"Após esse, prossegue o bispo, ouvimos mais doze relatórios, todos tão interessantes como o do "Mãe Amável" ... Você bem pode imaginar como os felicitei!" A carta relata, então, a festa da Acies em Linthipe, em presença do bispo e de mais de cento e sessenta legionários ativos, e a da Curia Guillemé, onde cerca de quatrocentos legionários fizeram sua consagração a Maria. Após ter acrescentado que tudo isto é devido ao extraordinário trabalho de Edel, Monsenhor Julien conclui:

"Mais de mil legionários ativos: que soma de cooperação agindo no trabalho da redenção das almas... cooperação com Jesus e Maria.

Quando você chegou aqui, há cerca de três anos, e que começou a explicar o que pretendia fazer, diversos padres abanaram a cabeça e declararam que nossa pobre gente, pagãos de ontem, não poderiam jamais adotar um sistema assim tão complicado. Mais de um era cético e profetizava que dentro de seis meses a totalidade dos legionários teria desertado. Não obstante, uma vez que o vigário lhes ordenava de começar, e que você vinha a nós em nome do delegado apostólico e do próprio Santo Padre, eles acederam à experiência e ficaram estupefatos com o que patentearam. A reunião semanal parecia uma exigência absurda para os africanos, e atualmente todos os legionários confessam que, sem essa reunião, não teriam perseverado, não sendo suficientes as reuniões mensais para manter o zelo. O grão de mostarda semeado tornou-se uma grande árvore e queira Deus que continue a crescer sempre mais!"

Tal carta não compensaria largamente os sofrimentos passados e futuros? Edel via a messe amadurecer sobre suas caminhadas. Deus abençoava sua obra: o bispo apoiava-a em Seu nome. Edel lia os sucessos, as flutuações e a boa vontade tenaz dos legionários indígenas. Quantas vezes não lhe haviam dito que pretender ali fazer Ação Católica era uma grande utopia: a experiência mostrava que os cétricos estavam errados e o que ali se via era a prova cabal, rica de promessas.

Edel agradece a Mons. Julien, em carta de 11 de julho de 1943: "Verdadeiramente, Monsenhor, o Sr. brincou comigo na sua última carta! Está me julgando muito mais do que mereço! É verdade que lá iniciei as atividades, mas se não fossem seus generosos sacerdotes que cooperaram fielmente para a realização de vossos desejos, a Legião não seria o que é hoje no vicariato de Niassalândia".

Edel agradece a Deus esse estímulo; vê aí, principalmente, uma razão para

190

191

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

progredir. Apressa o passo a fim de trabalhar mais ainda, aproveitando a luz do dia: o tempo The está contado, antes que caia a noite, que caminha rapidamente. É a hora de, mais do que nunca, ser fiel às suas resoluções de retiro, anotadas num caderninho: "Cumprir a tarefa de cada dia. Os santos nunca perderam tempo. Viver cada dia como se fosse o único. A vida é feita de uma sucessão de dias. Por que perder um momento na estrada, durante a etapa? A eternidade constrói-se com os fragmentos de tempo. Nunca os desperdiçar. Se se deu tudo a Jesus, por Maria, não se tem o direito de perder tempo."

Raramente resoluções como estas foram tão esplendidamente cumpridas...

CAPÍTULO XXI ÚLTIMAS ETAPAS

"Jesus é o Mestre do Impossível" (Charles de Foucauld).

Logo que regressa a Nairobi, Edel recomeça a visitar os grupos adjacentes. Revê onze Praesidia de adultos, quatro juvenis. Por preocupação do trabalho bem feito, passa longos momentos com os dirigentes para incutir-lhes e explicar seus deveres. Uma nova Curia é fundada em Fort Hall, vicariato de Nieri: Edel para lá se dirige e, além disso, assiste às reuniões de cinco Praesidia. Tudo isto entre o dia 26 de junho e 1o de julho. Como poderia essa criatura tirar do pobre corpo minado uma tal vitalidade?

Edel tudo observa e faz o seu relatório a Dublin. Eis o croqui de uma nota de informação, que é de grande originalidade:

"Por ocasião de uma recente visita à Curia de Fort Hall, assisti ao círculo de estudo semanal dos cinco Praesidia da missão. Os legionários estavam sentados ao redor da sala, as mulheres ocupadas a trançar cestos, arte em que se tornaram virtuosos. Cinco sketches foram representados por pequenos grupos de legionários.

O primeiro era uma demonstração de dois membros em visita a um doente. Um limpava o apartamento, falava ao doente com carinho; o outro corria a procurar um padre. Mostram em seguida os preparativos necessários à visita do Sacerdote; depois, sua chegada (pelo próprio sacerdote), e, ainda, a administração dos últimos sacramentos, etc.

O segundo mostrava duas legionárias num lar "irregular", onde se esforçavam

ÚLTIMAS ETAPAS

para decidir a mulher a receber instrução religiosa, assim como obter o consentimento do companheiro para o casamento.

Os outros eram do mesmo gênero. O cenário era composto do interior de uma choça, com esteiras, fogo, etc.

Terminadas as duas primeiras cenas, o diretor espiritual levanta-se e explica o que seria correto e as falhas de cada parte: excelente demonstração prática do que os legionários, em visita, devem fazer ou evitar.

Realizam estas reuniões semanalmente, e parece que são muito apreciadas e bem acompanhadas; elas poderiam ser adotadas... Alguns Praesidia dependentes dessa Curia em outras missões começam a seguir esse exemplo. A ideia veio daquela missão de Mogoire, da qual é diretor espiritual o zeloso Pe. Custin, C. S. Sp."

Algumas semanas mais tarde, Edel encontra-se no vicariato de Quilimanjaro, onde S. Exa. Monsenhor Byrne acolhe-a com alegria e a autoriza a organizar Curiae. De maneira concreta, isto significa: descobrir os oficiais responsáveis, explicar-lhes a tarefa, formá-los por equipe. Três Curiae nascem ao mesmo tempo. Visivelmente, Edel caminha com rapidez. Sentirá ela aproximar-se o fim ou é somente a caridade que a anima? A ninguém fará confidências. O futuro está nas mãos de Deus; isto basta à sua confiança. Não lhe compete escrutar o horizonte à procura de sinais precursores, nem medir o que lhe resta de vida. Seu papel é entregar-se inteiramente em cada segundo que passa. Os que a veem em ação, a despeito de sua fraqueza, surpreendem-se desse milagre permanente.

A saúde não apresenta melhoras e, entretanto, ela não parece sucumbir ao peso da enfermidade.

"Não posso andar muito, escreve Edel, em 9 de junho; mas ainda consigo assistir às reuniões.

Consagrei os últimos dias a escrever cartas, expedi perto de quarenta. Este mês passo os finais de semana nas missões ligadas à Curia indígena, a fim, de visitar seus Praesidia." Quarenta cartas em alguns dias, não é regime para uma pessoa doente! Por felicidade, os meses de julho e de agosto, habitualmente penosos e úmidos por causa dos nevoeiros, são

agradáveis e ensolarados. A essa clemência insólita da temperatura, Edel deve a breve trégua que lhe resta.

Em 24 de agosto, novo boletim de saúde.

"Consigo escrever dias inteiros sem sentir cansaço; porém, o caminhar me deixa esgotada, mesmo a curta distância; e o tempo não traz melhoras. Um dia de reuniões ou uma única reunião após um longo trajeto de carro, vá lá, mas caminhar... é como se eu arrastasse uma bala de canhão! Evidentemente, mesmo nos melhores momentos, deparo uma certa falta de resistência. Mas, após algumas semanas de viagem, se nos sentimos completamente sem torças, podemos descansar no regresso. Aprendemos assim,

192

193

NASERONADO ASTOLAND-EDEL QUINN

gradativamente, a melhor equilibrar os esforços"

Edel confessa ter tido um acesso mais forte de febre. Pensa em minimizar suas temeridades, dizendo que está sendo rigorosamente vigiada. Mas conclui filosoficamente:

"Enfim, pouco importa o repouso que tomo ou que deixo de tomar, parece-me que o meu atual estado de saúde será meu estado habitual." Explica melhor: "Posso viajar um pouco nas proximidades e visitar os Praesidia. Sinto-me feliz de poder fazer isto! Há algumas semanas atrás, para visitar uma Curia e Praesidia, percorri perto de 500 km em oito dias pela estrada. Tudo se passou muito bem."

Sim, e realmente o serviço de Deus acima das forças humanas. Ela se esforça completamente, sem se iludir. Testemunha-o esse bilhete, de 31 de agosto de 1943:

* Para realizar um trabalho efetivo seria preciso poder viajar facilmente sem me sentir depauperada, sem que as pernas recusassem a andar cem metros, e sem perder o fôlego: um estado que jamais encontrarei nesse mundo, e de que não terei necessidade no outro. Percebe-se seu cansaço através dessas linhas:

"Lastimo não poder escrever à máquina; é um esforço demasiado." Querendo preparar os seus para qualquer eventualidade, fala-lhes, contrariamente a seus hábitos, de suas misérias físicas:

"Quando apanho um resfriado", escreve ao Sr. Duff, "aviso minha família. Isto porque meus pais, que conhecem, entretanto, muitos casos de tuberculose, imaginam que a minha é diferente e que me será possível recuperar a saúde. Então, se me acontecesse alguma coisa, eles teriam um choque terrível..."

A obsessão da dor dos seus inspira-lhe essa maneira de dizer, formas supremas de precaução e de carinho. Tem razão em querer abrandar o choque, pois a doença progride inexoravelmente.

Numa carta de 9 de setembro, dirigida por um missionário a um confrade, descreve assim seu estado:

"Edel não está curada... Pesa atualmente trinta e oito quilos. A estação das chuvas lhe é muito penosa: dificuldade em respirar, cansaço; o menor esforço físico, como percorrer cinquenta metros, deixa-a ofegante, obrigando-a ao repouso. É uma pessoa verdadeiramente extraordinária, um exemplo magnífico de vocação fielmente seguida."

No momento exato em que esta carta a descreve quase desfalecida, em setembro de 1943, Edel empreende ainda seis semanas de trabalho legionário. Visita as Curiae de Niambu, de Thica, de Quilema, e funda a de Quibocho.

Ao regressar de Quibocho parece extenuada, a ponto de morrer no local. À noite, ela não fechará a porta do quarto receando algum acidente. À força de gracejos e de alegria,

consegue uma vez mais acalmar as apreensões. É incomparável na arte de esconder seus sofrimentos! Irma Angelita, que descreve esses detalhes, acrescenta:

"Gostava de estar a seu lado, quando ela repousava. Parecia tão perto do Céu e,

ULTIMAS ETAPAS

todavia, era tão atenciosa para com os que a rodeavam. E como era agradecida pelo menor serviço prestado!" Sempre o mesmo desprendimento de si mesma. Reconhece-se ali a Edel que escrevia no seu caderninho de retiro: "Não me deixar dominar pelo cansaço." fadiga."

"Estar atenta em não deixar que os outros percebam qualquer aborrecimento ou

"Paciência em todas as coisas, desprendimento nas pequenas."

Em 12 de outubro, ela retorna ao vicariato de Quilimanjaro, passando por Bura e Moshi, e lá funda três novas Curiae. Pode-se avaliar o sacrifício do deslocamento, para aquela moribunda, pelas linhas abaixo, que, em 13 de outubro, ela enviava a Dublin:

"Fiz uma parada ao regressar a Bura, que, de trem, acha-se a dezesseis horas de Nairobi. Leram bem: dezesseis horas de trem! E essas visitas não são visitas proforma!"

"Estou muito contente", escreve Edel, "de ter tentado a viagem, pois poderia ter escrito durante um ano ainda sem nada conseguir. Quando diversas missões estão em causa, ninguém quer ser o primeiro a tomar a iniciativa e as coisas ficam simplesmente em estado estacionário". Seguem-se, então, observações, perguntas, sugestões e, em postscript,

esse final brincalhão: "Você faria bem em tomar um dia de férias, após ter lido essas duas longas

epístolas!"

De Quilimanjaro, dirige ainda ao Sr. Duff essas linhas que são como o eco da famosa carta escrita à sua partida no Llangibby Castle:

"O sétimo aniversário de minha chegada terá decorrido quando tiverem recebido essa carta. Estou tão contente de ter merecido esses sete anos, embora desejasse produzir mais". Comovente expressão de reconhecimento àquele que havia ousado dizer em nome do Mestre: "Faze-te ao largo e lança as redes."

Ela continua:

"Você sabe que essa tournée fez-me refletir no pouco que posso fazer. O programa era idêntico aos primitivos; viagem rápida, uma noite aqui, uma outra na missão seguinte, uma ou duas reuniões, e novamente progredir! Desta vez fiz justamente a metade e aproveitei todas as ocasiões para descansar. Não me sinto muito corajosa, quando é necessário prosseguir na viagem a cada dia e fico muito cansada após algumas reuniões e discussões. Felizmente, não sinto nunca o cansaço durante a reunião, nem quando devo dirigir-me a alguém. Geralmente, o efeito vem depois; já não é tão ruim; pude executar assim, sucessivamente, todo o programa. Assim falo porque penso que talvez isto o interesse. É uma outra espécie de "provação" ver o que se poderia fazer e o que não se pode realizar. Eu não poderia perder essa viagem, senão as Curiae jamais teriam sido fundadas...

É sempre consolador receber seus conselhos. Mas, não me constranja demasiadamente. Como bem o diz, é preciso tentar o que se pode fazer, e se a gente vê que é muito, ser mais prudente na vez seguinte. Se estivesse ainda no Sul, obrigar-me-iam

194

195

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

ao repouso completo e eu me sinto tão bem aqui quanto lá. Tomarei cuidado, como me aconselha, e não farei loucuras. No fundo, sabemos o que é preciso fazer e o que não é exigido. Mesmo em Nairobi, posso prestar serviços; e todos me ajudam, o que é de grande valor.

Disseram-me que mudei muito. Alguns que me conhecem declararam que jamais teriam me reconhecido exceto a voz. Tudo o mais era diferente. Meus cabelos tornaram-se grisalhos. A velhice está chegando!"

Novembro marca para Edel uma grande data: a Curia de Nairobi foi elevada ao posto de Comitium. Significa que está encarregada das regiões circunvizinhas e controla as Curiae dependentes. Significa, também, que se aproximam da etapa final: a formação do Senatus-ou Conselho Regional - para a África Equatorial Inglesa. O grão de mostarda, tornado árvore, no qual se abrigam os pássaros do céu, Edel não mais o verá aqui na terra. Entretanto, já pensara nessa realização em Natal de 1937, quando escrevia estas linhas: "Muitas vezes, perguntei-me como se poderia organizar um Senatus na África.

Naturalmente, será para o futuro. Atualmente seria impossível."

Após seu desaparecimento, a criação do Senatus em Nairobi, em outubro de 1949, virá coroar sua obra. Esse centro fiscaliza, no momento, trinta e três Curiae e perto de quatrocentos Praesidia. Magnífica réplica de Nossa Senhora a todos os que acolhiam sua mensageira com aquelas palavras pessimistas:

"Ah! a Sra. não conhece Nairobi!" Com efeito, ela não conhecia Nairobi, mas conhecia a Virgem e tinha confiança nos seus propósitos.

Edel continua a vigiar com todo o zelo as fundações antigas ou recentes, observando a fidelidade às regras. É preciso estar sempre a postos: a preguiça humana, as dificuldades, os dissabores, as contradições ocasionam facilmente a falta aos compromissos. Graças a Deus, nos dois vicariatos de Niassalândia, as notícias continuam a ser animadoras:

"Toma-se a Legião bastante a sério nesses dois centros de Niassalândia", escreve Edel;

"se, ao menos, este zelo fosse imitado em outros lugares! Nas missões, o sacerdote e a religiosa representam um papel primordial. Quando fielmente o exercem, os resultados são prodigiosos: é uma verdadeira cristianização dos católicos indiferentes."

A alusão ao papel das Religiosas reveste-se de toda a sua significação se soubermos que elas podem-na falta do missionário-representar o diretor espiritual do Praesidium. Muitas vezes serão o agente principal do grupo.

Um sacerdote de Niassalândia envia a Edel o relatório de uma de uma Curia que conta vinte e sete Praesidia e quinhentos e trinta e três membros ativos. Termina com algumas considerações gerais: "As visitas aos pagãos doentes muitas vezes ficam infrutíferas; recusam o batismo por que a Igreja proíbe as danças fúnebres no enterro dos seus mortos.

196

As legionárias construíram uma escola numa aldeia vizinha; gracejaram muitas vezes dizendo que elas trabalhavam gratuitamente.

ÚLTIMAS ETAPAS

A Legião desenvolveu-se desde que a Sra. Ihe deu o impulso inicial em Niassalândia e se desenvolverá mais ainda. A maioria dos Pes. estão entusiasmados por possuir um ou diversos Praesidia. Oh! sim, isto aumenta o nosso trabalho, mas ao mesmo tempo, conseguimos muito mais para a Ação Católica. Verdadeiramente, não podemos agradecer-Ihe suficientemente pela obra magnífica que iniciou entre nós!"

Um outro comunica-Ihe suas impressões. Edel as transmite aDublin:

"Um missionário idoso, que se ocupa dos africanos há doze anos, disse-me que somente sob ponto de vista educativo a organização da Legião: reuniões, atas, ordem, etc. era excelente, sem falar do trabalho espiritual propriamente dito. Essas palavras valiam o seu peso em ouro, visto que me objetam, de tempos em tempos, que esses detalhes excediam completamente o nível da população e que era necessário suprimi-los. O fato é que, nos Praesidia, acontece, muitas vezes, que um ou dois membros, apenas, sabem escrever e tomar notas. Mas, mesmo os mais primitivos podem ser formados, e há sempre alguns professores abnegados no grupo. O mesmo pode se dizer quanto aos jovens. Se menciono isto, é para acentuar o que dizia o missionário, e que a Sra. também apoia; vale mais esforçar-se por fazer os membros subir ao nível da Legião do que descer até eles." Adaptar, elevando, não será a forma superior da caridade? Essa intransigência é um apelo ao aperfeiçoamento e uma graça. O valor educativo da Legião consiste nisso: humaniza-se, cristianizando-se; procurando-se o Reino de Deus e sua justiça, o resto é dado por acréscimo. E esse acréscimo chama-se, segundo os indivíduos e as circunstâncias, disciplina, controle de si mesmo, senso do próximo, preocupação da ordem, respeito pela autoridade, caridade inventiva...

Edel tem profundo conhecimento de que a Legião pode trazer a essas populações primitivas uma educação humana, prática e duradoura. Sabe ver a realidade, além das aparências: percebe, intuitivamente, a veracidade do cristianismo alheio. Todos os dias tem provas de que a Legião é um instrumento de vitalidade cristã: não somente para as comunidades, mas para os próprios legionários, seus primeiros beneficiários. Como poderia a Virgem Maria deixar de cristianizar os filhos que realizam sua obra? É preciso curvar-se à «vidência: por toda a parte onde a Legião penetra verdadeiramente, sente-se que é um sopro apostólico que passa. Quando Maria está presente, levanta-se um vento de Pentecostes-Aqui ele faz nascer fortemente esse espírito de conquista, lá reacende o fogo que crepitava sob as cinzas. Por toda a parte age como um reativo nas almas adormecidas ou mercenárias.

Em 2 de dezembro de 1943, Edel faz a seguinte observação, confirmada pelo bispo do vicariato:

"É curioso constatar-se que, muitas vezes, cristãos, educados durante oito ou dez anos pelo vicariato, e, em seguida, enviados a trabalhar na missão, não conseguem fazer um mínimo a mais do que lhe foi indicado e pelo que são pagos. Geralmente, são os últimos a

197

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

ingressar nos Praesidia da missão... quando ingressam."

Apesar da impessoalidade proposital de sua correspondência, adivinha-se muitas vezes o quanto vibra em uníssono com sua família de Dublin - tanto a pequena como a grande e como é sensível à amizade!

Agradece a uma amiga as notícias que lhe enviou: "Devo uma carta a Célia Shaw; as suas, tão cheias de notícias, são sempre bem-vindas. Algumas vezes, daríamos tudo por uma noite no Regina Cæli, a fim de descansar um pouco. Aqui é impossível."

Sente-se feliz ao reconhecer uma letrinha querida: "Observo, escreve, que suas cartas pessoais, atualmente, vêm sempre datilografadas; entretanto, causa-nos prazer ver abaixo algumas linhas manuscritas".

Reações tão humanas que deixam entrever uma fonte de euforia e de intimidade, da qual fez o sacrifício. Essa Edel não se expande mais; porém, continua sempre vibrante. É preciso não esquecer isso, pois então correr-se-ia o risco de desfigurá-la.

Uma turnê de seis semana através de Tanganica termina sem incidentes. Mas, em fins de dezembro, Edel apanha um resfriado, seu pulso recomeça a descer, desta vez para não mais subir. Ela própria o confessa em carta de 29 de fevereiro de 1944 e reconhece que se descuidou um pouco de seu tratamento. "Não se inquietem com a minha recente fadiga, não foi nada de grave. Pouco antes do Natal apanhei um resfriado durante um retiro. Antes de me restabelecer, tive, de maneira inesperada, uma ou duas semanas de intensa atividade, o que não me deixou o tempo necessário para repousar após esse resfriado, e vi-me obrigada a trabalhar muito lentamente durante oito ou quinze dias. Esse repouso era necessário para renovar minha energia que nunca é demais quando se trata de me deslocar e caminhar. A atividade, dizem vocês, não é tão necessária, podendo meu papel limitar-se a fiscalizar e estimular; assim mesmo, é surpreendente o número de casos em que seria útil movimentar-me um pouco! Tomemos essa viagem a Quisumu: há no Comitium uma única pessoa que a poderia ter realizado: a presidente; ora, suas férias são limitadas, e aqui não é possível reservar somente três semanas para visitar uma Curia; as ocasiões de percorrer essas regiões são tão raras que é preciso ver os grupos para nos certificarmos de seu andamento e de sua fidelidade às regras do Manual. Comparecer a uma única reunião da Curia, principalmente se for a primeira, não adianta muito; torna-se necessário assistir à seguinte e, dadas as distâncias, o único meio prático é permanecer no local. Para chegar a Quisumu é preciso viajar cerca de vinte horas; não se cogita, pois, de idas e vindas para as visitas, até mesmo tomando-se em consideração o ponto de vista financeiro."

De qualquer maneira, Edel, desta vez, é obrigada a guardar repouso. Dirige-se, pois, a uma comunidade de Irmãs irlandesas que muito a estimam, e onde fará uma curta estada.

Infelizmente, essa trégua não lhe faz retornar as forças. De tempos em tempos perturbações surgem, que, a princípio, pareciam simples indisposições, mas que já são o prenúncio de um próximo desenlace. O que não muda é sua alegria irradiante e contagiosa,

198

ULTIMAS ETAPAS

propõe-se a ir visitar Monsenhor Shanahan, bispo missionário irlandês da Nigéria do Sul. e a facilidade com que suporta a doença. Tranquilamente, forma projetos para o futuro e Este estava aposentado, mas guardara a nostalgia da terra africana, e respondeu ao convite de Mons. Heffernan, que lhe oferecia a hospitalidade no seu vicariato, Edel estava radiante por poder encontrar esse gigante do apostolado,' quando teve conhecimento de sua morte. Seu encontro, todavia, teria lugar aqui na terra de maneira misteriosa e rica de significações, Mais do que nunca, Edel interessa-se por tudo o que diz respeito à extensão do que assinalaremos mais tarde.

reino de Deus, sobre a terra, Suas mais recentes cartas pedem ou dão detalhes sobre as possibilidades que se abrem no Congo Belga, no Sudão, na Rodésia,

Cuida também do Egito e da Palestina. "Segunda-feira, à tarde, tive uma entrevista com Mons. A. Hughes, delegado para o Egito e a Palestina, que regressava ao Cairo. Está pronto sua opinião, há certamente magníficas possibilidades, tanto no Egito como na Palestina." a dar todo o auxílio possível àqueles que quiserem trabalhar ali como Enviados; segundo Tal encontro não deixou de ter consequências; Mons, A. Hughes, nomeado internúncio apostólico no Egito, acolherá a Srta. Roberts com grande benevolência, e esta passará mais de um ano no Egito, na Palestina, na Síria e Líbano. Um Comitium, cinco

Curiae, cinquenta Praesidia irão surgir, especialmente no exército. E mais uma vez, terminada

a guerra, os civis também se apresentarão.

A propósito do Cairo, onde a Srta. Ruby Roberts foi trabalhar, Edel escreve: "Devo dizer que tive imenso prazer em escrever à Irmã Roberts, incutindo-lhe coragem. Isto sai um pouco do habitual. Por uma vez chego a sentir-me superiora nesse ponto. De ordinário, ela é excepcionalmente enérgica e boa andarilha, não se preocupando demais com o conforto, o que é essencial quando se faz trabalho legionário nas missões, pelo menos em certas regiões." Por sua vez, a Srta. Roberts relata-lhe, algumas semanas mais tarde, os comentários de Dublin a propósito do regresso de Edel da África do Sul a Nairobi.

Retrucando chistosamente a seus bons conselhos, a legionária escreve-lhe:

"Um sacerdote jovem, muito simpático, o Pe. Holland, chegou a Mariannhill vindo da Irlanda, com notícias recentes. Parece que seu telegrama os deixou confusos: "Bem chegada a Nairobi." "Sim, é milagroso, declaram, ou ela está louca, ou então é porque está melhor." Compreendo que possam julgá-la melhor, e mesmo que pensem num milagre; mas porque falarem loucura? Ponho minha mão no fogo, como você não está maluca: o seu mal é apenas uma forma aguda de energia!"

Edel pensa também na continuidade de sua obra. Parece adivinhar que a Srta. Dickson, inglesa protestante convertida ao catolicismo, será a sua substituta e terminará sua tarefa. Ela a prepara, multiplicando os conselhos, encorajando-a a empreender suas primeiras tournées.

"Fique certa", diz-lhe Edel, "que de qualquer maneira abrirá caminho nessa

199

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

parte do mundo; pode considerar-se como uma privilegiada da Virgem Maria. É a primeira legionária de um Praesidium da África Oriental a ser enviada oficialmente para a extensão. Talvez seja um presságio dos tempos vindouros.

Muitas vezes observei, especialmente por ocasião de deslocamentos realizados em condições difíceis, que Nossa Senhora assiste-nos particularmente e também recebemos graças especiais".

Edel só deseja afastar-se tanto quanto possível, logo que tiver transmitido a tocha legionária: cursores hominum lampada tradunt. Abnegação que é supremo serviço. Não será necessário despertar, ao máximo, o senso das responsabilidades e mostrar a cada um a obrigação de resolver os problemas, dispostos a corrigir os erros após um passo errado? Edel disso está convencida. Assim escreve a Dublin:

"Penso que seria útil sair um pouco de Nairobi. Quando aqui estou, os legionários nada decidem sem me consultar. Se algo acontece, em vez de recorrerem diretamente à presidente do Comitium, muitas vezes dirigem-se primeiramente a mim, embora eu me recuse a deliberar e os envie àquela autoridade. Por outro lado, a presidente do Comitium, em vez de consultar seus oficiais, vem me procurar, o que não está certo. É preciso que o faça, no que diz respeito à sua formação, à direção do Comitium, etc.; mas para os problemas dos Praesidia, não. O fato de conhecer os negócios de cada Praesidium e os legionários melhor do que ela - pois acha-se há pouco tempo no Comitium - incita-a a dirigir-se a mim, por encontrar maior facilidade; mas, atualmente, não há mais necessidade de me consultar, uma vez que está em permanente contato com os legionários". Edel reconhece, na mesma carta, que está "um pouco sobrecarregada e trabalha vagarosamente". Compreendemos o que isto quer dizer ao ler essas linhas de um

missionário: "Quando o interesse da Legião estava em jogo, ou, pelo menos, se assim o julgava, esquecia-se simplesmente de todas as coisas. Cerca de oito a dez semanas antes de seu desaparecimento, certa noite fui visitá-la. Quando cheguei, encontrei-a escrevendo uma carta à máquina. Deixei-as às 7 horas, à hora de sua ceia, para que fosse se alimentar e deitar-se. Em vez disso, continuou a escrever à máquina para acabar lá pelas 11 horas da noite".

Não nos admiramos, pois, se, nessa altura, sua correspondência traduz, ligeiramente, o cansaço que a oprime. Os seus familiares ficaram surpresos de receberem algumas cartas insuficientemente seladas ou com erros de ortografia. Sinais de cansaço: habitualmente isso não acontecia. Mas, como poderiam adivinhar que cada letra representava um esforço de energia?

escreve:

Eis agora a última etapa antes do grande repouso. Em 6 de março de 1944, Edel "Partirei, dentro de dois dias, para o vicariato de Quisumu". Essa cidade fica a dezoito horas de trem de Nairobi!

200

"Que poderia ter feito pela minha vinha além do que fiz?" pergunta o Senhor ao

ULTIMAS ETAPAS

seu povo escolhido. Edel também poderia dizer, ao entrar no Paraíso: "Quid ultra debui Humanamente, seu lugar é o leito; e ela põe-se a caminho, como se a morte fosse facere..."

uma eventualidade que não a atingisse.

Evidentemente, essa viagem é um desafio. Um missionário escreve a esse respeito: "Antes de sua partida, pareceu-me que talvez não mais voltasse e, se voltasse, não veria o Todavia, parte. Em 9 de março alcança Quisumu. S. Exa. Mons. Stam escrevera: fim do mês de agosto. Aliás, ela própria assim pensava,"

"Que Deus lhe dê a força de regressar!" Edel regressou. Ele a acolhe com alegria e ela constata, radiante, que o prelado apoia firmemente a organização legionária nos seus distritos'. Em Quisumu, Edel espera encontrar novamente a Srta. Roberts, a Enviada da Legião na África do Sul, que, com destino Egito, descerá ali por uns momentos. Que alegria encontrar fiel companheira dos maus dias de Joanesburgo e trocar ideias! A Srta. Roberts chega, mas, infelizmente, o aeródromo está interditado ao público por motivos sanitários. As duas Enviadas só se veem à distância e de longe se cumprimentam. A satisfação daquele encontro lhe é recusada; até o fim Edel conhecerá a alegria austera de se dar a Deus no silêncio e na solidão. O deserto africano é o único mosteiro que a Providência lhe concede para abrigar um amor tão grande quanto o mundo.

A Srta. Roberts também sofreu com o sacrifício, e assim se manifestou nessas linhas:

"Estou agradecida pelo privilégio de ter conhecido Edel e ter granjeado sua amizade.

Diversas vezes, tentada a desanimar, seu exemplo, sua coragem indomável, sua fé profunda estimularam-me incessantemente a recomeçar meus esforços."

Edel prossegue no seu trabalho de extensão e controle; espera terminar dentro de poucas semanas e regressar a Nairobi lá pelo dia 15 de maio. Tal é o seu plano. Mas, outro era o de Deus. A temperatura está pesada e cansativa; os nevoeiros causados pelas trombas d'água atacam duramente seus pulmões doloridos. Edel cede às circunstâncias; desta vez não poderá suprir as forças enfraquecidas; o corpo não mais obedece. Deve abandonar a luta sobre-humana. Mais morta do que viva, em 11 de abril, regressa a Nairobi,

(1) Por ocasião da morte do Mons. Stam, vigário apostólico de Quisumu, em 1949, o vicariato contará 3 Curiae e 63 Praesidia.

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

CAPÍTULO XXII JESUS VEM...

Amém! Vinde, Senhor Jesus! (Apoc, 22:20)

Quando Edel regressou ao convento das Irmãs do Precioso Sangue, em Nairobi, não pôde dissimular o estado de esgotamento total. Apenas teve forças para alcançar o leito: a morte estampava-se na sua fisionomia.

Visivelmente aproximava-se o fim.

Edel não receava a morte; somente a desejava rápida e discreta. Assim escrevera, certo dia, numa carta de pêsames a uma amiga: "Há uma coisa, Winnie, que me conforta: é que sua mãe, ao partir, teve um fim rápido. É o que desejaria para mim mesma." Em espírito de fé, todavia, acrescentava: "Em todas as coisas, Deus sabe o que faz; seja feita Sua vontade!"

sofrer

O Senhor não tardará a satisfazer pontualmente esse desejo. Não é o medo de que a faz falar dessa maneira. Edel pensa nos outros; receia tornar-se um fardo, ou amofiná-los com sua agonia. O resto não a preocupa um só minuto.

Os sentimentos de desprendimento e inteiro abandono só tendem a crescer em sua alma. Por que se inquietaria, então? A morte não é o nascimento para a vida, a aproximação do Senhor?

Um missionário de Nairobi, tendo sabido de sua volta inopinada, vai visitá-la naquela mesma tarde, e também nos dias seguintes. Anota suas impressões sucessivas. "Edel estava de cama, prostrada, sofrendo. Evidentemente, o fim é apenas uma questão de pouco tempo..."

Quatro dias mais tarde, contava gracejos com a mais contagiante alegria, mas eu não conseguia sorrir; seu estado causava-me dó. Ela esperava novo ataque dentro de algumas semanas. Levantando-se foi ao jardim respirar um pouco de ar fresco, mas caminhava muito lentamente, com a maior dificuldade. Uma semana mais tarde, onze dias após o regresso de Quisumu, parecia muito melhor e seu intenso resfriado cedeu ligeiramente. Passou diversas noites sem conseguir dormir. Isto aconteceu em 28 de abril, festa de São Luís Maria de Montfort.

Revi-a em 30 de abril e em 1º de maio. A situação era a mesma, mas confessou-me ulteriormente que sentia dores de estômago e, se continuasse, chamaria o médico. Propus- The levá-la; recusou. A razão disso, penso eu, era o receio de inquietar as encantadoras Irmãs com as quais residia. Estas, e outras pessoas, haviam mais de uma vez sugerido chamar o médico, mas a doente fazia ouvidos de mercador. Não queria, como ela mesma o dizia, "chamar a atenção". Alguns meses antes, após uma noite muito ruim na qual pensou morrer, alguém perguntou se ela chamara por socorro. 'Não', respondeu; 'por coisa alguma no mundo pensaria em incomodar quem quer que fosse?',"

desmentirá, até o limiar da morte.

JESUS VEM

Tal réplica revela-a fiel a essa abnegação constante que, ontem ainda, lhe faria passar a noite ao relento, de preferência a acordar as Religiosas de Quilema, o que ela não Demasiadamente fraca para ir à Igreja, une-se, do seu quarto, às missas que são celebradas, pois uma simples parede a separa do altar. "Considero essa proximidade uma felicidade. É belo", diz ela, "viver sob o mesmo teto que Nosso Senhor!" Desfruta também a alegria de comungar diariamente, no leito. Se, até o fim, é desprendida de si mesma,

pretende igualmente servir até o último extremo. Pacificamente, com letra normal, enviou em 4 de maio a Dublin um relatório que só chegara após sua morte.

apostólica

Ainda inteiramente entregue aos negócios, comunica o endereço da delegação no Cairo, em vista dos trabalhos de extensão que lá se realizam e termina por essas palavras: "A Srta. Dickson regressa amanhã, após ter concluído sua tarefa para a Curia de Quisumu. Vou pedir-lhe que lhe envie todos os detalhes de sua viagem, assim como os formulários de filiação. Isto a iniciará. As primeiras semanas em Quisumu foram demasiadamente pesadas para mim. O ar estava quente e úmido, e foi preciso reduzir uma boa parte de atividade durante os dez dias que precederam a formação da Curia de Rangala. Voltei, pois, a Nairobi. Aqui estou em repouso absoluto e o prolongarei, se assim Deus o quiser, durante algumas semanas. Depois disso, retomarei a correspondência; será toda a minha ocupação. Nesse momento, faço um pouco cada dia..."

Em 9 de maio, ainda uma carta ao Sr. Duff;

"Sim, não sou precisamente um 'peso morto' pelo momento! Um desses dias tirei a fotografia conveniente que me solicita.

Ainda não paguei minha viagem a Quisumu, foi demais para mim. É o único local que reservei para visitar após o vicariato de Quilimanjaro, a fim de completar a fundação dos Praesidia lá iniciados em 1937. Mas desde o retorno, estou em completo descanso em Nairobi; não me movimento, passo quase todo o tempo no leito ou então no caramanchão do jardim." Como não se iludir com esse tom que apresenta seu esgotamento como um fato cotidiano, passageiro, banal?

Em 8 de maio, um missionário, vindo visitá-la, acha-a mais abatida; mas, como sempre, sorridente e alegre. Sua amabilidade sutil, sua doçura, revelam ainda o contraste entre a alma viva e o corpo em ruína. Impossível qualquer dúvida: os males de estômago de que fala são desfalecimentos do coração que anunciam o fim. Todos os dias sua amiga, a Srta. Gannon, a dedicada presidente da Curia, vem saber suas notícias e acomodá-la para a noite. Missionários e legionários revezam-se à sua cabeceira.

Em 10 de maio, após o almoço, ela tem uma crise terrível que atribuí novamente ao estômago. Parece mais magra, mais fraca; sua tez torna-se ictérica, seus olhos estão ligeiramente injetados. Porém, a crise passa, e a doente volta a ser o que era, graciosa,

202

203

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

alegre, expansiva. Uma após outra, as crises repetem-se nesse dia; o sorriso, apenas velado alguns momentos no mais forte dos espasmos, reaparece logo, tranquilizador e enganador. Edel pede desculpas pelo transtorno que ocasiona. Seu coração continua a bater com rapidez, mas o dia de apreensões termina, como os outros, sem o desfecho fatal.

Em 11 de maio, nenhuma alteração: a mesma sucessão de crises e recaídas, invariavelmente dominadas pelo sorriso. Nos intervalos, assim que melhora, inclina-se para os visitantes e lhes fala da Legião e do futuro religioso da África. A morte pode roçá-la com suas asas, Edel não se perturba. Não confiara sua alma, uma vez por todas, à Santíssima Virgem? Não lhe dissera mil e mil vezes: "rogai por nós, agora, e na hora de nossa morte?" No momento em que o "agora" e o "naquela hora", coincidem, não compete a Maria responder ao apelo e envolvê-la com seu carinho maternal?

plenitude:

Edel escreveu, um dia, essas linhas, que se lhe aplicam atualmente em toda

"A respeito de Maria, ter a atitude de uma filha para com sua mãe.

Ter confiança que ela fará o que for melhor.

Dizer-lhe apenas suas necessidades e intenções, deixar-lhe o resto.

Quando Maria exprime suas súplicas ao Senhor, ela diz somente 'Jesus'; os detalhes são inúteis.

Inclinar-se para ela, em todas as circunstâncias, para que nos ensine a amar Jesus, a servir o Pai, a adotar o comportamento de uma criança.

Confiança total."

Na sexta-feira, 12 de maio, Edel passa a manhã sem incidentes. Sua agenda traz ainda, nessa data, escritas com mão firme, indicações de assuntos a tratar. Pensa ainda partir no dia seguinte a fim de passar algumas semanas de repouso no convento das Irmãs irlandesas; os preparativos da viagem estão terminados. Se ela julgasse que a morte estava tão perto, jamais teria agido dessa maneira. Passa a tarde a descansar numa cadeira de balanço, no jardim.

Lá pelas quatro horas, Madre Arsênia, a Superiora, traz-lhe um novo peignoir, que ela experimenta com prazer, agradecendo alegremente. Pouco depois, o Pe. Butler vem vê-la; deixa-a pouco antes das seis. Parece-lhe que não mudou muito desde a semana precedente.

The.

Após sua partida, o boy traz refrescos. "Está delicioso", diz-lhe Edel, agradecendo-

As 6h15, chega a Srta. Gannon.

Dera apenas alguns passos quando ouve uma espécie grito prolongado como um gemido, e observa, espantada, que Edel não a cumprimenta com seu sorriso alegre e habitual.

Aproxima-se: Edel, caída na cadeira, parecia adormecida, às voltas com um pesadelo.

Inclinando-se, a Srta. Gannon fala-lhe docemente: nenhuma resposta.

Tenta, então, levantá-la: nenhuma reação.

JESUS VEM

Uma das mãos de Edel está crispada sobre o coração, a outra, pendente, inerte. Na impossibilidade de ajudá-la, a Srta. Gannon chama por socorro. Madre Arsênia acode; um pano frio é colocado sobre o coração de Edel e, em vão, tentam fazê-la engolir algumas gotas de álcool. Já os pés e as mãos estão gelados, mas os antebraços permanecem quentes. Aplicam-lhe botijas d'água quente.

A Srta. Gannon sai de carro à procura do padre e do médico.

Após alguns momentos, Edel desperta; segura fortemente as mãos de Madre Arsênia e repete, muitas vezes, com voz dolente:

"Madre, Madre, o que está me acontecendo? Madre, estou muito doente."

"Oh! sim, minha filha, é verdade."

"O que me aconteceu? Jesus vem..." murmura Edel.

"Ainda me reconhece?", pergunta a Superiora.

"Ma... Ma... Madre", faz Edel com esforço. O olhar volta-se para as velas que acendem. Sorri. O sacerdote acaba de chegar. Impossível transportar a moribunda: resolve administrar-lhe a extrema-unção ali mesmo naquele caramanchão do jardim, onde a agonia a surpreende. Inicia as orações e as santas unções. Edel continua semiconsciente e com os olhos, o desenrolar dos ritos sagrados. Ouve invocar em seu auxílio o

acompanha,

Virgens...

poder da Santíssima Trindade, a doce intercessão da Virgem gloriosa, de São José, dos

Anjos, dos Arcanjos, dos Patriarcas, dos Profetas, dos Apóstolos, dos Mártires, dos

Confessores, das Antegozo da comunhão dos santos e do paraíso que se entreabre... Como uma mãe, a Igreja inclina-se sobre ela, purificando, para a grande passagem, seus olhos, suas mãos, seus pés, seu pobre corpo consumido antes da idade por um intenso amor! Momentos de calma para a alma e para o corpo.

De repente, recomeça a crise.

Com precauções infinitas, levam Edel para o quarto e colocam-na no leito: aí permanece imóvel, largada sobre os travesseiros.

O sacerdote, adivinhando o que seu gesto significaria para a moribunda, aproxima de sua cabeceira a estátua legionária de Maria, Medianeira de todas as graças.

Momento angustiante, supremo encontro aqui na terra entre a Rainha da Legião e aquela que tão nobremente a serviu! Em alguns instantes, esses braços de mãe vão se abrir para o amplexo feliz, os raios de graças que jorram daquelas mãos vão inundá-la da luz vinda da Face de Deus...

Oferecem-lhe o crucifixo.

Edel nasceu na festa da Exaltação da Santa Cruz; sua existência fora uma longa comunhão com o Crucificado, para terminar o que faltava ainda à sua Paixão redentora. Essa cruz foi a sua vida, a sua alegria, a sua esperança. Diversas vezes beija o crucifixo, e murmura com voz quase imperceptível: "Jesus".

204

205

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Vira ainda a cabeça, ligeiramente, e aperta a mão da Superiora que está a seu lado. A respiração torna-se cada vez mais ofegante. Uma última vez, inclina o rosto e repete como num sopro: "Jesus! Jesus!"

Foi seu supremo adeus à terra: o Mestre ouviu o apelo, acolhe-a, recebe-a. Enquanto Edel expirava, um pequeno grupo recita à sua cabeceira as orações dos agonizantes:

"Proficiscene, anima christiana, de hoc mundo, in nomine Patris..."

"Deixa este mundo, alma cristã, em nome do Pai todo-poderoso que te criou. Em nome de Jesus, o Filho de Deus vivo, que morreu por ti!

Em nome do Espírito Santo, que enche tua alma.

Em nome também da gloriosa e santa Virgem Maria, Mãe de Deus..."

Na imobilidade da morte, Edel recebe esses adeuses da Igreja como um penhor de repouso e de beatitude. Na capela, todas as velas estão acesas diante da estátua da Virgem Maria.

Após as orações pronunciadas pelo Pe. Byrne, que lhe administrara a extrema-unção auxiliado pelo Pe. Fullen e o Pe. Maher, seu confessor, a Madre Arsênia, a Irmã Servita e a Srta. Gannon procederam à toaleta fúnebre. Por uma delicada atenção, as Irmãs vestem Edel, para o seu derradeiro sono, com o hábito branco das Religiosas do Precioso Sangue. Após a morte, seu sonho e vocação religiosa realiza-se, então, simbolicamente. Como se o Mestre demonstrasse que assim ouvira seu secreto desejo, reservando-lhe a coroa. Esse hábito evoca também o Precioso Sangue tantas vezes adorado na missa e que foi o culto e o alimento de sua vida.

Seus traços agora não mais estão tensos e irradiam uma doce claridade: "A expressão de sua fisionomia, escreve uma testemunha, era celestial. Veio-me o pensamento de que esse aspecto sereno, parecendo vir de outro mundo, era um reflexo da visão beatífica."

Flores e rosas brancas são espalhadas em profusão sobre o seu leito. Revelam, à sua maneira, que a morte é um mistério de luz e alegria. "Intra in gaudium Domini; entra na

alegria de Deus, na Alegria que é Deus", diz a Igreja aos filhos que morrem entre seus braços.

Pétalas de rosas, em homenagem àquela que seguiu o exemplo dos Apóstolos e tornou-se mártir de seu zelo ardente.

Juncada de flores brancas, símbolo da pureza, em homenagem àquela que guardou para Deus somente a candura virginal de um único amor.

Perto desse leito, não é a morte que triunfa, mas a Vida. Findou-se uma longa peregrinação: Edel desfrutou, finalmente, do repouso de Deus. Caminhou para Ele através de extensões imensas; caiu, esgotada, longe da família, em terra estrangeira. A própria Providência não permitiu que ela fosse morrer com suas compatriotas, as Irmãs irlandesas, as quais pretendia reunir-se no dia seguinte. Desprendida de tudo, morre como vivera, na simplicidade e no total abandono.

206

JESUS VEM

Aqueles que se ajoelham para orar naquela câmara mortuária só podem murmurar a única prece que convém a essa vida: o Magnificat.

No mesmo dia, às 20h, o corpo de Edel é depositado no caixão e levado processionalmente para a Igreja de Santo Austin. Ali aguardará os funerais marcados para suprema que estende ao além esta adoração do Mestre que foi o alento de sua alma. o domingo seguinte: último e prolongado encontro de Edel e o Deus da Eucaristia, vigília No domingo, 14 de maio, às 16h, teve lugar a encomendação do corpo. S. Exa. Mons. Heffernan conduz o féretro, acompanhado de mais de vinte sacerdotes e uma multidão considerável em que se reúnem todas as classes sociais. O cortejo toma foros de uma apoteose: jamais se viram, em Nairobi, funerais mais emocionantes.

cerimônia.

O céu está pesado, a chuva ameaçadora; não cairá, porém, antes do término da Os legionários reivindicaram a honra de levar nos ombros os restos mortais de Edel, até o cemitério.

Durante o trajeto, a multidão piedosa recita o rosário. Uma última vez Edel faz subir para a sua Rainha esses "Ave" que ela tanto amou e fez amar aqui na terra. excepcional, Edel será sepultada: este lugar de honra convinha à mensageira da Virgem Maria.

O cortejo para no pequeno cemitério reservado aos missionários. Aí, por privilégio Seu túmulo foi cavado justamente ao lado de outro, ainda recente: o de Mons. Shanahan, o inesquecível missionário da Nigéria do Sul. O encontro, que o Senhor não permitiu aqui na terra, entre esses dois heróis do apostolado missionário, realizou-se no mistério da morte. A mesma terra cobre esses pioneiros do Cristo em terras africanas. Edel Quinn, Mons. Shanahan: duas glórias da mesma pátria irlandesa, duas dedicações fiéis até a morte à extensão do Reino de Deus. Edel, a frágil jovem que sacrifica a Deus sua saúde e sua vida, e o bispo fundador de cristandades, sobre o solo amado da África: comunhão do apostolado sacerdotal e do apostolado leigo unidos pela mesma causa.

Lentamente o corpo de Edel desaparece na terra aberta, enquanto a última bênção da Igreja desce sobre ela. "Que, pela misericórdia de Deus, descanse em. paz."

Tudo parecia acabado; mas eis que os legionários, esses filhos adotivos de Edel, para os quais morreu após lhes ter dado seu coração e seus sofrimentos, reservam-lhe uma última homenagem de despedida.

Primeiramente em inglês, em seguida em quisuaíli, preces elevam-se ao Céu, que certamente fizeram estremecer de alegria aquela que acaba de partir. Vencendo o silêncio erguem-se fortes, ritmadas, com um acento triunfal: "Quem é esta que avança como a aurora, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, terrível como um exército em ordem de batalha?" É a antifona da Catena, a grande oração legionária. A esse apelo, a multidão responde pelo Magnificat, que ressoa como um canto de vitória:

207

208

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

"Minha alma glorifica ao Senhor e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador... E eis que, de hoje em diante, todas as nações me chamarão bem-aventurada. Exaltou os humildes... e encheu de bens os famintos."

Esse cântico de Nossa Senhora está impregnado de um sentido novo, de uma emoção que envolve todos os corações.

Edel está morta, longe de seu país e dos seus, a fim de que na terra da África seus filhos espirituais possam, por sua vez, realizar a profecia da Virgem! Fez presente, à sua Rainha, de gerações novas que cantarão as suas glórias.

Edel morreu, desconhecida do mundo que, naquele ano de 1944, tremia de medo diante das grandes potências essas mesmas potências que a derrota vai submergir. Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles. A promessa aos humildes realizar-se-á para Edel: seu nome só tende a se engrandecer no reconhecimento dos homens...

da África.

Esse Magnificat, salmodiado sobre seu túmulo, é o adeus mariano de seus filhos

Quando termina, ergue-se uma voz, invocando por sua vez os padroeiros da Legião, a começar por São Miguel Arcanjo. A multidão responde. Em seguida, de repente, todas as vozes se harmonizam numa última prece que cai sobre o féretro, como um orvalho do céu sobre uma terra recém-removida.

Oração que Edel teve sobre os lábios mil e mil vezes. Oração que lhe dava a força de caminhar até o fim do mundo. Oração que é um apelo ao heroísmo, e que sua vida realizou com magnificência:

"Concedei-nos, Senhor,

a nós que militamos sob o estandarte da Virgem, aquela plenitude de fé em Vós

e de confiança em Maria que nos assegurem a conquista do mundo. Dai-nos uma fé viva, animada pela caridade,

que nos leve a praticar as nossas ações

unicamente por amor de Vós,

a ver-Vos e a servir-Vos sempre no nosso próximo;

uma fé firme e inabalável como a rocha,

que nos conserve calmos e resolutos

no meio das cruzes, trabalhos e decepções da vida; unia fé corajosa, que nos anime

a empreender e prosseguir, sem hesitação,

grandes coisas por Deus e pela salvação das almas; uma fé que seja a coluna de Fogo da

nossa Legião, que nos guie avante, unidos,

para acender em todos a chama do Amor Divino, alumiar os que estão nas trevas e

sombras da morte,

inflamar os

tíbios, restituir a vida

aos mortos no pecado,
e nos

s dirija os passos no caminho da paz, de forma que, terminada a batalha da vida, a nossa Legião possa reunir-se, sem uma só perda, no Reino do Vosso Amor e glórial Amém!"

A vida de Edel está toda contida nessas palavras.

RMS VEM

No dia seguinte, uma comovente cerimônia de réquiem, celebrada em presença de Monsenhor Heffernan, pelo Pe.Finnigan, reuniu uma multidão considerável de sacerdotes e de fiéis vindos de toda a parte, para prestar a Edel uma última homenagem de gratidão. Nos outros vicariatos da África, e até na Ilha Maurício, solenidades fúnebres foram igualmente realizadas, congregando bispos, missionários, legionários, numa mesma oração para o repouso de sua alma.

Sua lembrança não se apagou.

A África indígena conserva piedosamente sua memória. "Muito tempo ainda, depois que todos nós tivermos desaparecido", declarava um missionário de Nairobi a um confrade, "o nome de Edel Quinn será pronunciado com veneração na terra africana". Como todas as almas simples, os africanos têm intuições profundas. Eles, que sentiam um perigo escondido, muito antes que o branco dele tivesse conhecimento, Compreenderam-na desde o primeiro encontro e lhe deram o seu coração. Edel, a sorridente, perceberam, melhor do que os europeus, o heroísmo da mensageira de Nossa Senhora.

legendária.

a infatigável Enviada, tornou-se, para aqueles que amou tão maternalmente, uma figura Enquanto Nairobi está de luto, Dublin tem conhecimento, com uma surpresa infinitamente dolorosa, do falecimento de Edel; pois nem esta nem ninguém na África havia avisado as autoridades do declínio crescente de seu estado de saúde.

Uma das suas cartas, datada de 26 de abril, acabara de chegar. Terminava pelas seguintes palavras: "Minha viagem a Quisumu esgotou-me; atualmente, estou de repouso". Ao lê-las, o Sr. Duff, o destinatário do bilhete, teve um choque: "Se Edel confessa que está esgotada, que não pode mais prosseguir, disse ele, é porque vai morrer". Nessa confissão de fadiga, percebeu claramente que sua tarefa estava, finda, que o eterno repouso não tardaria.

Perturbado, relê a carta. Não tardará em receber um cabograma que vem confirmar, infelizmente, os seus receios! Por intermédio da Srta. Dickson, o Comitium de Nairobi anunciava-lhe o falecimento de Edel. Antes de divulgar a notícia, um dever impunha-se: dirige-se imediatamente a Monkstown Road, para prevenir a família. Assim que transpõe o limiar da porta, a Sra. Quinn, avistando-o do andar superior, dá um grito de angústia e prorrompe em lágrimas. Nenhuma palavra fora pronunciada: a mãe de Edel

209

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

adivinhara imediatamente a significat̃a daquela visita inesperada. Para ela, para todos os seus, era chegada a hora do sacrifício total: a aceitãa corajosa da vontade de Deus encerra o fiat pronunciado, oito anos antes, por ocasĩa da partida para a grande aventura. Esse fiat ̃a repetido hoje por entre lagrimas, mas ña ̃a retratado.

Naquelas horas angustiosas, um telegrama chega trazendo a toda a fam̃lia legioñria um grande consolo. A Santa S̃a, tendo sabido do falecimento de Edel Quinn e receando que Dublin ña tivesse sido avisada (era maio de 1944) devido ̃a guerra, teve a delicada lembrança de transmitir a not̃cia. Em nome de Sua Santidade, o Papa Pio XII, o Cardeal-Secret̃rio de Estado telegrafia ao ñcio de Dublin: "Favor informar Presidente

Legião de Maria santa morte da Enviada, Nairobi 12 maio. O Pe. Mac Carthy elogia grandemente trabalhos missionários da falecida na África, desde 1936". Assinado: Cardeal Maglione.

Esse telegrama do Vaticano exprimia a gratidão da Santa Sé, através o relatório do delegado apostólico f. f., o Pe. Mac Carthy, atual bispo de Zanzibar. Por esse gesto, Roma ratificava e sancionava uma vida que, doravante, ficaria assinalada na história contemporânea da Igreja Missionária.

- em

Por sua vez, os bispos, os diretores espirituais e os legionários de Quênia, Tanganica e Uganda uniram-se para lhe prestar uma última homenagem e perpetuar sua lembrança. Fizeram erigir no túmulo de Edel uma cruz cônica magnífica recordatória da Irlanda - em memória do Quênia, sua pátria adotiva. Na base do monumento, o vexillum legionário relembra o ideal que animou essa vida. Abaixo, uma inscrição, em inglês, resume, para as gerações futuras, a história de um apostolado heroico:

EDEL QUINN

ENVIADA PELA LEGIÃO DE MARIA À ÁFRICA ORIENTAL, DE 30 DE OUTUBRO DE 1936 A 12 DE MAIO DE 1944, DIA DE SEU FALECIMENTO EM NAIROBI. REALIZOU ESSA MISSÃO COM TANTA DEDICAÇÃO E CORAGEM QUE O PENSAMENTO FAZ VIBRAR O CORAÇÃO. A LEGIÃO DE MARIA E A ÁFRICA DEVEM-LHE UMA GRATIDÃO ETERNA. O PRÉDIO SANTO PADRE RENDEU HOMENAGEM AOS GRANDES SERVIÇOS QUE ELA PRESTOU À IGREJA. QUE SUA BONDADE LHE DE UMA GENEROSA RECORDAÇÃO EM SUAS ORAÇÕES.

R.I.P.

Zanzibar.

210

Essa epopeia devia sua origem ao apelo de Mons. Heffernan, vigário apostólico de Ele também telegrafara, logo através a notícia do falecimento. Testemunha da primeira e última hora, exprimia

JESUS VEM

a aos chefes da Legião sua gratidão e admiração pela heroica Enviada. Com o recuo dos tempos, seus sentimentos aumentaram e se avivaram. O que representou, segundo a expressão do Sr. Duff, o papel de "fons et origo", nessa vida gloriosa, houve por bem nos confiar, em conversas íntimas em Kimmage Manor, as impressões que "Através um ano de trabalho da Srta. Quinn", dizia ele, "a atmosfera de minha

conservava de Edel Quinn:

diocese transformou-se. Silenciosamente, ela trouxe um germe de vida. A Legião vinha, exaltando ou de nervosismo. Não discutia, mas conseguia vencer todas as resistências. Suas em boa hora, vivificar tudo o que já existia. Edel nunca demonstrava o menor vestígio de

frases favoritas eram:

"Fundemos a Legião, o resto virá. depois. Nossa Senhora indicará. o que ela deseja. problemas."

"Deixemos a Virgem Maria realizar sua obra." "A Legião trará. solução a vossos Dizia isso, simplesmente, com uma fé admirável. Acreditava que a Santíssima todos os filhos sem distinção alguma.

Virgem que vem para proteger, para ajudar por toda a parte e sempre, para acolher Edel identificava-se com Maria e com a Legião.

Jamais pregava, mas todos sentiam que ela vivia na presen^{ça} de Deus. No meio das dificuldades, dizia simplesmente: "Por que n^{ão} nos confiar ^{em} Virgem Maria?" N^{ão} se impunha jamais.

As Religiosas estavam bastante impressionadas pelo seu exemplo e muitos sacerdotes exclamaram: "A presen^{ça} da Srta. Quinn na miss^{ão} ^{foi} uma gra^{ça} para n^{ós}". Essa renova^{ção} de vitalidade cat^{ólica} era sens^{ível} nos legion^{ários}, lentamente transformados. Sacerdotes, por sua vez, embora sem o perceber, sentiam tamb^{ém} a metamorfose espiritual. Poder-se-ia quase tocar com o dedo a gra^{ça} que passava. Ela era a mensageira da A^{ção}

Cat^{ólica} em toda asua pureza.

reunir.

No ponto de vista apost^{ólico}, transformou alguns colaboradores africanos. Conseguiu agrupar pessoas que nem eu, como bispo, nem meus mission^{ários} conseguir^{íamos} N^{ão} o dava maior import^{ância} ^{às} quest^{ões} raciais ou de categoria social. Pela sua palestra deduzia-se facilmente como era intensa sua vida de uni^{ão} com Deus.

Chegou em Zanzibar num momento capital. Materialmente, muitos neg^{ócios} j^á estavam regularizados; era preciso, por^{ém}, anim^á-los de um sopro espiritual.

Sua vinda ao meu vicariato foi um favor direto e especial de Deus. A m^{ão} de Deus era vis^{ível} em todas as suas a^{ções}. Desconhecia as l^{ínguas} ind^{ígenas}, mas isto n^{ão} entravava sua a^{ção}. Sempre desprendida,

211

212

UMA HERO^{ína} DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

sabia dirigir com maestria uma reuni^{ão}; nada a impressionava nem a tolhia. Em rela^{ção} ao quartel-general, como assim o denominava, era a pr^{ópria} docilidade.

Gostava de estar em constante uni^{ão} de alma e de diretrizes com seus superiores.

Comportava-se como um disc^{ípulo} para com seus mestres. Fazia tudo sem constrangimento, com alegria natural e um irresist^{ível} humor. Era, naturalmente, sobrenatural".

N^{ão} cremos que essas palavras autorizadas necessitem de coment^{ários}. ^{Em} medida em que Mons. Heffernan evocava essas recorda^{ções} e multiplicava os exemplos que as ilustravam, v^{imos}, resumidamente, o que foi essa exist^{ência}, recordando-nos daquelas palavras de Lavedan: "H^á almas de l^írios e de ouro que, pensando em Seu Filho - assim como acrescenta uma estrela no firmamento - Deus faz surgir entre os homens para lhes provar sua exist^{ência}"

CAP^{ÍTULO} XXIII

O SEGREDO DE UMA IRRADIA^{ção}・グ

O SEGREDO DE UMA IRRADIA^{ção}・グ

"^É bom conservar escondido o segredo do Rei, mas h^á honra em descobrir e publicar as obras de Deus" (TOBIAS, XII).

A atividade mission^{ária} de Edel acha-se, doravante, inscrita nos Anais da f^é.

Profunda impress^{ão} causou a todos esse milagre de uma vontade dominando um corpo evanescente. E adivinhavam tamb^{ém}, sob a a^{ção} exterior, uma profunda uni^{ão} com Deus. Jamais falava espontaneamente de si mesma, nem de sua vida espiritual, nem da espiritualidade te^{órica} em geral. Guardava unicamente para Deus o segredo do Rei, a

exemplo do Cristo, que n̄Jo descobriu aos homens a felicidade da vis̄Jo beatifica que o animava; de Maria, que n̄Jo deixava perceber o ardor de sua cont̄nua adorāJo; de Jos̄, que jamais traiu aquele t̄xtase interior que foi para ele uma pr̄-beatitude e de tantos santos dos quais Deus recebeu e guarda com um cuidado ciumento, a confid̄ncia t̄cnica. A miss̄Jo de Edel n̄Jo t̄ mostrar aos homens os caminhos interiores e experimentais da grāa. O fogo interior n̄Jo repercute. Sua irradiāJo t̄ a do sutil perfume que embalsama a atmosfera.

Um sacerdote de Nairobi escreve a seu respeito, em 4 de maio de 1945: "Intrigava-me particularmente n̄Jo poder ver manifestāJo direta do entusiasmo que a exaltava. Jamais, nem pelas suas palavras, nem pelos seus gestos, deixava entrever algo sobre sua vida interior. Santa Teresinha, a quem tanto se assemelhava, agia de forma diferente. Edel era sempre perfeitamente natural e igualmente sobrenatural. Sua humildade impressionava tanto quanto a sua coragem. Mons. Leen disse que a observara atentamente, como todos, penso eu. O bem que ela espalhava provinha em grande parte de sua irradiāJo pessoal. Exercia inflūncia unicamente pela sua presen̄a. Creio que ela espargia um pouco do celestial perfume da Virgem Maria".

E acrescentava que jamais conseguira convencer Edel a escrever, por sua vez, "A Hist̄ria de uma Alma".

Quanto a isso, responde o correspondente de Dublin: "t̄ interessante saber que V. S. insistiu para que Edel escrevesse sua autobiografia. Sem d̄vida alguma, esse documento teria sido de incomensur̄vel valor; mas n̄Jo posso conceber, que assim o fizesse. Era vis̄vel a sua avers̄Jo em escrever para o p̄blico. Solicitava-nos, habitualmente guardar segredo das coisas mais simples, sem que pud̄ssemos compreender o motivo dessas restrīes. Portanto, jamais consentiria em fazer uma autobiografia. Evidentemente, o mundo ficar̄ prejudicado.

Mais adiante, V. S. afirma que ela n̄Jo dava jamais a menor manifestāJo sobre

213

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

sua vida interior, o que vem corroborar perfeitamente com o que eu dizia acima. Parece-me que lhe poderiam ser aplicadas essas palavras da Sagrada Escritura: "Toda a beleza da Filha do Rei acha-se no interior!"

Acrescentemos que, embora Edel não expandisse seus sentimentos, era-nos possível percebê-los. Porém, se não satisfazia curiosidades indiscretas, deixava entrever, contudo, o elo essencial que vivifica a ação pela oração, demonstrando-nos que ação nada vale sem a graça e que, para alcançar os homens, o caminho mais reto e seguro é o da união com Deus. Com todas as fibras de seu ser, Edel deu-se à glória de Deus. Através das mais movimentadas viagens, conserva no fundo da alma uma nostalgia de silêncio e de contemplação da qual apenas supomos a intensidade. A doença impediu-lhe de se tornar Clarissa, mas não fez desaparecer com isso a aspiração a uma doação total.

"Procurar viver ao máximo", escreve, "meu compromisso de Enviada e de pretoriana. Deixar o mais aos outros."

Sua primeira vocação contemplativa harmoniza-se admiravelmente com sua grande vocação missionária.

Até certo ponto sua vida de plena atividade exterior foi uma longa solidão. Longe dos seus, no meio de estrangeiros, dos quais não compreendia a língua, sem possibilidade de

verdadeira expansão, Edel vivia, durante o correr do dia, de sua comunhão matinal e de sua união com Deus. Caminhou desprendida de tudo, nômade, hesitante sobre o dia de amanhã, mas repleta dessa glória de Deus que a ilumina e que ela pretende estender e manifestar lá fora.

Vive também, com rara intensidade, a união com Maria. Desde muito, consagrara-se à Virgem segundo o espírito de S. Luís Maria de Montfort. E por esse exemplo, pautou sua vida, não com uma simples promessa, mas com um voto sagrado a Nossa Senhora. Como o filho se deixa levar pela mãe, vive e respira por ela, Edel abandonava-se à Santíssima Virgem, de olhos fechados e para sempre.

"Renunciemos a nossos proveitos humanos", escreve, "para adotar o ponto de vista de Maria, a fim de nos deixar conduzir em todas as coisas pelo seu Espírito. Procuremos seguir sua maneira de agir, seus pensamentos. Não deixemos que nossas inclinações naturais nos dominem".

A santa de sua predileção, Santa Teresinha de Lisieux, pede "que lhe ensine seu filial amor pela Virgem Maria".

Edel relia continuamente o "Segredo de Maria", de S. Luís Maria de Montfort, haurido como numa fonte sempre reanimadora e abundante.

Com que alegria observava o mesmo espírito nas páginas severas do Manual; era como se a fonte tivesse se transformado em rio e arrastasse, irresistivelmente, as almas para o mar. Pois o Manual era, antes de tudo, a seus olhos, a Mediação de Maria posta em obra, em dinamismo, em instrumento de conquista. Disseram que Edel era a encarnação do

214

O SEGREDO DE UMA IRRADIAÇÃO

Manual. Exato! Esse livro era a expressão total de sua adesão a Maria e à sua Maternidade espiritual. Quem quisesse penetrar o segredo de sua vida interior bastará ler essas páginas tão densas, que foram a revelação de sua alma, antes de se tomarem o segredo de seus sucessos apostólicos. "Para Edel, dizia-nos um missionário de Nairobi, a Legião era sua vida, porque Maria era sua vida: ambas formavam um todo". A mesma testemunha conservou de Edel algumas folhas destacadas, espécie de exame de consciência, escritas no encerramento de um retiro. As frases, às vezes, parecem inacabadas; a literatura não representa ali o fator principal. Tais como estão, todavia, permitem uma penetração mais profunda. "A sua voz o traiu, diziam a São Pedro; você também estava com aquele Homem!" Essas rápidas notas, lançadas sobre o papel, sem eira nem beira, traduzem seu diálogo com Deus. Aquele que as revela escreve estas linhas que são a melhor das introduções:

"As notas em anexo lançam um pouco de luz sobre a vida interior de Edel, embora de maneira vaga e tênue. Não as considero suficientes para nos fazer compreender a estrutura de sua alma, nem a importância e a força de certas ideias, em relação às outras. Mas, posso enganar-me. Sua vida interior permanece misteriosa, velada para si e para os demais. Seu interior era um jardim fechado, uma poderosa fonte de vida, selada a si mesma e aos outros. Alguns princípios influíam fortemente na sua vida, mas aquilo lhe parecia tão natural, que jamais teria pensado em mencioná-los... Daria Edel a impressão de viver num estado contínuo de oração?

Não, eu não sentia em sua presença esse aroma, se assim posso me exprimir! Ela não parecia sair da afeição religiosa para entrar na conversação. Mas senti vivamente, e muitas vezes, que estava envolta por uma muralha protetora de graça. Havia algo de muito robusto ao seu espírito; os atos de virtude-e, por isto, entendo os atos auxiliados pela graça, os sobrenaturais-lhe tornavam-se uma segunda natureza, tanto os exercia naturalmente, sem

esforço deliberado. Instintivamente fazia o que devia ser feito, sob o ponto de vista sobrenatural. Instintivamente parece-me a palavra adequada; creio que um poderoso instinto divino influía grandemente na sua vida. Esse espírito a conduzia, guiava-a; ela o seguia, embora se sentisse incapaz de dar unia explicação teológica.

Por esse "instinto divino" compreendo, evidentemente, a ação do Espírito Santo em sua alma, ao Qual ela correspondia com fidelidade e generosidade sem limites.

Jamais permitiu ao "eu" servir de obstáculo. Para Edel, "querer era agir" ou "tomar uma resolução" equivalia a executá-la. Nada de recuos nem de luta com as flutuações da natureza; não havia necessidade de longos raciocínios para elevar sua vontade ao diapasão da ação, para enfrentar o sofrimento. Graças à sua habitual generosidade, percebia logo o que era preciso fazer, e executava imediatamente, resolutamente. Por consequência, essa ação do Espírito Santo tornou-se muito poderosa; sob sua influência via claramente seu dever. Com uma tranquila segurança, cumpria-o. Daí uma grande paz, uma irradiação da alma. A luz e a força dessa ação do Espírito Santo davam-lhe amplos recursos para a sua

215

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

direção pessoal. Ela não teria podido sem dúvida, como um moralista, discutir o "pró" e o "contra" de seu comportamento, nem estabelecer a influência de diversos princípios.

Em Edel, o natural e o sobrenatural estavam tão bem fundidos que cooperavam numa completa harmonia. Parecia ter um controle perfeito de suas emoções. Quem a conhecia, embora pouco, não poderia duvidar de que todos os seus atos não fossem inspirados pelos mais nobres e mais puros motivos.

Recordo-me ter-lhe indagado em determinadas circunstâncias qual o seu móvel de ação: fi-lo porque não sabia que houvesse um motivo sobrenatural. Sua resposta foi: "A Santíssima Virgem, evidentemente!" Pronunciou essas palavras imediatamente, com tom firme que significava: "Admira que me pergunte uma coisa tão natural!"

Ninguém ousou criticá-la e a explicação me parece bem simples. Seu contato era sempre o contato amigo da Legião e sua conduta era prudente e impecável."

Essa carta deixa-nos entrever o clima espiritual de Edel; realça as notas das quais damos algumas passagens, agrupando-as segundo os assuntos.

"Viver no Cristo, pelo Espírito e por Maria".

"No Cristo", e conduzidos pelo seu Espírito, podemos oferecer, por Maria, ao Pai Eterno, os méritos infinitos de seu Filho para reparar nossos pecados e os do mundo, para dar graças e glória a Deus. Experimentemos realizá-lo.

Ele nos une à sua Vida, e assim, da mesma forma que tomou a si nossos pecados, faz-nos "participantes" de suas virtudes. Nele possuímos tudo! Que força isto nos dá para obter graças para as almas e para nós mesmos! Não podíamos desejar mais.

Imploremos a graça de viver realizando nossa vida no Cristo, por Maria adorando a Trindade. Se, nesse ponto, nossa fé fosse mais forte, não a esqueceríamos por muito tempo, não nos deixaríamos absorver pelos acontecimentos de cada dia.

Tudo podemos pelo Cristo Jesus. Realizar isto. Oferecê-lo frequentemente à Trindade presente na alma, prestando-lhe toda honra, reparação e glória no decorrer do dia. "Nossos pensamentos e desejos de santidade, nossa sede de amor de Deus não vem de nós, mas do Espírito Santo.

Logo, se Ele nos inspira, é porque tenciona ensinar-nos a cumpri-los.

Nossas más inclinações, nossas fraquezas, só fazem glorificar sua graça no que Ele realiza em nós.

Para nos "diminuir", como João Batista, deixemo-lo operar em nós.

Parece que Deus nos pede uma vida mais completamente unida à divindade. Mais energia. Permanecer mais tempo em sua companhia no Santíssimo Sacramento." "Unir-se ao Cristo presente no Santíssimo Sacramento adorando seu pai, pedir a Nossa Senhora que reze e O adore por mim. Pensar que sou templo de Deus, moradia da Trindade. Pedir a Maria que nos ajude a "nos revestir de Cristo".

216

do Pai.

Sua Mãe para amá-lo e consolá-lo da ingratidão humana.

WORD..

O exemplo de Cristo: vida escondida na obediência a Maria, fazendo à vontade Que Ele derrame seu amor no meu coração que será seu refugio, onde encontrará Por intermédio de Maria, atrair graças sobre a Legião, sobre os oficiais, sobre aqueles pelos quais trabalhamos, oferecendo seus "méritos ao Pai Eterno, em reparação pelos legionários que não lhe foram fiéis, pelas almas a conquistar

Considerar a "supersantidade" como necessária.

Servirmo-nos dos méritos de Cristo para suprir as deficiências

Pensar no amor de Deus Pai por nós, na humilhação e no dom total do Cristo, como se tornou criança, completamente dependente de Maria. Tudo isto para ganhar as almas, para lhes dar Sua Vida divina, para conquistar seu amor. Experimentemos com nossas débeis forças conquistar-lhe as almas... Se for impossível pela ação direta, que o seja pela oração, pedindo a Maria que ofereça os méritos do Cristo ao Pai, que derrame graças sobre Praticar diariamente a caridade interior, na nossa vida com Maria e Jesus, conduzidos pelo Espírito, para o Pai. Tudo o que Ele pede é nosso amor, uma confiança de filhos. Nós somos os filhos do Pai; que isto nos inspire confiança!

as almas.

Maria!

Conduzidos pelo Espírito de Jesus compreendamos que, só por nós, nem um bom pensamento podemos ter. Se nossos bons desejos vêm do Espírito Santo, que confiança poderemos ter de que eles se realizarão oferecendo pelos méritos do Cristo a Seu Pai, por Nosso objetivo é a santidade: sejamos perfeitos como nosso Pai. Nossa santidade guardar sua Vida, em aumentá-la por uma união sempre mais íntima com

Aquele que dela é a fonte."

Percebe-se, através dessas linhas, o profundo "cristocentrismo" de sua piedade. Sem cessar, ela retorna àquele que tem exclusivo acesso ao Pai, e que oferece a Deus a única e perfeita adoração do gênero humano. Mas sabe também que Cristo nasceu e continua nascendo do "Espírito Santo e por Maria".

Constantemente faz apelo ao Espírito de Cristo para que nela retrase a imagem do Filho, a inspire, a anime. Sente-se uma familiaridade com o Espírito que penetra as profundezas de Deus e conduz o trabalho da santidade e do apostolado. Observa-se, também, a presença constante de Maria, a Medianeira das graças de Deus. Edel "respira" Maria, para melhor "aspirar" ao Espírito Santo, para melhor receber essa virtude do Altíssimo que a cobre com Sua sombra.

Ei-la retomando o tema da união mariana, sob seus múltiplos aspectos: "Revistamo-nos de Cristo. Peçamos a Maria Medianeira que derrame sua vida divina em nossas almas, para que Ele viva inteiramente em nós. Peçamos todos os dias a Maria que

217

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

nos obtenha a força para cumprirmos hoje a obra de seu Filho e a sua.

Quando errar, pedirei a Maria que me corrija. Ela sabe quanto posso falhar e o pouco que produzo, mas é minha Mãe e poderá estabelecer o equilíbrio e a harmonia. Sentimos seu auxílio e seu domínio.

Maria, nossa Mãe; esse título é mais significativo que o de Nossa Senhora. Recordemo-nos muitas vezes das palavras de Cristo: "Filho, eis tua Mãe". Como São João, acolhamo-la! Assim como sugere o Manual, rezemos para que essas palavras, valorizadas por Jesus, realizem-se em nós plenamente.

Nele adoremos a Trindade. Santo, Santo, Santo! Procurar adorar a Trindade na alma, mesmo nas amofinações ou nos deveres.

Quando pensamos em Jesus-menino, sob a guarda de sua Mãe, sentimos imperiosamente que é preciso ajoelhar-se, adorar o Verbo feito carne, reverenciar Deus no seu aniquilamento inaudito. Na Cruz, na sua maturidade de homem, é apenas uma criança sem defesa. E isto por amor ao Pai e a nós.

Poderemos jamais sondar as profundezas incompreensíveis do amor de Deus? O que poderíamos recusar a esse amor? Em face do Seu, nenhuma humilhação é demasiadamente grande.

Nós nos damos a Maria e ela recebe nossos atos, que têm um valor espiritual, e deles se serve para em nós modelar o Cristo.

Coração Imaculado de Maria, símbolo do amor de Deus.

Pertencer a Maria para ficar mais unida a Jesus.

Maria, mãe da vida de nossas almas. Dirigir-se a ela em todas as circunstâncias, para nos ensinar a amar Jesus, a servir o Pai, a adotar a atitude de uma criança. Confiança total, sem restrições e com um terno carinho revelado nas pequeninas coisas.

Nossa Senhora, templo da Trindade.

Já que Deus nos deu seu Filho por seu intermédio, dirigir-se a Ele por meio dela. Imitar Maria adorando silenciosamente o Verbo feito carne no seu seio. Adorar o Verbo em nossas almas.

Desejar muitas vezes Nosso Senhor, com amor.

Se Jesus passou trinta anos na obediência e na dependência de sua Mãe, fazendo a vontade de seu Pai, que melhor exemplo poderemos ter? Unirmo-nos com Ele, pedir a Maria que nos ensine a amar perfeitamente e a cumprir cada dia a vontade de Deus em todas as coisas. "Como o Pai me amou, permaneça no meu amor". "Eu sou a Vinha."

Auxiliado por Maria, adorar com Ele a Trindade.

Adotar a posição de uma criança diante de Maria e Deus Pai. Procurar realizar o que implica essa atitude; como se dela dependêssemos a todo momento, nunca nos afastando muito de nossa mãe. "Permanecer como Jesus sob a sua proteção"... recebendo suas instruções.

218

O SEGREDO DE UMA IRRADIAÇÃO

Entre outras coisas, pedir a graça de realizar o quanto Maria é nossa Mãe; a graça

de cumprir continuamente a vida divina em nós; nossa união com Deus.

Para nos impregnarmos da vida de Deus fora dos sacramentos, somente a oração.

Unamo-nos a Ele pela fé, pela oração, pela meditação de manhã e à noite, além da visita ao Santíssimo Sacramento. Dêmos a nossa parte para obter Sua graça, o Santo Espírito e a Santíssima Virgem nos ajudarão".

Eco fiel de S. Luís Maria, Edel tem um senso mariano muito acentuado. Sua devoção para com Maria não é um ato transitório, mas uma atitude fundamental, uma dependência confessada, sempre ativa. Segundo a promessa daquele santo, "Maria se lhe tornou tudo junto de Jesus. Ela ilumina seu espírito pela sua fé pura. Ela penetra mais profundamente

no seu coração pela sua humildade. Ela o alerta e o abraça pela sua caridade. Purifica-se pela sua pureza. Enobrece-o pela sua maternidade". Todo o "Segredo de Maria" pode ser lido em f

filigranas na alma e na vida de Edel. Nessa união ela encontra a força de enfrentar a cruz, de manter-se em pé no Calvário.

Ei-la, durante a Semana Santa de 1943, meditando num dos seus assuntos prediletos: a a Paixão.

"Realizei o que significa esse fato: "O Cristo ofereceu-se". Entregou-se completamente em mãos dos algozes e os deixou cumprir sua vontade sobre Ele. Sua submissão infinita, Seu silêncio. Coberto de insultos, e de escarros, e Ele é Deus!

Eis porque os santos tanto apreciavam os maus tratos, o que, para eles, era justiça; aquele que pecou deveria alegrar-se quando é posto de lado e tratado como merece. Se os outros nos conhecessem verdadeiramente como nós somos... como ficariam surpresos e como sua atitude a nosso respeito mudaria! Cristo "santificou-se" por nós. Como somos ricos! Todos estes sofrimentos excessivos são para nós, em reparação de nossos pecados, para merecermos graças.

Ofereçamos ao Pai Eterno esses sofrimentos suportados pelos nossos pecados.

Oh! Como podemos ter confiança, apesar de nossas faltas passadas! Nossa santificação: glória do Cristo, vontade de Deus. mais pecar.

Pela sua graça e os méritos dos sofrimentos de Jesus, tomar a resolução de nunca Impossível para nós, possível para Ele. Tomemo-lo pela palavra. Rezemos a Maria para suplicar essas graças para nós. Esperar grandes coisas, um amor ardente.

É o Espírito Santo quem inspira esses desejos."

Esse grande amor pela Cruz alimenta seu culto da missa, que lhe é peculiar. Edel escreve:

"A missa; unir-me ao Cristo vítima, pelas mãos de Maria, à glória

da Trindade, em ação de graças por tudo e em nome das almas. Ouvir sempre a missa com
219

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

intenção especial de O oferecer e por aquelas almas que não a podem assistir, por causa da doença, da distância, do trabalho ou da guerra. Colocar essa intenção nas mãos de Maria."

A Cruz estimula também sua generosidade pessoal. "Como é fraco nosso amor pelo Cristo! Como estamos pouco preparados a agir e a nos sacrificar por Ele, mesmo nas pequenas coisas, quando um esforço nos é solicitado. Procurar sempre vencer pela prática de

pequenos sacrifícios. Como existem poucos que lhe abrem inteiramente o coração! Ele desejaria expandir-se nas almas, e elas não o querem! Mesmo seus sacerdotes têm tantos outros interesses! Como são raros aqueles que lhe pertencem totalmente. Não poderíamos esvaziar completamente nosso coração, a fim de que Ele possa enchê-lo à sua vontade, aí derramando seu amor, seu misericordioso amor? No pensamento de Cristo, instruídos por Maria, trabalhando para o Pai, conduzidos pelo Espírito de amor. Eliminar todo o resto.

Como isto é difícil! Mas, poderíamos dar-Lhe menos?

É realmente tão pouco em reparação e em gratidão!

Estou quase temerosa dessa felicidade e doçura em Nosso Senhor nesses dias. Pedir para ser... também fiel quando tudo for sombrio. Agora, regozija-te que o Esposo aí vem.

Tudo o que Ele permite está bem".

Edel não se limita a aspirações, a veleidades. Suas resoluções práticas traduzem a vontade de tudo pôr em obra para corresponder ao ideal abraçado.

da missa.

Eis, desordenadas, algumas notas que lança no papel como lembretes: "Resolução de permanecer na capela ao menos de dez a quinze minutos antes

Meditação todas as manhãs; se puder, uma hora.

Agir como Jesus e Maria agiriam em relação aos outros; recordando-nos que eles são os templos de Deus e que não podemos conhecer os motivos de seus atos. Adotar o ponto de vista de Maria, sua paciência, seu amor compreensivo, que aceita o menor esforço por mais imperfeito que seja. "Ter presentes minhas próprias fraquezas.

Não me preocupar com os atos dos outros para não ter de julgá-los. Isto não nos diz respeito e, nos dá uma grande paz. Amaremos o próximo se em cada um virmos o Cristo.

Como poderíamos então criticar e falar mal? "Noli judicare": silêncio da língua, agir como Maria o faria.

Caridade: um mandamento novo: "Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado". O aspecto prático deste: "Ver-Vos e servir-Vos no nosso próximo", é estar pronta ao serviço dos legionários, responder às cartas, aos relatórios, etc.

Caridade para consigo mesma: provar o amor pela fidelidade à oração. Ao serviço da Legião, fazer tudo o que estiver ao meu alcance."

Essas notas fragmentárias iluminam a vida interior de Edel: ajudam a penetrar na sua vida de oração e mostram seu pleno mundo espiritual. Não nos surpreenderíamos ao

220

O SEGREDO DE UMA IRRADIACAO

saber como era apreciada e amada pelas almas contemplativas que cruzavam seu caminho na

Terminemos esse capítulo pelo testemunho da Superiora de um convento de Religiosas contemplativas

sacrifícios e orações:

a África. Exprime a homenagem das almas votadas ao Silêncio

àquela que lutou à frente da Igreja militante, a fim de que frutificassem visivelmente seus

"Alguém, que a conhecia perfeitamente, disse da Madre Janet Stuart, alguns anos antes de sua morte, que "desde muito tempo ela já liquidara consigo mesma".Aqueles que

tiveram o privilégio de conhecer Edel Quinn durante os anos que passou na África Oriental dizem a mesma coisa. Ela vivia para Deus, para Nossa Senhora e para a Legião. Por duas vezes Edel passou algumas semanas em nosso convento; muito enfraquecida, necessitava de um repouso absoluto, e foi o próprio bispo que nos pediu que a recebêssemos. A

Comunidade tão cedo não poderá esquecer aquela estada. Edel espargia uma atmosfera de luz, de graça e de alegria, difícil de descrever, mas bem visível a todos. Embora tão frágil, era impossível considerá-la como uma doente, pois o espírito seu conforto.

dominava completamente a natureza. Mas ao mesmo tempo recebia com gratidão e simplicidade tudo o que se fazia em seu benefício. Não se preocupava absolutamente com Tivemos duas ou três íntimas e longas conversações durante sua permanência; deram-me a impressão indelével de que essa alma vivia pertinho de Deus numa fé robusta e simples. Interessando-se por tudo que era valioso em matéria de literatura religiosa, hauria o alimento substancial de sua alma no seu missal e no Novo Testamento. Lia e relia também as obras de Dom Marmion e alguns livros de Mons. Leen. Dedicada como era aos interesses da Legião, Edel era, entretanto, maravilhosamente fiel a seu regulamento de vida: missa e comunhão, oração, ofício diário à Santíssima Virgem Maria, rosário e leitura espiritual durante o dia; fazia tudo com método.

O comportamento em todas as circunstâncias e as relações com as pessoas caracterizavam-se pela prudência, pelo tato consumado e uma graciosa amabilidade que não falhava jamais; tudo coroado por um profundo senso de humor. Uma boa palavra sempre era correspondida. Seu riso era alegre e tão espontâneo como o de uma criança. Entretanto, revendo o passado, é a energia de Edel, sua força, que se impõe a meu espírito. Achava-se sempre disponível, sempre pronta a empreender qualquer trabalho quando se tratava da Santíssima Virgem e da Legião. Longas e penosas viagens, problemas a discutir minuciosamente nas reuniões, correspondência suscitada pelo trabalho de extensão, Edel entregava-se ora a um ora a outro desses deveres com a mais tranquila coragem e os cumpria até o fim. Revelava lealdade para com os princípios e as regras da 'Legião até nos mínimos detalhes, cora ardor e decisão, mas sem o menor tom de dureza ou aspereza. Sentindo-se livre de muitas dificuldades da vida, participava sinceramente, como uma mulher o pode fazer, das dificuldades dos outros, compreendendo-as perfeitamente.

221

222

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

Seu bom senso sutil tornava-a capaz de exprimir juízos práticos e prudentes conselhos. Não se pode esquecer, também, que sofria de doença inexorável. Ao vê-la, distinta e graciosa, vestida simplesmente, mas com o melhor bom gosto-pois nisso, como em tudo o mais, ela era a perfeita Enviada da Virgem, pensava-se imediatamente na Virgem Maria, esquecia-se facilmente o fardo de sofrimento que ela carregava, dia após dia. A última vez que a vi, ela retornava de um extenso "safári", em outro vicariato. Embora enferma, conseguira lançar a Legião, seu último esforço para a Virgem Maria! Falava em pôr definitivamente em ordem seus negócios legionários. "Pois", dizia-me, "não se sabe o que poderá acontecer." Tive então a certeza de que eu não mais a tornaria a ver neste mundo; sua obra estava terminada, e não tardaria a partir. Algumas semanas mais tarde, soube que voltara para Deus: a Virgem Maria tinha vindo buscar sua corajosa Legionária ao findar de uma tarde do mês de maio.

Santa Teresa d'Avila declara que a perfeição, a santidade, consiste no amor de Deus e do próximo levado até o esquecimento completo de si mesmo. Aqueles que conheceram Edel Quinn durante os últimos anos de sua vida puderam ver nela uma radiante encarnação desse ideal.

Sem antecipar, de modo algum, o veredito da Santa Igreja, podemos pensar cora alegria que ela está agora pertinho da Santíssima Virgem, e, ao mesmo tempo, muito próxima da terra para que nossos mínimos desejos possam chegar até ela."

CAPÍTULO XXIV

ACUMULAM-SE OS TESTEMUNHOS

"No ocaso da vida, sereis julgados sobre o amor pat

A morte de Edel revelou a admiração profundame

todas as regiões que percorreu-

Africa do Sul,

Quênia, Tanganica, Uganda, the Ma

- os testemunhos pululam. Todos são unime m

veneração que lhe votavam. Bispos, missionários, rejon, g conservam de sua pessoa a

mesma imagem luminosa Vejamos, primeiramente, as vozes mais autorizadas, e 600 90000

a conheceram. Já citamos o testemunho de Mons. Heffernan, que greencos 39840 durante

mais tempo. Após ele, o que a observou mais atentamente fogem da

S. Exa. Mons. Leen, o arcebispo da Ilha Maurício

Ao ter notícia do falecimento de Edel Quinn, assim diriguse a Sublinen 17 de maio de 1944:

"Embora pareça estranho, mas ao saber de sua mone, nos foram dominados por uma certa alegria, direi mesmo satisfação, pela conces santa acabava de receber a recompensa de seu admirável sacifico, Ede casos impressão em todos aqueles que aqui a conheceram, Pessoalmente, estoy conecase

que possuía a verdadeira santidade". Semanas depois, em 21 de junho, acompanhado dos

lejonatos de Maulids, d próprio celebrava, na catedral, uma solene missa de requiem pelo

descanso tazama Em 9 de novembro de 1944 retornava ao mesmo pores w z as suas

palavras, pois sabia que elas atravessariam distances "Desde a manta itima carta, pensei

muitas vezes em lhe escrever sobre uma idea que me domino Esto persuadido de que a

causa de Edel será um dia introducida Cou convencido de que sua vida espiritual atingia o

heroismo. Seu completo esquemment s si mesma, sua inteira confiança e seu perfeito

abandono à Providencia amas ar O sucesso que coroaava seus esforços era simplesmente

maravilhoso dina at magust, embora dificuldades houvessem que só uma coragem heroica poderia entera

Alguns anos mais tarde, em 13 de novembro de 1949, Era Monste que a biografia de Edel

ia ser publicada, enviava-nos esta cama dulalamente preciosa foi unia das últimas de sua

vida e traduz a expressão suprema de seu bemente assunto que lhe era sagrado:

"Sinto-me feliz ao saber que vai escrever a vida de Edel Cum wou optanier algumas notas

sobre o trabalho que aqui realizou e as enviare pe pimen Por ocasião de sua morte, escrevi

ao Sr. Duff que não me sentera esse (1) O grifo é de Sua Exa.!

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

um dia a causa de sua beatificação introduzida em Roma.

Edel era heroica no cumprimento de sua missão. Raramente vi uma alma tão

completamente desprendida.

O êxito que coroaava seus esforços era realmente surpreendente. As dificuldades da língua, de saúde, etc. não a preocupavam absolutamente. Era muito simples nas suas devoções: a missa, a comunhão eram o centro de sua vida espiritual.

Abandonava-se inteiramente à divina Providência. Os perigos de viagens não a inquietavam de modo algum. Um dia perguntei-lhe se estava pronta a partir para a China. Respondeu sem a menor hesitação: 'Sim, se para lá me enviarem!' E era sincera..."

A morte do Arcebispo, sobrevinda, infelizmente, alguns dias após esta carta, impediu-o de redigir as notas prometidas. Assim, essa missiva torna-se mais comovente, porquanto tem o valor de testamento. Há ali uma alusão à carta dirigida ao Sr. Duff. Focalizemos a resposta desse último.

"As novas observações feitas por Vossa Excelência a respeito de Edel são interessantes e consoladoras. A ideia de que sua causa possa ser introduzida um dia causará surpresa a alguns. Pois, sem dúvida alguma, Edel não se assemelhava absolutamente ao tipo convencional. Aliás, quanto a isso, tivemos ensejo de indagar se os santos nos são sempre corretamente apresentados. Extremamente natural, seus gestos não se destacavam no ambiente em que vivia. Nada fazia de especial que a fizesse sobressair ou provocasse comentários. Mostrava-se sempre de bom humor embora não lhe faltassem razões para ficar irritada; apesar de que, também, pela sua natureza muito sensível, deve ter sofrido sobremaneira interiormente. Sua companhia era sempre agradável. Tudo isto dissimulava sua surpreendente força de caráter.

Resolvida a dar-se sem reservas ao Senhor, consagrava todo seu tempo ao trabalho religioso: através das circunstâncias desfavoráveis, prosseguia no seu ideal. A primeira decisão que tomara fora a de se tornar Clarissa, mas uma crise de saúde sobreveio na véspera da partida; seguiram-se anos lamentáveis no ponto de vista físico. Poucas pessoas teriam sido capazes de transformar esse grande obstáculo naqueles sucessos em terras africanas. Como conseguiu que todos nós a deixássemos partir, permanece ainda um mistério.

Vossa Excelência faz alusão a seu heroísmo. Sim, era o traço essencial de seu caráter. Conheci-a perfeitamente, talvez melhor do que ninguém; jamais pude descobrir em sua pessoa o menor vestígio daquela timidez e aversão que se escondem mesmo nos mais fortes. Pelo que posso julgar, o natural cedia sempre ao sobrenatural. Deixar a Irlanda, a família, os amigos íntimos, certamente lhe feria o coração, pois, além de humana, era afetuosa. Todavia, nenhuma consideração desse gênero reteve-a um segundo sequer, nem pesou sobre sua decisão. Fizemos tudo o que pudemos, em 1940, para que regressasse por algum tempo a fim de rever a todos e descansar. Trabalho perdido, nem mesmo quis examinar a proposta. Estou persuadido de que sua intenção era de nunca mais voltar à Irlanda.

224

ACUMULAM-SE OS TESTEMUNHOS

E nesse mesmo espírito empreendia intermináveis viagens pela África, habitualmente em territórios onde não encontraria nenhuma outra mulher branca. Pode-se dizer que qualquer outra mulher teria de vencer repulsas extremas para enfrentar essa solidão. Se ela própria teve de sustentar uma tal luta, jamais o deixou perceber. E se esse foi o seu caso, poder-se-ia estar certo de que o isolamento lhe causou emoções devastadoras. O que se passou, então, com sua pessoa? Era tão insondável que eu verdadeiramente não posso aventurar-me a fazer conjecturas. Sua saúde era tão delicada e frágil que pequenos incômodos e cansaços deveriam lhe afetar mais do que, para nós, os grandes. Mas aqui também devo dizer "deveriam", porquanto Edel prosseguia no seu caminho sorrindo, executava com vontade tenaz o plano de campanha que havia traçado. Certa vez, dissera ao Pe. Creedon que, desde a sua tenra infância, rezava todos os dias para obter a graça do martírio. Estou certo de que considerava cada um dos seus passos na África como uma oferta de sua própria pessoa, que bem equivalia a um martírio lento. Daí essa atitude serena em face do perigo e da morte. Ela possuía um sentido muito vivo de responsabilidade, dos métodos precisos e perfeitos, uma atitude respeitadora para com

todos... Se "edificar" a Igreja é um elemento importante da santidade, Edel o possuía. Classificou-se entre os grandes construtores da Igreja na África. O seu trabalho de organizadora fez parte da estrutura da Igreja africana e contribuiu para o seu espírito e a sua extensão. Os métodos que introduziu são agora a técnica corrente para mobilizar os fiéis e os fazer participantes da vida ativa da Igreja."

Esta resposta a Sua Exa. Mons. Leen corrobora admiravelmente as impressões do arcebispo: percebemos aí a voz mais autorizada vinda da mãe-pátria.

escreve:

Outro bispo missionário, S. Exa. Mons. Julien, vigário apostólico de Niassalândia, conheceu Edel durante sua estada naquela cidade. Em 2 de novembro de 1944, assim "Missionários e legionários ficamos profundamente pesarosos ao saber do falecimento de nossa querida apóstola. Em todas as Igrejas elevaram-se preces pelo repouso de sua alma. Todos em Niassalândia consideravam-na uma santa.

Não duvidamos de que, entre os apóstolos da África, deva ser muito grande sua recompensa no Céu, onde continuará, estou certo, a interceder por nós e pela Legião de Maria."

Testemunho tanto mais impressionante quanto a estada de Edel nesse vicariato foi rápida e interrompida pela doença que a levou às portas da morte, em 1941. Outra voz de bispo, a de Mons. Morrisroe, de Achonri, exprime-se no mesmo teor. Em 12 de junho de 1944, ele escreveu estas linhas:

"Será difícil preencher o vácuo que ela deixa nas atividades da Legião. Não me surpreendo que sua morte tenha atraído a simpatia de Roma, pois os serviços que prestou à fé são incalculáveis".

S. Exa. Mons. Riberi manifestou seu pensamento com termos análogos,

225

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

na introdução deste livro e assim não precisamos repeti-los. Observemos somente a impressionante concordância dos bispos que a conheceram particularmente: Mons. Riberi, Mons. Heffernan e seu sucessor Mons. Mac Carthy, Mons. Leen, Mons. Julien, Mons. Morrisroe... seus testemunhos atestam o seu valor, Não ficam isoladas as vozes dos bispos.

Os missionários da África, por sua vez, exprimem a sua admiração. Um sacerdote de Nairobi, após ter narrado à Sra. Quinn, detalhadamente, a morte de Edel, termina por estas palavras; "Prezada Senhora, espero que não fique muito aflita pelo desaparecimento de sua filha. Certamente que sentirá uma perda muito grande, mas calculo que não se arrepende de sua estada na África, nem de seu fim. Só há nisso motivos de alegria e de ação de graças!

Uma pessoa muito sobrenatural disse-me que quando almas santas partem para o Céu, Deus dá graças especiais àqueles que as amaram e lhes prestaram benefícios. Eu mesmo o experimentei. Durante os últimos dias de Edel, e após sua morte, recebi graças especiais e a alegria, a paz, a gratidão. V. S. deve ser uma mãe muito feliz. Creio que o é, pois tem todas as razões para que assim seja. Jamais conheci alguém que fosse tão amada e estimada como essa moça. Todos, bons, maus e indiferentes, pretos e brancos, reconheciam do mesmo modo sua bondade e santidade. Consideravam um privilégio conhecê-la e ajudá-la. Em Quisumu acontecia o mesmo. Escreveu-me de lá certo dia: "As Irmãs tratam-me com atenções demasiadas. Mal posso mover um dedo. Só ando de automóvel e entre almofadas para ir de uma missão a outra, ou à Missa, e mesmo para ir do

convento à sala de reuniões". Se pudesse ouvir o que dizem os padres a seu respeito quando voltou da África do Sul! "É maravilhosa! Como consegue ser assim? É um triunfo do espírito sobre a material" e outras expressões semelhantes.

Era uma filha da Divina Providência; o amor de Deus tudo dispôs; preparou seus últimos dias como ela desejaria, com as delicadas atenções do Amor. Estou firmemente persuadido de que ela não teria julgado que esses últimos dias tivessem prosseguido de outra maneira. O sol de sua vida apagou-se na serenidade, na doçura, na calma e na glória. Muitas pessoas declararam-me estar certas de que ela foi diretamente para o céu. Alguém exclamou: "Que recepção magnífica lhe deve ter proporcionado a Virgem Maria!" Edel foi uma lição viva de cristianismo; por toda a parte onde passou deixou o bom aroma do Cristo!"

Essas palavras, como sabemos, não foram escritas aereamente, nem pela única preocupação de consolar uma mãe. Traduzem uma íntima convicção.

Eis outra carta endereçada por um missionário do Quênia a um confrade da Irlanda, descrevendo a morte de Edel e suas impressões pessoais: "Em quatro semanas ela definhava cada vez mais; os últimos dias foram dolorosos. Eu sabia que na Irlanda desconheciam completamente o seu estado, pois nada mandara comunicar. E não me permitia fazê-lo. Tinha tanta necessidade do que teriam podido lhe dar e não queria.

Pensava

226

ACUMULAM-SE OS TESTEMUNHOS

restabelecer-se após alguns dias de repouso. Não julgava que o fim estivesse tão próximo, embora sentisse por vezes que isto poderia acontecer. Nenhuma morte, exceto, talvez, a de minha mãe, causou-me tanta emoção. Esse fato impressionou-me profundamente. Tinha a certeza de que ela estava com Deus. Agradei muito a Deus pelo extraordinário privilégio de a ter conhecido intimamente; foi uma das grandes graças da minha vida. Creio já lhe ter dito que, na minha juventude, manifestara o desejo de conhecer santos. Sinto agora que Deus graciosamente e liberalmente ouviu o meu pedido.

O constante sorriso e gracejos a propósito de tudo faziam-me recordar Santa Teresa do Menino Jesus. Sua atitude na enfermidade lembrava-me o Papa Pio XI, que recusava ceder e admoestava severamente os cardeais que tentavam convencê-lo a repousar-se. Se ela tivesse exercido a autoridade sobre mim, teria sido uma vida trabalhosa! Edel fazia-me sempre pensar na 'solicitude diária de todas as Igrejas', de São Paulo. A menor irregularidade nem Praesidium era suficiente para lhe fazer perder o sono. Não se preocupava absolutamente com a morte. Nem com as possíveis consequências de algum trabalho que prejudicasse a saúde. Era extraordinariamente humilde.

O sentimento mais profundo, talvez, que eu tenha sentido após sua morte foi: A Domino factum est mirabile in oculis nostris. Foi Deus que o quis. Por aí compreende-se fortemente a que ponto os santos são obra de Deus e é verdadeiro que, prestando-lhes homenagens, é ao próprio Deus que servimos. Edel dava sempre a impressão de uma fidelidade extraordinária à graça de uma vocação elevada a um alto grau, A santidade custa caro! Bem o constatei no seu caso! Ela se dava tão alegremente, e com tão boa vontade, que poucas pessoas suspeitavam seu grau de fraqueza e de fadiga.

Pergunto a mim mesmo, seriamente, se não faria melhor em conservar essas recordações em segredo, como tesouros, em vez de as divulgar; sinto uma espécie de pudor ao desperdiçá-las. Como já o disse, essa morte emocionou-me profundamente. Mas, foi somente mais tarde que disso me certifiquei. No momento só podia fazer atos de gratidão, oferecendo todas as missas que então eram celebradas no mundo inteiro."

Não acredito que haja motivos para hesitar na divulgação dessas recordações, porquanto a ressonância espiritual da morte de Edel auxilia enormemente a penetrar na intimidade de sua vida, e sentir a força sobrenatural.

O Pe. Lynch, diretor espiritual da Curia, outra testemunha de sua vida cotidiana, escrevia em 23 de maio de 1944:

"Penso que já receberam, há tempos, a notícia do falecimento de Edel Quinn. Ela morreu impregnada de paz e santidade.

Não tenho a intenção de descrevê-la nesta breve carta, pois quando se fala de Edel há algo que nem o corpo nem a alma podem explicar. Sua obra e a energia com a qual a executou durante esses sete ou oito anos estão fora de cogitações se levarmos em conta sua constituição frágil e delicada. Jamais falava de sua saúde. Sentia-se sempre

227

228

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

feliz e gostava de ver os outros também felizes. Nenhum trabalho legionário era acima de suas forças. O interesse da Legião passava acima de tudo, custasse o que custasse. Após longas reuniões da Curia, examinava com a presidente todos os detalhes de seu Praesidium. Nossas reuniões começavam, habitualmente, às 13h30. Era uma hora incômoda, a pior do dia, mas a única possível. Edel estava, porém, acima de qualquer situação, tal era sua força espiritual e o domínio de sua alma nobre sobre o corpo frágil". Impressão que o tempo só fara confirmar.

O mesmo missionário escrevia-nos, em 5 de janeiro de 1950: "Edel Quinn era a pessoa mais completamente desprendida que jamais encontrei. Nunca pesou as dificuldades a enfrentar; só via o objetivo: o estabelecimento da Legião de Maria como poderoso instrumento para trazer as almas a Deus. Pronta, a cada instante, a viajar para qualquer lugar, pela Legião, jamais pensava nas fadigas do deslocamento... Dizer que ela possuía um caráter enérgico seria exprimir pouca coisa. Para mim, ela era heroica. Parecia resistir pela força de sua vontade férrea. Quando regressou da Ilha Maurício e da África do Sul, era evidente que só dispunha de pouco tempo antes de receber a suprema recompensa. Fisicamente estava esgotada. Como conseguiu prosseguir, constitui para mim um enigma..." Para se maravilhar de seu heroísmo sorridente, não era necessário viver muito tempo a seu lado, tanto ele se impunha. Sacerdotes, de passagem pelo Quênia, devido à guerra, conservaram, também, a recordação de Edel.

Um capelão militar do Oriente, o Pe. Michael Fox, que gentilmente trouxe a Dublin a máquina de escrever de Edel, traduz suas impressões nessas linhas onde o bom humor procura dissimular a emoção: "Aprecio plenamente o desejo do Concilium de ver retornar a máquina de escrever de Edel Quinn ao local donde ela partiu em um dia memorável, há anos atrás. Tive a felicidade de contar com essa legionária entre meus amigos, e sua recordação só pode ser muito cara a todos aqueles que se dedicam à mesma causa. É pena que não pudéssemos definir o que fazia mais barulho, seu velho carro ou sua máquina de escrever, e estou certo de que no Céu ela está se divertindo em me ver atrapalhado com a tal máquina.

Empacotei-a cuidadosamente, pois acho que se outra pessoa dela se servisse, seria uma profanação. Sei distinguir uma santa quando tenho ocasião de encontrar uma..."

Poderíamos citar muitos outros testemunhos análogos, emanados de sacerdotes.

Terminemos com essas linhas do Pe. O'Carroll, Provincial dos Pes. do Espírito Santo na Irlanda, que, após ter exprimido seu pesar, acrescentava: "Não posso imaginar que Edel

'descanse em paz'; e de mais a mais, receio muito que não deixe também 'descansar' aqueles que tanto amava sobre a terra!"

Após os bispos e missionários, citemos alguns testemunhos de Religiosas de diversas Ordens e regiões. A superiora de um convento contemplativo da África escreve, em 15 de maio de 1944:

"Vocês certamente já ouviram falar da santa morte da Senhorita Quinn. Enquanto

ACUMULAM-SE OS TESTEMUNHOS

viver a Igreja na África, sua memória será conservada. A obra que realizou é prodigiosa. Era estimada, e mais do que isto, venerada, por todos aqueles que a conheceram. Sempre aparentemente desesperadoras. Seria impossível, penso eu, imaginar uma pessoa alegre, transbordante de vida e de entusiasmo, triunfou mesmo nos lugares e situações mais desprendida de seu conforto. Muito simples, nunca pensava em seus interesses e, entretanto, com a saúde tão fraca, deveria considerar-se doente. Certamente gastou-se e se consumiu até o último momento de sua vida para Deus e a Santíssima Virgem. Para nós, é a primeira mártir da Legião, uma alegre e amável mártir, e que agora, no céu, muito poderá nos ajudar."

Madre Arsênia, Superiora das Religiosas alemãs do Precioso Sangue, que assistiu aos últimos momentos de Edel, após ter descrito essa morte tão rápida, acrescentou: "Durante sua doença, estava sempre alegre, jamais se queixava. Era uma santinha."

Madre M. Gualbert, do convento das franciscanas de Mangu-Thica, Quênia, escreve à Sra. Quinn, em 8 de dezembro de 1944: "A senhora deve se sentir orgulhosa de ser a mãe de uma santa. Sentimo-nos privilegiados de a ter conhecido; Irmã Gabriela e eu estamos felizes de tê-la tido conosco durante suas últimas semanas sobre a terra. Os padres do Espírito Santo estimavam-na no mais alto grau, e todos aqueles com os quais falei no dia de seus funerais disseram-me: "Acabamos de enterrar uma santa."

"

De um carmelito africano: "Considerávamos as visitas de Edel como um privilégio, pois, na verdade, era como se um anjo tivesse passado algumas semanas conosco." Irmã M.

Angelita, do vicariato de Quilimanjaro, escrevia em 1950: "Conservo como relíquias as cartas de Edel. Quando a Irmã Sieglinda participou-me que Edel Quinn, em 12 de maio, voara para o Céu, tive a convicção de que uma nova santa orava por nós junto ao trono de Deus. Desde então, pedi-lhe que me ajudasse nas dificuldades e, muitas vezes, minhas orações foram atendidas... Temos certamente uma santa no Céu, pronta a nos consolar e auxiliar. Considero como uma graça muito grande para nossa Congregação que ela tenha preferido tantas vezes permanecer em nossos conventos e que tenha morrido nos braços de uma de nossas Irmãs".

Completemos esses testemunhos tão diversos por algumas vozes leigas escolhidas entre muitas.

Um veterano do exército africano, Joseph Ibbett, escreve-nos espontaneamente de Cambridge, em 7 de março de 1951: "Deixe-me dizer-lhes que os bispos, os sacerdotes e também os leigos tinham um profundo respeito pela sua pessoa. Sem aparentar santidade, ela era, incontestavelmente, santa, embora comportando-se como qualquer pessoa... Sua santidade era evidente para todos. Criamos juntos diversos Praesidia entre as tropas da África Oriental, compostas principalmente de soldados ingleses. Edel comportava-se com aqueles rudes latagões sem a menor falsa nota de piedade, tão à vontade com os soldados como com os outros membros da sociedade. E os conquistou. Imaginem uma mulher

s
xe

A e de a comandante não-catolico para formar a por ele com grande respetol
sexe de Nara Sa O'Shea escreve em 14 de dezembro de 1944 asa amamos elemento Sei
que ha agora no Ceu uma santa ecote or equisetumul de que meus dois filhos cuidam dade
de ese seu nome

A Sta Gaon a companhei de primera e última hora, escreve: "Edel era quite a medida de
que não fosse uma santa, pois a tudo se
sa impressão unânime não se apegou com o tempo. A lembrança de Edel pancevke por
onde ele passou como testemunha essa carta de Mime. Dorothy Wynne conde de
protestantisme e tomada uma das grandes figures de Legião na Africa do Sul em 13 de
novembre de 1946, assim escreve

"Uma religiosa benediting que teve diferentes contatos com Edel sugeriu-me que
escrevesse sua video falar de sua pessoa em quase todas as missões que visite nessa
tume de Poesia urais especialmente no hospital de Nongoma onde esteve internada mouna
missão encontre a religiosa aos dades de qual foi entregue e que fez de sua pessoa o maior
elogio A ima beneditina disse-me que considerava como um grande lego poder complar as
recordes des más que a haviam conhecido

O que a Sia. Wynne não da nessa carta e o exemplo de Edel Quinn sustentou em suas
propres viagens legionaras Em tournée de extensão atraves do Congo e da Africa Oriental
Portuguesa quando se sent extenuada perguntava a si mesima: "Como faria Edel Quinn
para se vrrar de semelhantes situates ele que não possuía a quarta parte das minhas ogas?"
Eesse evocação inte- he cagen para continuar até o fim.

Entre os testemunhos há um que desejamos citar ainda, porquanto toca de muito pero o
passado de Edel

Recordemos do jovem importador francés que a pedira um dia em casamento. Após a
recusa de Edel uma correspondence estabeleceu-se entre eles que pouco a pouco, foi
diminuindo O negociante como dissemos deixara a Irlanda, casara-se e pensava que Edel
de seu lado desse entrado para o convento. Tudo ignorava da epopeia africana. Certo dia,
por acasa soube de sua morte em Nairobi, a serviço da Legião, cuja existência também
desconhecia Espontaneamente, escreveu ao presidente do Concilium:

"Não estou absolutamente surpreendido de que a Irlanda tenha dado a Legião ao mundo.
Muitas vezes disse aos franceses que sua pátria tinha uma missão de grande importância a
desempenhar para o destino da humanidade. Observei particularmente que os valores
espirituais crescem abundantemente no solo irlandês e nenhuma dimensão em quilometros
quadrados seria sufficiente para contê-los."

Em seguida, relata suas relações com Edel e declara que se um dia sua vida fosse escrita,
ele poderia fornecer cartas que conservava piedosamente. Mais tarde nos

200

nos confirmou de viva voz:

ACUMULAM-SE OS TESTEMUNHOS

enviaria. Sua nota de acompanhamento termina por essas palavras, que, posteriormente,
"Vinte anos se passaram. A recordação de Edel Quinn não mais me deixou, e conservo-a
no fundo de mim mesmo, como alguma coisa de infinitamente precioso. Sei que ela rezou
muito por mim e suas orações foram ouvidas. Devo-lhe graças numerosas para mim e para

meu lar. Tenho consciência de que sua benéfica influência tem sido visível na minha vida e agradeço-lhe diariamente nas minhas orações.

Não mais ouvira falar de Edel Quinn há muitos anos e supunha que já havia feito votos de religião e estivesse enclausurada, quando, em 1945, pedi a minha esposa que o terceiro filhinho que esperávamos tivesse o nome de Edel, caso fosse uma menina, em recordação de Edel Quinn. E assim foi. Tendo anunciado a nova a meus amigos em Dublin, estes me comunicaram o falecimento de Edel na África. O secretário da Legião de Maria teve a extrema bondade de enviar-me a fotografia de seu túmulo em Nairobi; fiquei profundamente comovido. Aquela imagem de Edel, missionária da Legião de Maria, sobrepõe-se agora à da jovem de 19 anos que eu conhecera. Imagino-a perfeitamente: fragil, minada pela doença e o clima, sabendo-se condenada, oferecendo alegremente a Deus seus sofrimentos, sim, com alegria, pois não o poderia fazer de outra forma, tendo feito o sacrifício total de sua vida, como me dissera dezessete anos antes, ao me comunicar sua decisão irrevogável de entrar para as Clarissas em Belfast.

Com o passar dos anos, compreendi que Edel Quinn havia sido chamada, muito jovem, à vida contemplativa. Contrariada pela doença na sua vocação religiosa, mas, em compensação, revelando-se tão dotada para a ação como para a contemplação, Edel encontrou na Legião de Maria os meios de seguir seu destino, cumprindo as promessas que havia feito a Deus

Edel Quinn era do metal de que são feitos os santos. Que todos aqueles para os quais sua vida tiver sido uma inspiração e um exemplo, não receiem nas suas orações de pedir-lhe graças; estou certo de que as ouvirá!"

(1) Carta de PL an autox em 20 de dezembro de 1945

231

UMA HEROINA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

CAPÍTULO XXV

A MENSAGEM DE UMA VIDA

"A vitória que vence o mundo é nossa fé" (João, I Ep., 5:4)

Faz apenas alguns anos que Edel Quinn caiu em pleno campo de batalha, na vanguarda da Igreja militante. O esquecimento sempre envolve, rapidamente, o túmulo dos homens: o tempo não respeita as glórias efêmeras. Mas, também, desprende as perspectivas, põe em relevo o que merece sobreviver e tem valor de eternidade. A caridade não morre. O exemplo de uma doação tão sublime quanto a de Edel Quinn destaca-se cada vez mais, em traços de luz, entre o nevoeiro do nosso tempo. O exemplo é demasiadamente alto, demasiadamente puro para não atrair a atenção, o respeito e, talvez ainda mais, o próprio pronunciamento da Igreja. possível".

A mensagem dessa vida é um convite a crer, com fé viva, que "a Deus tudo é possível". Edel Quinn é uma alma de fé. Como uma criança, crê sem reticências, cálculo ou timidez. Uma vez que, sem Deus, não podemos nada fazer, por que, com Ele, não seríamos todo-poderosos? Como duvidar das promessas de Deus? Por que nos defender contra um Amor que quer levar-nos para a frente? Edel acreditou com a fé firme dos apóstolos e dos mártires, de São Patrício, a glória nacional de seu povo.

Inesperadamente, o Senhor convida-a a fazer-se ao mar; Ele lhe oferece, em vez do País de Gales, a África. Edel responde com o ímpeto de São Pedro, lançando-se à água ao encontro do Mestre, e não tremeu sob o choque dos ventos contrários. Prossegue no seu caminho sem procurar traçá-lo por suas próprias mãos, atenta unicamente a não

desatender aos apelos sucessivos de Deus. Irá onde o Senhor lhe mandar. Como se passou com São Pedro. "Outro a cingirá". Tal uma vela maleável, finamente estendida para captar a brisa que passa, voga para destinos desconhecidos.

Edel crê em Pentecostes, convencida de que o Espírito sopra, hoje ainda, para comandar, como outrora, a um Paulo de Tarso: "Vá à Macedônia, parte para Roma, para Jerusalém." Por que o Espírito teria cessado de guiar seus apóstolos? Não estará ele presente entre nós até a consumação dos séculos? Edel abre sua alma a esse sopro divino. Outrora, monges de seu país haviam partido, além dos mares, à conquista apostólica. Corajosamente, ela segue seus passos. Deus lhe basta como guia e providência. A única recompensa que ambiciona é ouvir o Mestre dizer-lhe: "Mulher, grande é a tua fé." O milagre de sua vida é a resposta de Deus ao absoluto de sua confiança. Como Deus teria podido decepcionar uma criança que a Ele se entregava de olhos fechados? Dizemos "de olhos fechados", pois, humanamente, a aventura é desesperadora, a corrida de obstáculos é interminável.

Aos olhos da prudência natural, é loucura partir para a África, percorrer grandes

A MENSAGEM DE UMA VIDA

estradas sob o calor tropical, e escapar de um sanatório para retornar à missão interrompida, arrastar-se em Quisumu, enquanto que as que com ela convivem declaram que tem a morte

Loucura ou sabedoria de Deus: Edel coloca-nos novamente no paradoxo. "Quanto diante de si!

a nós", dizia São Paulo, "pregamos o Cristo crucificado, loucura aos olhos dos homens... virtude e sabedoria de Deus." Essa vida embarça nossos laboriosos e por demais hábeis empreendimentos, enquadra mal com aquela filosofia de compromisso e justa medida, que balizamos de bom grado de humanismo cristão.

Infatigavelmente, a todas as gerações que se erguem, Deus pede almas para repetirem a lição do presépio e do Calvário, para darem novamente o exemplo do amor limitado. Edel Quinn é o amor de Deus que transpõe as fronteiras do conveniente e da moderação; é a caridade incandescente, que provoca incêndios. "Et quid volo nisi ut accendatur?" Edel incendiou em toda a parte "os fogos do amor divino". Cada Praesidium que criou tornou-se um centro de luz e de calor. O africano conhece a importância do fogo que protege contra os malefícios da noite e em torno do qual a aldeia se reúne para as cerimônias e o ritual. Cada Praesidium, centro espiritual de vitalidade religiosa iluminado pela Virgem Maria, faz recuar a sombra do Mal que gira em torno, mais ainda, naturalmente, em terra de paganismo. Aquece aqueles que dele se aproximam; alimenta as tochas que estenderão de um lugar a outro os focos de luz. Edel sentia, profundamente, a miséria das almas pagas e a urgência de soprar um espírito de conquista nos cristãos nascentes. "O que é confrangedor, dissera um dia, é que existe trabalho em abundância e pessoas prontas a executá-lo; mas não lhes dão sequer a possibilidade!"

Esse meio, ela o trazia, em nome da Santíssima Virgem, por intermédio dessa Legião que oferecia um método acessível a todos. Seu papel era fazer explodir a centelha. A chama que iluminava um corpo devastado poderia apagar-se a todo o momento, ela o sabia, e assim apressava-se em transmitir esse fogo que a devorava "enquanto ainda era dia" e os últimos lampejos lutavam contra a morte. Não é suficiente uma vela, para iluminar toda uma procissão? Edel será esta vela, mais do que semiconsumida, que se inclina sobre cada alma que dela se aproxima; inflama-a de um novo amor ativo. Eis porque sua passagem pela África, embora tão breve, pôde ser fecunda. Uma vez o cristianismo retornado à sua plena vitalidade, cada dia intensifica seu crescimento e sua força de expansão. Enquanto a Legião viver nas terras da África, Edel Quinn não cessará de agir. Lá onde ela passou, os

cristãos indiferentes à salvação de seus irmãos não mais poderão dizer, como os operários ociosos do Evangelho: "Ninguém nos contratou!" De uma maneira prática e concreta, ela fez compreender como encarnar o grande dever da Ação Católica entre os povos, os mais primitivos. Provou, pelo exemplo, que o apelo dos Papas pode ser ouvido e realizado entre os povos mais rudes e selvagens.

232

233

UMA HEROÍNA DO APOSTOLADO EDEL QUINN

Trabalhando para criar esse laicato indígena, Edel Quinn trouxe, por acréscimo, uma colaboração de alto valor ao recrutamento sacerdotal. Os Praesidia são escolas de dedicação: as vocações ali surgem naturalmente e encontram o clima favorável ao seu desenvolvimento. Inúmeras nasceram assim sob a égide de Nossa Senhora da Legião. Ainda a esse título, Edel Quinn tornou-se merecedora da Igreja e prestou-lhe, segundo as palavras de S. Exa. Mons. Morrisroe, "insondáveis serviços".

Sua vida é um feito heroico pela fé que a anima.

E é igualmente pela coragem inerente a essa fé. Fides intrepida.

Essa coragem torna-a uma figura legendária. É a própria expressão de sua fé. Não, o heroísmo não é uma virtude puramente profana reservada ao soldado ou ao alpinista. O cristianismo também está na base da coragem; ele se ressentiria num clima de fraqueza. Fala-se facilmente da doçura dos santos e dos monges, porém muito menos de sua força d'alma. Entretanto, não se deve dissociar bondade e energia, sob risco de tornar insípida uma, e de endurecer a outra. Edel alia harmoniosamente a gentileza e a coragem sobre-humana. Encanta pelo seu sorriso e seu acolhimento, mas aquele que a segue é levado, atraído pelas tarefas árduas. Ela se adapta a todos por uma caridade prestimosa; mas conquista as almas, tira-as da mediocridade e da esterilidade. Edel é atraente e amável: todos aqueles que a conheceram guardam as impressões do seu encanto, que transmite uma força irresistível. Ninguém lhe descobriu, porém, o menor receio. Diante do dever jamais hesitou. Não que quisesse brincar com o perigo; não é a simples aventura que a tenta. Não! As proezas não a atraem, absolutamente! Mas, quando o dever foi traçado e comanda a ação audaciosa, o que seria bravata torna-se bravura e o risco transforma-se em prudência superior.

Um sacerdote de Nairobi pergunta-lhe, certa vez:

"Você, algum dia, recusou alguma coisa à Virgem Maria?"

"Não", responde Edel; "não poderia lhe recusar fosse o que fosse, logo que me pareça reconhecer o seu desejo."

seguiu-a.

Sua alma expõe-se nessa réplica.

Durante sua vida, conserva o olhar fixo no de Maria; ao menor sinal, avança para

No dia seguinte ao de sua morte, o Sr. Duff descrevia a um sacerdote essa força d'alma incomparável:

"A tendência universal da literatura em exagerar fará com que muitas pessoas acreditem ser preciso aproveitar algumas coisas e abandonar outras, na narrativa de sua vida: no que concerne a Edel Quinn não há necessidade de exagerar. Era um caráter surpreendente. Distinta e doce, quanto enérgica. Nenhum de nós jamais pôde discernir aquela fraqueza fundamental que de ordinário existe na humanidade. Ninguém jamais a viu deprimida. Novamente, repito: "viu". Podemos estar certos de que sofreu interiormente

234

A MENSAGEM DE UMA VIDA

de maneira muito intensa, mas jamais se traiu. Julgo que podemos publicar um relato sobre sua vida. Seria, quer me parecer, um socorro precioso para inúmeras pessoas. A vida de Edel apresenta tudo o que pode impressionar e estimular: juventude, beleza, doença, coragem, no cenário pitoresco da África equatorial". Sim, a vida de Edel pode ser de um precioso socorro para muitos e muitos. Ela ilumina e ilustra o que a Legião pede insistentemente a seus membros: a coragem de empreender grandes coisas por Deus. Convida a dar a Deus "a medida boa e superabundante". Confrontada com a vida de Edel, a Promessa legionária reveste-se de um colorido real e atraente.

Não pedimos ali que o Espírito desça sobre nós para que nossas pobres ações sejam sustentadas pela sua força e se tornem os instrumentos de seus designios poderosos? Essa virtude divina, vivificando a fraqueza, brilha nessa vida que confirma as palavras de São Paulo: "Virtus in infirmitate perficitur". Triunfo da graça em uma alma que traz seu tesouro num vaso por demais frágil.

A vida de Edel Quinn apresenta-se como uma demonstração experimental dessa ação do Espírito Santo que se apodera de uma alma humilde e dócil e lhe faz frutificar cem por um. A virtude de Deus que sustenta os mártires, levanta Edel, torna-a mais forte que sua fraqueza, sua fadiga, e sua própria agonia. Para aquele que não penetra no segredo dessa Presença, sua vida constitui um enigma. Para aquele que sabe que Deus é admirável naqueles que santifica, ela é um convite surpreendente à confiança.

Fé intrépida, fé total.

Edel harmoniza em sua vida, de maneira inesquecível, a oração e a ação. Sua fé integral realizou essa síntese.

Marta aos olhos do mundo, pelo serviço ativo do Cristo em seus irmãos; Maria aos olhos do Mestre, pela vocação jamais renegada de contemplativa enclausurada, votada unicamente a Deus. Essas duas correntes fundem-se em sua alma como dois rios que se encontram: esse dúplice e único amor, ela o vive com tal facilidade que ninguém descobrirá onde se faz a separação das águas. Edel ama os homens do próprio Amor de Deus; e, indo a eles, não O abandona. Inebria-se de zelo pela glória de Deus e reza para que ela se realize. Mas a oração a conduz ao fim do mundo para o advento de Seu reino. A vocação contemplativa impele-a à solidão do mosteiro, para aquela "melhor parte", aos pés de Jesus. Sua vocação de Enviada leva-a de posto em posto, através de um território maior do que a Europa, e até o Oceano Índico.

Oração e ação apoiam-se uma na outra, interpenetrando-se.

Essa fusão é particularmente visível na sua devoção mariana. A Legião pediu-lhe que fosse ao mesmo tempo filha e soldado da Virgem Maria: a filha que se abandona, o soldado que luta. Edel Quinn vive dessa dependência mariana que condiciona todas

235

236

UMA HEROINA DO APOSTOLADO-EDEL QUINN

as suas iniciativas. Não pode amar sua Mãe sem se associar à sua angústia, mediação e maternidade espiritual junto dos homens. Devoção ativa, no sentido forte, que incorpora a dedicação ao carinho pessoal vivificando-as uma pela outra.

Edel Quinn é um modelo de unidade vívida, de fé integral.

Será, pois, surpreendente que sua vida seja ao mesmo tempo tão mariana e tão cristocêntrica? O mesmo impulso que a achega junto à Virgem Maria, condu-la, igualmente, à presença de Cristo. Ama a Virgem com o coração de Cristo; ama a Cristo com o coração de Maria.

único amor:

Algumas linhas extraídas de suas notas deixam perceber a chave desse dúplice e

"Pensar que Maria nos ama, escreve Edel, porque somos a herança de Cristo.

Entreguemo-nos completamente ao seu beneplácito para pertencer plenamente ao Cristo, para ser incessantemente consumidos.

Procuremos dar-nos totalmente, de todas as maneiras possíveis, e com generosidade ao serviço do Cristo.

Como Jesus, com Ele, amar Maria.

Maria em mim, amará Jesus."

Aí está o segredo de Edel Quinn. Não foi Edel que vimos viver.

Foi o Cristo que, nela, amou sua Mãe.

Foi Maria que, por ela, amou Jesus.

Amor que não é daqui da Terra: sua fonte está no Espírito Santo.

A glória de Edel Quinn consiste em se ter entregue, sem reservas, ao impeto desse Amor e à sua magnificência, e em ter lançado ao mundo aquele grito de fé: et nos credidimus Caritati! "Quanto a nós, cremos no Amor!"

ÍNDICE

Carta da Secretaria do Estado de Sua Santidade Prefácio do Internúncio na China

Descoberta da Legião de Maria

350

Prólogo...

9

I-

Os primeiros anos

13

II -

Uma vida que se inicia

21

III -

A grande escolha

29

IV-

37

V-

Membro ativo

45

V-

A provação

55

VII -

A vida continua

63

VIII -

Deus dispõe: o apelo da África

69	
IX-	
As despedidas	
79	
X-	
A caminho	
87	
XI-	
Seu campo de ação	
95	
XII -	
A corrida dos obstáculos	
105	
XIII -	
Primeiros frutos	
112	
XIV -	
Um documento histórico	
121	
XV-	
Em "Rolls-Royce"	
133	
XVI-	
À	
margem	
da guerra	
143	
XVII - Na ilha Maurício	
151	
XVIII - Retorno à África	
162	
XIX-	
De sanatório em sanatório	
171	
XX-	
O tempo urge!	
183	
XXI -	
Últimas etapas	
192	
XXII - Jesus vem	
202	
XXIII - O segredo de uma irradiação	
213	
XXIV - Acumulam-se os testemunhos	
223	
XXV - A mensagem de uma vida	
232	

CARDEAL SUENENS

TEOLOGIA DO APOSTOLADO DA LEGIÃO DE MARIA

Uma questão se impõe: que é este movimento a Legião de Maria?

É fácil ver que a Igreja do século XX se entrega a um gigantesco esforço de conquista missionária. Como no tempo dos apóstolos, ela sente que multidões de homens devem ser atingidas pela mensagem do Evangelho. E que esta mensagem é a única chance de salvação para um mundo perdido.

A Legião de Maria pretende ser apenas uma das formas deste trabalho missionário. Sob a proteção de Maria, com um possante espírito de militância e dentro de um caráter de forte organização, os Legionários procuram trazer para Cristo, pela palavra, pelo contato direto, pela boa leitura, o maior número de homens possível.

Na presente "era de Maria e do "Apostolado leigo", são muito oportunas páginas tão substanciais como estas, que auxiliarão a compreender melhor até que ponto a ação apostólica deve haurir sua inspiração junto Aquela que deu Jesus Cristo ao mundo, sendo, ao lado de seu Filho, o modelo da santidade cristã e a Medianeira de todas as graças.

239

Legião de Maria